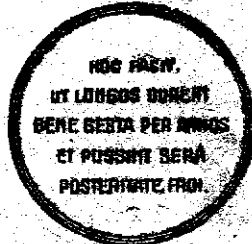
REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE SÃO PAULO

FUNDADO A 1.º DE NOVEMBRO DE 1894

VOLUME XXVII

1929

HOC FACIT,
UT LONGOS DURENT
BENE GESTA PER ANNOS
ET POSSINT SERA
POSTERITATE FRUI.

SÃO PAULO
1930

TRAÇOS DA EVOLUÇÃO ECONOMICA DO BRASIL

CONFERENCIA REALISADA NO INSTITUTO

PELO

Dr. J. Pires do Rio
(SOCIO HONORARIO)

Traços da evolução economica do Brasil

No curto espaço de uma conferencia de tres quartos de hora, a que nenhum brilho, aliás, poderia dar nossa palavra, difficilmente traçaremos uma synthese clara do assumpto que vamos tratar, cuja amplidão resulta de ser a historia economica de qualquer paiz um capitulo apenas da universal.

As terras da America descobriram-se quando os navegadores europeus, que já usavam a bussola e dispunham de armas de fogo, procuravam a estrada maritima do Oriente, onde uma civilização millenaria, de cujo valor economico traziam provas os mercadores das caravanas arabes, se desenvolvera longe do Mediterraneo e do Mar do Norte, isolada pelos desertos da Africa e da Asia e pelos frios da Siberia.

De começo, nenhum valor podiam ter as terras selvagens da America; o Occidente buscava o Oriente para relações de commercio e não precisava de colonias de povoamento para excesso de população.

Portugal, cujo governo incumbira um almirante de contornar o Sul Africano e chegar ás Indias, afim de propagar o christianismo, dilatar o imperio politico e augmentar o commercio maritimo, conseguiu, durante todo o seculo XVI, defender o monopolio vastissimo que lhe dava uma decisão de Roma, com autoridade respeitada entre as poderosas nações da época e cuja influencia a Reforma, iniciada no Valle do Rhe-

no e propagada na Inglaterra, iria reduzir na entrada do seculo XVII, justamente quando a Hollanda se emancipava do jugo hespanhol.

No seculo inteiro em que Portugal dominou os mares do Oriente, Lisboa era o porto em que os navios hollandezes tomavam as especiarias para o abastecimento da Europa Central, o maior mercado do Occidente; a luta contra a Hespanha, porém, fechando Lisboa aos armadores de Amsterdam, facilitou á marinha hollandeza rumar no caminho de Vasco da Gama, desrespeitando o secular monopolio do pavilhão lusitano.

No seculo de sua grandeza, entretanto, Portugal não esquecera o Brasil, cuja terra um seu almirante descobrira quando, instruido para navegar na zona do meridiano do tratado de Tordesilhas, seguia viagem para as Indias, no commando de uma segunda expedição de conquista politica, economica e religiosa.

A Hespanha, que não explorava o lucrativo commercio do Oriente, levou quasi trinta annos, após a primera viagem de Colombo, para enviar um guerreiro conquistador, seduzido pela riqueza metallica dos Aztecas meio civilisados, ao Mexico de Montezuma; perto de quarenta annos depois de Cuba descoberta, é que o ouro e a prata do Perú seduzem os soldados de Pizarro.

Ao sul do Brasil, as terras hespanholas, no poente da linha do tratado de Tordesilhas, foram exploradas, pelo caminho fluvial do Paraná, por influencia das minas do Perú, de cujo governo colonial dependeram por algum tempo as margens do Rio da Prata; mas, sómente no ultimo quartel do seculo XVI, após duas tentativas fracassadas, conseguio-se firmar a fundação de Buenos Ayres, vencida a resistencia dos indigenas.

PORTUGAL E A COLONIA

Muito antes, apezar da escassa população lusitana e da diversidade dos climas, iniciará-se a colonisação do Brasil, sob a direcção esclarecida de Martim Affonso e, depois, pelo esforço admiravel dos donatarios que conseguiram firmar-se nas regiões propicias á cultura dos cannaviaes.

Mudava de hemispherio e de clima a gente portugueza ; por esse tempo, entretanto, no hemispherio boreal, as terras norte-americanas de clima temperado, que Giovanni Cabotto descobrira para Henrique VII, jaziam esquecidas pela Inglaterra ; mais de um seculo passou antes de alguns commerciantes de Londres custearem os navios que transportaram alguns colonos para as terras da Virginia, onde puderam prosperar, graças ao plantio de fumo, em que trabalhava o negro escravisado ; mais tarde ainda, foi que a gente humilde do pequeno Mayflower, perdendo o caminho da Virginia, firmou a primeira colonia da Nova Inglaterra, que vegetou sem prosperar, por não produzir tabaco, durante um seculo inteiro.

Limitou-se á região do littoral, sem transpor os Appallaches, o povoamento colonial dos Estados Unidos, cuja prosperidade jamais poude sahir das plantações de fumo, trabalhadas pelo braço africano.

Pouco havia, ao norte da região productora de fumo, nas margens do Hudson e Nova Inglaterra, territorio que lentamente se povoou, do meio do seculo XVII por deante, um pouco mais quando, já no fim do seculo, Pensylvania foi colonizada pelo comprador de suas terras, cujos prepostos e herdeiros governaram a colonia até sua independencia.

Houve, sim, nos portos visinhos de Boston, uma grande actividade maritima na industria da pesca do bacalhau da Terra Nova e tambem, triste é dizel-o, na vida de corso e de contrabando, que tornou famosos, na pirataria do seculo XVII e principios do XVIII, os descendentes dos primeiros puritanos de Connecticut ; a luta pela independencia, arregimentando a marinha mercante, extinguiu os flibusteiros de Newport.

Não deixaram esses piratas atrevidos traços de sua influencia na Historia da Nova Inglaterra, como tambem, na historia politica da Pensylvania, fôra passageira a influencia do bohemio incorrigivel, filho e herdeiro do eminente William Penn, na vida de Philadelphia, onde o jovem libertino lembrava aquelle filho de Duarte da Costa, na Bahia do seculo anterior.

ENGENHOS DE ASSUCAR

No Brasil colonial, dos seculos XVI e XVII, a base da vida economica foram os engenhos de assucar, cuja influencia jamais decahiu e cujas terras de cultura continuaram no litoral, estreitado pela proximidade da região das caatingas de clima semi-arido, onde imperam as seccas periodicas, destruidoras implacaveis do trabalho humano.

Em todos os tempos coloniaes andou a população brasileira excitada pela noticia de minas lendarias de metal precioso, cuja probabilidade se justificava pelas narrativas do que se passava no Mexico e no Perú.

Podemos hoje, conjecturar do que seria tal excitação, no obscurantismo do seculo XVIII, observando o nervosismo que se apoderou dos inglezes, em pleno seculo XIX, com a noticia das minas auriferas da Australia, cujo nome lembrava apenas, antes da era do ouro, uma colonia correccional, tão grande que, dos primeiros trinta mil habitantes da Australia do principio do seculo, tres quartos eram de gente sentenciada, facto que não impediu, aliás, a formação da brilhante nacionalidade moderna do Pacifico.

Ainda hoje é vulgar a illusão do valor de loteria das minas de ouro, cuja ideia fascina o espirito popular ; imaginemos o que não seria a conquista do metal precioso no tempo em que as trocas mercantis do Oriente exigiam moeda sonante, como indicava o Zimorim de Malabar, na mensagem de que Vasco da Gama fôra portador.

Houve no Brasil, já no seculo XVIII, a correria para as minas de ouro e, como em todos os tempos e em toda a parte, a esperança de fortuna, a risco de sacrificio e da propria vida, despertou enthusiasmo, creou aventureiros e produziu heróes.

AS MINAS DE OURO

Tivemos, depois das bandeiras que desciam indios para os engenhos, os bandeirantes que procuravam as minas do Sabará, de Goyaz, de Cuyabá motivo economico da creação das Capitanias de Minas Geraes, Goyaz e Matto Grosso, cujos campos naturaes se encheram de manadas de gado, pro-

vindas do que foi introduzido para uso dos minerios, ha dois seculos passados.

Da época da mineração, com principal centro em Villa Rica e centros secundarios em Goyaz e Cuyabá, além da exploração geral do paiz e de um esparso povoamento, data o inicio de numeroso rebanho bovino, cuja moderna exploração economica se organisa agora.

A cultura agraria, com fundamento nos cannaviaes, cuja semente provinha da Madeira, não podendo, por força de condições naturaes, afastar-se do litoral, occupou todas as terras que ainda hoje se cultivam; não poderemos censurar nossos antepassados por terem, na expressão injusta de um historiador, ficado como carangueijos, a esgravatar o littoral; nós não fizemos, nem poderiamos fazel-o, mais que elles.

COLONIAS TROPICAES

O mundo civilizado do Occidente, nos seculos XVI, XVII e XVIII, procurava no commercio maritimo, desbravando as terras virgens da America ou explorando as velhas populações do Oriente, productos tropicaes e metaes preciosos; tinham, por isso, valor secundario as regiões de clima temperado.

Illustra esse facto um episodio do parlamento britannico, em 1763, quando se discutiam as clausulas do tratado de Paris, pelo qual a Inglaterra, conservando a vastidão do Canadá, restituia á França as duas pequenas ilhas tropicaes de Guadelupe e Martinica; era o governo censurado por ter preferido o Canadá, cuja producção miseravel consistia em peles de animaes selvagens, ao passo que as duas joias das Antilhas eram terras de assucar e de fumo.

Por esse tempo, valiam as Colonias que formaram os Estados Unidos, no commercio exterior, pela sua exportação de fumo, cujo vicio os colonos aprenderam dos selvagens e transmittiram aos habitantes do Velho Mundo e cuja cultura, depois de ter sido a base da fortuna dos Estados Unidos, até o fim do seculo XVIII, espalhou-se em todos os continentes.

Pouco antes de sua -ndependencia, justamente ao fim da guerra européa dos Sete Annos, os Norte-Americanos eram menos de 2.000.000 de almas, população inferior á do Brasil, terra de assucar e de ouro, substancias preferidas, na época, para base da prosperidade colonial ao tabaco das plantações da Virginia e das Carolinas e cuja cultura fizera da Georgia, a provincia mais prospera das que lutaram pela independencia apezar de mais nova, com pouco mais de um quarto de seculo de fundação.

O mundo civilisado do Occidente, no meio do seculo XVIII, procurava generos alimenticios tropicaes ; não carecia do trigo e de lã, que produzia bastante ; não importava algodão, cujos raros tecidos provinham da India, com os de seda que a China e o Japão vendiam.

As terras de clima temperado do Rio da Prata, pobres de metal precioso, nada de importancia poderiam offerecer ao commercio exterior, eram apenas caminho para as minas do Perú ; suas pastagens naturaes dos Pampas já se povoavam, entretanto, de um immenso rebanho bovino.

Por suas minas de ouro e prata, o Mexico figurava na frente das colonias do Novo Mundo, com população civilizada que andava em derredor de 8.000.000 no fim do seculo dezoito.

Na America do Sul, além das minas de ouro e prata do Perú, cujo preço a imaginação popular sempre exagera, havia os cannaviaes de leste e as minas de ouro do centro do Brasil, que tinha ao sul os pampas do Rio da Prata, com seu rebanho bovino meio selvagem, productor de couro de boi para pequena exportação.

A COLONIA PORTUGUEZA

No meio do seculo XVIII, alistava-se o Brasil entre as colonias mais prosperas e bem governadas da America. Portugal, não obstante seus pequenos recursos, fizera do Brasil uma colonia tropical de povoamento, conseguindo o que jamais tentara a Inglaterra na zona torrida do planeta, o que a Hollanda jamais poude realizar. Para o povoamento portuguez do Brasil e para o povoamento inglez dos Estados Uni-

dos, contribuiram as duas metropoles muito diversamente. Cuidou logo Portugal da sua colonia, trinta annos depois do descobrimento, e nunca mais abandonou a sua empreza politica, dirigida quinze annos apenas pelos donatarios que se sacrificaram respeitando seu compromisso, e pelos governadores geraes que, durante dois seculos e meio, em numero de quarenta e oito, faziam presente o governo da metropole na vasta colonia sul-americana, cuja unidade administrativa fez do immenso litoral brasileiro a linha maritima de uma só nação.

A COLONIA INGLEZA

A Inglaterra, ao contrario, perto de cento e trinta annos após o descobrimento, é que começou a distribuir por donatarios commerciantes, organizadores de companhias de colonização, as terras da Virginia, assim chamada toda a região norte-americana, em cujo pleno coração, nas margens do rio Hudson os hollandezes fundaram as feitorias da Nova Amsterdam, nas quaes permaneceram até 1664, sem que a Inglaterra os incommodasse. Fracassou a tentativa de um governo geral, com sir Ferdinando Gorges, nas colonias da Nova Inglaterra; fracasso identico, mais tarde, foi o vice reinado de Andros, sobre aquellas colonias e as terras tomadas aos hollandezes. Com treze governos coloniaes separados uns de executivo nomeado pela Corôa, outros prepostos dos Donatarios, chegaram as Colonias á guerra pela independencia, na qual se transformaram os pretestos contra as extorsões fiscaes da Metropole, carente de recursos para sua guerra contra a França e outras nações européas.

A COLONIA HOLLANDEZA

A luta continua pelo dominio dos mares do Oriente, no seculo XVII, depois de aniquillado o privilegio portuguez, foi um duelo secular entre Inglezes e Hollandezes, acabado pela victoria dos primeiros e pela reducção dos segundos á posse modesta do Archipelago da Malasia, onde a Hollanda possue as suas melhores colonias de exploração, mas sem nenhuma de povoamento. A luta pelos mares

do Oriente, reflectiu-se nas duas Americas e os hollandezes, depois de fundarem Nova Amsterdam, quizeram fixar-se em Pernambuco, onde permaneceram metade do tempo que demoraram na margem do Hudson, e donde foram expulsos dez annos antes de o serem da America do Norte. Muito diversos, entretanto, foram os processos de expulsão; das margens do Hudson foram expellidos pela armada britannica; de Pernambuco sahiram batidos pela propria população da colonia portugueza, radicada no paiz havia muito, já imbuida de sentimentos nacionalistas, ciosa de uma terra fecundada pelo seu trabalho e que fizera de Pernambuco o principal centro economico do Brasil, com sua exportação de 200.000 arrobas de assucar, no anno em que Portugal passára ao dominio da Hespanha, meio seculo antes da invasão hollandeza.

O ASSUCAR E O OURO

A producção exportavel dos cannaviaes de Pernambuco, da Bahia e do Rio de Janeiro, base da economia do Brasil no primeiro seculo e meio de sua vida colonial, não se deixou supplantar pelas minas de ouro do seculo XVIII, das quaes teriam sahido essas 70.000 arrobas tão faladas pelos que pedem contas rigorosas aos governos da colonia e da metropole, durante os 120 annos da extracção desse metal precioso. Effectivamente, as 70.000 arrobas de ouro, dando a média de 9.000 kilos por anno, com valor de 12.200 contos ao cambio de 27 d., correspondiam á metade do valor do assucar de Pernambuco, a medir-se pela exportação do fim do seculo passado. O quinto desse metal, arrecadado pelo Fisco, longe de attingir 14.000 arrobas, não passou de 7.673, conforme Rocha Pombo, quantia accumulada em 120 annos de arrecadação e cujo valor total, ao cambio de 70 d. (setenta) por mil réis, que vigorava ao chegar no Brasil o principe regente, orça em 46.202 contos, correspondentes á média de cerca de 390 contos por anno sem descontar-se a despeza da arrecadação. O Brasil, entretanto, para custeio dos serviços publicos, já dispendia, no anno de 1810, cerca de 3.000 contos, muitas vezes mais do que lhe rendia o quinto de ouro, ao cambio daquelle tempo. Cu-

rioso de notar-se é o facto que o Transwaal de hoje, nos trez ultimos annos, de 1925 a 1927, produzindo lib. 120.000.000 de ouro metallico, forneceu tanto ouro quanto o Brasil Colonial, em mais de um seculo de trabalho mineiro.

AS FAZENDAS DE CAFÉ

Observamos que o Estado de São Paulo, em dois annos apenas, remette para os cofres da União muito maior riqueza do que a enviada á metropole pelo Brasil Colonial durante os cem annos de mineração de ouro.

Não exageremos a idéa da fortuna fiscal da metropole no seculo da exploração das minas geraes, cujo trabalho, ao passo do encarecimento do braço escravo, tornou-se tão dispendioso que se teve de abandonar e, novamente, os engenhos de assucar tomaram seu logar na economia do paiz, para se deixarem supplantar só no seculo XIX pelas fazendas de café, cuja historia se confunde com a da evolução economica do Brasil, nestes ultimos tres quartos de seculo. O surto da cultura do café, no interior dos portos do Rio e Santos, separa o paiz colonial do independente, na sua historia economica ; já a mineração do ouro deslocára a influencia da Bahia para o Rio de Janeiro e a cultura do café accentuou esse phenomeno, de tal maneira que o Brasil, ao entrar no seculo XX, era acoimado de paiz monocultor, apezar de occuparem as fazendas de café, no sul da Republica, uma área muito reduzida, limitada pela região das mattass tropicaes do Rio de Janeiro, São Paulo, e sul de Minas.

A BORRACHA DO AMAZONAS

A exploração da borracha das florestas equatoriaes da Amazonia, acontecimento economico passageiro, por effeito da concorrencia de seringueiras transplantadas para a zona torrida do Oriente, lembra de algum modo a mineração de ouro no seculo XVIII ; houve a correria para o Acre, mais percebida na população do nordeste, como, um seculo antes, a corrida para as minas geraes, mais notavel na população do Sul ; num e noutro caso, a esperança de fortuna agitando o homem,

sujeito ás forças instinctivas que o levam a nutrir-se e a perpetuar-se, no Brasil como em toda a parte, hoje como sempre. Sem uma forte attracção economica semelhante á da seringueira, que durou si tanto meio seculo, não poderiam nossos antepassados investir contra a floresta equatorial da planicie inundavel da Amazonia, sujeita a febres, de mais difficil penetração do que a bacia do Congo, da mesma latitude, mas de terras elevadas.

Talvez com os recursos da hygiene moderna e abundancia de capitaes, que ao Brasil não foi possivel accumular no trabalho dos engenhos de assucar e nas fazendas de café, possam as planuras da Amazonia, que um imaginoso escriptor moderno chamou de "inferno verde", ser desbravadas para a cultura da borracha, que o mundo consome cada vez mais.

AS CAATINGAS DO NOROESTE

Entre a Amazonia e o litoral de leste, estendem-se as caatingas e os campos cerrados, numa larga faixa de 1.000 kilometros, de nordeste a sudoeste, sobre as bacias do Parnahyba, do S. Francisco e do Araguaya, região de que fazem parte as terras do Ceará e Estados vizinhos sujeitos ás seccas periodicas, onde, entretanto, a criação de gado e de cabras e algum plantio de algodão constituem a base de um povoamento disperso, mas muito radicado e de caracteristicas resultantes do meio climaterico, as mais interessantes ná formação da nacionalidade.

AS MATTAS DO SUL

Ao sul dessa região immensa do Brasil, constituindo as florestas em cujas derrubadas se cultiva o cacau da Bahia e do Espirito Santo, planta-se o café do sudeste de Minas, do Rio, de São Paulo e do norte do Paraná, fica a zona mais rica do paiz, dum e doutro lado do Tropico de Capricornio ; temos ahi as terras do café, sobre pequena superficie relativa do Brasil. Além do parallelo de 25°, formando o Paraná, Santa Catharina e Rio Grande, temos o clima do pinheiro, da herva-matte, do trigo, e dos campos pampeiros do extremo sul, numa superficie menor do que a da parte estreita meridional de Mat-

to Grosso, a evidenciar que o Brasil de clima temperado é reduzido. Esta circumstancia justificará, como observaremos em tempo, não ter podido o Brasil acompanhar o Rio da Prata, o Canadá, Nova Zeelandia, a Australia, na producção dos paizes de clima fresco, procurada pela economia universal do seculo XIX.

Condições de clima, na concorrencia mundial, fizeram do Brasil um paiz productor de mercadorias tropicaes ; foi um dos maiores productores de assucar e é o maior productor de café. Dos engenhos de assucar e das fazendas de café, o povo brasileiro tirou recursos para o pagamento da sua importação, formada por mercadorias de uso indispensavel á vida civilisada, no seu trabalho e no seu conforto. Na zona torrida do Planeta nenhum outro povo criou situação universal melhor do que a do Brasil.

COLONIA DE POVOAMENTO

Portugal, formando a sua grande colonia de povoamento, em plena região tropical, fez obra de civilisação que a Inglaterra e a Hollanda jamais realizaram. A Portugal devemos não ter sido o Brasil uma colonia de exploração, á maneira da Bacia do Congo, da Guyana, Jamaica, Sumatra ou Java, com povoamento africano ou asiatico, semelhante ao favorecido pela Inglaterra, nas suas colonias tropicaes da America Central. Ao tempo em que se emancipava o Brasil da sua metropole, hospedando, por alguns annos o monarcha portuguez, cujo filho ficou para governar, processava-se na Grã-Bretanha profunda transformação economica, effeito da applicação da machina a vapor no trabalho das minas, no movimento das fabricas, na propulsão dos navios, na tracção dos trens de ferro.

EPOCA DA MACHINA

Recordemos, em duas palavras, para melhor entendermos essa transformação que foi a passagem da "época do instrumento" para "a epoca da machina", e que se chamou de "revolução industrial", o progresso da Inglaterra no seculo

XVIII, em cujo principio já dominava o commercio do Oriente a marinha britannica, vencedora da hollandeza, cada anno mais fraca em toda a parte.

A crescente marinha mercante e de guerra da Grã-Bretanha exigia estaleiros navaes em que o consumo de madeira e de ferro augmentava sempre, acarretando o sacrificio das florestas fornecedoras de combustivel aos fornos siderurgicos. Afim de restringir a devastação das mattas, reservatorio indispensavel de madeira de construcção naval, tomaram-se medidas no sentido de prohibir o fabrico de carvão e até o funccionamento dos fornos de fusão de ferro, nos Condados de mais escassas florestas.

Por esse tempo chegou a Inglaterra a importar ferro da Russia, da Hespanha, da Suecia, paizes de abundantes florestas virgens e ricos de minerio de bôa qualidade ; todos os mestres de forja da Grã-Bretanha procuravam substituir o carvão de madeira pela hulha, mas com esforço perdido, por isso que o carvão betuminoso, aglomerando-se ao menor aquecimento, entupia o alto forno, acarretando a sua ruina.

O COKE METALLURGICO

Debatia-se a industria do ferro numa crise que parecia irremediavel, quante um metallurgista de genio, Abraham Darby, lembrou-se de distillar a hulha betuminosa antes de empregal-a no alto forno ; tal expediente veiu resolver o problema economico fundamental da siderurgia britannica ; nunca mais lhe faltou excellente e abundante combustivel, pois nenhum outro paiz mais do que a Grã-Bretanha, possue vastas jazidas de hulha que produz incomparavel coke metallurgico, materia prima de todas as metallurgias.

Entrou a Inglaterra, na segunda metade do seculo XVIII, em plena prosperidade da industria do ferro, vencendo facilmente, na concorrencia universal, os paizes cuja siderurgia usava o carvão de madeira. A substituição do vegetal pelo combustivel mineral, facto culminante da historia da siderurgia, acarretou modificação radical da geographia da industria do ferro, forçando, lentamente embora, no correr

da primeira parte do seculo XIX, a concentração da grande industria nas regiões hulheiras, *Ahi temos a explicação da impossibilidade do desenvolvimento prospero da industria do Ipanema de Sorocaba, não obstante todos os esforços do governo imperial do Brasil.* Voltemos, porem, aos factos da Inglaterra.

A producção crescente das hulheiras para o fabrico de coke, exigindo o aprofundamento das minas, creou logo o problema do exgotamento das aguas infiltradas cujo trabalho elevatorio era cada vez mais dispendioso.

A MACHINA A VAPOR

Appareceu a bomba de condensação de Savery, logo substituida pela machina athmospherica de Newcomen e, tres quartos de seculo mais tarde, no ultimo quartel do seculo XVIII, a machina a vapor de James Watt.

Creada para as minas de carvão, a machina a vapor teve, entretanto, destino industrial cujas consequencias o genio mecanico de seu inventor jamais poderia ter avaliado ; James Watt poude ver seu portentoso invento movendo as fabricas de tecidos de algodão, chegou a ver seu emprego nos navios e morreu pouco antes de poder vel-o na locomotiva de Stephenson. Uma indirecta consequencia de invenção da machina motriz foi, naturalmente, a excitação do espirito inventivo de todos os que lidavam com os apparelhos manuaes das diversas industrias, e logo appareceram as invenções de machinas operatrizes para fiação e tecelagem, primeiro de algodão e, depois, de lã, do linho, da seda.

AS MACHINAS DAS INDUSTRIAS DE TECIDOS

A Inglaterra, velha creadora de ovelhas de boa lã, que prosperavam no seu clima fresco, aprendeu facilmente na Flandres a industria cuja materia prima exportara longo tempo ; dominadora do commercio do Oriente, poude importar o algodão de fiação e tecelagem mais facil do que a lã ; possuidora da machina motriz a vapor, occupou-se na invenção das machinas operatrizes de fiação e tecelagem e conseguiu, na

primeira metade do seculo XIX, concentrar na Grã-Bretanha uma grande industria de tecidos, abastecedora de todo o mundo.

FERRO E FABRICAS

Possuidora dos elementos naturaes que constituem a base da industria do ferro, a Inglaterra desenvolveu a fabricação de machinas de todas as especies, motrizes e operatrizes, principalmente as que servem na fabrica a vapor de tecidos de algodão e lã, industria de que conservou absoluto predominio na concorrencia universal durante o seculo passado. As duas industrias principaes da civilização moderna, a do ferro e a de tecidos, servidas por marinha mercante sem rival, fizeram da Inglaterra, na primeira parte do seculo XIX, o centro commercial do mundo, com as suas fabricas e os seus bancos, tudo a prosperar sem concorrencia de monta.

O SECULO DA INGLATERRA

O fornecimento de carvão e de ferro, de tecidos de algodão e de lã, de machinas motrizes e operatrizes, bem como o transporte maritimo em todas as regiões do globo, tudo era um monopolio de facto dos industriaes, dos commerciantes e dos banqueiros inglezes, durante a maior parte do seculo passado, que bem se denominaria de seculo da Inglaterra. Durante cem annos, as correntes dominantes do commercio maritimo poder-se-iam definir com simplicidade desta maneira : convergentes sobre a Inglaterra de todos os outros paizes, e divergentes da Inglaterra para os outros paizes. Emquanto a França, com rios de sangue nas ruas de Paris, eliminava um rei absoluto para cahir nas mãos de um imperador despotico, que levou a guerra a todos os povos do Continente, a Gran-Bretanha, construindo a machina a vapor, alimentada pelo seu combustivel, para suas fabricas, locomotivas e navios, realizava uma revolução economica, de influencia universal, ampliava o seu poder maritimo no mundo.

A REVOLUÇÃO FRANCEZA

Em pleno começo dessa transformação, que separa a historia economica da humanidade em duas épocas apenas, a do instrumento manual, anterior ao seculo XIX, e a da machina, no seculo passado e no presente, o Brasil, indirectamente, ligou-se á luta entre o paiz da revolução politica e o paiz da revolução industrial, entre a França e a Inglaterra ; foi quando o principe do Brasil mudou-se de Lisboa para o Rio de Janeiro e transformou a colonia em metropole.

Dest'arte, o mais importante episodio politico da historia brasileira tornou-se contemporaneo do acontecimento culminante da luta secular entre Paris e Londres, do bloqueio continental organizado por Napoleão, como ultimo recurso contra o inimigo tradicional, cuja força economica se tornára indestructivel, por alimentar-se, atravez a machina a vapor, do material das suas hulheiras, alicerce inabalavel de toda a civilização britannica, de influencia universal sob todos aspectos sociaes.

JAMES WATT

Quando um estadista inglez, por occasião da guerra mundial de 1914, exclamava no Parlamento que — "no coal, no England" — isto é, sem carvão não ha Inglaterra, elle traduziu o sentimento inspirador de uma inscripção que figura no pedestal da estatua magnifica de James Watt, na Abbadia de Westminster, — "O Povo Inglez ao maior dos seus Bemfeitores" ; sentimento que um outro estadista britannico, discursando em S. Paulo, partilhava, ao dizer que, "emquanto existirem hulheiras na Grã-Bretanha, o brilho da civilisação britanica não se offuscará".

O VALLE DO RHENO

Ha, entretanto, duas regiões do globo, uma na Europa e outra na America, onde opulentas jazidas de carvão de pedra, comparaveis ás da Inglaterra formaram, com a revolução

economica da machina a vapor, a base natural de dois centros industriaes gigantescos, que se tornaram rivaes da Grã-Bretanha ha menos de cincoenta annos e avolumam sua concorrencia dia a dia; são as hulheiras do Valle do Rheno e as do sul dos Grandes Lagos. A primeira dessas regiões, em territorio da Allemanha, da Belgica e do norte da França, em mais de dois terços do seu valor economico, beneficiou a população do Zollverein, cuja constituição politica, sob o influxo da Prussia, a quem o Congresso de Vienna destinou a Westphalia e a Provincia Rhenana, foi obra da primeira metade do seculo XIX, mas cuja influencia no commercio exterior, incommodando a Inglaterra, começou no ultimo quartel do seculo, por acaso depois da guerra de 1870, que trouxe para Zollverein a fatal herança da Alsacia-Lorena.

O SUL DOS GRANDES LAGOS

A segunda das regiões hulheiras rivaes das inglezas estende-se pelo sul dos Grandes Lagos,num territorio opulento de jazidas de petroleo e rico de gazes naturaes, no paiz situado entre os Appalaches o Mississippi, para beneficio de toda a Pensylvania, Virginia Occidental, Ohio, Indiana, Illinois, Kentuchy, Tennesse, Alabama. Essa immensa formação carbonifera, a leste da America do Norte, pode comparar-se, pela sua actual producção ao conjuncto das duas regiões hulheiras da Europa, — a da Grã-Bretanha e a do Valle do Rheno, — ainda que se lhes reunam as bacias de menor importancia da Saxonia, da Silecia, da Russia. Tem o Novo sobre o Velho Mundo a vantagem do petroleo e dos gazes naturaes, abundantes a leste, mas que alargam para oeste a riqueza norte-americana, beneficiando o Texas, o Colorado e a California.

OS DOIS MUNDOS

Na luta entre os dois mundos, ambos riquissimos de combustivel mineral, tem o Novo o partido de uma terra virgem e, muito mais do que isso, o de uma população livre de preconceitos, o de um territorio limpo de entraves aduaneiros, o

de um governo homogeneo que faz a policia geral do Continente, o de uma lingua só, que facilita o commercio e estreita a solidariedade humana, o de uma historia commum pela conquista da sua democracia. A machina a vapor, que transforma em trabalho industrial a energia thermica das hulheiras, para o enriquecimento dos povos seus possuidores, transplantou-se da Europa no principio do seculo XIX para os Estados Unidos e ahi, na agricultura mechanica, nos transportes mechanicos e nas fabricas a vapor, creou, do mesmo passo, um vasto paiz agricola e uma grande nação industrial. A explosão de progresso numa terra virgem, puro effeito do emprego industrial do vapor num paiz opulento de combustivel, colloca a evolução economica dos Estados Unidos num plano superior, absolutamente inedito na historia da humanidade. Durante um seculo, os homens europeus que se tinham mudado para os Estados Unidos, cujo clima temperado não os deprimia, cujas terras produziam o mesmo trigo, animados pelo contacto dos que nasciam na terra nova sem os preconceitos do velho mundo, trabalharam na agricultura, auxiliados pelo vapor, produzindo mais do que precisavam para consumo interno e puderam exportar muito algodão, trigo, lã e carne. O surto economico, verdadeiramente explosivo, da America do Norte, no curto espaço de cem annos, em que uma vasta região do globo, virgem de trabalho anterior, tão pouco valiam as plantações de fumo coloniaes, apparece, na historia da evolução dos povos, como um facto inedito na vida da humanidade. Os Estados Unidos, sem terem percorrido os tres periodos classicos da civilização, surgem como nação pastoril, agricola e industrial, formada ao mesmo tempo nos seus tres aspectos e superior, em todos elles, a qualquer outra nação, antiga ou moderna, grande ou pequena. Tudo, simples effeito da machina a vapor transplantada para um paiz rico de boas hulheiras e de planuras ferteis de clima temperado. O abastecimento do mercado interno, servido por uma rêde ferroviaria comparavel á de toda a Europa reunida, absorvia na quasi totalidade a producção vigorosa e crescente da industria fabril dos Estados Unidos, que se enriqueciam formidavelmente, fronteiras a dentro, para surgirem, no seculo

XX, com passo de gigante, no commercio maritimo, ao lado da Inglaterra e da Allemanha. No seculo passado, entretanto, era a Inglaterra a nação industrial fornecedora do mundo inteiro, de longe acompanhada pelo Imperio Allemão, que procurou dominar o commercio da Europa Central e, nos ultimos annos do seculo, apparecia nos portos da America e do Oriente, procurando em toda a parte um logar mercantil onde estava a Inglaterra.

CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL

A revolução industrial da machina a vapor, acarretando forte concentração demographica na Grã-Bretanha, transformou a economia britannica, no correr da primeira parte do seculo, de tal maneira que o paiz, não produzindo trigo sufficiente para sua população e nem lã para suas fabricas, tornou-se grande importador de taes mercadorias ; á importação de algodão juntou-se a de lã e a de trigo e, mais tarde, a de carnes congeladas.

Phenomeno semelhante passou-se no Valle do Rheno, com atrazo de vinte annos, embora attenuado pela situação continental da Allemanha.

Não se modificou, de muito, o commercio maritimo das substancias tropicaes, procuradas pela Europa nos seculos seguintes ao dos descobrimentos, tempo em que Portugal se ligou, de modo imperecivel, á historia da civilização moderna ; continuaram os paizes tropicaes a fornecer assucar de canna, café, cacau e puderam fornecer a borracha das florestas equatoriaes.

A grande consequencia, porem, da concentração demographica nos paizes industriaes do Atlantico Norte foi a procura universal de materias primas e de generos alimenticios ; houve a procura do algodão, produzido pelos Estados meridionaes da America do Norte, e da lã, produzida pelo Canadá, Rio da Prata, Australia, Nova Zelandia ; a de trigo, que essas mesmas regiões de clima fresco podem produzir ; posteriormente, a machina frigorifica permittiu a exportação de carne conge-

lada. As terras planas e ferteis dos climas temperados tiveram grande procura para o abastecimento das populações industriaes do occidente da Europa e do oriente da America do Norte, cuja alimentação tem por base o trigo e a carne.

CLIMAS DE NEVE

Apparecem na economia universal, na segunda parte do seculo passado, mormente no ultimo quartel, a producção das planicies do Rio da Prata, do Canadá, do Sul Africano, da Australia e Nova Zeelandia. As condições climaticas do Brasil não lhe tem permittido fornecer lã e trigo na concorrencia universal; ao contrario, tem sido obrigado a importar as duas mercadorias, para sua alimentação e sua industria. O commercio exportador de carnes refrigeradas, possivel no ultimo quartel do seculo, quando foram inventadas as machinas de gelo, tomou incremento na ultima decada e desenvolveu-se na geração actual; ha meio seculo, a exportação bovina do Rio da Prata, iniciava-se com a remessa de alguns novilhos em pé, commercio que se desenvolveu até o primeiro anno do seculo XX, quando a peste bovina veiu destruil-o bruscamente para substituil-o, então, pelo das carnes congeladas; a grande prosperidade dos frigorificos argentinos verificou-se pouco antes da guerra de 1914, que lhes deu maior vida.

PROGRESSO RECENTISSIMO

Tambem do ultimo quartel do seculo passado deve datar-se a grande cultura de trigo argentino, genero, entretanto, que ella chegou a importar, para necessidades do paiz, por occasião da guerra aos indios do sul dos Pampas, dirigida pelo general Rocca.

Assim tambem um seculo antes George Washington combatia os indios da região do sul dos Grandes Lagos, onde hoje trepida o maior centro industrial do Planeta, a revelar o caracter recentissimo da civilização da machina a vapor, cujo surto de progresso em qualquer paiz da terra não fica na dependencia de episodios politicos ou crises de moralidade social

dos seculos anteriores, mas depende fundamental e directamente das condições naturaes do territorio considerado. Toda a prosperidade do Rio da Prata é recente e não passa de um reflexo economico da Grã-Bretanha e do Valle do Rheno, regiões da Europa em que houve a concentração industrial do fim do seculo XX, crescente progressivamente nos dias da geração actual.

A machina e os capitaes da Inglaterra, auxiliando o braço nacional augmentado pelo concurso precioso do immigrante, fizeram do Rio da Prata, como do Canadá Meridional, do Sudeste Australiano e da Nova Zeelandia, paizes de clima temperado e ricos de planuras ferteis, os celleiros do commercio internacional, os creadores de gado e carneiro fornecedores do mundo industrial do Atlantico do Norte.

PAIZES TROPICAES

O Brasil, de clima tropical e sub-tropical, velho productor de assucar de canna, fumo, café, cacau, teveum reflexo economico da transformação industrial provocada pela machina a vapor na Europa e na America do Norte, muito inferior ao que beneficiou as regiões de clima temperado, productoras de trigo, lã e carne. Transitoriamente, a borracha selvagem da Amazonia, graças ao trabalho heroico dos cearenses, num clima torrido sujeito a febres, fez das planuras inundaveis daquella região uma zona de attracção economica, para onde corria gente de todo o paiz como si lá tivessem apparecido minas de ouro; dessas que se descobriram na Australia, por volta de 1850, e que excitaram tal nervosidade em Londres que a gente britannica, em desabalada corrida para Melbourn, elevou de 30.000 para 100.000 os habitantes da cidade no curto espaço de tres annos e fez duplicar, em doze mezes, a população da Provincia da Victoria.

O VELHO MONOPOLIO BRITANICO

Por esse tempo, meio do seculo XIX, a Inglaterra acabava de abrir os seus portos e os de suas co-

lonias aos navios de todas as nações, pondo fim ao monopolio, duas vezes secular, creado pelo Acto de Navegação, que trouxe ao meio do seculo passado o medieval regimen dos privilegios, cuja extincção, no Brasil, Portugal fizera em 1808, quarenta annos antes da medida liberal triumphar no parlamento britannico. Depois de firmado seu dominio maritimo, com estaleiros navaes servidos pela maior industria siderurgica de todos os tempos, após o vigoroso progresso de suas fabricas de tecidos a vapor, com seu regimen bancario espalhado em todo o mundo, a Inglaterra, cedendo aos reclamos de sua população industrial, que exigia trigo mais barato, baixou a tarifa aduaneira, protectora da agricultura nacional, permittiu que navios extrangeiros carregassem nos portos inglezes, cedeu, finalmente, á philosophia dos libre-cambistas, cuja doutrina contrariava apenas a politica proteccionista do Zollverein e dos Estados Unidos...

ESCOLA NACIONALISTA

Mais tarde, porém, ante a concorrencia germanica e norte-americana, os estadistas de Londres, no mais humano movimento de patriotismo, começam a fechar ouvido aos conselhos do livre-cambio, para voltar, aos poucos, ao passo das conveniencias nacionaes, á politica aduaneira anterior a 1850, que durara mais de duzentos annos e déra, com o advento da machina a vapor, surprehendentes resultados. Nem se comprehende que o governo de uma nação deixe de ser nacionalista ; a politica aduaneira de protecção fôra abandonada quando os inglezes podiam della prescindir, para ser restabelecida, levantando-se contra o Valle do Rheno e o Sul dos Grandes Lagos, quando o povo inglez, cujo interesse ella protege, reclama o seu amparo.

O interesse patriotico dos economistas classicos da Inglaterra nem sempre foi percebido pelos que se valiam de sua doutrina, cujo triumpho apparente e passageiro durou menos de cem annos, o tempo necessario para que os allemães e os Norte Americanos se preparassem. A escola nacionalista com sua doutrina seguida nos Zollverein e nos Estados Unidos,

onde ella produzia magnificos resultados, teve applicação em muitas outras nações no seculo passado ; a França, a Italia, a Russia, o Mexico, o Brasil, são paizes proteccionistas, embora relativamente pobres de combustivel, motivo do resultado precario do seu proteccionismo aduaneiro.

Um brasileiro illustre, que deu brilho á pasta da Fazenda, em cujos relatorios defendia idéas livre-cambistas, illudiu-se muito quando tentou explicar o que elle denunciava como fracasso da politica proteccionista no Brasil ; para o ministro Murtinho, os paizes latinos não podem ser industriaes por lhes faltar aptidão de raça, privilegio dos anglo-saxões.

O que vemos, com evidencia impressionante, num mappa geologico — o motivo do alimento da machina a vapor, — o nosso eminente compatriota ia descobrir na psychologia das raças — o motivo ethnico.

Esquecia, no seu motivo moral, o facto da Irlanda, pobre de combustivel, ser um paiz agricola ; a Hollanda, visinha da Belgica, tambem agricola por falta de combustivel ; o Canadá, pelo mesmo motivo, cuida mais da agricultura, ao norte dos Estados Unidos, onde ao sul dos Grandes Lagos se concentra a maior industria do globo. Esquecia o digno politico brasileiro que a doutrina da inferioridade da raça latina, fruto de mera confusão de causa e effeito, surgiu, depois da revolução da machina a vapor, posteriormente á guerra franco-allemã, meio seculo após a gloria de Napoleão, em cujos dias ninguem se lembrava de qualquer inferioridade da França, cujo espirito, sob todos os aspectos, tem brilho incomparavel, muito embora a sua pobreza de combustivel a deixe em logar secundario na época da machina a vapor.

O POVO JAPONEZ

Esquecia o nosso compatriota o exemplo da extraordinaria capacidade industrial do povo japonez, mais afastado dos anglo-saxões do que os latinos; tão grandes e a figura a capacidade industrial do Japão que o seu trabalho moderno, servido pela machina a vapor que elle transplantou do Occidente, inquieta os

que observam o seu imperialismo no Extremo Oriente receiosso de que, no seculo actual, represente o Japão, na Asia, o papel da Inglaterra na Europa.

O BRASIL INDUSTRIAL

O Brasil, não possuindo as condições naturaes do Valle do Rheno e do sul dos Grandes Lagos, não poderia, apesar de sua politica proteccionista, cada vez mais intensa, depois da lei de 1844, ser um paiz de grande industria siderurgica e de uma industria fabril capaz de vencer na concorrencia universal. Nenhuma outra nação, nas condições naturaes do Brasil, fez mais do que elle. As linhas dominantes da civilização economica da machina a vapor não se modificaram com o advento do motor de explosão, que utiliza o combustivel liquido, cujo emprego industrial é obra da ultima década do seculo passado e cujo progresso augmenta em nossos dias. Por acaso, as jazidas de petroleo beneficiaram mais a região norte-americana, já opulentissima de combustivel solido e onde a machina a vapor já produzira seus mais profundos e vastos effeitos, na grande siderurgia, que é a industria fundamental do progresso moderno, nas fabricas de tecidos, de tamanha significação social, na industria ferro-viaria, que aplaina os caminhos da propria civilisação. Veio depois, a época dos motores hydro-electricos.

OS MOTORES HYDRAULICOS

Ao Brasil, no fim do seculo passado, coube por ventura o beneficio das cachoeiras captaveis de Paulo Affonso e Iguassú, nas vertentes do grande planalto que cobre um terço do territorio nacional e cujas maiores quédas precisamente servem a região do café, no interior dos portos do Rio e Santos.

Na Amazonia, de planuras inundaveis, e na região semiarida das caatingas, o beneficio das cachoeiras desapparece por effeito de condições geographicas e climatericas. As possibilidades hydraulicas do Brasil, embora de capacidade inferior a um terço do que dispõe o Congo Belga, representa

energia comparavel á das cachoeiras dos Estados Unidos, á á das quédas da India, á das cascatas da China, á das cachoeiras do Canadá, que divide com os Estados Unidos a posse do Niagara, cuja primeira transmissão electrica de força se fez no ultimo lustro do seculo passado. Com cem annos de prioridade sobre os motores hydro-electricos, pôde a machina a vapor beneficiar primordialmente as regiões ricas de carvão para crear os centros industriaes da Grã-Bretanha, do Valle do Rheno e o dos Grandes Lagos, onde a electro-technica, servida pelos motores thermicos, poude desenvolver-se auxiliando a civilização do combustivel.

Não se demorou, no Brasil, a importação dos conhecimentos technicos necessarios ao aproveitamento de suas forças hydraulicas e nem dos recursos financeiros, mais abundantes nos paizes industriaes, beneficiados pelas condições cosmicas favoraveis ao trabalho da machina a vapor. Sem tardança, tem o Brasil procurado corrigir a desvantagem de sua pobreza de combustivel, que elle importa em grande valor, seguindo a unica vereda que se lhe depara para reduzir o custo de sua producção fabril, fortemente protegida por sua politica aduaneira ; jamais se regateou, no Brasil, o mais decidido apoio ás iniciativas para o aproveitamento das nossas cachoeiras, e tudo que se fizer nesse caminho será trabalhar pela radicação das industrias fabris no sólo brasileiro.

O MOTIVO GEOLOGICO

O advento da electro-technica e dos poderosos motores hydraulicos, no fim do seculo passado e seus progressos crescentes nestes ultimos annos, tem attenuado as consequencias da illusão dos proteccionista sem paizes como a Italia e o Brasil, e que attribuiram o surto industrial do Zollverein e dos Estados Unidos á sua politica aduaneira, esquecidos do fundamental motivo geologico. O estudo das causas naturaes do grande enriquecimento da Inglaterra, da Allemanha e dos Estados Unidos, verdadeiros imperios industriaes, e do notavel enriquecimento do Canadá, do Rio da Prata, da Australia, paizes agricolas, leva-nos á convicção de que no Brasil, como no Chile, na Italia, na

França, tem o homem aproveitado a sua terra conforme as suas condições.

Na lista dos paizes modernos, por ordem de grandeza economica, em que a Irlanda fica entre os mais pobres e a Grã-Bretanha entre os mais ricos, assim como, nos Estados Unidos, onde as terras da Indianna valem dez vezes mais do que as do Maine, figura o Brasil, no seu todo, em logar modesto, embora São Paulo, isoladamente, se deva considerar das mais ricas regiões do mundo. Os estudos das condições cosmicas de cada paiz, no seio da economia universal, onde os povos concorrem para a troca de seus productos, facilitam o entendimento da grande diversidade do progresso economico de todos elles.

O effeito da machina a vapor, no correr do seculo passado foi uma transformação do trabalho universal, que se tornou mais productivo nas regiões ricas de combustivel, depois nas planuras ferteis de clima temperado, productoras de trigo, lã e carne, e, finalmente, nas zonas propicias á cultura da borracha, café, cacau, assucar de canna e outras substancias tropicaes.

O POVO BRASILEIRO

O povo brasileiro, conforme as condições do seu paiz, tem cumprido o seu destino, aproveitando as opportunidades que o mundo lhe tem offerecido, muito embora não figure entre as mais ricas e poderosas nações. Com largo espirito de solidariedade humana, as nossas leis politicas abrem o nosso territorio ao trabalho dos homens honestos de todas as procedencias. Com clara noção de que os conhecimentos scientificos e os recursos financeiros, adquiridos e accumulados nos paizes de condições mais favoraveis ao surto industrial, podem ser uteis ao nosso desenvolvimento, tem a nossa politica administrativa concorrido para que a technica extrangeira e os capitaes importados facilitem nosso progresso economico. Força, entretanto, é reconhecer o logar modesto do Brasil, levando em conta a superficie do paiz bem como sua população, ao lado das nações mais ricas e poderosas. Não pe-

se tal consideração para mortificar nosso melindre patriotico, para descrer de nossa capacidade de povo laborioso, esquecer nossos antepassados, menosprezar nossos contemporaneos.

Estudemos a nossa terra, com espirito de verdade e comprehenderemos o esforço de nossa gente. Comparemos, com espirito de justiça a nossa e a terra de outros povos mais ricos e reconheceremos o merito de nossa gente.

Mas, fujamos á illusão dos poetas na contemplação da natureza quando quizermos avaliar o esforço economico de um povo trabalhador...

Não deixemos penetrar a alma dos nossos compatriotas a falsidade pregada pela ignorancia de Jaymes Bryce, e de outros escriptores, de que no Brasil tudo é grande menos o homem; desconfiemos tambem da cortezia de Lloyd George, impressionado com o trabalho brasileiro, ao dizer que na proxima geração o Brasil será a principal nação do mundo.

Não peçamos a illustres passageiros rapidos a opinião sobre a nossa terra e nossa gente ; estudemos, nós mesmos, com espirito de verdade e de justiça o valor relativo de nossa terra na economia universal, para avaliarmos o merito de nossa gente. De tal maneira é que chegaremos á convicção esclarecida de que nós brasileiros, no passado e no presente, merecemos a terra fecundada pelo nosso trabalho, na qual organizamos nossa independencia politica, que temos sabido honrar em todos os tempos, e cujas leis actuaes, de perfeita igualdade entre os homens, fazem do Brasil, embora sua modestia economica, uma nação respeitavel no seio da humanidade civilizada.

O CANTOR QUE VENCEU AS SEREIAS

CONFERENCIA REALISADA NO INSTITUTO

PELO

Dr. Helio Lobo

(MEMBRO DA ACAEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

O cantor que venceu as Sereias

Estudo sobre a personalidade de Francisco Octaviano de Almeida Rosa

AS ORIGENS

Numa modesta casa da rua do Cano, hoje Uruguayana, Rio de Janeiro, nascia de um casal de gente de côr, ha precisamente 104 annos, aos 26 de junho de 1825, Francisco Octaviano de Almeida Rosa.

Do pae, Octaviano Maria da Rosa, ficou a tradição de medico illustre e cidadão honrado. A mãe, máo grado recursos parcos e as penas de um rheumatismo chronico, não deixou nunca de attender á educação do filho. E' da lembrança do tempo que, por occasião do trespasse do marido, aos 41 annos apenas, soccorreu á bôa D. Joanna a caridade de amigos e clientes em subscripção publica, logo concorrida. Por confissão de Octaviano, e para a mesada necessaria á terminação do curso juridico, "sua mãe lavara e engommara muita roupa no Rio".

São precoces seus passos. Aos 5 annos, começou a frequentar a escola de primeiras letras. Aos 8 e meio, iniciava o estudo de preparatorios ; aos 15, matriculava-se na Academia de São Paulo ; aos 20, recebia sua carta de bacharel. Por desejo de

---

Nota da Redacção — Esta conferencia, realisada no Instituto de S. Paulo, foi reproduzida no volume 159 do Instituto Historico Brasileiro.

Maria da Rosa, frequentou o primeiro anno da Academia de Marinha ; quasi se deu, mais tarde, á Medicina ; e não se sabe porque ficou em projecto, o desejo de envial-o á Escossia para estudar sciencias naturaes em Edimburgo.

Tinha tomado Octaviano ao pae, em cujas estantes se alinhavam livros classicos e contemporaneos, o gosto do estudo e das letras. Aprendeu as linguas vivas, de preferencia o inglez ; e das mortas, o latim. Mais tarde, por esforço proprio, saberia o grego. Dedicou-se á philosophia e á historia politica que sempre acompanhou depois, sobretudo na França e Inglaterra, do que darão frequente traslado seus discursos e escriptos. Em São Paulo, pequena varzea de alguns milhares de habitantes, que mal annunciava a formosa metropole de hoje, teve, em consequencia, passagem de relevo. O moço era de maneiras finas, algo romantico de temperamento, desenhando-se nelle certo requebro de imaginação, que não o abandonaria em toda a existencia. Já então poeta e inclinado á vida publica, mostrava accentuado pendor por Byron, de que foi o grande vulgarizador entre nós, e o gosto das endeixas lyricas. Ainda em 1859, na casa onde residiu aqui, se liam estes versos de seu punho :

> Oh se te amei ! Toda esta manhã da vida,
> Gastei em sonhos, que de ti falavam ;
> Nas estrellas do céo lia o teu nome,
> Ouvia-te nas brisas que passavam.

Almeida Nogueira o descreveu, "alto, magro, moreno pallido, quasi imberbe, testa descoberta, olhos grandes, expressão physionomica intelligente e sympathica, muito sympathica, sem embargo de um sorriso fino, entre zombeteiro e amavel, que constantemente lhe enflorava os labios". Arthur Motta o viu, por seu lado, "maneiroso no trato, elegante no trajar, sempre correcto na sua compleição franzina, apesar de sua estatura elevada". A idade vae accentuar os traços e o que ficara de seu physico, que uma das gravuras do tempo perpetuou, é a vivacidade, para não dizer a zombeteria da expressão : — ampla a testa, voluptuoso o nariz, a expressão da bocca rasgada contrastando com o devaneio do olhar, que

os oculos não alteravam. Mais sonho que acção ; mais emotividade que disciplina interior ; inquietação sobre a vida que é, ao mesmo tempo, a maior marca de apego a ella ; incoherencias sentimentaes, que os annos, em vez de corrigir, accentuam ; soffrimentos physicos e desenganos conduzindo á irritação e ao scepticismo ; espelho da natureza, em summa, em vez de (segundo a classificação conhecida e como em alguns homens de tomo), sua força.

Nos papeis intimos, muitos dos quaes dados a publico por Max Fleiuss, no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, ha o depoimento das crises passageiras em todos da idade, mas tambem se espelha a alma do moço, com traços que ficam. O espirito, apesar de volvidos os annos, será aquillo de então, a eterna corrida atraz da perfeição : ser e não ser ; os prazeres da vida e os tormentos da imaginação. mulheres, livros, bailes devaneios, o culto fervoroso de suas amizades.

Certa vez, em Santos, deixara no album de uma moça agonizante :

Leva a morte a cada instante
Uma esperança perdida ;
Sonhar, presentir, pensar...
Nisto se esváe a vida.

De outra, transbordou o seu sentimento amoroso nestes celebrados versos :

Eu te vi e te amei ! Sonhei-te bella,
E todo o meu amor cuidei um dia
Dedicar-te, mulher,
Loucura, foi loucura, porque cedo
Senti que m'entornavas pelos labios
Negra taça de fel.

Como eu te amava... só sabe meu peito,
Mas... ai ! tambem sabias, e, no emtanto
Tu me foste perjura !
Agora só me resta chorar sempre,
Sempre ! porque esta dôr que n'alma sinto
Somente a morte cura.

Se tinhas de matar a minha esperança,
Insensata! Porque me não disseste?
Eu não te amára tanto!
Meu pobre coração não soffreria...
Nem mesmo derramára em frias bagas
Meu afflictivo pranto!

"Não nasci para inglez, escreveu um dia a Areias, seu confidente e amigo; tenho muito de meridional no sangue e na imaginação, e os meus gostos devem sentir-se disto. Eu gosto do céu formoso, das arvores viçosas, do pôr do sol, do canto das aves, da fragancia das flores; gosto da poesia, como a sabem fazer em acção os turcos e os arabes; gosto das tradições mouriscas de Granada, dos descantes hespanhóes, da vida folgada e sensual; gosto, emfim do paraiso dos agarenos. E gosto, sobretudo, meu caro amigo, de pensar em ti, no bem que me queres e que se revela em tudo o que fazes, em tudo o que cogitas. Hoje, pois, estou de veia; e ponho de parte o spleen para atirar-me aos sonhos. Sonhar, sonhar!" Vêde o contraste, pouco antes, já em plena revolta: "Que falta me fazes, Areias! No meio de todas as minhas desgraçadas aberrações, no meio dos meus desregramentos e fantasias, quando tudo se conspira, fortuna, pensamento e molestia, para me fazer miseravel, só tu, meu querido e paciente amigo, com tua dedicação, com tua delicadeza de sentir e de amar, com tua engenhosa amizade, me poderias galvanizar e restituir a serenidade... Depois, tudo isto não é mais do que um transitorio muito pobre, muito sem valor. Para que, pois transigir com coisa que não vale as honras de uma transacção? Eu podia, por exemplo, interpôr a autoridade da minha razão no meio dos desvios da minha imaginação, e dirigir á vida, de olhos fechados, um *ultimatum*, concebido nos termos de guerra. Podia, depois, atirar-me ahi pelo mundo, comer, beber, passeiar, flanar, fumar, dansar, ganhar dinheiro calumniando e enganando (imprensa), enganando e calumniando (advocacia), e tomar o meu quinhão de venturas e gosos da terra. Podia flautear uma mulher, pol-a na minha casa, chamal-a minha mulher, ter meus filhos, crial-os santa e honestamente, atural-

os, corrigil-os, dar-lhes comida, pol-os na escola, leval-os á missa, vel-os crescidos, fazel-os doutores, para que me substituissem no esteiro aberto ha milhões de seculos".

Muito póde o curso dos annos, na vida. O sceptico, que assim escrevia, seria uma das maiores pennas da imprensa e ia constituir um dos luminares da advocacia, no seu tempo; mais do que isso, ia casar-se, ter seu lar, viver para a familia com um carinho excepcional, dar-lhe todo o thesouro de sua intelligencia e o fruto de seu labor. E de Montevideu, Plenipotenciario do Brasil numa quadra memoravel, enviaria a *João Carlos de Souza Ferreira*, seu cunhado e amigo, duas linhas nas quaes, sobre uma apreciação ligeira de homens e coisas, pairava uma confissão de nobre desmentido ás amargas considerações de 17 annos atraz: "Como é bom, como consola um beijo de criança, que veio ao mundo porque a fizemos vir; que viverá, se a alimentarmos, se a aquecermos, se a bafejarmos; que nos deve tudo, e tudo nos ha de dever, por muito tempo. Adiante, que já estou chorando".

ASCENÇÃO

Iniciou Francisco Octaviano a carreira no Rio de Janeiro em 1845, com Carvalho Moreira. Conhece-se a vida desse brasileiro illustre que, de advogado na Capital do Imperio, ascenderia a posições de renome na representação exterior do Brasil.

Poeta, jornalista, deputado, plenipotenciario, senador, tudo seriam funcções accessorias da profissão de advogado, com a qual hauriria os recursos para a existencia e os beneficios que, não raro, distribuia aos outros. Perdulario de seus talentos e seus haveres, sacrificaria muita vez esses e aquelles pela falta, que o honra, de uma ambição mais objectiva.

São modestos os primeiros degráos, mas levando todos a uma finalidade alta. Assim, foi nomeado em 1846 — tinha 21 annos — director da Gazeta Official do Imperio do Brasil, ali mantendo-se até 1848; admttido em 1847 ao Instituto de Advogados de que foi secretario até 18[illegible]8 e nomeado em 1848 secretario da Provincia do Rio de Janeiro, cargo que occupou

até 1854. Redigiu em 1851 a Gazeta da Instrucção Publica, collaborando para a reforma Couto Ferraz, tres annos depois, com o creação do Conselho Director de Instrucção na Côrte, de que foi um dos primeiros membros.

Tendo-se apresentado candidato supplente de deputado geral pela sua provincia, viu a eleição combatida tenazmente por chefes conservadores de nomeada. Explicou-lhe Euzebio de Queiroz que nada havia de pessoal, estava apenas obrigando a procurar homens de serviços ao partido ; mas o resentimento ficou, deixando-lhe no espirito, segundo uma penna do tempo, "um fermento contra o filhotismo, que mais tarde produziria aquelles admiraveis artigos com que desmoronou, na côrte, a influencia conservadora".

Eleito, entrou a funccionar na Camara, em substituição a Souza Ramos, desde 1853 até 1860, quando venceu triumphalmente com Theophilo Ottoni e Saldanha Marinho, na volta ruidosa do partido liberal, ausente do poder desde 1848. Exerceu o mandato até 1866, anno em que, primeiro votado na lista e ainda no Rio da Prata, foi escolhido senador do Imperio. O deputado effectivo tinha 28 annos ; o senador, 42 ; plenipotenciario, seria aos 40 incompletos ; recusaria a pasta dos extrangeiros, aos 41.

Para a ascenção politica, cumpre dizel-o, nada concorreu mais do que sua chronica semanal no "Jornal do Commercio", primeiro, e a direcção do "Correio Mercantil", depois. Tudo que a época produziu de grande no jornalismo, Justinano José da Rocha, Salles Torres Homem, José de Alencar, para referir apenas tres, estava em plena revelação, e não lhe foi difficil vencer. Joaquim Nabuco, este um artifice ainda maior da palavra falada, refere-se á fluidez, á vivacidade, á elegancia do seu estylo, dessa "maneira que ficou inimitavel em nossa imprensa, e a qual foi tantas vezes dado o nome de atticismo".

De facto, inaugurando a Semana foi dito que Francisco Octaviano creou, do mesmo passo, o folhetim brasileiro. Nada do tempo, em verdade, mais gracioso do que essa secção, que se abriu aos 2 de dezembro de 1852 e, por quasi dois annos, pois durou até 4 de julho de 1854, manteve em constante interesse a Capital do Imperio,

Seu maior elogio está em que não decahiu, ao contrario se lê hoje quasi como ha tres quartos de seculo. Não eram os estylos da época, senão um voejar ligeiro sobre homens e coisas. A vida das camaras, a governação das provincias, o trafego de escravos, livros novos que appareciam, a queda e a subida dos gabinetes ministeriaes, os estadistas inglezes, a politica franceza, os acontecimentos do Rio da Prata, os artistas do Provisorio, a melhora dos cursos medicos e juridicos, os fallecimentos da semana, os estragos da febre amarella, os namoros e casamentos, tudo daria a pensar num envolucro refinado á cidade, se as oleographias do tempo, a observação dos extrangeiros que nos visitavam, senão de vez em quando o proprio autor, nos não chamassem á realidade. "A estação e as festas do fim do anno, escreveu a 8 de janeiro de 1854, arredaram da cidade os passeadores *dos circulos*. Embalde estiveram á mostra as cassas e sêdas nas vidraças do Wallerstein e seus rivaes ; os adereços e pedrarias nas de Marin e Berard ; os vasos e perfumarias nas de Desmarais ; os albuns preciosos em "vieille argent" nas de Audoin. Quasi ninguem percorria a rua Parisiense nestes dias".

Rua Parisiense... No mesmo e noutros jornaes, appareciam, a esse tempo e longos annos depois, alguns annuncios que seriam estranhos se não retratassem a dura realidade. Um delles dizia : "Vende-se uma parda que lava e engomma perfeitamente e cozinha o trivial ; na rua do Sabão n.° 35". Outro rezava : "Desappareceu hontem, á 1 hora da tarde, num accesso de febre, o creoulo Casemiro. Anda meio nu e com o braço esquerdo atacado de erysypela. Quem delle souber, queira participar na rua da Harmonia n. 39". Durante a campanha pela abolição, uma das corôas de louro caberia depois a Octaviano. Lendo os floreios de sua penna, não pareceria a ninguem que, sob aquelle espelho de graça e finura, corresse o lôdo escuro da escravidão. Tanto podia o engenho do homem sobre a fórma rude das coisas.

E o Correio Mercantil ? Casado com Eponina Moniz Barreto, requestada e bella, Francisco Octaviano teve nesse acto uma das grandes determinantes da sua vida politica. Era

o sogro, Joaquim Alves Branco Moniz Barreto, um dos directores do "Correio Mercantil", de que depois se fez o unico proprietario, "figura na velhice, já se escreveu, de patriarcha cégo, na mocidade de revolucionario ardente e enthusiasta". A instancias suas, trocou Octaviano a chronica ligeira da Semana pela direcção, de maior responsabilidade, do Mercantil. Durante muitos annos, a inspiração será ali sua. Batendo-se pelas grandes causas internacionaes, como a abertura do Amazonas, ou defendendo, nas internas, o principio da liberdade, o "Correio Mercantil" constitue um marco, sem o qual não se póde medir bem a historia do segundo Reinado.

A felicidade domestica, que vae desabrochar numa prole numerosa, é para Octaviano um dos motivos de alegria na vida. A' mulher, ao primeiro filho, dedica algumas linhas ternas que as anthologias por ahi vulgarisaram :

> Amo-te ainda, — como a vez primeira,
> quando te vi no baile, — ingenua e pura,
> e a teus ouvidos — murmurei palavras,
> repassadas de amor e de ternura...

Ou então :

> São horas de descanso. Vem innocente anjinho,
> A noite já succede ao dia que se esvae,
> Recolhe as azas brancas e pousa no teu ninho ;
> Dorme, meu filho, dorme nos braços de teu pae.

O periodo já é de plena ascenção. Vão ser aquelles os seus maiores annos. Quer combatendo o partido conservador e preparando a renovação do liberal, quer representando o Brasil no Rio da Prata, Francisco Octaviano está na madureza de seu talento e de suas forças. O "Correio Mercantil", diria a redacção annos depois com outra gente e outra direcção, foi o jornal onde Octaviano mais se celebrizou affirmando, a par dessas qualidades de jornalista, a illustração de um pensador e a alma irrequieta de um patriota. Dahi, do baluarte dos seus artigos, elle era um defensor das aspirações populares, um vidente da nacionalidade futura, um conselheiro estrategico da administração, viciada até a medulla pelos abastardamentos da moral, communs ás sociedades

que pilastram sua riqueza sobre a ignominia da escravidão". Fez época sua campanha contra a esterilidade da politica em 1857, manejada pelos velhos com prejuizo do Estado. Preciso era acabar com a confusão, a mediocridade, o governo das entidades microscopicas. "Ninguem repelle, escreveu numa dessas paginas memoraveis, o concurso da experiencia ; ninguem repelle o concurso da illustração. O que não se quer é a experiencia que nada fructificou e a illustração que só illustra a si proprio... Dizem os interessados, e repetem os que por indolencia ou fraqueza não querem gastar o tempo em pensar nos negocios publicos, dizem que os cargos elevados precisam de nomes de prestigio... Mas o que é prestigio, de que tanto se nos fala a nós, filhos de duas revoluções de hontem, que em 1822 nos fizemos livres da dominação estrangeira e que em 1831 conquistamos a liberdade politica ? Será o prestigio que elevou ao ministerio Limpo de Abreu, Rodrigues Torres, Alves Branco, Honorio Vasconcellos e tantos outros, moços sem tradições, sem pergaminhos de chancellarias, sem outra recommendação mais senão os seus talentos e a vontade de bem servir ? Em que época ! Nas épocas mais graves da sociedade brasileira. Será o prestigio que levou aos 35 annos Costa Carvalho á Regencia do Imperio ?"

Em plena mocidade creadora, aos 32 annos, sua linguagem era da mais fina cortezia — mesmo nos momentos graves não deixou de manejar esse florete, em que foi consumado. E carregava a fundo ; "Hoje — é assim que faz ruir a olygarchia — ahi estão os chefes conservadores, que apenas se conservaram a si proprios, ahi estão sem programma, sem energia, sem bandeira, contentando-se com alguma escaramuça ingloria ou alguma palestra á hora do chá. Reunem-se, não para fortalecerem as crenças de seu partido, não para pedirem á actualidade e ás circumstancias novos elementos de vida real, não para se collocarem á frente das idéas do tempo, combinadas com os principios cardeaes de seus dogmas ; reunem-se para mostrarem os seus carros com brazões nobilitarios, para soltarem algum epigramma chistoso e decidirem que o partido conservador não deve fazer opposição "a priori' a um gabinete organizado por um dos mais notaveis creadores do mesmo par-

tido". "Não receie o chefe da Nação de confiar-se dos homens novos ; está nelles a força real, embora os outros a tenham na apparencia ; quem pode ter a gloria de ser o primeiro entre os homens, não se contenta em ser o primeiro entre as sombras. Na Odysséa, Achilles, dirigindo-se a Ulysses, na morada dos Manes, diz estas palavras que encerram o nosso pensamento : — "Quizera antes, simples cultivador, estar ao salario de um homem obscuro do que reinar sobre todas as sombras dos mortos".

NO ALTO DA MONTANHA

Nos seis annos de dominio liberal, que se seguem, bem como nos dez outros de regimen conservador, está elle sempre alerta para a defesa ou a oppugnação.

A guerra enche grande parte desse periodo, quer com sua eclosão e dominio, quer com a liquidação dos tropeços diplomaticos, que levantou. Ha, porém, ao lado della, acontecimentos internos que se succedem como os que desfecharam na primeira lei de abolição e os que os annaes parlamentares vão revelando através da agitação legislativa. Vemol-o, então' frequentemente, na tribuna. Francisco Octaviano teme pelos destinos do partido. Nabuco de Araujo, Saraiva, são agora, como Penedo e Ourem, na primeira phase, seus confidentes. "Meu Saraiva, escreveu-lhe em 1862, tu és a minha mais segura esperança dos homens do norte. Tens prestigio. Aproveita-o para, com teu talento e desinteresse, poderes dirigir a situação de modo a evitar que as ondas se escrespem e que se perca a monção de fazer algum beneficio á nossa terra". E depois : "Combina com outros homens de teu valor para que ao menos, não seja o insulto pessoal o dissolvente de um partido que mais feliz poderia ser, se a ambição, por um lado, e o egoismo por outro, não o combatessem desde o nascedouro" (1865). Seu desprendimento é ao tempo, e será sempre, completo, pois já então recusava no Ministerio Olinda (12 de maio de 1865), tambem chamado das aguias, a pasta dos extrangeiros, de direito sua ; e, depois, não teria empenho em servir nos gabinetes imperiaes. A indole branda, o espirito de opposição, nelle tão natural como o sangue nas veias, explicam talvez a

renuncia melhor do que conveniencias pessoaes ou politicas de momento. Escreve para a familia, levando a riso o convite e chasqueando alegremente: "Que decadencia nas instituições! que profanação nas idéas! que balburdia na vida! Com que, meu amigo, hoje qualquer poeta póde ser ministro! E quando? Quando os grandes homens declaram muito pesado o cargo e pedem companheiros que os ajudem no Senado, quando o paiz está com a maior guerra que tem tido, quando é preciso crear exercito, generaes, marinha, dinheiro e patriotismo... Nessa occasião recorre-se aos poetas. Santo Deus!"

O publico pouco conhecia ainda essa face de seu espirito, que se revelou depois, o dom da graça e do epigramma, em que foi eximio, e se guarda na reserva de sua correspondencia intima. Ligava-o, por exemplo, ao Imperador estima pessoal, nascidos no mesmo anno e tendo tido ambos o mesmo mestre durante algum tempo. E, entretanto, não o poupou com frechadas como esta, fruto talvez de sua ogeriza a certas formulas e praxes (elle não usou o fardão de senador) de nossa côrte importada. "Espera-se Sua Magestade para o fim do mez... Como virá o Salomão da America do Sul? O Rei philosopho deu logo beija-mão a bordo e no seu Paço" (1872). "Um appello a quem chegar a conhecer o fundo do coração do nosso czar" (1884). A Paranhos prendia-se por affeição sincera, defendendo-o de accusações e calumnias; e, no entretanto, lhe desfecha esta, ao succedel-o no Rio da Prata: "Para colher os louros serve qualquer diplomata. Tudo está preparado, os sacrificios são passados; manda para cá algum visconde" (1865). E sobre certa dama proeminente dos salões cariocas, fez para a Europa este instantaneo irreverente: "Casou-se a a M., filha da Z., com um diabo feio, sem familia e sem dinheiro; e assim acabou a prôa da Mãe" (1857). A graça do seu escrever revela-se ainda nesta carta de apresentação, despachada para além mar: "O dr. X é a menina dos olhos do teu Sinimbú, quero que o acolhas como amigo velho e que lhe sirvas de cicerone nessa terra onde se perdem e naufragam ainda as maiores virtudes, quando não têm, como eu, a couraça da molestia, e, como tu, a da graça do Espirito Santo" (1869).

Da actividade desse periodo aureo, relevam sobretudo, dois acontecimentos capitaes, em que foi parte preponderante, — a elaboração da lei do Ventre Livre (1871) e a assignatura do Tratado da Triplice Alliança (1865).

Mestiço como outros obreiros que, de passo em passo,levaram de roldão instituição infame,—Luiz Gama, José do Patrocinio Ferreira de Menezes, André Rebouças,—seu enthusiasmo, sua fé não eram menores. Rever os annaes da época é avaliar os escolhos dessa lei, que Rio Branco, chefiando um gabinete de conservadores, não podia ter consumado sem a alliança de liberaes adeantados. Na Reforma, havia pouco fundada (1869) no Centro Liberal recentemente instituito (1870), Octaviano não descansava. E no discurso com que, no Senado, a 12 de setembro de 1871, distribuiu os louros de cada um, congratulou-se sinceramente com o paiz por dar assim o primeiro golpe "numa instituição funesta que se originou de falsos ideaes e sobre que a amnistia dos interesses materiaes estendeu uma tolerancia de tres seculos".

Não cabe, nestes breves instantes que me concedeu o Instituto Historico e Geographico de São Paulo, por gentileza a que sou desvanecido, falar da missão ao Rio da Prata. Ella só daria para um volume. Basta dizer, porém, que foi aquella, uma hora historica na nossa nacionalidade, pois, assim se affirmaram nossas energias collectivas e começaram os symptomas de dissolução do systema, que nos regia.

Realizou, nesse momento, Octaviano, duas emprezas, qual a qual de maior tomo : a assignatura, por assim dizer sem instrucções a tempo, de um tratado em que soube encarar as aspirações nacionaes, assegurando-nos tambem a victoria ; e a consolidação do espirito de cordialidade internacional, que nunca mais se perdeu com nossos vizinhos e que seus versos descreveram :

O magestoso Prata bem claro nos ensina,
Nessa juncção feliz de rios, tão distantes,
Que os sul-americanos, por uma lei divina,
Devem viver unidos, se querem ser gigantes.
Descem as suas aguas das duas cordilheiras,
Dos Andes argentinos, das Serras brasileiras.
E, como dois amigos unidos peito a peito,
Abraçam-se no encontro e têm o mesmo leito.

A paixão, pela falta de perspectiva no tempo, retrata ainda *hoje o remoinho de interesses e odios que* a Triplice Alliança levantou. A verdade, porém, é que só ella permittiu ladear todas as difficuldades da campanha. Rivalidades militares, desintelligencias de chacellarias, a propria duração quasi sem termo das hostilidades, tudo se resolveu a seu tempo, por força della e no caracter menos prejudicial ao interesse commum. Francisco Octaviano a considerou *o acto mais relevante da* sua vida, e na verdade o foi. Quando a guerra do Paraguaay puder estudar-se adequadamente, nas suas causas longinquaes e immediatas, ver-se-á a significação internacional que teve para o imperio, máo grado os immensos sacrificios do vencedor e as penas do vencido.

Arduos foram então seus dias. Não era só pôr a assignatura num papel solemne, era tambem improvisar, ao atropello das cargas inimigas, as primeiras providencias, — saques a honrar, hospitaes a instituir, generaes a pôr de accordo nessa primeira phase de dispersão que antecedeu o commando unico. Suas cartas tinham dito, entretanto na confidencia da amizade, as intermitencias de desanimo e fé, que o salteavam. E á lembrança da familia distante, assim traduzia ao completar 40 annos, toda sua saudade :

Na manhã deste dia o sol da patria
Vinha aquecer-me o leito em que eu dormia.
E meus filhos com beijos me acordavam
Na manhã deste dia,
De um lado minha mãe me abençoava,
A esposa de outro lado me sorria ;
O coração pulsava-me arrojado

Na manhã deste dia.
Como tudo mudou ! Hoje, isolado,
Em terra estranha, nebulosa e fria,
Não me veio aquecer o sol da patria
Na manhã deste dia.
Santa mãe ! terna esposa ! caros filhos !
Não ouves uns gemidos de agonia ?
São ecos da saudade de minh'alma
Na manhã deste dia.

"Que responsabilidade atroz em que me vejo, escreveu cinco dias antes de Riachuelo. De hontem, até agora não dormi, nem comi... Felizmente para meu paiz tudo está em bom caminho. Só o Octaviano vae cahir prostrado, porque já não tem sangue, nem veias, nem medulla, nem ossos. Resta-me o grande consolo que sacrifiquei tudo pela Patria : até meus filhos, um dos quaes não sei se estará vivo ainda, o meu primeiro e ia quasi dizendo a blasphemia de o chamar o mais querido". Herval é o seu idolo, aliás como de todos os liberaes. Escreve : "Osorio continua protegido por Deus, a fazer maravilhas de bravura ; mas acredita que tudo que faz nada vale ; e assim nos defrauda de boletins gloriosos". O futuro barão Amazonas não o deixa menos commovido. E noticiando-lhe o feito grandioso, escreve noite alta (20 de junho de 1865) : "A nossa brava marinha cobriu-se de gloria ! O mesmo vapor que te leva a noticia da invasão de S. Borja leva tambem a resposta desse insulto novo. Barroso fez prodigios de calma e de bravura... Que dia venturoso ! Parece que se o somno me não acalmar, fico doido". A invasão, afinal, do Paraguay, quasi um anno depois de abertas as hostilidades, não o deixa menos num daquelles enthusiasmos transbordantes, que tanto o caracterisavam. "Um abraço pelos nossos triumphos. Vivam ôs brasileiros, sejam brancos, negros, mulatos ou caboclos ! Que gente brava !"

O CREPUSCULO

A guerra significou para o Brasil o apogeo das instituições monarchicas, depois do qual foi o plano inclinado que veio ter á Republica. De 1870 em deante, o movimento da descida

é mesmo quasi vertiginoso. Monarchista por convicção, Octaviano vae na mesma sombra até desapparecer com o Imperio em 1889. Republicano de inspiração, elle receia a precipitação da Republica e não a vê chegar. "Por mim e pelo que ouço aos homens do meu tempo, escreverá, quasi no limiar daquella, a 30 de novembro de 1888, não julgo necessaria, nem frutifera, a mudança radical de nossa fórma de governo. Dessa mudança, precipitada, sem garantias effectivas, nem mesmo apparentes, se me antolham sómente desastres que farão recuar e perder o fruto de longo trabalho.

Atormentado por problemas fundamentaes, o paiz como que se abala e vibra, sacrificando as instituições com que nascera. A abolição, a eleição directa, bradavam por uma solução radical e a tiveram mas a federação, a liberdade de cultos, e outras reformas, só se realizaram com a Republica ; e a instrucção que deveria ser, desde os primeiros dias, a chave de tudo, ficou esquecida, origem de males sem conto. Que transformação, a desse crepusculo, no qual os homens e os partidos se confundem, ferrenhos uns, avançados outros, todos porfiando na immensa batalha da formação brasileira!

Vistos desta altura, bem mereceram todos. Liberaes e conservadores contendem, realizando não raro uns os planos de outros. Se os segundos, na sua resistencia á desordem e á anarchia, estiveram no seu papel até o fim, os primeiros vieram de discordia em discordia, retardando quando não impedindo a realização de muitos dos ideaes em que se inspiraram. "Nosso partido, dissera um de seus maiores, caminha por entre brasas... A divergencia é de sua natureza". Mostra, de facto, a observação historica, nas derradeiras decadas do reinado, os gabinetes liberaes cahindo ao golpe de dissidencias internas. Para falar só de 1882 a 1885 tiveram essa sorte Martinho de Campos, Paranaguá, Lafayette, Dantas. Gente de opposição, scindia-se assim no poder. Só essa circumstancia explica que as grandes conquistas liberaes se tenham realizado por gabinetes conservadores.

Francisco Octaviano, para honra sua, não foi dessa estofa. Nos tempos obscuros, como nos grandes dias do seu partido, elle está sempre com a melhor inspiração. Assim é que

concorreu para o manifesto memoravel de 1869, que, no dilema de Reforma ou Revolução, foi gemeo do outro, o republicano de 1870. No jornalismo, passa do "Diario do Povo" (1868-69), para "A Reforma" (1869-1871), e dessa, ainda que muito raramente para a "Tribuna Liberal" (1888). Em favor da federação foi mais de uma sua manifestação ostensiva. Na abolição, elle esteve sempre na maré que, tumultuando, varreu tudo comsigo. Basta lembrar que, quando era quasi sedição tocar no escravismo, partiu de Octaviano, no Senado, a emenda da qual, em 1886, não sahiu com honra o gabinete; e com outros já havia marcado á escravidão, em um projecto, o prazo fatal de cinco annos. Finalmente, não regateou applauso a eleição directa, seguro de seu effeito na pureza dos costumes politicos nacionaes. "Quando morreu Palmerston mandaria em carta, a 8 de janeiro de 1882, ao grande amigo que soubera leval-a a termo, a justiça da historia pela voz do "Times" disse : "Foi um celebre politico, mas não deixou senão a gloria ephemera de triumphos de partido. O Conde Russel, que aliás não tem tido a dominação que elle teve, será sempre para os inglezes e para a historia, um vulto superior a Palmerston, porque foi o verdadeiro reformador de nossa vergonhosa legislação eleitoral, que não visou este ou aquelle partido, mas a liberdade do povo inglez e a grandeza de suas instituições". Sem a autoridade do Times posso repetir o mesmo a teu respeito. Paranhos visou a humanidade, tu visaste a libertação de teu paiz e a grandeza de nossas instituições que estão cahindo em desprezo".

Nem por ser sómente em parte verdadeiro, perdia o vaticinio seu cunho de profunda convicção. Octaviano errou, como outros estadistas imperiaes, procurando resolver o problema brasileiro pelo cimo, esquecendo os alicerces. Leis de redempção do voto, e outras, por melhores que fossem, não podiam constituir solução para os destinos de um paiz territorialmente immenso e de escassa população, desarticulado nas suas necessidades espirituaes e materiaes, sem ensino, sem vias de communicação e tendo como base uma instituição immoral, que desnobrecia o trabalho e aviltava a consciencia publica. Um, o viu no seu verdadeiro aspecto e nos apontou

o caminho dos Estados Unidos da America, que levantavam escolas á *medida* que *abriam* estradas ; mas esse, Tavares .astos, passou como meteóro, colhido cedo pela morte e incomprehendido pelo ambiente. Durante dez annos seguidos as Fallas do Throno não tem uma palavra sequer sobre a instrucção publica. Só agora, pelas rodovias, começamos a deixar o isolamento em que, dentro de nós, temos vivido. E como falar em immigração, o elemento indispensavel para nos constituirmos em verdadeira nação, como tão cedo comprehendeu São Paulo, se o escravismo a tolhia fundamentalmente e um conjuncto de leis necessarias só viria propicial-a sob a Republica ?

Dirigindo o paiz, no topo de sua administração, era natural que a d. Pedro II fossem ter todas as culpas e se attribuissem todos os desenganos. Não disse Prevost Paradol que governar é criar contentamentos que passam e resentimentos que perduram ? Seu papel não podia passar, comtudo, e não passou, para segurança de nossa integridade, de um quebramar nas paixões desencadeadas. Com tal inspiração levou cincoenta annos a canalisar os problemas do paiz, amortecendo os choques ou provocando as transigencias no meio artificial das instituições ; nossos annuaes parlamentares continham de facto, menos os problemas concretos do Brasil, do que dissertações doutrinarias sobre a vida politica de outros povos. Francisco Octaviano não fugiu á regra. Nos seus discursos e escriptos ha sempre a nota do systema constitucional falseado. Era sincero, mas não podia corrigir coisa alguma. Elle versou ainda outros problemas de ordem publica, — exames escolares, instrucção militar, aposentadorias, convenções consulares, emissão de bilhetes do Thesouro, reforma do Conselho de Estado, eleições provinciaes, mas o desvirtuamento do poder representativo, pela vontade do alto, soava como um bordão. De sua penna fôra mesmo, na amenidade do seu estylo, em contraste com a rudeza de outros, e quando era mocidade, uma phrase que ficou : "Formulas apparentes, ultima homenagem que a hypocrisia rende ainda á opinião do seculo".

FIM

E' depois de 50 annos que se vae sentindo alquebrado. A doença dos rins tira-lhe a força e a serenidade. Cuidados de familia, recursos que vão escasseando, o proprio zelo da coisa publica, aggravam-lhe a vida, que finda em revolta e melancolia. Ha, além disso, nosso ambiente tropical, esterelisando quando não cortando as vidas mais cedo. "Li um discurso espantoso de Lord Brougham na inauguração da estatua de Newton, diz para Londres. Que homens esses que aos 80 annos escrevem e pensam tão profunda e bellamente ! Aqui aos cincoenta se está na decadencia".

Nesses annos, que serão seus ultimos, ficou arredido, quasi isolado. Duas vezes, em 1867 e 1874 foi á Europa, em busca de lenitivo, mas em vão; as aguas de Wildungen, a operação em Londres, apenas adiam o desenlace. Ha nelle, então, um mixto de tristeza e agastamento que os achaques explicam mas vem tambem, directamente, de sua formação nervosa. A sabedoria do soffrimento, que disse numa quadra memoravel, não a teve para si ; e, ao contrario da outra, que se consola na desventura, acabou em pranto. São duas estrophes mais conhecidas :

> Quem passou pela vida em branca nuvem,
> E em placido repouso adormeceu ;
> Quem não sentiu o frio da desgraça,
> Quem passou pela vida e não soffreu,
> Foi espectro de homem, não foi homem,
> Só passou pela vida, não viveu.

Ha luzes que lhe illuminam ainda os passos, mas o maior trecho do caminho é de sombras. Morre-lhe a mãe, vae-se a a filha predilecta, deixando-o em profunda magoa. "Meu penedo ; já sabes pelo meu telegramma, que ao chegar á minha casa, não achei sómente deserta a poltrona de minha velha mãe, achei ainda, roubada para sempre ás minhas caricias e ao meu amor aquella doce creatura que era meu desvanecimento e orgulho, a minha santa e carinhosa Violeta. . ." Fraco com os filhos, como elle a meude se confessa, vê rareando os recursos materiaes para sua educação. "Queria Deus lem-

brar-se, dirá depois, de que tenho filhos a educar e que, na minha expansão quer de politico quer de particular, nunca me lembrei da familia, suppondo-me immortal". Elle, que voltava da missão do Prata ainda mais pobre, que fôra o procurador das grandes companhias commerciaes de seu tempo, terá seus livros e sua mobilia vendidos em leilão, logo depois da morte para que "com o producto e 25 dias de subsidio de Senador, não cobrados, se pagassem seus credores da somma de seis contos de réis".

Nesse desencanto a fibra renasce, é certo, de vez em quando, lembrando outros tempos. Não devolvera a Caxias, e a ninguem menos que Caxias, demittindo-se (1867), a carta que não podia guardar, porque acima delle só estava o Governo, *disposto o velho* cabo de guerra, "a não deixal-o mandar de meias suas tropas"? A politica, que lhe foge, porque outros vão sendo os homens, apruma-o esta ou aquella vez, com lampejos de reivindicação; mas é passageiro. Assim o desabafo junto do amigo presidente do Conselho, cujos actos desapprovára: "Estes vão sendo dignos de censura. Falo-te com quem te aprecia e tem dignidade bastante para não se importar com mexericos. Mas tambem a minha responsabilidade junto do Partido Liberal do Rio de Janeiro me obriga a não continuar mais em silencio. Se achares que abuso da tua amizade, neste aviso, queima as cartas e o dito por não dito. Eu irei, como qualquer cidadão, para a imprensa, requerer igualdade para todos nós".

Na imprensa, até o fim, o seu remanso. Elle tinha della a noção de um mandato sagrado, junto do qual não deviam vingar más inspirações. Certa vez, em Buenos Aires, revoltou-se contra instrucções sobre jornalistas menos escrupulosos. E resistiu. "Como v. exa. sabe, officiou a 12 de julho de 1865, eu era jornalista quando o Governo Imperial se dignou honrar-me, confiando-me a missão que ora occupo. Esta simples consideração bastaria para explicar a invencivel repugnancia que eu teria de usar da autorização mencionada".

E a propria imprensa lhe amargava os ultimos tempos. Quando chegar a honra extrema, aos 28 de maio de 1889, seus companheiros de politica e de jornalismo lhe montarão

guarda ao esquife, dizendo delle coisas bellas e verdadeiras. Assim, dirá Paulo Tavares que hontem se fôra José Bonifacio, "a alma gemea do sol" e agora morria Octaviano, "o cantor que venceu as sereias". Affonso Celso Jr. : "Não sei porque, ao pensar nelle, envolto nas nossas lutas partidarias, acode-me a idéa uma graciosa columna de marmore hellenico emergindo do meio de pesadas e chatas construcções". Valentim Magalhães : "Porque foi jornalista, o que vale dizer, escriptor, sem obras : orador, isto é, irmão do actor nos meios de ser e na identidade dos destinos ephemeros". Ferreira de Araujo : "Filho do povo educado na imprensa, foi senador, foi chefe de partido, foi diplomata, não foi ministro porque não quiz, e trabalhou sempre e morreu pobre". Quintino Bocayuva recordara como discipulo saudoso, "o dulcissimo poeta, o lapidario inimitavel", ao passo que para Salvador de Mendonça desapparecia "o ultimo filho da Attica extraviado entre nós por haver tomado pelo seu Pireu nossa formosa Bahia". Na "Cidade do Rio" abrirá Patrocinio assim seu admiravel artigo : "A natureza delegou ás estrellas e á aurora a recepção desse grande espirito, dessa alma de poeta contra a qual não puderam annos e enfermidades" ; e, do maior oppositor politico, Paulino de Souza, se ouvirá : "Na phase de reconstituição do seu partido, depois de 1860, Francisco Octaviano não era somente o arbitro da nossa politica ; pode-se dizer que elle foi, então, o partido liberal. Seu adversario de tantos annos e em tantas lutas, praz-me ainda, antes de se confundirem com a terra da patria os seus ultimos despojos, honrar deste lugar a sua memoria e, no momento de recolher-se o seu elevado espirito á esphera serena de luz e de harmonias, onde mais resplandece a omnipotencia divina, render-lhe as homenagens do meu reconhecimento e tambem em nome da provincia que represento".

Mas, até então, quantos dissabores! Na acção exterior, um dos actos maiores de Octaviano o foi do commando em chefe que reconheceu aos alliados, attenuando assim, lá fóra, a impressão falsa de uma monarchia em luta com uma republica, embora de nome. A questão apaixonou muitos espiritos, ascendendo contra elle civis e militares. A pequena politica essa

fez tambem delle, durante algum tempo, seu alvo predilecto. "Na vida publica de s. exa. ha muita coisa digna de ser imitada, assignala uma dessas frechas ; seria tolice esquecer isto, para copial-o em certa inconstancia e conhecida desigualdade que tanto afflige seus verdadeiros amigos". As palavras intimas, os annaes do Senado, revivendo já raramente o conversador subtil, o fino orador de outrora, lhe espelham o estado de espirito. "Felizmente Deus quer que o Brasil seja alguma força, porque lhe *deu forças independentes* dos governos", abre-se com Irineu Evangelista de Souza, em cuja queda foi amigo dedicado. Na Camara vitalicia a palavra vae morrendo. Uma das derradeiras crises do regimen, a questão militar lhe toma ainda a voz e intervem no sentido da conciliação. Seu receio estava, porém, mais no derramamento de sangue, do que nas quédas de governo, "que já lhe eram indifferentes." A experiencia e a velhice tornam o orador incapaz de ser adversario politico ; o nobre ministro far-me-ha a justiça de acreditar que não fui um partidario exaltado". Até as letras não o pouparam. Contemporaneo de Gonçalves Dias e Alvares de Azevedo era menor do que ambos ; mas deixaria cheios os espaços dessa poesia contemplativa e terna das nossas noites de luar. E, afinal, a taça transbordou no coração de um amigo e correligionario de provincia, Alberto Brandão, em carta já hoje conhecida (1886). Tivesse chegado aos nossos dias, e não sobreviveria á clava de um grande polemista que, julgando-o com paixão, lhe negou tudo. Sylvio Romero exultaria desta confissão, na qual, entre intermittencias de rebellião e tristeza, revolveu, com injustiça a si proprio, toda sua vida : "Passo ás vezes momentos em que perco a noção da existencia ; ainda esses são os melhores porque se penso reflectidamente na minha já longa vida, tão inutil á minha patria, a meus amigos e até a meus proprios filhos, desespero e me arrepelio como um damnado, para o qual o Dante se esqueceu de arranjar um circulo nos muitos do seu Inferno ! Nem politico, nem escriptor, nem sequer homem de letras !... E vês tu, desperdicei tantos elementos que a sorte me deparou : um pae illustrado e estremoso, que nos verdes annos me deu grande cópia de instrucção, discernimento e

gosto literario ; uma mãe dedicada, com alma romana, que me ensinou a nobreza do trabalho e o contentamento do dever cumprido ; uma esposa amante, que se tem sacrificado a acompanhar um velho irritadiço e pobre ; filhos de uma indole celeste, embora sem energia, mas com grande senso moral ; a sympathia desinteressada de alguns moços de teu valor e caracter ; e circumstancias que me fizeram, por vezes, arbitro dos destinos dos meus concidadãos..."

Pobre Octaviano ! Escreveu um dia, mas não foi para si :

Não é arte o ser velho. O saber sel-o
E' que póde ser arte.

Estava-lhe no sangue essa vibração desconsolada, de que a raça não se curou jamais e que constitue todo seu mundo. Ainda exultando, chora. Volvia á terra, de onde viera, brasileiro como ella, como ella capaz de todos os desalentos e todas as exaltações. Que importava seu transito se nos deixava o encanto das coisas que não morrem ? Na tradição nacional, sua vida e sua obra haveriam de pairar acima da desesperança, que estes versos traduziram uma inspiração directa de Shakspeare :

Morrer... dormir... não mais ! Termina a vida,
E com ella terminam nossas dôres ;
Um punhado de terra, algumas flôres,
E, ás vezes, uma lagrima fingida !

Sim ! minha morte não será sentida :
Não deixo amigos, e nem tive amores !
Ou, se os tive, mostraram-se traidores,
— Algozes vis de uma alma consumida.

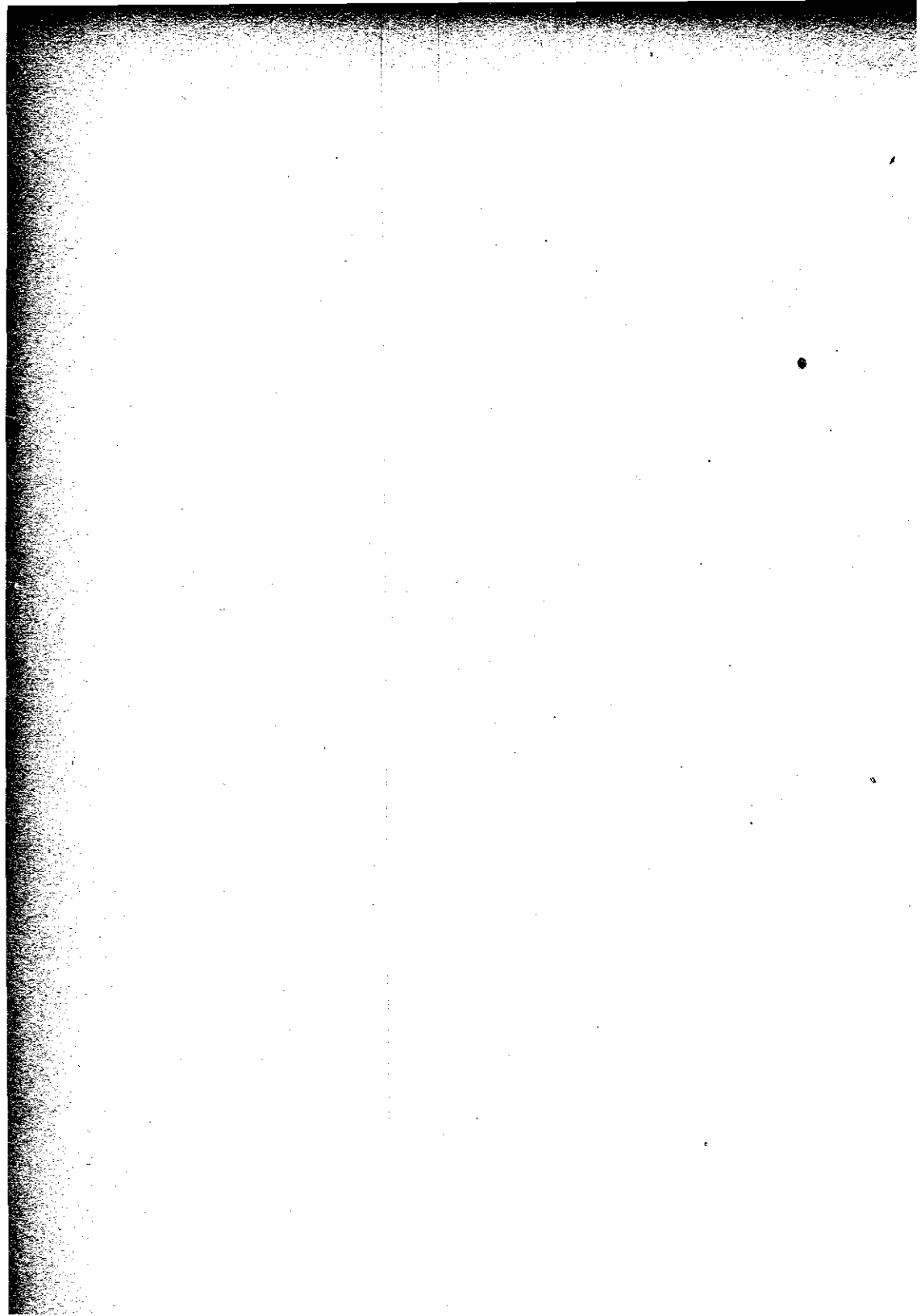
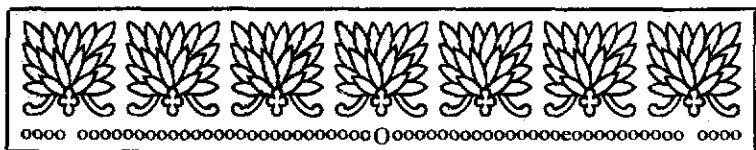
Tudo é podre no mundo. Que me importa
Que elle amanhã se esb'roe e que desabe,
Se a natureza para mim é morta !

E' tempo já que meu exilio acabe...
Vem pois, ó Morte, ao Nada me transporta !
Morres... dormir... talvez sonhar... quem sabe ?

AS MINAS DE OURO DO JARAGUA'

CONFERENCIA REALISADA NO INSTITUTO

PELO

Coronel Pedro Dias de Campos
(SOCIO HONORARIO)

As minas de Ouro no Jaraguá

O ACTUAL ESTADO DO MORRO — Os atrevidos arranha-céos que tanto enfeiam e despoetisam a nossa *paulicéa*, não mais permittem aos paulistanos, a contemplação dos horizontes largos, matisados pelo maravilhoso pôr-de-sol da nossa terra tropical, e nem a vista do morro tradicional do ouro e das riquezas fabulosas, — O Jaraguá —, que emerge na direcção do occaso.

Na orla irisada do poente, avulta ao longe, surgindo dos valles extensos e dos vargedos claros, que o sinuoso Tietê corta, qual fita de prata agitada pelo vento, o altaneiro Jaraguá-guassú, batido pela luz suave do astro rei em declinio. O seu elevado pico, como um dedo de gigante apontando para o alto, perfura as nuvens esgarçadas, toucando-se da sua cabelleira alvinitente.

Comtudo, ainda dos altos mirantes, das vivendas—lareiras alinhadas nos espigões, onde se assenta a cidade, e dos terraços dos altos edificios, póde-se lobrigar a silhueta do serro paulistano, projectada na claridade azul das distancias.

E' uma sentinella, é um ponto de referencia postado no caminho das bandeiras.

A serra do Japy, que lhe é contigua, corcovada e irregular em seus contornos, está servindo de fundo e dando relevo ao painel artistico do morro do ouro, laborado em arte e esmero, pela mão da natureza. A massa informe, de pittorescos

contrastes, onde elle pousa, avança para Oeste, indo fundir-se com as elevações que correm na mesma direcção.

O Jaraguá-mirim, seu irmão menor, é o contra-forte, base e pedestal dessa decantada elevação doirada.

Não ha muito tempo, essa magnifica serrania ostentava ainda a vestimenta esmeraldina da sua luxuriante vegetação. Era linda a matta, de arvores frondosas, com sua sub-vegetação exhuberante, que fazia o encanto e a alegria dos que a visitavam.

Ha apenas dez annos que a inextricavel floresta virgem, foi, pouco a pouco, criminosamente arrasada, sendo as primorosas essencias florestaes, reduzidas ao negro carvão, combustivel preferido nas lareiras improvisadas da extranja aventureira. As arvores formosas, cujas ramagens em comas ondulantes e floridas perfumavam o ambiente — davam a visão de um comoro coberto de verde tapete. Essa belleza natural já não existe. A ganancia pelo lucro, reduziu o mysterioso pico e suas encostas, em um monte desnudo, pardacento e triste. A alegre e verdejante elevação, despida agora do seu ornamento natural, faz lembrar um amontoado de escombros reunidos naquelle ponto.

Quem o avistar hoje, negrejando entre a sua auréola de nuvens brancas, acreditará tratar-se de um monte rochoso, onde nunca existiu a vida vegetal. Ha apenas um descenio que elle a esse estado foi reduzido, pela mão impiedosa de proprietarios interesseiros.

A passarada de bellas plumagens, de côres variegadas, que povoava as cristas do morro, desertou para pontos menos inhospitos, onde canta o hymno da natureza.

Como não bastassem esses sacrilegios iconoclastas, elevaram ha pouco, no ponto culminante do pico, uma construcção ligeira, destinada a abrigar apparelhos metereologicos, alli installados pelas repartições respectivas.

O lendario pico do Jaraguá, dominando a cidade e aos vastos campos de Piratininga, foi, em todos os tempos, o pharol para o qual convergiam os olhares avidos dos que partiam em busca de ouro e pedrarias, e dos olhares coruscantes de prazer, dos que regressavam aos lares, pejados de riquezas.

Esse morro, desde que os primeiros europêos, ao attingirem o planalto nelle pousaram suas vistas ganenciosas, se constituio um ponto, para as gerações successivas, de desmedidas cobiças e de loucas ambições.

O elevado pico, ao romper da aurora, é o primeiro a receber o beijo calido de luz, que o corôa de brilhantes fagulhas. E' para elle tambem o ultimo osculo do occaso bruxoleante.

Alvo de esperanças intensas e de dolorosos desanimos, vem sendo o Jaraguá sangrado de todos os lados e em todos os seus flancos. Os caçadores do precioso metal, abriram na sua base largas feridas ; perfuraram suas entranhas e fenderam o sopé do alto morro, em todas as direcções.

Antes, porem, de haver o serro recebido dos civilisados, tão máo tratamento, abrigou em seu recesso alacres aldeias de activos e robustos aborigenes. Mais tarde, ainda as suas furnas acolhiam os perseguidos dos potentados e os escravos foragidos.

Guarda ainda seu bojo avultada mole de ouro. Para o sopé do monte tem sido attrahida, durante centenas de annos, multidão ávida e insaciavel de grandes cabedaes.

As profundas cicatrizes deixadas pelos mineradores, sulcam-lhe a superficie, mordida fortemente pelos seus alviões.

O Jaraguá-guassú e o Jaraguá-mirim, estão encaixados entre a serra do Japy e a serra do Paranapiacaba. Demoram a 21 kilometros da Capital, na direcção do Oeste. A terra de que se compõe, é argillo-ferruginosa, demonstrando ferro aurifero, constituindo uma especie de cascalho, que os mineiros lavam e delle extrahem o ouro. Cinco eram as minas exploradas pelos paulistanos em 1620 e se denominavam : Quebra-pedra, Carapucuhu, Santa-fé, Ribeirão de Samambaia e Itay.

A sua conformação é desigual, apresentando-se movimentada, com ligeiras ondulações graciosas.

A cadeia de serranias a que se prende o Jaraguá, decorre na direcção do poente, para depois arquear-se em amphitheatro, na linha sudoeste. Esgarça-se, por fim, na distancia como a querer furtar-se aos olhares cúpidos dos pesquisadores de minereos.

Visto de qualquer ponto, o morro do Jaraguá semelha-se a uma sella mexicana, tendo a patilha voltada para o occi-

dente e o cepilho em relevo, com forma de unicornio, olhando para o nascente. Segue-se-lhe o Jaraguá-mirim, tambem explorado pelos paulistas de outr'óra, cujos contornos se esbatem no afastamento do horizonte. Famoso egualmente pelas lendas e fantasias de que o cercaram os primitivos habitantes de seus contra-fortes, acreditam, ainda os de hoje, que o poderoso massiço, guarda com ciume o segredo de seus ricos filões.

O morro paulistano tem sido cantado pelos versejadores sertanejos, em noites enluaradas, no copiar das vivendas, ao vibrar dos bordões dos pinhos plangentes.

Tem tido tambem seus poetas, rendilhadores de lindas e commovedoras estrophes que fallam emotivamente á nossa alma de paulistas.

Os versos que se seguem, do nosso grande companheiro nesta casa, que foi o eminente polygrapho e jurisconsulto, Dr. Brasilio Machado, mostram quanto é querido o serro paulistano.

E' este o meu patrio monte
Que junto ao rio cresceu,
E que envolve a idosa fronte
Nos nevoeiros do céu.

Não temas, não, viajante,
Ao vel-o erguido no Sul ;
Tem aguias — são andorinhas,
E seu hombro é todo azul.

Primeiro beija-lhe a aurora
A larga fronte sem par,
Indo após suas Corôas
Uma por uma espelhar ;

Como uma filha que beija
De seu pai a velha mão,
E depois vae ás cortinas
Correr do berço do irmão.

Circulando o vulto immenso,
Ao sol que tombando vae,
Uma aureola de incendios
Fulgurante d'ella sae.

Altivo como na America,
Do condor aos colibris,
Tudo é soberbo, arrogante,
Sentindo o sol do paiz ;

Bem como um velho cacique
De seus guerreiros ao pé,
Elle guarda a cordilheira
Que azulada além se vê...

Guarda nos labios de pedra
De arruinadas gerações
Os échos de mil triumphos,
O canto das tradições.

Quantas tribus desgarradas
De seus pés em derredor
Vieram erguer as tabas
Sonhando um valle melhor !

E este foi seu patrio monte,
Estes valles foram seus...
O monte, os valles ficaram...
Dos indios... só sabe Deus !

Oh viajante, não temas
Ao vel-o erguido no sul,
A fronte cheia de nevoas,
Nos hombros um manto azul.

Falando sobre o morro, diz Azevedo Marques: "O Jaraguá é notavel porque nelle teve logar a primeira descoberta de minas de ouro...tendo sido denominado "Perú do Brasil", dela abundancia de sua extracção."

Diz ainda esse erudito historiographo, que "em principios de Outubro de 1869, pessoas importantes assistiram a um phenomeno curioso, que se operava nesse morro. Uma chamma enorme, acompanhada de espesso e esbranquiçado fumo, destacava-se dessas paragens e, movendo-se no sentido ascendente, oscilava na atmosphera, voltando em seguida ao ponto donde se destacara. Durante as primeiras horas, a chamma reapparecia com pequenos intervallos, tornando-se depois menos frequentes, até desapparecer de todo. Convem notar que ao apparecimento das chammas, correspondiam pequenas detonações, como o som de uma pancada dadas em parades de taboas".

Durante varios annos, nada mais registrou a chronica, sobre o phenomeno acima descripto. Em principios de 1882, foram, porém, novamente constatadas identicas manifestações metereologicas, verificadas pelos habitantes da Capital e registradas no noticiario das folhas contemporanèas. O nosso digno confrade, o dr. Affonso A. de Freitas, actual presidente deste sodalicio, assistiu, da sacada do Hotel de Italia, sito á ladeira de São João, no local onde hoje se ergue o audacioso arranha-céo Martinelli, a repetição do extranho phenomeno de 13 annos passados. Com elle se achavam, muitas pessoas, algumas das quaes ainda vivem nesta cidade e que podem dar testemunho desse occorrido.

O observador que galgar o pico do morro, subindo pela unica vereda, que em zigue-zague ascendente attinge o cimo, verá, se o dia se apresentar claro e sem a neblina emanada dos valles, o mais formoso panorama que se possa imaginar.

Para qualquer lado que dirija a vista, descortinará dezenas de leguas, até onde o seu poder visual puder alcançar, porque o horizonte parece não ter limites. Muito ao longe lobrigará, a olhos nús, o casario branco de Itú, de Jundiahy, de Bragança, de Atibaia, e de São Roque, como cidades liliputianas ou enfeites de presepes ; voltando-se, terá sob as vistas a paulicéa gigantesca. Mais rente do morro, verá Parnahyba, Cotia e outros logarejos que demoram ao sul. As elevações, os campos extensos, os rios, os ribeirões e corregos, serpeando illuminados de sol por entre o verde dos vargedos e

das campinas, emprestam á paysagem um esplendor de paraizo.

E' necessario que se saiba a significação do nome do pico, que se destaca da serra da Cantereira, segundo os mais notaveis brasilianistas. Martius, acha que Jaraguá quer dizer "Morro dominante dos Campos" ; João Mendes de Almeida, diz significar simplesmente "Roliço"; Theodoro Sampaio, no seu consciencioso estudo, "O Tupy da Geographia Nacional", affirma que é valle ou baixa do Senhor" ou "Dedo de Deus". Acreditamos que seja Theodoro Sampaio quem está com a verdade. Assim, vamos iniciar o historico das minerações, do "Dedo de Deus", ou melhor, do Valle do Senhor". Melhor porque, vista mais linda, paysagem mais encantadora, só serão egualadas pelas miragens sem par do Jardim do Eden, creado pelo Senhor antes da formação das raças.

* * *

Historia das Minas – O caminho das Indias era ainda uma incognita para o velho mundo, quando a sêde intensa do ouro assaltára os portuguezes, que sonhavam com uma ilha longinqua, muito além, na direcção occidental, onde o precioso minerio luzia á flor da terra, constellada pela mais abundante messe de pedrarias. E lá iam elles cheios de fagueiras illusões, em busca da fugitiva e fulgurante miragem. Por isso não nos podemos furtar ao prazer de transcrever neste estudo, o magnifico soneto, "Os Conquistadores", de J. M. Heredia, porque apresenta a idéa exacta da ganancia dos que buscavam riquezas além mar, antes do descobrimento occasional da Terra de Santa Cruz.

Como vôam falcões do seu ninho natal,
Cançados de viver numa pobreza altiva,
De Palos de Moguer partia a comitiva
Dos grandes capitães de heroismo brutal.

Elles vão conquistar o precioso metal
Que do Cipango sáe, riqueza fugitiva !
E dos ventos do mar a furia sempre viva
Velozmente os guiava ao mundo occidental.

Cada noite, a esperar da gloria as alvoradas,
Do vasto céo azul a luminosa fronte
O seu somno enfeitou de miragens doiradas.

E, curvados nas náus de magestosas christas,
Viam subir, subir, ao longe, no horizònte,
Novas constellações, estrellas nunca vistas.

Desde os primordios da colonisação, não tiveram os governadores portuguezes, enviados pela Metropole, outra preoccupação que não fosse o descobrimento de minas de ouro e pedrarias finas. Os *meios á empregar* nessas buscas, não tinham para elles outra importancia que não se prendesse a realisação das descobertas, embora custassem milhares de preciosas vidas.

No desempenho dessa incumbencia, trazida do reino, factos de summa gravidade e de funestas consequencias se produziram, durante as descobertas levadas a ferro e fogo, em varios pontos da nossa terra. Causam pasmo e horror, a ferocidade e ganancia dos reinóes, determinando a destruição systhematica das tribus dispersas no eixo do caminho das pesquizas, afim de não serem os descobridores embaraçados na sua faina.

A historia assignala verdadeiras hecatombes de aborigenes, os quaes, em justa represalia, abriam claros nas fileiras dos bandeirantes, lançados em sua perseguição.

Martim Affonso de Souza, aportando com os seus veleiros na Ilha do Bom Abrigo, proximo da de Cananéa, no dia 12 de Agosto de 1531, ouvio de um reinól que lá encontrou entre os selvicolas, — que a chronica diaria de bordo da náu capitanea, diz chamar-se Francisco Chaves, por antonomásia, — O Bacharel —, de que alem da vertente occidental da cordilheira que avistavam, e para o interior, existia ouro em abundancia.

Informado disso, Martim Affonso não demorou em mandar naquella direcção uma partida de reinóes, em numero de oitenta homens bem armados e dispostos, afim de se certificarem da veracidade da affirmativa do "Bacharel" e assig-

nalarem o local do descobrimento. Eram os portuguezes commandados por Pedro Lobo, individuo audacioso, muito chegado a Martim Affonso.

A marcha, na primeira jornada, decorreu sem accidentes, mas das subsequentes não se teve noticias, porque os selvicolas, que haviam soffrido perseguições atrozes das tribus alliadas ao "Bacharel", trucidaram os homens do almirante portuguez, não lhes permittindo o regresso para o ponto de partida.

O segredo daquellas minas continuou sepultado na vastidão das mattas, sob a feroz vigilancia das tribus carijós.

Aporta Martim Affonso, pouco depois, a São Vicente, então Enguaguassú, esquecido já das aventuras de Cananéa, onde perdêra a flôr de sua maruja. Sempre com a mente povoada de sonhos de riquezas, bailando-lhe no cerebro folhetas de ouro puro e pedrarias sem conta, de varios matizes, determina novas entradas.

Allucinado pelas informações que colhêra, resolve Martim Affonso subir ao planalto e, com os seus proprios olhos, ver o que havia alem da alta cordilheira do Paranápiacaba.

Era seu guia o portuguez João Ramalho, que desde alguns annos vivia entre os aborigenes de Tebyreçá, nos campos de Piratininga.

João Ramalho, acompanhando sempre Martim Affonso, foi-lhe fornecendo preciosas informações sobre as minas que se encontravam por toda a parte, nos rios, nos campos e nos montes.

Em 10 de Outubro de 1532, era Martim Affonso hospede de João Ramalho e de sua mulher, a indigena Bartyra, filha do grande cacique Tebyreçá, no sitio da borda do campo, logar que, posteriormente, com a fundação do povoado, passou a chamar-se Santo André.

Martim Affonso, de accordo com João Ramalho, providenciou a organisação de grupos de pesquisadores, regressando em seguida para São Vicente, sem esperar pelos resultados das entradas.

Deixa Martim Affonso de Souza, por fim, as plagas brasilicas, entregando o governo a seu substituto, que tambem

aportára com as mesmas idéas de riquezas do seu antecessor no governo.

Em Fevereiro de 1553, Thomé de Souza, governador geral, desembarca em São Vicente, examina as obras de defeza do porto, providencia sobre o methodo de administração e pesquizas de ouro e outros minereos, de cuja abundancia tivéra noticias.

Esse governador, vindo a São Vicente, precede Mem de Sá nas providencias sobre minerações. Chegou ao planalto em 1553, quando a aldeia de João Ramalho estava em pleno florescimento.

Tinha esse alto representante do monarcha luzitano, como o seu antecessor, o fim egoista e o proposito de arrancar da novel colonia, toda riqueza que pudesse encaminhar para o reino de Portugal. E, desse ouro e dos valores lançados nas fauces vorazes dos potentados reinóes, nenhuma parcella desviaria para beneficiar o Brasil.

Assim aconteceu, como sabemos, enquanto o paiz se conservou sob o pezado guante dos conquistadores.

Nas pegádas de Thomé de Souza, perlustra a nossa terra, em busca de ouro, o governador Mem de Sá.

Logo que este reinol tomou posse do governo de São Vicente, tratou de se orientar sobre o que havia, relativamente ás descobertas realisadas pelos seus antecessores.

Mem de Sá subio ao planalto em Dezembro de 1560. Atravessou o povoado de Santo André, então em plena faina de demolição, que por sua ordem se realisava; chega até os espigões de Piratininga, onde os Padres Jesuitas haviam erigido seu pouso, e erguido sua tôsca capella, para a qual transferira, elle, Mem de Sá, os predicados outorgados á Villa de Santo André. Desse ponto, colhe informações sobre o interior das terras, inteirando-se das providencias tomadas por Martim Affonso e Thomé de Souza, quanto ao descobrimento de minas de ouro e de prata.

O Jaraguá, pelo seu perfil original, despertou logo a sua attenção.

Tirando homens da excassa população de Piratininga, organisa um pequeno bando de aventureiros, tendo por chefe

o minerador reinól, Luiz Martins, enviado pelo monarcha, que o nomeára por alvará de 7 de Setembro de 1559, fazendo-o internar-se pelo sertão.

Grandes riscos e innumeros perigos correram os aventureiros de Mem de Sá, na sua incursão pelas selvas.

Desanimado da improficuidade de tão extrenuos trabalhos, com alguns claros no seu bando, regressava Luiz Martins, quando o accaso lhe fez deparar com as minas do Jaraguá, de onde extrahiu ouro e pedras verdes, cujas amostras apresentou a Mem de Sá.

A entrada de Luiz Martins, que chegára até proximo do salto, nos campos de Itú, tivéra o inconveniente de assanhar os selvicolas contra a nascente povoação de São Paulo de Piratininga, já então reforçada com a população transferida de Santo André. A população quasi inerme e de todo desprevenida, soffreu successivos e mortiferos ataques.

Affrontando a bellicosidade do gentio, atreveram-se alguns denodados sertanistas, a se internarem pelas mattas, afim de fazerem descobertas alem do Jaraguá e aprisionarem selvicolas.

Entre elles está o sertanista Affonso Sardinha, que em 1580 emprehendêra uma batida na direcção do poente e foi ao morro do Araçoyaba, onde descobrio, em vez de ouro que procurava, minereos de ferro e outros. Passando Sardinha, de regresso, pelo morro do Jaraguá, descobrio vestigios de ouro, proximo ao ribeirão Itay, de onde extrahio varias folhetas, que trouxe para o povoado. Eram as pintas constatadas pelo reinól Luiz Martins, e que ficára no olvido.

Houve depois nova interposição dos aborigenes, que continuavam guerreando a povoação, difficultando as entradas no sertão.

Os guerreiros selvicolas fizeram, no sopé da serra do Jaraguá, o seu ponto de convergencia. Accorriam elles das mattas de Piratininga, Baruery e Parnahyba, ao chamado da inubia bellicosa.

Varios annos mantiveram os selvicolas em desassocego a pacata e religiosa população piratiningana, com as suas sangrentas escaramuças diarias.

Os encontros e ataques mais ferozes, se verificaram em 19 de Setembro de 1591, em represalia a entrada de Affonso Sardinha, que chegára ao ribeirão do Itay, onde havia um anno, em uma entrada que realizára, descobrira minas de ouro,no local em que, dez annos antes, encontrára vestigios.

No anno seguinte, continuando os aborigenes na luta, em 2 de Maio de 1592, a camara de São Paulo nomeou o mesmo Affonso Sardinha, chefe de defeza da Villa e de suas nascentes aldeias, por ser elle o mais extremado inimigo que até então enfrentára os selvicolas.

Expulsos os atacantes das immediações do Jaraguá, entram novamente os bandos de pesquisadores sertão a dentro, em busca de ouro e prata.

Os selvicolas que hostilisavam a villa, foram, por fim, repellidos. Em uma das expedições auteriores ás commandadas por Sardinha tivéram contra si, uma forte expedição da qual fazia parte o Padre Anchieta, o sacerdote soldado. Foram elles, assim a ferro e fogo, forçados a recuar até alem de Ararytaguaba.

Desse modo, durante duas décadas, não permittiram os selvicolas, a entrada de reinós no sertão.

Foram nessas lides guerreiras, em que eram postos á provas a resistencia, a sobriedade e a resignação dos soffrimentos, que os primeiros paulistanos e os primeiros paulistas, combatendo os selvicolas a todo o transe, ajudados pelos valentes e destemerosos mamelucos, tomaram gosto pelas lutas e aventuras.

Iniciaram elles então as suas primeiras correrias nas mattas, primeiramente a pouca distancia da povoação, como que ensaiando-se para se aventurarem a longinquas excursões, que pouco depois foram levadas até ás praias dos mares occidentaes e ao extremo norte da America do Sul.

Nesse lapso de tempo, em que as guerrilhas se encarniçaram, foi o Jaraguá e suas minas de ouro, prata e pedras preciosas, esquecidos dos gananciosos dominadores. Não ficaram tambem tradição das minas de ouro e pedras. entrevistas pelo bando de Luiz Martins, havia vinte annos, porque Mem de Sá, cioso do rico achado se retirára sem communicar a pessoa alguma, o thezouro desvendado pelos seus homens.

Estava reservada a Affonso Sardinha, a gloria da descoberta dessas minas, pois que, em 1590, elle e seu filho Pedro Sardinha, encontraram o veio de ouro do ribeirão Itay, embora acossados pelos selvicolas que os acompanhavam desde Araçoyaba onde foram providenciar sobre a mineração de ferro.

Corria o anno de 1597, cheio de difficuldades financeiras para a peninsula iberica e de aperturas para a brilhante e futil côrte de Felippe III, rei de Castella, quando as descobertas de minas de ouro se amiudavam, na Capitania de São Paulo. Só a uma esperança se apegavam os cortezãos e o proprio monarcha hespanhol: eram as famosas minas de ouro assignaladas no Jaraguá e no Araçoyaba e a lendaria mina de prata, que Roberio Dias disséra, ao proprio rei, ter descoberto na Bahia.

Nomeando a D. Francisco de Souza para o governo do Brasil, incumbira-lhe o monarcha de averiguar e descobrir o roteiro da mina de Roberio e de impulsionar a exploração do ouro do Jaraguá e do Araçoyaba, promettendo a D. Francisco o marquezado que Roberio Dias exigira, para entregar o roteiro.

Não tardou o governador em dar inicio a tarefa que lhe havia sido imposta e que lhe sorria, por estar no seu proposito, vindo ao Brasil, providenciar bandos para o descobrimento de ouro.

Achando-se D. Francisco de Souza no Rio de Janeiro, dirigio-se para o planalto de Piratininga em fins de 1598. Foi a Araçoyaba acompanhado por Antonio Raposo Tavares, onde examinou as minas de pedras, e, em seguida fundou uma povoação no valle das furnas, a que deu o nome de S. Felippe, em homenagem ao monarcha que o nomeára. Alli fez levantar pelourinho, symbolisando o predicamento de Villa. Essa povoação foi pouco depois transferida para a margem esquerda do Rio Sorocaba, onde está edificada a cidade desse nome.

Datam d'ahi as methodizadas e successivas pesquizas, em busca dos filões do precioso metal.

Em 1600 começaram então a ser exploradas as descober-

tas de minas, que iam sendo feitas nas immediações do morro do Jaraguá.

Levas de gentios e de pretos africanos, — que começavam a ser introduzidos na Capitania —, eram conduzidos pelos seus donos ao sopé do morro, afim de intensificarem a mineração, que promettia lucros fabulosos.

O governador, zeloso da real fazenda, providenciava no sentido de serem arrecadados os quintos do ouro extrahido, reclamado pela Metropole.

Emfim, com o esburacar da encosta do famoso pico, novas minas surgiram, cada qual mais rica e abundante. Tão abundantes eram, que Pedro Sardinha affirmava em 1604, possuir oitenta mil cruzados de ouro em pó, retirado da mina do Itay.

Regressando do sertão a Piratininga, fez D. Francisco de Souza baixar, em 11 de Fevereiro de 1601, o seguinte mandado, sobre a mineração de Monserrate, morro situado á margem direita do Tietê. Eis o thêor do mandado : Manda que todas as pessoas que quizerem ir ou mandar tirar ouro ás minnas de N. S. do Monserrate para onde o dito senhor parte quarta-feira com o favor de Deus possa tirar o dito ouro nas ditas minas, pagando os quintos delle a sua Magestade registando cada semana o que tirar para dalli pagar os ditos quintos e se lhe fundir e fazer barras de ouro que ficar e se lhe pôr a marca real de sua magestade que logo se lhe porá para qual vae o official".

E quem deixasse de assim proceder e fosse tão ousado em sonegar o producto de seu trabalho, deixando de apresentar o precioso metal á casa de fundição, "para se fundir e pôr a dita marca e armas de sua magestade e pagarem os ditos quintos com pena de quem assim não fizer e tiver ouro em pó que não fôr feito em barras no dito tempo limitado o perderá metade para captivos e outra metade para o accusador e mais encorrer em pena de dois annos de degredo para fóra da Capitania e de cem cruzados applicados pela dita maneira e que nenhuma pessoa branca ou captiva, forros ou qualquer outra que seja possam vender e nem comprar nenhum ouro salvo se for marcado e feito barras sob pena sendo homem branco

será degregado por cinco annos para Angola com baraço e pregão pela Villa e sendo indio, negros forros ou captivos serão açoutados primeiramente e sendo de maior qualidade então será degredado para fóra da Capitania e pagará cem cruzados applicados pela sobredita maneira e todo o ouro em pó que se lhe achar perdido como dito é".

Era assim o modo pelo qual os governadores procuravam attrahir homens para a exploração das minas de ouro que iam sendo descobertas. Ameaças terriveis, com degredo para a Africa, com açoites pelas ruas e acoroçoamento para torpes delações remuneradas pelas victimas dessas crueldades, pesariam fortemente sobre os mineradores que acceitassem o convite dos governadores.

Ao paulista Antonio Raposo Tavares, que o acompanhara a todas essas minas, no descobrimento de metaes, levando escravos e custeando a viagem do proprio governador, fizera elle uma honrosa excepção, nomeando-o, em 18 de Junho 1601, cavalheiro, pelos valiosos serviços que prestara á côroa hespanhola.

Continuavam sem treguas, as buscas de vestigios de ouro, nas campinas e nos morros ao derredor do Jaraguá e nos ribeirões circumvisinhos do Tietê e do qual eram tributarios.

Coube ao paulista Clemente Alvares, activo, audaz e perseverante sertanista, descobrir em 16 de Dezembro de 1606, nos contrafortes do Jaraguá-guassú e do Jaraguá-mirim, veios de ouro que acreditava fossem inexgotaveis, taes as pintas que encontrára. Requereu elle á Camara o registro dessas posses, cujas mantas de ouro vira a sudoeste da primeira serra, "que se trilha quando de São Paulo se demanda o interior, passando pela serra do Jaraguá-mirim, no braço do ultimo ribeiro a direita".

Registrou tambem as minas de bétas de Voturuna, alta e bella elevação situada nas proximidades de Parnahiba, a noroeste da cidade. Outras minas constatou elle cuja descripção fez no seu pittoresco linguajar.

"As bétas e mantas principaes", declarou Clemente Alvares, ficavam no sertão " a sahida do nosso matto ao campo do caminho Ibituruna (Voturuna) do nosso rio de Angemin

(Tietê), até o ribeiro grande seis bétas de minas as duas bétas arrevesão o caminho do rumo de Norte e Sul as outras duas ficam no proprio rumo da outra banda dos outros morros quando o omen está com o rosto para a banda do Norte ficam ellas para as costas do omen e as outras duas para a banda do rio Angemin cortando o rumo de sol do nascente para o poente pouco mais ou menos por uma quebrada grande de uma serra as quaes ao longo uma da outra".

Obteve Clemente Albares alvará de concessão de todas essas minas, explorando-as alguns annos, até que a politicagem regional que o perseguia, conseguisse sua expulsão da Villa, com determinações severas para não ser permittido o seu regresso. Isso foi em 1633. Dois annos mais tarde, foi elle readmittido no convivio dos seus conterraneos.

Novas entradas e novas descobertas iam sendo realisadas em todas as direcções e sempre com resultados positivos.

Um religioso aliado a um bandeirante, descobriram uma mina abundante em minereos e requereram posse da descoberta, afim de exploral-a. Eram elles, os requerentes, o Padre Frei Thomé e o sertanista Manoel Preto.

Em sessão da Camara realisada em 10 de Junho de 1619, foi concedida autorisação para em commum, explorarem as pedras de Secohaigeibira, onde foram assignalados vestigios de ouro. O procurador do Conselho Pedro da Silva, em eloquente e persuasiva exposição de motivos, mostrou á Camara reunida, os inconvenientes que adviriam á republica com a referida concecção. Entráram neste caso o veso politico e o ciume vesgo reinante entre os descobridores.

Em face da grande explanação dos motivos apresentados por elle, foi cassada a autorisação dada aos conceccionarios, ficando elles privados dos direitos que, nesse dia, lhes haviam sido outorgados pelos vereadores paulistanos.

Pouco depois, novas solicitações foram feitas por outros sertanistas, no sentido de serem autorisadas minerações em varios pontos.

Em carta que dirigiram ao Donatario, em 6 de Janeiro de 1620, affirmavam os mineradores, aos juizes e vereadores "que havia na serra de Araçoyaba, 25 leguas daqui para o

sertão, em terra mais larga e abastada, e perto dalli com trez leguas está a Cahatyba de onde se tirou o primeiro ouro e desde alli ao Norte haverá 60 leguas das cordilheiras de terra alta, que toda leva ouro principalmetne a serra do Jaraguá, N. S. Monserrata, a de Voturuna e outras".

Não nos foi possivel colligir dados positivos sobre os donos e exploradores das varias minas, visto serem falhos os registros que se faziam naquella época distante do nossos dias. Tambem a criminosa dispersão de valiosos documentos, muitos dos quaes se encontram em mãos de particulares, não nos permittio dar a estas informações, uma sequencia perfeita. Não obstante temos noticias aproximadas das propriedades e proprietarios do sitio, em que eram estabelecidas as diversas minas.

O sitio Jaraguá, desde a primeira concecção de sesmaria feita em 12 de Outubro de 1580 a Antonio Preto, passou por successivas transmissões. Em 1615, encontrava-se dono do sitio, Manoel Preto, filho do primeiro possuidor, o qual erigio a egreja de N. S. da Espectação do O'.

Em 1617, era proprietario de uma parte dessa gleba, por troca que fizera de terras com os selvicolas de Pinheiros, o casal Manoel Pires. Em 5 de Junho de 1646 foi o sitio do Jaraguá com sua casa de dois lances, de taipa de mão, attribuido em partilha, avaliado tudo, pomar e roça, em 55$000, no inventario dos bens deixados pelo paulista Raphael de Oliveira.

Muitos annos decorridos, em 1749, eram proprietarios o alferes Sebastião do Prado Cortez e sua mulher e em 1770, o seu filho Maximiano Pereira Martins.

Nestes ultimos annos tinha lavra de ouro no Itay, dentro da gleba, Antonio Bicudo, que adquirira do Coronel Francisco Pinto do Rego, explorador dessas minas ha varios annos.

A partir de 1670 começaram a escassear, nas minas do Jaraguá, operarios praticos na mineração; pelo axodo verificado de grande parte do elemento que minerava nesse ponto, para as longinquas paragens onde se faiscavam ouro e se garimpavam pedras, em maior escala e com maior abundancia.

Os escravos africanos e descendentes, foram levados pelos respectivos senhores, para as novas minas.

Os mamelucos acompanhavam os bandeirantes nas entradas pelo sertão e os paulistas, faziam descobertas valiosas em todos os sectores do paiz.

Os administradores das minas de Jaraguá e immediações, atormentavam-se por verem despovoadas as minas, onde até então era a população adventicia, numerosa, activa e ruidosa.

Para remediar essa diminuição nos trabalhos das minas, lançavam mão de todos os recursos, principalmente dos gentios aldeados, com autorisação da Camara paulistana.

Desse modo conseguio, em 18 de Agosto de 1680, o administrador geral D. Rodrigo Castelbranco, autorisação para retirar das differentes aldeias de Piratininga, vinte selvicolas para o acompanhar ás minas do Jaraguá em serviço de mineração, afim de supprir, em parte, a deficiencia de braços.

Sem isso, todos os trabalhos ficariam paralysados.

Decorrido apenas meio anno, em 27 de Janeiro de 1681, o mesmo administrador, tambem contagiado pelas phantasias que narravam sobre as novas descobertas e pesquizas de ouro, levou para Sabarabossú, com a expedição que organizára, os vinte indios do Jaraguá e mais cento e vinte, que conseguira nas aldeias paulistanas.

Desde o anno de 1700, vinham os arrecadadores do quinto do ouro e os directores das casas de fundição, preoccupados com as constantes fraudes que se notavam, quando davam entrada os surrões de ouro, afim de serem reduzidos a barras e dellas retirados os impostos devidos.

D'ahi o procurarem os meios de remediar o mal, que trazia grandes prejuizos para o fisco. Foi por isso, baixado um aviso ministerial, datado de 13 de Março de 1735, dando os modos de serem frustradas as fraudes e os meios praticos de serem ellas reconhecidas.

Era assim concebido o aviso :

"Os vicios que se tem achado em ouro em pó, que vem do Brasil, são Simalha de Lotação, e cobre, que dizem lhe botão os negros, esta se conhece tomando alguma porsão de ouro sospeito, e se bota em húa chicara ou vasilha vidrada, e

nella húa porsão de agua forte, e se tiver Simalha de metal, logo ferve e faz uma escuma verde, e com esta deligencia se desfaz a duvida.

A outra falcidade conforme a informação hé de granalha, qe fazem, botando Liga no ouro e deduzil-o a granitos, as quaes ficãm como grãos de munição mayores, e menores, porem differentes das faiscas de ouro, por qe estas são asperas, e a granalha hé um granito redondo, o qe é facil de conhecer, e examinar, tomando hum granito destes, e pegar-lhe com um alicate, (que estes se podem mandar) e tirar o dito grão rossando-o na pedra de toque e logo junto a elle tocar outro granito ou faisca de ouro bom, e logo se reconhece a differença de hum a outro".

A esse *tempo* as *cinco minas do Jaraguá*, estavam *ainda* em plena e intensa actividade.

Por toda a parte se abriam canaes, mudavam-se os leitos dos corregos, cavavam-se furnas na encosta do morro, furavam-se poços nas planicies e arrancavam-se das entranhas da terra, arrobas de ouro, em todas as formas.

Nesses penosos trabalhos eram empregados os mestiços, os aborigenes forros e os escravos de origem africana.

Os escravos e os selvicolas, postados em turmas de oito a dez, distanciadas umas das outras, trabalhavam desde o romper da aurora até o crepusculo, tendo por alimento, duas vezes ao dia, feijão e angú de fubá. Vestiam um simples calção de algodão, que apenas alcançava o joelho e um "surtum" de baeta ordinaria, que tiravam ao começar o trabalho.

E cantava, cada uma das turmas, as dolentes e tristes melopéas de seus paizes de origem. Com o canto, cadenciavam o rythmo do trabalho nas *canaletas das minas, fazendo coincidir* a ultima sylaba expressada, com o tinir da picareta no terreno pedregoso.

Os capatazes, sanhudos, ferozes, desalmados, empunhando látegos, que consistiam em compridas açoiteras de couro crú trançado, terminando em ponta de seis tentos de quinas vivas, cortantes como navalha, estimulavam os africanos no eito da desagregação do cascalho, fazendo estalar, em voltas rapidas e sibilantes do relho sobre suas emmaranhadas cara-

pinhas, as tiras de couro crú dos açoites crueis. A esses estalidos irritantes, correspondiam a asperas e soezes injurias dos feitores.

Não raro os estalos se faziam no torso nú e suarento do escravo quebrantado pelo mormaço e pela fadiga, deixando-o zebrado de riscas cinzentas, de onde brotavam, como doloridas lagrimas, aljofares de rubi.

Até 1800 continuou intenso o trabalho nas minas, que produziam, annualmente, a partir de 1790, uma media de 500 marcos (1) de ouro em barras. Anteriormente, porem, era essa media cinco ou mais vezes elevada.

Segundo o mappa apresentado pelo escrivão Felix Cazemiro de Figueiredo, relativo ao anno de 1791, — "em que se mostra todo o oiro que foi apresentado nesta Real Caza da Fundição de Sm. Paulo, quinto que delle se tirou para Sua Mag^e em cada hum dos mezes do anno de 1791" — as entradas montaram a 501 marcos, cinco onças, 1 oitava e 14 grãos, e o quinto rendeo 100 marcos, 5 onças e 5 oitavas. Esse ouro foi remettido para o Thezouro Geral do Real Erario de Lisboa, por intermedio da Junta da Real Fazenda da Capital do Rio de Janeiro. Foi todo elle accommodado em quatro borrachas-surrões, sendo entregue á escolta commandada pelo tenente da cavallaria da Legião de Voluntarios Reaes, Manoel Pacheco Gatto, em 18 de Abril de 1792.

A fama das fabulosas riquezas mineraes, que a cada passo eram assignaladas, ultrapassára, h via seculos, todas as fronteiras da colonia portugueza, indo ecoar nos mais longinquos paizes de além mar, despertando a curiosidade dos sabios, a cobiça dos commerciantes e a ganancia dos aventureiros.

Levas de homens de todas as castas e condições, aportavam nos desembarcadouros das nossas povoações maritimas, a procura do El-Dorado brasilico.

Entre os sabios que visitaram São Paulo, destaca-se pela argucia das observações, delicadeza e segurança da exposição, o viajante francez, Saint Hilaire, que attingio as nossas plagas em 1819, em viajem de estudos.

---

(1) Um marco corresponde ao peso de uma onça e uma oitava.

Demorou-se elle pouco tempo em São Paulo, internando-se depois pelo interior da provincia. Regressando á paulicéa, após haver percorrido varias cidades e villas e visitando as suas minas de ouro mais importantes, esteve no Jaraguá, onde se demorou muitos dias, estudando e examinando os residuos deixados pelos lavradores de ouro.

Assim, vejamos como o grande observador gaulez se expressou sobre as minas do Jaraguá, e sobre o que vira durante sua permanencia em São Paulo e nas lavras do famoso morro.

"E' triste vêr-se uma região", dizia elle, "que pela fertilidade e belleza de seu clima, merecia ser chamado um paraizo, tão deserto e abandonado pelos insensatos proprietarios, devorados, unicamente pela sêde do ouro".

Descrevendo o itinerario percorrido, noticia o visitante:

"Depois de feitas quatro leguas, chegamos as minas do Jaraguá, famosas pelos immensos thezouros que ellas produzia ha duzentos annos. Era o ouro embarcado para a Europa nos portos de Santos e de São Vicente e esse local era tido como o Perú do Brasil. O aspecto do local é irregular e mesmo montanhoso. A rocha, onde ella está á mostra, parece granito primitivo, approximando-se dos gneiss. E' entremeiado de amphibolo e, frequentemente de mica.

O solo é arroxeado e notavelmente ferruginoso. Parece estar em grande profundidade em certos logares. O ouro é encontrado, geralmente, em uma camada pedregosa, chamada cascalho, que repousa sobre a rocha. Nos valles, onde ha agua, encontram-se, frequentemente, excavações de uma extensão consideravel, feitas pelos lavradores de ouro. Algumas tem de cincoenta a cem pés de largura e dezoito a vinte de profundidade.

Em varios pontos, onde foi possivel juntar agua para a lavagem, encontram-se na terra particulas de ouro, pouco abaixo das raizes da gramma".

Ainda hoje estão patentes os vestigios desses gigantescos trabalhos, realisados com pertinacia pelos mineradores paulistas.

O interessante, porem, é saber-se como praticavam elles para explorarem essas minas, com o seu methodo primitivo, que consistia em simples lavagens.

Procuravam um corrego que estivesse um pouco ácima do nivel do local destinado ás lavagens e num certo ponto talhavam degraus, de trinta pés de comprimento e dois ou trez de largura e um de altura, afim de poderem abrir na base, uma comporta em forma de trincheira, com profundidade de dois a trez pés. Em cada degrâu eram postados seis ou oito negros, os quaes, a medida que a agua descia docemente do alto, remexia, sem descanço, a terra com as pas, até que toda ella se convertia em lama liquida e era arrastada para baixo.

As particulas de ouro contidas na terra, desciam para a trincheira inferior, no fundo da qual se precipitavam logo, em razão de seu peso especifico.

Os operarios eram continuadamente empregados na tarefa de afastar as pedras que rolavam e limpar a superficie, operação facilitada pela corrente de agua que della cahia.

Após cinco dias de lavagem, transportavam o sedimento do fundo da trincheira a uma outra corrente de agua, para alli soffrer uma segunda operação de lavagem. Para isso eram empregadas as gamellas ou bateias, como eram denominadas commumente. Cada operario, mantendo-se em pé na corrente, tomava na sua gamella cinco ou seis litros de sedimento, de uma côr carregada, tirando ao preto e composto de uma materia pesada, como o oxido de ferro, pyrite e do quartz ferruginoso. Recolhia em seguida no recipiente uma certa quantidade de agua, que o operario agitava com tal maestria, que o ouro se separava das outras substancias mais leves, indo cahir no fundo e adherir nas paredes da vasilha. Em seguida raspava o conteúdo da bateia para outra maior cheia de agua. Alli depositava o ouro e recomeçava a mesma operação. A lavagem de cada gamella, durava de oito a dez minutos. O ouro que se retirava dalli, variava pelo numero e tamanho das folhetas. Algumas eram tão pequenas, que ficavam nadando na superficie e outras attingiam o tamanho de um grão de feijão e as vezes ainda maiores. Inspectores, ou melhor, capatazes, fiscalisavam essas operações.

Quando terminavam, era o ouro conduzido para um local onde ficava para seccar.

Essas e outras exposições feitas pelo viajante gaulez, vem confirmar a nossa affirmativa, de que ainda em 1820 havia, no Jaraguá, mineração methodizada, sendo certo egualmente que nesse anno ainda existia a casa da fundição.

A attenção de Saint Hilaire, que observara o systema empregado pelos mineradores na extração do ouro, foi fortemente attrahida pelos enormes restos da mineração feita pela lavagem. Formavam numerosos moticulos, contendo uma grande diversidade de substancias, o que lhe fez conceber a firme esperança de ali achar preciosas amostras de turmalinas, de topasio e de outras christalisações, assim como uma serie de rochas que formariam um quadro geognostico do local.

"Fiquei tão empolgado por esta ideia", disse elle, que cheguei a acreditar que realmente tinha ao meu alcance, alguma das mais bellas producções mineraes do Brasil".

Assim, Saint Hilaire, — como os portuguezes, e depois como os proprios paulistas —, não escapou ao encantamento no mineral nobre. Conta elle que um dia se levantâra cedo, antes que o calor fosse demasiado forte, para trabalhar. Fazendo-se acompanhar de trez homens armados de tenazes de ferro e de martellos, dirigi-se para as minas.

Quebraram e moeram enorme quantidade de materias *quartzosas, semelhantes ao granito, em differentes estados* de composição e outras peças ferruginosas. Depois de trez dias de esforços continuados e de enormes fadigas, Saint Hilaire desistio, visto estarem suas mãos tão doloridas, que não mais podia suster o martello. Nada encontrâra que o interessasse, nem mesmo o ouro, que era abundante por toda a parte.

Acrescenta Saint Hilaire em sua narrativa: "esta contrariedade que experimentei nas primeiras minas que vi, me maguou muitissimo".

Prophecias e lendas

Muitas arrobas de ouro foram mineradas no Jaraguá pelas lavagens nas batéias, dos cascalhos auriferos. Mas o filão de ouro que existe alì, no sopé do morro, está ainda para ser descoberto.

Quantas lendas não foram creadas pela imaginação ardente e superecitada dos mineradores, que ansiavam, sonhavam, com o cobiçado filão das minas, de onde o precioso metal seria retirado aos pedaços, pois pensavam, formava extensa lage dourada, pouco abaixo das raizes do relvedo !

Nesse ansiar continuo, perscrutavam tudo, as arvores, as moitas, os grammados, a coloração do solo, afim de lhe ser facultado um indicio, leve que fosse, que os conduzissem ao encantado veio, que os havia de tornar, pela riqueza sem conta, os mais felizes e os mais poderosos dos mortaes. Na sua ingenuidade, o pobre mameluco e o portuguez ignaro, se irmanavam na crendice de realisações de factos extraordinarios, levando-os ao local exacto, ondê a terra guardava aváramente, o inextimavel thesouro dos seus nobres minereos. Irmanavam-se egualmente na persuação de que a riqueza lhes traria venturas, permittindo-lhes enfeicharem nas mãos calosas, todos os poderes da terra.

Assim, uma estrella cadente que riscasse de luz azulada os páramos celestes; um corisco, que em noites procellosas zig-zagueasse no espaço, deixando um rasto de fogo; uma nesga de nuvem destacada, que atravessasse a lua em plenitude e que se esgarçasse, tomando forma de séta, eram todos esses phenomenos, para os mineradores, indicação das jazidas, segundo as direcções que tomavam essa manifestações meteóricas.

E' possivel que alguns phenomenos impressionantes se tenham produzido, corporisando, na imaginação visionaria dos mineradores, a crença na manifestação de factos sobrenaturaes, indicativos dos pontos onde a terra avára occultava o seu thesouro. E' mesmo possivel, que a columna de fogo e fumo vistos pelos paulistanos em 1869, se tivessem reproduzido, anteriormente, muitas e muitas vezes, dando aquella maravilhosa illusão de optica, origem a lenda da "mãe do ouro", que era uma bola de fogo voando no espaço, com formas humanas.

E quantas prophecias não foram pronunciadas pelos anciãos respeitaveis, que acompanhavam os mineradores em suas udes fainas.

Entre outras prophecias, que calaram fundo no espirito simples dos caboclos, sabemos de algumas, a proposito do ouro occulto pela natureza nas entranhas da terra. Essas prophecias, até hoje correm na tradição, sempre repetidas pelos littoreanos, que ainda aguardam a sua relisação.

Um gentio já edoso, domestico e christão, residente em Cananéa, prophetisava em 1709, de que entre outras maravilhas, *havia de apparecer muito ouro no morro* do Itapitanguy, enriquecendo todos os habitantes da cidade. Olhando em éxtase para o morro Itapitanguy, cuja traducção é "monte de pedraria", exclamava o gentio : "Oh ! tu cabeça de pedra, barriga de ouro, tempo virá, que por teu ouro, destripado serás".

Ainda hoje são esperadas a realisação desta e de outras prophecias, por que as que o gentio formulára sobre varias cousas, entre as quaes a de que junto ao morro, na praia, uma náu seria construida e "nella sinos se tangeriam, missa cantada nella haveria, que muita gente ouviria", verificou-se tempo depois. E de *facto*, nesse logar *foi construido um* estaleiro e nelle a náu "Cananéa", que foi lançada ao mar, com repiques de sino e missa cantada.

Em seguida, é um individuo de nacionalidade desconhecida, peregrino, que prophetisava, tambem olhando o monte Itapitinguy. *Como o gentio*, affirmava elle que, "Fronteiro ao collegio está São Bento, e debaixo das escadas do collegio estão setecentos mil quintáes de ouro, que no vindouro por este povo repartidos serão".

Dizia mais ; "Oh ! monte e grande monte ! de teu centro *sendo minado, sairá de ouro outro monte* ; ao teu ouro grande fome adiantará, e nella por sete annos estendida pouco de vida haverá. Teu descobridor, um João, pobre será. Ai delle que por premio morte terá".

O monte de Itapitanguy, com o seu ouro, com sua pe*draria e com o penacho de fumo* e labaredas que periodicamente coroam o seu calvo cabeço, lá está, erecto para o azul, como que desafiando as gerações vindouras, a desentranharem de seu seio o segredo de suas ricas e inexgotaveis minas.

Não demorará muito, porem, em que os grandes ambiciosos do vil metal, sempre insaciaveis, irão perfurar o morro para prescrutar os mysterios do seu âmago, presumivelmente igneo.

Muitas lendas ganharam foros de realidade, tal a vulgarisação que tiveram entre os portuguezes, mestiços e gentios, que na sua simplicidade e ignorancia, ficavam empolgados pelas narrativas, ingenuas embora, mas sempre imaginosas dos mais solertes de entre elles.

A lenda que mais os attrahia, era a que contavam sobre a "mãe do ouro", a qual, em forma de mulher de belleza peregrina, com a basta cabelleira de fogo a lhe velar a nudez como um manto diaphano de chammas rubras, em noites trevosas e cálidas, alçava o vôo do pico do Jaraguá, e, em linha recta, riscava de fagulhas vivas o espaço, indo pousar no cimo do Voturuna. Outras vezes se dirigia para os lados do littoral, talvez procurando o famoso Botucavarú, na serra dos Itatins, ou o decantado Itapitanguy, o morro de pedrarias, em Cananéa.

Tinham os mineradores, que acompanhavam com enlevo esses phenomenos, produzidos, talvez, pelas emanações gazozas do solo turfoso das varzeas do Tietê, super-aquecido pela soalheira do verão, o fim de observar o trajecto, porque o rasto luminoso que a "mãe do ouro" ia traçando, correspondia, segundo a crendice, a directriz do veio ambicionado. No dia seguinte, empregavam-se todos nas pesquizas da planicie por onde o meteóro passára, na esperança de encontrarem o thesouro, que com tanta perseverança buscavam.

Outra lenda não menos interessante para os mineradores, é a que foi narrada por pessoa conceituada de Santa Luzia, Goyaz, cidade fundada pelo paulista bandeirante, Antonio Bueno de Azevedo.

Este bandeirante descobrio, no morro junto do ribeirão Vermelho, uma abundante mina de ouro, usando de um meio tão pratico e engenhoso, que se não fosse lenda, valia a pena empregal-o nas pesquizas de minas de ouro, e outros metaes, em São Paulo.

"Quando Antonio Bueno de Azevedo chegou ás immediações do terreno em que se acha edificada a cidade, collocou em terra um moleque magnetico que comsigo trazia, para lhe indicar o logar onde havia mais ouro. Taes foram os grotescos movimentos, as cambalhotas que o moleque deu, que Bueno ficou convicto de que o terreno era immensamente aurifero e deu logo começo á mineração".

Quando em 1680 estivera Bartholomeu Bueno da Silva, o famoso catador de selvicolas, nas fraldas da Serra Dourada em Goyaz, notára que as mulheres da tribu Goyá, se enfeitavam com folhetas de ouro. Dahi o facto de ser iniciada a mineração em varios pontos dos rios e das serras, indicados pelos selvicolas, os quaes, a principio, interrogados, se negavam a mostrar o local de onde estrahiam todo aquelle ouro com que se adornavam.

Para lhes arrancar o segredo que guardavam com tanto cuidado, aproveitou Bueno uma occasião em que os apanhára reunidos. Foi ter com elles, levando uma vasilha cheia de alcool, que fingira tirar do rio, a cuja margem se achavam. Intimando-os a revelarem o segredo das minas, ameaçou-os de fazer seccar todos os rios e fontes, matando-os de sêde. Diante da incredulidade dos selvicolas, deitou elle fogo a aguardente, que se inflammou logo, apavorando os pobres aborigenes.

Em face de tamanho poder, resolveram mostrar as minas. Bueno, porisso, teve o cognome de Anhanguéra, isto é, — O Diabo Velho.

Nos assentos dos Jesuitas de São Paulo está escripto, sobre a vida maravilhosa do thaumaturgo americano, um facto tão inverosimil, que só pode ser uma das muitas lendas creadas para uso dos padres da ordem.

Por occasião das constantes guerrilhas dos selvicolas contra a villa de São Paulo, tornou-se necessario, para tranquillidade da população e tambem para desembaraçar as minas encontradas no Jaraguá, da presença dos atacantes, fazel-os recuar para bem longe.

Fez parte de uma expedição armada, que atacou os gen-

tios nas margens do Tietê, o venerando Padre José de Anchieta.

A expedição navegou, perseguindo os selvicolas, até uma cachoeira alem de Porto Feliz, onde a canôa em que viajava o Padre naufragára, por ter batido em uma lage. Todos lamentavam já o perecimento do religioso, quando este surge das aguas, horas depois do naufragio, vivo e são, lendo em seu breviario, com uma luz na mão...

* * *

ANECDOTAS E DELIRIOS. — Interessantes anecdotas foram tambem contadas, a proposito de veios filões e pintas de ouro, assim como sobre o systema empregado para suas descobertas. Fica aqui assignalada uma só dessas anecdotas, para não alongar este capitulo. Outras são narradas, actualmente, pelos descendentes dos antigos mineradores.

Paulistas que ganhavam o sertão na esperança de descobrir minas, usavam de um facil estratagema, quando queriam verificar, sem os morosos e pesados processos de pesquizas, si nos barreiros ou brejaes e nas margens lodosas dos cursos de aguas que atravessavam, existia ouro.

Transitando em uma região de campo, onde sempre abundam os grandes e formosos galheiros, o bando de descobridores se dividia, passando uma parte para a margem opposta, na qual se occultava. A outra procedia a um apertado cerco aos veados, obrigando-os a atravessarem o lodaçal em determinado ponto : — o de espera. Ahi eram abatidos a tiros pelos homens "atocaiados", sendo em seguida examinados um por um. Si o local era aurifero, encontravam-se nos animaes, adherentes ao pello e nos cascos, folhetas e ouro em pó. Assim tiravam, praticamente, o necessario em carnes para o sustento, couro para os gibões e surrões, iniciando, com successo, a mineração nesse ponto.

Outros meios não menos engenhosos, contam, empregavam os paulistas para attingirem o mesmo resultado, segundo a região que percorriam.

Como essas, muitas lendas, prophecias e anecdotas fica

ram na tradição do povo, incitando os mineradores a novas e constantes pesquizas.

Os delirios occasionados pelo estado febril dos sertanistas enfermos deram occasião, tambem, a varias lendas e organisação de roteiros.

Nas duas décadas decorridas entre os annos de 1760 1780, as entradas se amiudaram, formadas, cada vez, de bandos mais e mais numerosos, indo para pontos mais longinquos e paragens mais distantes. Nesse perlustrar de novos chãos, a fadiga attingia aos robustos e destemerosos sertanistas, enfermando, em pleno coração da selva, os menos resistentes dentre elles. Então, na intensidade da febre alta que fazia o doente sonhar e delirar, viam elles correr regatos de ouro liquido, marginados de lages do precioso metal ; lagôas douradas, guardadas por sanhudos jacarés de serras brilhantes e grutas, onde gotejava ouro puro.

Nesse estado febril, ditavam testamentos e traçavam phantasticos roteiros, que levavam, caminho recto, a esses logares e aos mais ricos filões.

Ficaram de todos os cyclos das descobertas, interessante documentos, alguns veridicos, como este que vae transcripto, encontrado entre os papeis despachados pelo capitão general, Martim Lopes Lobo de Sardanha, appenso a um requerimento solucionado em 21 de Janeiro de 1782. Dizia :

ARANZEL OU ROTEL DE HAVER OURO E PEDRAS PRECIOSAS NOS CAMPOS ENTRE O SUL E O LESTE

Entrando nos ditos campos entre o Sul e o Leste rumo direito passaram dois ribeirões, e o depois passaram duas Serras; daram em um Ribeiram ensima meyo descalvado, ou com bastante pedras. Em dois Corregos que manão da Serra e fazem Barra no dito Ribeiram tem ouro com abundancia. Subindo a Serra dobrando para traz tem outro ribeiram mais pequeno, como uma Cachoeira: pelo barranco assima da Cachoeira tirarão o Ouro em pedassos. Hiram para diante, pendendo para o sul alguma coisa; subindo e dessendo algumas Serras, não mui alcantiladas, darão com um vargedo grande que atolla tem quatro ou cinco palmos de Lodo, abaixo tem bom cas-

calho, e tem grandiosa pinta. Hiram adiante e daram com uma Lagôa grande na veyra desta Lagôa fese hum sucavão, tirouse ouro em pedassos, e muitas pedras que não soubemos conhecellas de varias cores e pareciam serem presiosas todas. Isto de Sorocaba picando o Matto, serão oyto ou dez dias. Por estar para morrer e já não ter esperanças de vida, fasso este aranzel deixando para os viventes ; muitos annos não quiz declarar estes haveres ; e quem achar com este meu Roteiro Os haveres dittos, peso me mande dizer quarenta missas outras quarentas pellas mais necessitadas almas.

V — de S. Paulo, 1.º de 7bro de 1781. Antonio Mendes he o que andou por estas partes.

* * *

O JARAGUÁ LOGRADOURO PUBLICO — E' sabido que o nosso Brasil é, em toda a sua vastidão, rico em mineraes. Seu sólo occulta jazidas inexgotaveis de todas os minerios mais uteis e mais preciosos. E em São Paulo, o ouro em pó, em folheta e em granito, pouco ou muito se encontra ainda por toda a parte, bastando escavar ou remover terra, uma vez que a bateia, agitada por mãos habeis, seja posta em acção.

O precioso livro do grande historiographo brigadeiro Machado de Oliveira, "Quadro Historico da Provincia de São Paulo", informa que até no morro do Carmo, onde se erguia o vestuto casarão que servira de convento aos padres Carmelitas, edificio ora em demolição, os rapazes da cidade, em tempos idos, apanhavam ouro nos barrancos piçarrentos, cortados pelas enxurradas. A esse tempo, solertes faiscadores, gamella em punho, catavam ouro no Ypiranga, no Tamanduatehy e no Anhangabahú.

Segundo uma communicação feita pelo primeiro bispo do Brasil, ao rei D. João III, em 12 de Julho de 1552, tambem foi colhido ouro nos mangues do Cubatão, junto aos desaguadouros dos riachos que desciam da lombada do Paranapiacaba.

No Jaraguá e seus contrafortes, ainda hoje os moradores daquellas cercanias, faiscam, nos dias de folga, nos ribeiros que manam da montanha. Assim tambem, após as grandes chuvas, catam ouro em pepitas, trasidas no alluvião.

Neste momento emprezas extrangeiras, substituindo os rotineiros faiscadores por machinismos apropriados, reencetaram proficuas pesquizas, das quaes estão já colhendo optimos resultados.

Após uma minuciosa visita que será feita em toda estructura dos dois morros paulistanos, traremos ao conhecimento do sodalicio, em nova palestra, tudo quanto ainda remanescer do periodo aureo dos successivos cyclos de mineração do Jaraguá.

O morro do Voturuna, rico em ouro, cujo principal filão foi encontrado ha pouco e está sendo explorado por uma companhia ingleza, é uma elevação isolada da serrania, demorando a grande distancia do Jaraguá, com o qual não se identifica.

Esse morro, assim como as *suas antigas* lavras, será objecto, opportunamente, da leitura, neste recinto, de um novo estudo.

Modernamente quizeram os edis paulistanos dar ao lendario morro, um nobre destino, qual o de nelle ser installado, para goso do publico, um grande Jardim e Parque Zoologico.

O morro do Jaraguá estava predestinado, pelo seu lindo feitio, pela belleza de suas mattas e abundancia de mananciaes, que listam as enconstas cascateando marulhosos pelos granitos de seus leitos, a se tornar um ponto encantador pára reunião dos paulistanos e dos excursionistas que visitam a nossa terra.

Quando foi aventada a idéa patriotica, da creação, na Capital, em logar apropriado, de um Jardim Zoologico e Botanico, os terrenos do Jaraguá foram logo apontados, por serem elles os que melhor preenchiam as condições exigidas para esse fim, pela vasta area de mattas que ainda possuiam, e por demorar a pouca distancia da cidade.

Em 14 de Agosto de 1926, o vereador Snr. Innocencio Seraphico, em eloquente discurso, pronunciado na sessão da Camara, justificou a necessidade de ser creado um Jardim Zoologico para goso do publico e incentivar o desenvolvimento da sciencia correlacta e classificação das especies da fauna e flora brasilica.

A idéa da creação de um estabelecimento identico, vinha já de longe, pois em 1922, o vereador Paiva Meira, apresentára um projecto de lei, autorisando o prefeito a entrar em accordo com os proprietarios do Jardim da Acclimação, onde existiam varios especimens da zoologia, afim de ser nelle installado um jardim da fauna brasileira. O local, verificado por uma commissão technica, foi posto de lado, por não servir ao destino que se lhe queria dar, pela exiguidade de sua area.

Nessa occasião, outros logares foram examinados. O Parque Antarctica, o Parque da Avenida Agua Branca, foram tambem julgados insufficientes.

Na vanguarda dos que propugnavam pela creação do importante estabelecimento, estavam o scientista Dr. Franco da Rocha e o brilhante chronista das "Coisas da Cidade", Dr. José Martins Pinheiro Junior, os quaes, pelas columnas do "O Estado de São Paulo", traçaram o rumo a seguir pelos membros da edilidade paulistana.

Logo que teve aprovação o projecto do Snr. Seraphico, ficou o prefeito com o encargo da escolha do local, juntamente com a commissão para esse fim nomeada.

Nessa occasião o vereador Snr. Major Luiz Fonseca, actual presidente da Camara, justificou uma emenda ao projecto, autorisando o prefeito a adquirir o terreno necessario, no sitio do Jaraguá, mediante avaliação previa ou permuta com terrenos municipaes.

Em 26 de Outubro de 1926, as commissões reunidas de Justiça, Hygiene, Obras e Finanças, deram sobre o projecto, um parecer que veio assignado por todos os membros das referidas commissões e do qual damos alguns excerptos. Entre os signatarios do parecer, encontra-se o nome do illustre confrade, Dr. Diogenes Ribeiro de Lima, operoso e activo vereador.

Eis os termos do parecer:

"Os terrenos da tradicional Fazenda do "Jaraguá", pela sua situação, topographia, aréa, mattas exhuberantes, opulentas vegetações, e ricos mananciaes de preciosa agua de que é dotada, preenche integralmente as condições aconselhadas

pelos modernos systemas que vêm sendo praticados nos paizes adeantados, á constituição de um Jardim Zoologico.

E' o que, "mutatis mutandis", consta de varias apreciações feitas pela imprensa local, quando da divulgação do projecto de lei n.º 44, do corrente anno, da iniciativa do illustre e operoso vereador Dr. Innocencio Seraphico, que entre outras providencias, pelo seu artigo 1.º, "autorisa o Snr. Prefeito a crear um Jardim Zoologico Municipal, destinado ao uso publico, e onde serão conservados especimens das faunas exotica e brasileira".

A proposito da installação do futuro logradouro, pelo "O Estado de São Paulo" de 4 de Agosto deste anno, o reputado scientista e administrador Snr. Dr. Franco da Rocha, entre outras considerações, assim se manifestára:

"O Jardim Zoologico não é simplesmente um logar de diversões, de descanço agradavel para muita gente, aos domingos e feriados; muito mais do que isso é um instituto que faz parte, forçosamente, do apparelhamento da instrucção publica. Será um dos meios suggestivos, fortes, para estimular o estudo de sciencias naturaes. Por esse meio se transformará um estudo arido, enfadonho, cacete (o termo chulo, aqui, não tem substituto...) num estudo attrahente, encantador, cheio de bellezas e, além do mais, de incontestavel utilidade.

A botanica será alliada da zoologia. No Jaraguá, ha um terreno abundante para um instituto de botanica ao lado do zoologico. Já nestas columnas tive occasião de dizer, ha tempos, que o "Jaraguá" preenchia todas as condições para um Jardim Zoologico, a par de qualquer outro instituto, por exemplo, de botanica.

Quem negará a benefica influencia que essas duas fundações hão de exercer sobre o povo de São Paulo?

Quanta gente de boa disposição ou inclinação para esses estudos não virá receber dalli impulso ou estimulo inicial para uma carreira brilhante e quiçá cheia de descobertas notaveis para o futuro da agricultura brasileira?

Ninguem, de bom senso, poderá negar de boa fé o valor immenso dos institutos a que estou me referindo nestas linhas.

Ao lado do Jardim Zoologico se organizará, seguramente, uma sociedade scientifica para a discussão de questões palpitantes, de interesse geral para o nosso paiz.

. . . .

A occasião é magnifica para a acquisição da fazenda "Jaraguá", antes que sejam arrazadas as mattas que ainda lá existem e que dentro em pouco não mais existirão.

Será um descuido imperdoavel o deixar-se arrazar a unica porção de mattas que ainda se encontra nos arredores de São Paulo e de facil accesso ao publico, pois está vinte minutos de trem a partir da Estação da Luz.

Não sou eu a pedir que o Governo, o da cidade ou o do Estado, se aposse, para o publico, daquella propriedade livre, aquella nesga de matta virgem do machado desapiedado. O local está talhado para o fim que apontamos ; já o disseram Carlos Hoehne, o botanico, e o chronista das "Cousas da Cidade".

Do flanco daquella montanha, jorra uma fonte abundante de agua fresca e limpida, mais que sufficiente para alimentar o jardim, que lá se fizer. Só isso constitue uma riqueza. A extensão do terreno dá para se organisar um jardim zoologico moderno, como o de Syndey, na Australia, onde se procurou dar aos animaes a apparencia de liberdade e aos visitantes a illusão de estarem os animaes no seu "habitat" natural. Baniram desses jardins, as gaiolas infectas, repugnantes, que exhalam mau cheiro, além de inconveniente de permittirem aos animaes o estrago da propria pelle, pelo attrito contra as grades de ferro. Os animaes assim amarrotados, perdem a bellera do ssu aspecto natural.

O chefe do governo municipal e estadoal, que deixar esse beneficio a São Paulo, terá seu nome perpetuado numa obra que os vindouros louvarão sem discrepancia. Os amantes das sciencias naturaes têm suas esperanças no actual governo e esperam que o jardim zoologico será uma realidade dentro de pouco tempo".

Um criminoso attentado se verificou, porem, emquanto o morro do Jaraguá era objecto das cogitações dos edis,

no sentido de lhe ser dado um fim nobre e patriotico, tornando-o um dos mais lindos logradouros publicos do mundo, dada a sua incomparavel belleza e situação.

Foi elle, desapiedadamente, despido da sua linda floresta virgem, encanto e orgulho da nossa gente. Para o fim que o destinavam, era indispensavel a matta secular que tanto o aformoseava.

O morro, as vezes ainda azul, de encostas ingremes, mesmo desnudo como está, continua exercendo, sobre os excursionistas, justificada fascinação, pois nos alterosos cimos da mais alta elevação, mais extensa e bella planura, convida o visitante a passear suas vistas em derredor, extasiando-se na contemplação da planicie esmeraldina e risonha, sulcada pelo serpear prateado das corredeiras christalinas.

O estreito caminho por onde se galga a encosta, cheio de sulcos transversaes produzidos pelas continuas ascensões, constitue agora, desprovido da matta que o ladeava até o pico, um sério perigo para os que ousam por elle se aventurar Um passo em falso, é o vacuo, é o despenhadeiro. Causam vertigens o declive rapido, a escabrosidade e os seus profundos e escuros grotões. Na queda, o infeliz, não encontrará uma planta, uma raiz para detel-o.

Muitos tem sido os accidentes occasionados pelas difficuldades do trilho pedregoso e escorregadio, que, em suas curvas, tangencia precipicios e abysmos insondaveis.

Não ha muito, em 8 de Janeiro do corrente anno, (1929), a imprensa da Capital noticiou um lamentavel desastre, qual o da queda de um jovem extrangeiro, que attrahido pela linda silhueta do morro, sobre o qual tantas lendas ouvira, ali fôra, em uma clara manhã de sol.

Assim noticia o caso uma folha matutina, sob o titulo: "Cahiu do Pico do Jaraguá".

Ernesto Haltz, de 24 annos e residente em uma pensão em frente ao Hotel Terminus, á rua Brigadeiro Tobias, tendo ido á Perús, subiu até o pico do Jaraguá, em companhia de dois amigos.

Atordoado com a altura em que se viu, Ernesto sentiu-

se fraco das pernas cahiu, sendo depois de ter rolado cerca de cem metros, amparado por uma saliencia da montanha.

Seus companheiros, a muito custo conseguiram apanhal-o removel-o para esta Capital, já em estado agonizante. A Assistencia, examinando-o,constantou ter soffrido ferimentos em todo o corpo e fractura do craneo.

Impõ-se a aquisição e o reflorestamento do morro, com as nossas originarias essencias florestaes. Isso poderá ser realisado com relativa facilidade, fazendo-se transportar mudas das frondosas mattas das serranias visinhas.

Aos illustres paulistas, Drs. Julio Prestes e Pires do Rio, membros de alto relevo deste sodalicio, presidente do Estado e governador da Cidade de São Paulo, entregamos a patriotica tarefa de recompor o nosso patrio monte e nelle installar o parque botanico e zoologico, onde serão reunidos todos os melhores exemplares da nossa flora e da nossa fauna, antes que de todo desappareçam das mattas o dos campos brasileiros. Com esse grande serviço prestado á São Paulo e ao Brasil, ficarão os nomes dignos patricios, etermamente na gratidão do povo.

Quem, como nós, percorrer as cercanias do Jaraguá e examinar de perto as grandes excações levadas a effeito pelos mineradores, observando os canaes abertos para desviar os ribeirões para os pontos de lavras, ficará empolgado pela grandeza do trabalho, pela ininterrupta e perseverante acção do paulista, em arrancar dos cascalhos ingratos, escassa messe de ouro. Não ha porém, que admirar nesses contemporaneos dos grandes bandeirantes, que mais longe e mais audaciosamente levaram os seus esforços.

Donos da mais rica região do globo, tinham os paulistas o dever de se tornarem fortes pela luta e fortes pelo retemperamento da alma, afim de serem dignos do grande thezouro que lhe estava confiado, — este rico e admiravel Brasil —. Filhos desta terra, incumbia-lhes a sua defesa e continua vigilancia.

Eram elles os responsaveis perante a historia, pela integridade do solo brasilico, cuja grandeza e feracidade, provocam

ainda a cobiça e a inveja dos abutres que espreitam, com olhares cupidos, este nosso formoso Brasil, que inspirou ao autor da "Historia da America Portugueza", estas lindas palavras :

"O Brasil, vastissima região, felicissimo territorio, em cuja superficie tudo são fructos, em cujo centro tudo são thezouros, e em cujas montanhas e costas tudo são aromas, tributando os seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos o mais suave balsamo, e os seus mares o ambar mais selecto ; admiravel paiz a todas as luzes rico, onde prodigamente profusa a natureza se desentranha nas ferteis producções, brotando as suas cannas esprimido nectar e dando suas fructas sazonada ambrosia Em nenhuma região se mostra o ceu mais sereno, nem madrugada mais bella a aurora ; o sol em nenhum outro hemispherio tem raios mais dourados, nem os reflexos nocturnos mais brilhantes.

"As estrellas são as mais benignas, e se mostram sempre alegres. Os horizontes, ou nasça o sol, ou se sepulte, estão sempre claros ; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras. E' emfim o Brasil terreal paraiso descoberto, onde têm nascimento e curso os maiores rios, domina salutifero clima, ins fluem benignos astros, e respiram auras suavissimas".

SOROCABA
DOS TEMPOS IDOS

CONFERENCIA REALIZADA NO INSTITUTO

PELO

Dr. Affonso de Freitas Junior
(SOCIO EFFECTIVO)

Sorocaba dos tempos idos

Ao findar-se o seculo XVI, lá pelos annos de 1598, inaugurava o paulista Affonso Sardinha, com successo, os trabalhos de mineração nas montanhas do Araçoyaba, visitado pouco depois pelo governador geral D. Francisco de Sousa, o ambicioso preposto de Sua Magestade El Rey D. Phelippe III de Castella e II de Portugal. E para que não deixasse de ser satisfeita a cobiça do valido do magnata castelhano, dava-lhe Sardinha um dos dois fornos catallães com que explorara as riquezas avaramente guardadas no seio da terra.

De nada, entretanto, valera a avidez do senhor D. Francisco para o progredimento dos trabalhos, e, já em 1629, estava extincta a exploração das minas, cujos preciosos minerios eram guardados, segundo a crendice indigena, por fabulosos duendes que povoavam a "lagoa dourada", assente no cume do Araçoyaba.

Assim morreu a industria minerea que a indomita energia de Sardinha levara a explorar nas plagas desconhecidas da terra sorocabana. Morrera a industria, mas, nascera, crescera e desenvolvera-se a povoação, tornada villa, edificada cidade. As gentes que acompanharam Sardinha estabeleciam-se no valle das Furnas, nas proximidades das montanhas, em Itapebuçú, tambem chamado Itavuvú, onde D. Francisco de Sousa mandara levantar pelourinho e denominar São Phelippe, em homenagem a El Rey de Castella e Portugal que o nomeara governador geral do Brasil.

E' por essa época, então, em 1654, que Balthazar Fernandes e seus genros André e Bartholomeu de Zunega fixam-se em uma eminencia da margem esquerda do rio Sorocaba, onde Balthazar erige um templo a Nossa Senhora da Ponte e doa-o com terras, plantações e escravatura indigena, aos 21 de Abril de 1660, aos reverendos padres da ordem de São Bento, do mosteiro de Parnahyba, com a obrigação desses sacerdotes rezarem no referido mosteiro, cada mez, uma missa por intenção da alma do doador e outra, no dia da festividade da padroeira, "para todo o sempre". No anno seguinte, aos 3 de Março de 1661, estava officialmente creada a villa pela provisão passada a favor de Balthazar Fernandes, por ordem do governador geral Salvador Corrêa de Sá e Benevides, mandando se installasse a Camara de Sorocaba.

* * *

Sorocaba torna-se um dos centros bandeirantes da capitania de S. Paulo, sendo a "primeira povoação em que costumam entrar os mineiros e mais pessoas que vêm das minas de Cuyabá", segundo a affirmativa do governador Rodrigo Cesar de Menezes, na patente de capitão mór passada a 3 de Dezembro de 1723 ao sorocabano Gabriel Antunes Maciel.

Sorocaba é ponto de passagem para as bandeiras que vão para o sul. Mais ainda. E' o berço dos destemidos e famosos bandeirantes Miguel Sutil, Antonio de Almeida Falcão, Gabriel e João Antunes Maciel, Fernando e Arthur Paes de Barros, que dalli partiram chefiando memoraveis bandeiras.

A formação dessas bandeiras, nessa época, punha em alvoroço o povo do villarejo : grandes e pequenos, ricos e pobres, potentados e desvalidos, todos queriam partir nas expedições sertanistas.

Os meados do seculo XVII até o inicio do XVIII foram a alvorada de dias gloriosos para a terra sorocabana.

Ainda não raiara a manhan e já se aprestava a caravana para a partida. Era um ról de gente a confessar, a commungar, a ouvir missa e a recommendar-se em suas orações á Nos-

sa Senhora da Ponte para o feliz exito na aventura dos sertões. Gente de raça branca, de raça vermelha, de raça preta e de raça cruzada. Brancos, caboclos, mamelucos, cafusos, negros e indios mansos. Senhores de latifundios e de escravatura indigena, sacerdotes e poviléo. Todos commandados pela vontade ferrea do bandeirante chefe. Faziam-se as despedidas na vespera, entre parentes e amigos, na crença, para muitos, de que nunca mais voltariam do seio das selvas.

Nos casarões de largos beiraes e janellas de rotulas das sesmarias, testemunhas silenciosas e guardas discretos dos segredos daquelles lares patriarchaes, no recesso das paredes de taipas, sob o telhavão dos alpendres, nas immensas varandas solarengas, palpitavam corações de donzellas e matronas ao estreitarem nos braços os peitos destemidos e varonis dos entes queridos, sofregos de glorias conquistadoras, anciosos por perlustrarem sertões ignotos. E nas alcovas escuras de humildes ranchos de páo a pique, mal allumiadas por candieiros fumegantes, ajoelhavam-se vultos contrictos de mulheres, que soluços irreprimiveis estremecem, desfiando rosarios de capim, em preces murmuradas deante de toscos oratorios. . . Rezavam por aquelles que se engajavam na bandeira.

As lendas do "El dorado" e da "Fonte da Mocidade", narradas de geração em geração, desde o descobrimento do Novo Mundo, seductoras como os contos maravilhosos d'"As mil e uma noites" com que a princeza Sheherazade encanta e captiva o terrivel sultão Shariar, accende o lume da cobiça nos olhos dos aventureiros. Crê-se nas riquezas lendarias com a imaginação exaltada daquelles argonautas que Jasão levou á Colchida em busca do Vellocino de Ouro. Quer-se desvendar o mysterio do "El dorado" : contemplar o rei desse reino fabuloso, auriferamente pulverizado, magnifico e refulgente como uma estatua de ouro, que habita um sumptuoso palacio branco, construido de marmore e de pilares de pórphyro e de alabastro. Os aqueductos de ouro conductores de prata liquida a jorrar das fontes internas do palacio lendario, as pedrarias preciosas scintillantes ao reverberarem as luzes dos altares de prata, guardados por leões acorrentados em cadeas de ouro massiço, as montanhas de crystal que circumdam o

palacio maravilhoso, fascinam a alma do conquistador, fustigando-lhe a ambição. Todos buscam o "El dorado".

Todos querem seguir as pégadas de Orellana que, daquellas paragens trouxera duzentos mil marcos de ouro e pedrarias de esmeraldas. Todos querem banhar-se na "Fonte da Mocidade", que deveria existir no amago das florestas sombrias e longinquas. E todos partem para o sertão.

As correntezas do Tietê levam-nos de Ararytaguaba em pirógas e igarités para os mysterios reconditos das brenhas. Após a missa e a bençam das canoas pelo sacerdote, com a assistencia do capitão-mór uniformisado, do alto dos immensos barrancos cortados a pique sobre o rio legendario estrugiam tiros de bacamartes e agitavam-se lenços dos que ficavam em despedida aos que partiam. Dos batelões, esbatidos nas nevoas da madrugada, correspondiam ás "salvas" com o atroar dos mosquetes, emquanto, por entre as embarcações, razando a superficie das aguas, esvoaçam em torvelinho andorinhas alvi-negras, pipilantes e festivas. Ao som dos repiques dos sinos da villa partem de Porto Feliz os desbravadores.

Tambem de Ararytaguaba partiam os bandeirantes sorocabanos, quando não desciam em monções o proprio rio Sorocaba nos tempos das enchentes.

A bandeira experimenta o crisol da adversidade.

Nos gibões algodoados dos bandeirantes encravam-se as envenenadas flechas selvicolas hervadas de mapoão. Esborcinam-se os rostos dos pioneiros da civilisação nos recontros cruentos com os filhos das florestas.

A cachorrada amestrada estrafega a dentadas as "peças" indias que se não rendem. Na lucta contra o sertão o pioneiro do progresso é como uma esculptura humana não esbarbada — é um escarabocho de gente, desbragado de trato, catadura rebarbativa. Desseccou-se o coração do javardo nos combates ferozes.

Rude, aspero, desabrido, era tambem o bandeirante obstinado, pertinaz, perseverante e persistente. Ninguem como elle para vencer os trabalhos exhaustivos das interminas viagens pelas regiões desconhecidas, transpondo ipueiras perigo-

sas,igapós pestilentos e abrindo veredas pelas mattas virgens, onde dissimuladamente se occulta em ciladas o inimigo vigilante e implacavel. Ninguem como elle para resistir áquellas terriveis doenças dos sertões, as terçans, as sezões, as camaras e as corrucções ou maculos, cujo remedio heroico era o tremendo saccatrapo. Ninguem como elle para supportar revezes, miserias e soffrimentos physicos e moraes. Soffre-os e não se abate. Continua animoso, intrepido e resoluto. Audaz, ousado e temerario, vae sem trelho e nem trabalho, quando não tem a róta demarcada, devassando serranias á cata dos fabulosos thesouros. Espirito inculto, mal recebendo, ás vezes, uma ensaboadela de primeiras letras, o bandeirante possue as mais raras virtudes ingenitas, virtudes desconhecidas dos aulicos da corte d'El Rey Nosso Senhor Todo Poderoso de Portugal. Orgulhoso, elle prefere dar a pedir. Balthazar de Borba Gato deante d'El Rey D. João IV, a quem fora entregar vultosos presentes em ouro enviados pelos paulistas, responde ao soberano, quando este, acostumado ao servilismo mendicante dos cortezãos, lhe diz que peça alguma cousa.

— "Se nós vimos dar, como havemos de pedir" ?

A altivez de caracter e a independencia moral do paulista não lhe permitte ir ao *jubé domine* d' El Rey, em cuja corte se dobram em mesuras louvaminheiras os bonecos de engonços da cortezanice de olhos ávidos no cofre das graças...

Sincero, franco e leal, o paulista serve a El Rey com respeito mas, sem subserviencia.

O capitão-general D. Luiz Antonio de Souza Botelho definindo-lhe a envergadura moral e physica, dava ao governo da metropole, a 11 de Dezembro de 1766, estas informações: "São os paulistas, segundo minha propria experiencia, grandes servidores de Sua Magestade. No seu real nome fazem tudo quanto se lhes manda, expõem aos perigos a propria vida, gastam sem difficuldade tudo quanto têm, e vão até o fim do mundo sendo necessario. O seu coração é alto, grande e animoso, o seu juizo grosseiro e mal limado, mas de metal muito fino ; são robustos, fortes e sadios, e capazes de soffrer os mais intoleraveis trabalhos".

Chamou-os Saint-Hilaire "raça de gigantes".

Quando empenhavam a palavra em algum compromisso, cumpriam-na ainda com o sacrificio da propria fortuna. Fernando Paes de Barros, o riquissimo parnahybano, chegou aos extremos da pobreza por ter de pagar inesperadamente por um amigo de quem fora fiador. Essa era a época em que o fio de barba tinha mais valor que documento, porque era sagrado.

A deusa das cem nozes reboa no Velho Mundo, pelas tubas da fama, o estrondejar dos bacamartes, escopetas, e arcabuzes das bandeiras paulistas nos entrefolhos das selvas brasilicas.

E Sua Magestade El Rey, vestindo-se dos trajes da candura, solicita aos famosos cabos de tropas a organização de bandeiras exploradoras, escrevendo-lhes cartas assignadas de proprio punho, titilando-lhes a vaidade e promettendo-lhes honrarias, privilegios, cargos e patentes. Mas, quando os carumbés e as bateias dos garimpeiros e faiscadores despejam arrobas de pedras e metaes preciosos nas arcas sem fundo de Sua Magestade, verificam os bandeirantes, com estupefacção, que El Rey Fidelissimo de Portugal ardilosamente, astuciosamente, embusteiramente, embaia-os, a quasi todos, com promessas não cumpridas, fallaciosas e refalsadas.

Era assim a potestade fidelissima da metropole!...

E assim foi que os desenganos desfolharam as crenças dos paulistas na fé jurada dos reinóes.

* * *

Finda a epopéa do bandeirismo, para a qual contribuiu Sorocaba com o melhor de sua gente, resurge ella, com immensa notoriedade, na vida social, commercial e economica do paiz com o florescimento de suas famosissimas feiras.

Certo dia, lá pelos mezes de Abril ou Maio de cada anno, surgia a noticia alviçareira, propagada de bocca em bocca na multidão de povo que accorria de todas as provincias do Brasil:

— Rebentou a feira!

Rebentava com a venda dos primeiros lotes de animaes. Dos campos do Jundiacanga, do Jurupará, do Jundiaquara, do Ipatinga, do Nhambirú, do Itinga, do Vossoroca, do Itanguá, da Entrada, de todas essas pastagens verdejantes e extensissimas que formam o Campo Largo, onde estacionavam as tropas, vinham ellas, passando pela cidade de Sorocaba, onde pagavam o imposto na "barreira" ou "quartel", junto ao rio. Eram tropas de mais de cem mil bestas. Manadas de cavallos. Pontas de bois. Rebanhos de carneiros. Varas de porcos. Milhares de cavallos. Milhares de bois. Milhares de carneiros. Milhares de porcos. Levavam o dia todo a passar. Cada especie por sua vez. No dia das tropas, só cavallos ou bestas. Seguiam-se as boiadas, os carneiros e os porcos. Entravam na cidade pelo largo do Gado (hoje Independencia), rumando pela rua das Tropas (7 de Setembro), largo de Santo Antonio, rua do Hospital (Dr. Alvaro Soares) e, marginando o rio Sorocaba sahiam pela "barreira". O gado era todo caracú e franqueiro.

Nos campos os compradores escolhiam os animaes. Apartava-se "por riba", quando a escolha recahia sobre o "florão" da tropa, as melhores e mais bellas bestas e, "por baixo", quando nas refugadas. Na fazenda o patrão mandava logo atrelar o burro chucro á almanjarra para girar em torno da moenda. O animal extranhava o arreiame, fungava, recurvava a cabeça junto ao peito, comprimia as ilhargas estourando em couces e corcovos, emquanto os negros captivos desancavam-no a pauladas. De repetente a azemola levantava-se nas patas, empinava e cahia de nuca, morrendo instantaneamente.

— Tire o "rato". Venha outro. Gritava o "sinhô" para a negrada. E vinha outra mula. E mais outra. E mais outras ainda, até que, ao findar-se a feira, não raro, metade do lote tinha morrido ao ser amansado.

Nos "rodeios" e "desentreveros" nos campos das "rondas", vastissimos e ondulantes como as cochilhas sulinas, junto aos capões da "mulata" ou das "gallinhas", das restingas e banhados, onde bebiam as tropas e as seriemas, as garças, os colhereiros, os soccós e os patos selvagens, que enchiam de

animação e alegria aquellas campinas, ahi os laços da gauchada faziam prodigios de habilidades pealando de "cucharra", de "sobre-lombo" e de "reborquiada".

Eram lindas as tropas. Cavallos de todas as cores. De cores rarissimas alguns, como o azulego, de pêlo oveiro, marchetado de pintas brancas e pretas e que de longe parecia azul. Baios. Baio-amarilho, baio encerado, baio-ruano, baio-sebruno, baio-pangaré, de crina branca. Bragados, de pêlo vermelho com manchas brancas pela barriga. Colorados. Alazões. Gateados. Gateado-rosilho, gateado-oveiro, gateado-cabos-negros. Douradilhos, da côr do pinhão. Lunarejos. Malacaras. Zaino-malacara, vermelho-malacara. Oveiros. Oveiro-negro,oveiro-vermelho, oveiro-chita. Pangarés. Picaços, todo negros, calçados de branco. Rabicanos. Rosilhos. Rosilho-vermelho, rosilho-prateado rosilho-lazão, rosilho-mouro. Sebrunos. Ruanos. Lobunos, acinzentados como lobos. Tordilhos. Tordilho-negro, tordilho-vinagre, tordilho-sabino. Zainos. Zarcos. Pampas. Tobianos. Tobianos malhados de branco e preto, semelhantes ao que montava o Brigadeiro Raphael Tobias em Sorocaba, donde a origem da denominação dessa côr equina vulgarisada em todo o sul do Brasil e corrente, como argentinissimo, na visinha republica platina, cuja procedencia originaria é ainda alli ignorada.

* * *

Ao declinar do dia, quando os arrebóes do crepusculo vespertino tingiam o horizonte de listões vermelhos como rubi, illuminando de tons carmineos esmaecidos a coma do arvoredo dos capões de matto e colorindo de cochonilha desmaiado a macéga das campinas fugidias de Campo Largo, a agua tranquilla e transparente dos banhados reflectia, como num espelho muito polido, o céu lilaz, limpido, apenas com uma nuvensinha espichada, côr de fogo, semelhando uma garça de ouro em vôo rapido para colher no bico uma estrella pequenina que principiava a tremeluzir.

Nessa hora do occaso do sol, do morrer da tarde, hora triste naquella solidão erma dos campos, em que se apagavam pouco a pouco, lento e lento, manso e manso, as luzes do dia, desdobrando-se sobre as planicies o manto violaceo que a

noite negreja e recama de esmeraldas scintillantes, nessa hora de *recolhimento*, ecoavam os sons amortecidos dos toques de buzina dos campeiros distantes a juntarem o gado nas "rondas" e nitridos longinquos que se avolumavam, cresciam, augmentavam e generalisavam-se. Dezenas, centenas, milhares de relinchos, orneios e mugidos repercutiam nas barrocas. Era o sentimento instinctivo e insopitavel da "querencia", de infinda tristeza, que fazia o gado sentir a funda saudade dos rincões nativos. E entrava pela noite a dentro aquelle coro dorido e angustioso de vozes selvagens.

* * *

Por essa época os festejos populares de São João se revestiam do maior encanto. Havia festa na cidade e na roça.

Na fazenda despontava festivo o dia ao bimbalhar dos sinos da capella e espoucar de rojões. A manhan clara, de atmosphera crystalina, céu azul e sol luminoso. O casarão solarengo do fazendeiro, de largos beiraes, caiado de branco e pintado de azul nas rotulas e portaes, domina no alto da collina. As aragens, impregnadas de perfumes silvestres, esse cheiro bom, caracteristico e inconfundivel da roça, soprando na folhagem das casuarinas e nos renques de eucalyptos, marulham como si fora o mar. Perpassa pelo vento o mugido do gado nas pastagens, a toada dos campeiros choutando a creação nas invernadas, a cantilena onomatopaica do "jucalerê" voejante pelas moitas da capoeira. Bandos de rolas arrufando as penas banham-se nos esguichos dagua vasante das calhas. Bate o monjolo compassadamente no pilão. Pelas cercas cobertas de *cipó* de São João florescido em cachos vermelhos, pelos tapumes de madresilvas brancas e amarellas e nas touceiras de maravilhas roxas e bogaris alvos e perfumosissimos, tatalam azas irisadas de borboletas multicores em revoluteios doidos e torvelinham abelhas velutineas e sussurantes.

Pipila e gorgeia o passaredo em farandola pelos ares, nos escaninhos mysteriosos das alfombras, nos entrefolhos das ramarias.

A's portas dos ranchos cobertos de sapé encardido de picuman, caboclas vestidas de chita bem "vermeia," a fazerem

cafuné nas cabeças dos "piasinhos" somnolentos, "lagarteiam" ao sol, "aquentando" o delicioso sol das manhans de junho. Berra o bem-te-vi na paineira, gritam as saracuras nas tabúas, urra o touro brasino na mangueira, rechina no carreador o carro tirado por juntas de bois caraúnos, jaguanés e chitas. Vaccas barrosas chamam pelos terneiros. Cabritinhos cabriolam desengonçadamente, correndo assustados, si perto cucurita um gallo com grande empafia de ruflar de azas.

Aos poucos vão chegando a cavallo e nos "bangués", carregados por burros de guizos chocalhantes nas coalheiras, as familias da cidade para a festança.

Ao cahir da noite, após a reza, accendem-se as "caieiras" e as luzes da casa do "senhor", das senzalas, dos ranchos, dos galpões, dos telheiros, das tendas e dos barracões, apinhados de gente. No alpendre do solar e no terreiro cruzam fieiras de lanternas multicores.

Queimam-se fogos. Rodinhas, pistolões, chuveiros, enchem a escuridão da noite de phantasmagorias luminosas. Foguetes, bombas, gyrandolas e baterias, riscam de fogo o céo com estrondos atordoadores. Foge o gado do curral amedrontado com tanta fuzilaria. Potrancas espantadas, de cabeça erguida e orelhas canutadas, fungando, levantam a colla em carreiras desabaladas pelos piquetes. A creançada faz toda a sorte de diabruras. Solta buscapés que saem rebentando. E' só gente pulando e descompondo.

— Olhe a Fabricia, "taque" um nella, gritava o "sinhosinho" na cosinha e a negra rotunda corria rebolando como uma pata. As bacias viradas de borco davam corcovos quando estrondavam em baixo as carteiras de bichas chinezas. Cachorro e gato sumiam, porque Cazuza sapecava todos a buscapé. O mico lá dentro da gaiola, nem assobiava mais, fechava os olhinhos e cobria a cabeça com as mãos, quando via Jangote chegar o tição acceso no pavio da carteira de traques. O papagaio ensandecia nessa noite: á cada estampido afflava as azas e respondia com berros allucinados.

A barulheira da creançada pelas salas, varandas, quartos e corredores do casarão atordoava nhá Emerenciana, nhá Esmeria e nhá Vidóca, cançadas de tanto ralhar. As "mamans"

pretas esconjuravam as "judiarias". Nos varandões do solar "sinhás-moças", á luz das "serpentinas", arrepanhando as saias e ajoelhando nas cadeiras, debruçadas sobre as mesas, tiravam a sorte entre cochichos e risadas brejeiras.

No terreiro quando o balão subia era uma festa. Roqueiras "urravam" no chão. Trabucos detonavam para o ar nas mãos da caboclada. Em redor das fogueiras cambalhoteava a molecada em algazarra. Pirralinhos de sete annos, filhos do "sinhô-véio", com tições accesos já corriam atraz dos negrinhos, brincando de queimal-os... Cachorros latindo, rosnando, mordiam-se e formavam "rolos" levantando o poeirão do terreiro, com grande susto do mulherio, que suppunha fossem os maridos já engalfinhados nalgum "arranca-rabo"...

Espigas de milho, cará, canna, batata doce, tudo era assado nas "caieiras". Na noite fria, como era gostoso o "quentão" reanimador! No fundo de extensas vallas crepitava o brazeiro, onde o churrasco, o delicioso churrasco de "matambre", macio, cheiroso e fumegante, despertava apetites devoradores.

* * *

Do lado das senzalas resoam écos surdos, abafados, como repercutidos das entranhas da terra, em rythmo acelerado, galopante e ribombante dos retumbos do "tambú". Roncando, rufando e estrondejando, rebenta o samba bulhento e rebolado no reboliço despejado, desmanchado e "desconjuntado" da negrada. Saracoteia ullulante a turba negra desvairada. Eh! Samba! "Peneira" samba! E bumba que bumba e bumba que bumba e bumba que bumba e rebumba o bumbo em rebumbos. Curveteando, umbigando "peneirando" na dansa bambolhante, rompe com o canto captivo:

"Dizem quando o branco morre
Que Jesus Christo o levou,
Mas quando o preto é que morre
Foi cachaça que o matou"...

E respondem os parceiros trovejando em côro :

"Mas quando o preto é que morre
Foi cachaça que o matou"...
Repica o sambista :
"A desgraça quando fere
Não escolhe qualidade :
Fere o rico, fere o pobre,
Fere a propria majestade".
E o coro resoa :
"Fere o rico, fere o pobre,
Fere a propria majestade".
Novo descante :
"O ovo tem duas gemmas
Uma branca, outra amarella :
A pinta que o gallo tem
O pinto nasce com ella"
E o coro outra vez :
"A pinta que o gallo tem
O pinto nasce com ella".

Eh ! samba ! "Peneira" samba ! E bumba que bumba e bumba que bumba e bumba que bumba e rebumba o bumbo em rebumbos.

* * *

No galpão o fallario da caipirada emmudece quando o violeiro torcendo as cravelhas da viola, encordoada de novo e enfeitada de fitas de côr, retesa as cordas, ponteia a "prima", "rasgando" no "canutilho", na "toeira" e na "turina". O baixão "ajuda" o tiple do cantor. Alli estão os mais afamados violeiros da Caputéra, do Cajerê e do Avecuia.

E cantam em versos originalissimos a tragedia ou a comedia da vida roceira, com observação atilada, graça subtil e sarcasmo ferino, qualidades inherentes ao espirito inculto mas extremamente vivaz e lúcido do caboclo brasileiro. Cantam a noite toda, sem repetir suas composições poeticas decoradas ou improvisadas a pedidos insistentes dos circumstantes.

E o trovador não se cança de cantar. E o auditorio não se farta de ouvir. E é desse poeta nato, de memoria fidelissima, imaginação inexhaurivel, éstro deliciosamente mordaz, ironico e motejador, que se disse ser triste como o curiango, incapaz de fazer modinhas, não passando do "tempero" da viola... Tremenda falsidade.

O violeiro exerce real prestigio na alma dos sertanejos e no coração das caboclas. Quem teve convivencia nesse ambiente conhece bem essa verdade.

Seu talento poetico e musical dá-lhe personalidade altamente suggestiva. Elle canta o romance da Pulcina, aquella morena de mungangas e tregeitos matadores, que punha caveira de boi na parede do ranchinho, pra livrar o Lacrino da sua alma do feitiço das mulheres... O casamento do Ditinho, que foi transferido, porque não havia foguete e nem doce de cidra... Caipira não casa sem rojão... O "serviço" do Cannabrava que enterrou a "lapeana" até o cabo no sangrador dum "quebra abarbarado", que fazia olho azevieiro para nhá Bina, e foi dizer á Justiça que déra um "cutucão" no talsinho... O casorio da filha do coronel, de flagrante zombaria.

"E' dia do casamento
Da "fia" do "coroné",
Ha grande contentamento,
Cerveja, doce e café.

Na sala "tudo" enfeitada
Onde tem de se "casá",
A noiva está arrumada
E o noivo "num qué chegá".

"Cadê" o noivo, minha gente,
"Pregunta" a comadre Flóra
Que "veno" tanta demora
De "esperá" fica impaciente.

Nisso vem a nhá Tudinha
E grita : "seu coroné"
O noivo "tá" na cosinha
"Tirano" bicho do pé".

Formavam-se rodas onde a caipirada "batia" o "truco". Em cada cartada fuzilavam remoques.

— Pulga não se "insia", mosquito não leva "freio", "truco" no meio, papudo do mais "vermeio", berrava o Dorvo, soccando a mesa, com cachaça no "bucho" e a vista "turtuviada".

— Eu sou pé e não sou de sapé, reboque de igreja velha, esteira de bechiguento, sapiquá de lazarento, replicava o Lameu, amarello que nem joá bravo...

E o "truco" acabava logo, apartados os jogadores, antes que o "quatro paus" fosse a "lapeana" ou a bocca de fogo.

* * *

Findas as feiras a cidade de Sorocaba retornava á monotonia da sua vida habitual. Não obstante, havia rumores que que lhe tiravam o socego. O malhar compassado e paulatino nas bigornas dos ferreiros e o retinir doutra bigorna — os berros das arapongas nas boticas, azoinavam os ouvidos da população. Em todos os corredores de casas particulares hav a gaiolas de passaros. Lojas, vendas e barbeiros tinham araras e papagaios. Araras enormes, lindissimas, de caudas compridas e plumagem deslumbrante. "Araras-pyranga", vermelho e azul. "Canindés", amarello e azul. "Ararunas", azul ferrete. Até araras pretas, "araramas", que appareciam no tempo das feiras.

Os papagaios falavam. Nas lojas de "fazendas seccas", conforme a pittoresca denominação da época, o "louro" animava o freguez. — "O' que fazenda linda", "que barateza de cambraia", "você está vendendo com prejuizo patrão".

Nos botecos da rua da Margem, porém, era outro fallar.

O papagaio verde eriça as penas, encrespa-se todo, rufla as azas e berra num grande espalhafato para o cachaceiro que está emborcando um copazio de geribita :

— "Você já pagou a conta, caloteiro ?" e gingando o corpo de um lado para outro — currupaque — papaque... currupaque-papaque... currupaque-papaque...

* * *

Nas escolas régias havia diariamente côro cantado da taboada e do "b-a, bá", ecoante longe pelos recantos da cidade silenciosa.

Bons tempos, esses! Quanta saudade não desperta nos velhos sorocabanos a recordação daquellas épocas! Até os "bolos" da "santa luzia" não eram assim tão desagradaveis! Quanta scena picaresca entre o mestre-escola e a creançada!

No largo da Matriz tinha o padre Lessa uma escola. Todos os dias, ás duas da tarde, visitava-o, para o café, o amigo Salustiano, inveterado tabaquista, que se fazia annunciar batendo com os nós dos dedos na caixa de tabaco, fallando da porta :

— Dá licença, padre Lessa ?

— Entre, a casa é sua.

Emquanto cavaqueavam os dois amigos, fungando o reverendo o seu rapé, Salustiano, que tinha o máu vezo de espionar os meninos, ia delatando-os ao mestre-escola que castigava promptamente o peralta :

— Já de joelhos, seu malandro ! E era o fedelho exposto á hilaridade publica, ajoelhado em frente á janella, de mãos postas, com uma carapuça de orelhas de burro na cabeça. A meninada resolveu tirar desforra do Salustiano. E tirou mesmo. No dia seguinte, quando o Salustiano amigo tornava para o cafésinho das duas, ao transpor a soleira da porta, sentiu que o degrau da escada inopinadamente lhe falseara sob os pés ... depois de espichado de bruços no chão ...

Na rua da Redempção leccionava outra classe o professor Benedicto Estevam Cordeiro. Esse professor tinha por habito desenhar figuras no quadro negro para que os discipulos reconhecessem-nas. Certa vez, esboçou um demonio com cascos e orelhas de burro e, chamando um alumno recem-chegado á escola, vindo do sitio, perguntou :

— Jango, que é isso ?

E o Jango respondeu logo :

— E' "mecê" ! ...

Cursava a escola do padre Lessa um menino, cujo pae era fabriqueiro da Igreja, pelo que o petiz tornara-se assiduo frequentador do templo catholico, vendo ahi, habitualmente, além do pae, nhô Hyppolito, thesoureiro duma das irmandades, e nhô Joaquim da Capella, mordomo da confraria do Santissimo, sempre occupado nos serviços dos altares. Por occasião dos exames finaes foi o menino arguido pelo padre Lessa, sobre cathecismo, materia ensinada nas escolas, por ser a Igreja unida ao Estado nessa época. Pergunta então o padre :

— Quantas são as pessoas da Santissima Trindade ?

— São tres, responde o alumno.

— Muito bem. E quaes são ellas ?

— Uma é papae, outra é nhô Hyppolito e outra é nhô Joaquim da Capella !...

* * *

A meúdo quebravam o silencio da cidade toadas em cadencia com pancadas retumbantes de pilões :

"Oiá, saravá" povo,
"Oiá, saravá" povo,
"Aham"...

Eram escravos benguelas, em magotes de vinte ou trinta a pularem taipas, cantando com attenção para não "mancar" o rythmo. Cantavam cadenciadamente em todo serviço pezado que demandava força. Doutro extremo repercutia nova toada :

"E' ricóca, é ricóca"
"Bum"...
"E' ricóca, é ricoca"
"Bum"...

E os pilões cahindo com estrondo sobre as taipas extremeciam o chão.

A's vezes o proprio "senhor" feitoriava o serviço de bodoque em punho, atirando pelotadas no captivo mollengo que não queria "curimá".

A' hora do descanço fumavam os benguelas pedindo "pangó", como chamavam á folha de fumo, embora não fosse a nativa de Angola :

— Inguêi cucípa ? (Você pita ?)

— Cucípa. (Pito).

— Nãne cucípa ? (O que é que você pita ?)

— Inguêi cucípa pãngo (Eu fumo "pango")

— Inguêi cutambúra pra mêno (Então você me dá um pouco para mim).

Em Sorocaba havia negros de todas as nacionalidades africanas. Benguelas, cabindas, angolas, moçambiques, congos, cassanges, muiambanos, monjolos, cambundás e minas. Distinguiam-se pelas linguas que fallavam e pelos caracteres physicos. Os minas lanhavam o rosto e furavam o beiço.

Pipas em carrocinhas percorriam as ruas vendendo agua tirada do rio Grande, como era conhecido o Sorocaba, porque os chafarizes do Bom Jesus, de Santo Antonio, do Rosario e da Matriz, guardados por policiaes, devido ás brigas dos escravos, não bastavam para o consumo do publico.

* * *

As festas religiosas revestiam-se de grande pompa e solemnidade. O povo comparecia em massa ás procissões, em que os fieis penitentes, em cumprimento de promessas, carregavam cruzes, pedras e potes d'agua. Das sacadas de maçanetas de vidro de côr pendiam colchas da India, de damasco, chamalotadas, de brilhante effeito decorativo.

A' noite eram acesas as fieiras de incontaveis lanternas multicores de papel ou de vidro, penduradas nos ganchos de todos os batentes de portas e janellas. Sorocaba apresentava nessas occasiões aspectos feéricos. Musica não faltava. Na fa-

mosa banda "Sete de Setembro", de Pedro de Mello, cada musico era artista completo no seu instrumento. Porisso, foi ella comparada á dos "Permanentes", de S. Paulo, pelo proprio mestre desta banda, o extraordinario regente Mimi Caetano.

Nessas noites sahiam as "sinhás-donas" para as igrejas levadas em "cadeirinhas" pelos escravos, deixando em casa as "sinhásinhas" embaladas nas redes pelas mãos da "maman" preta, que lhes cantava, para adormecel-as, uma cantiga monotona :

Durma menina
Que o bicho "ivem"
Papae foi "na" roça
Mamãe tambem.

Tutú Marambaia
Saia do telhado
Deixe esta menina
Dormir "socegado"

Tutú Marambaia
Não venha mais cá
Que o pae da creança
Te manda "matá".

Nos domingos, ao primeiro repique dos sinos da Matriz, passavam escravos levando cadeiras para suas "sinhás" assistirem á missa do meio dia. Ao terceiro repique estava o templo repleto de fieis. Terminava a solemnidade religiosa ao som do hymno nacional, tocado á elevação da hostia consagrada no altar.

Meninas de dez e onze annos já usavam vestidos compridos.

Ai dellas se o vestido não cobrisse a botina de duraque de elasticos ! A lingua das comadres não tinha osso...

Era um problema para as "sinhás-moças" sahirem á rua, de saia-balão em dia de vento...

Em complemento ás festividades religiosas havia sempre "cavalhadas" no largo Frei Baraúna.

Nos mais lindos cavallos, nos mais nobres especimens equinos, nos mais fogosos corceis de estampa modelar, enfeitados de fitas, ensilhados com arreios de prata e caronas de pelle de jaguar, dignos da fama conquistada pela terra das celebres feiras de animaes, cavalleiros habilissimos exhibiam-se nos torneios, em pelotões de "mouros" e "christãos", evoluindo em figuras de "zero" duplo, "zero", "cruzes", "diagonaes", "borboleta", em ataque ás "cabeças" nos palanques e no chão, com pistolas, espadas e lanças, luctando em "quebra garupa", e fazendo demonstrações nos "jogos de laranjas", "corte de canna" e "argolinhas".

As flamulas, os galhardetes, os palanques, os damascos nas archibancadas, tudo de côres vivas, a musica, os applausos ou as vaias da multidão, os rojões, alegravam o ambiente, cuja nota seductora reflectia dos encantadores semblantes do mundo feminino, trajando mantilhas e penteado em bandós com immensos pentes de tartaruga "trepa-moleques".

* * *

No fim do anno as festas de Natal, Anno Bom e Reis reuniam nos sobradões de Sorocaba todos os parentes dos sitios e fazendas.

Unia-se a familia num vinculo forte. Presentes eram trocados de casa em casa. Uma ceia opipara servia-se após a missa do gallo. No Largo de Santo Antonio rebumbava o samba.

Presepios eram armados em toda a cidade. Nas casas ricas como nas pobres. Os do Bandeira, do Chico de Barros, do Fructuoso de Pinho, eram os mais afamados.

Dentro da gróta, entre avencas, guainxumas, cordões de frade, barbas de pau, lichens, begoneas silvestres e orchideas, repousava o Menino Deus na mangedoura de musgos, illuminado por lamparinas de azeite de mamona, junto de animaes de louça e monjolinhos movidos a agua corrente, que punham a a creançada a estourar de curiosidade.

Era um relago para as "crias", os molequinhos das negras escravas, contemplarem o presepio, nesse dia em que todas as creanças ganhavam presents, ellas, tão pobresinhas, que passavam a infancia sem um brinquedo, porque a pobreza dos paes não podia presenteal-as.

E a mãe preta, sentindo a decepção do filho, mostrava a figura do recem-nascido nas palhas do cocho da estrebaria, consolando-o :

— Olhe meu filho, o Menino Deus é pobrezinho como você !

Ah ! 13 de Maio, como vieste a tempo, redemptora data !

Eis, senhores, Sorocaba dos tempos idos ! Vislumbrada através das transparencias do véo da saudade. Essa commovedora lembrança que torna presente o passado e revive imagens queridas...

Cidade de tradições venerandas !

Sorocaba !

Eu te saudo, terra legendaria !

ULTIMOS DIAS DA MONARCHIA EM SÃO PAULO

CONFERENCIA REALIZADA NO INSTITUTO

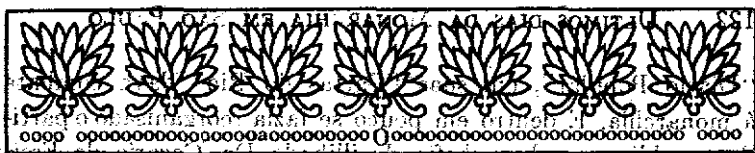
PELO

Dr. Francisco José da Silveira Lobo

ULTIMOS DIAS DA MONARCHIA EM SÃO PAULO

CONFERENCIA REALIZADA NO INSTITUTO

PELO

Dr. Francisco José da Silveira Lobo

Ultimos dias da Monarchia em São Paulo

A generosidade com que vos fui apresentado, os conceitos honrosos com que o illustre Snr. Dr. Affonso de Freitas, digno Presidente deste Instituto, disse da insignificante e apagada acção do propagandista da Republica, poderiam preparar-vos a surpresa de uma expectativa desfeita, si o que ides ouvir não tivesse de ser, como é, exposição documentada de factos, os quaes, aqui mesmo neste auditorio, encontrarão testemunhas e parciarios.

Senhores: Vindo para São Paulo em 1884, iniciei a minha collaboração na propaganda republicana na gloriosa cidade de Itú.

Ahi predominava a grande e justa autoridade do chefe monarchico conservador Barão de Parnahyba que, pelo seu feitio de lhaneza e affectuosidade, conquistava dos republicanos seus adversarios politicos, sem o esquecimento de seus credos, sem abdicação de vigilante exame das cousas publicas — treguas e despreoccupação de organisação partidaria.

Entre os meus correligionarios consegui logo estima um pouco mais accentuada do que a sympathia da hospitalidade dos ituanos que se fizera em torno de minha pessôa e dos de minha familia.

Viram elles em mim uma actividade de doutrinador que seguia lições de meu tio e mestre Aristides Lobo o qual no

"Diario Popular", em suas "Cartas do Rio" dava combate á monarchia. E dentro em pouco se fazia reorganisado o partido republicano sob a chefia do illibado Dr. Cezario de Freitas, cabendo-me o posto de secretario do directorio.

Sem quebra do respeito pelos adversarios, sem ataques impertinentes e molestos, entramos desde logo na preparação de alistamento de eleitores para uma justa eleitoral com a apresentação da candidatura de Cezario de Freitas a um posto na Assembléa Legislativa da Provincia, em contraposição a candidatura do Barão de Japy, irmão do Barão de Parnahyba, que, como este, gozava de grande acatamento e de grande influencia em Itu e no districto em que se ia ferir a eleição.

Essa minha actividade politica e o conceito que della fizeram os chefes republicanos de São Paulo, crearam para mim a consideração e amizade de todos elles e, dahi, a possibilidade de encontrar-me, nos acontecimentos que vou narrar, entre esses Chefes, com elles partilhando riscos e responsabilidades dos ultimos dias da monarchia em São Paulo.

Não me alongarei. Expliquei a razão da minha occasional acção nos actos e nos factos sobre os quaes vou depor.

Consenti, Senhores, que comece pela leitura de um depoimento de Aristides Lobo, em um banquete que lhe foi offerecido e a Saldanha Marinho, quando eleitos para a Constituinte, banquete a que não compareceu o velho chefe republicano, nelle se fazendo representar pelo seu companheiro amigo.

Entre os convivas se contavam Quintino Bocayuva, Campos Salles, Solon e grande numero de republicanos que tiveram responsabilidades na revolução de que resultou a queda da monarchia e a proclamação da Republica.

Eis o que dizia Aristides Lobo :

> "Pedindo permissão para volver os olhos sobre o facto revolucionario operado no paiz em 15 de Novembro, o orador declara que, no seu modo de entender, não foi elle devido apenas á acção militar, á intervenção unica do exercito e da armada: — pensa que aquelle glorioso

facto não pode ser encarado sinão como representando um prolongamento, um distendimento, se quizerem, uma conquista inevitavel de principios já implantados, o resultado de uma propaganda feita em todos os espiritos.

"Os adversarios politicos da Republica têm grande empenho em circunscrever a vida do partido á data gloriosa de 15 de Novembro.

"Esta pretenção é absurda em principio, é um attentado contra a verdade dos factos perante a historia, (apoiados).

"E' absurda em principio, porque as revoluções não se improvisam, nem se fazem a caprichos de ninguem.

São sempre a resultante da marcha das idéas e dos acontecimentos, produzem-se atravez dos tempos, determinando uma congregação de *actividades convergindo* com todos os seus esforços, com todas as suas abnegações, com todos os seus sacrificios para a realização de um principio.

"E' tambem um attentado perante a historia. A revolução de 15 de Novembro não é um facto sem antecedentes, não é uma causa productora de uma idéa inopinada, é uma consequencia de vinte annos de trabalho, de *luctas e de sacrificios*, quando não se queira remontar a um passado mais distante ! E' um resultado logico e inevitavel da marcha das idéas, (apoiados) da formação lenta e penosa das convicções affirmadas *dia a dia* nesses vinte annos de propaganda republicana em nossa patria !

"Foi a custa dos esforços penosissimos dessa propaganda, que o exercito e a armada, bem como todas as classes do paiz puderam achar-se unidas em torno da idéa democratica, que já se havia apossado de seus sentimentos, puderam elevar-se a toda a altura das aspirações nacionaes". (apoiados e applausos).

"Foi por meio dessa propaganda tenaz, perseverante e continua, sustentada e mantida por homens convencidos, que elles viram afinal triumphantes os seus principios, foi a despeito de todo o desdem, porque esta patria estava

habituada a não crêr em cousa alguma, a não acreditar na sinceridade politica dos homens publicos, pois que essa fôra a educação da monarchia, mas foi a despeito de tudo desse desdem, dessa incredulidade impenitente — que o partido republicano conseguiu plantar sua bandeira nas ameias do poder. (Apoiados).

"Dahi o facto revolucionario de 15 de Novembro.

"Testemunhas presenciaes podem felizmente depor nesse processo, affirmando a filiação republicana do glorioso movimento de 15 de Novembro.

"Eis como os factos se passaram:

"Teve o orador accidentalmente occasião de receber as primeiras confidencias das intenções que dominavam na classe militar antes do insurgimento. Eis os termos em que lhe falaram: "Vimos procurar-vos da parte do exercito; elle está disposto a insurgir-se, não somente contra o governo mas contra as instituições existentes, para realizar a transformação politica de nossa patria e pede o concurso do partido republicano. Não queremos fazer uma bernarda de quarteis, mas é nossa firme resolução substituir a instituição monarchica pela instituição republicana" — (Applausos prolongados; apoiados dos Srs. Quintino Bocayuva e Campos Salles".

"Foram estas as palavras de Solon (applausos e acclamações ao Coronel Solon) esse braço ingente da revolução. (Apoiados). Foram estas as palavras de Menna Barreto, de Bandeira e de tantos outros, almas tão possuidas, como a de Solon pela idéa republicana! (applausos e apoiados). Elles como tantos outros de seus companheiros tinham no coração a Republica; o exercito queria a Republica porque era republicano! (Apoiados).

"O partido republicano não podia deixar de collaborar no facto revolucionario de 15 de Novembro, de acceital-o, de partilhar a sua responsabilidade perante a Nação, perante a historia, porque seria repudiar a sua propria causa e mentir ao seu destino.

"Mas é evidente que tudo isso foi um producto, uma resultante logica dos acontecimentos, um effeito genuino, necessario, fatal dos esforços da propaganda, que calou em todas as classes sociaes e que penetrou no coração do exercito e da armada, reunindo-os como uma só entidade nessa jornada gloriosa.

"Um testemunho maior, se é possivel, porque é mais insuspeito, porque é absolutamente imparcial, porque é de um adversario que constituia uma das forças mais consideraveis dos partidos monarchicos — o testemunho do Sr. Paulino de Souza — que pode ser invocado, que o orador invoca em apoio do que acaba de dizer.

"Disse elle após o 15 de Novembro: "perguntaram-me se não era possivel organizar uma opposição, uma resistencia, e eu respondi que tudo estava feito, que só havia a esperar a adhesão unanime e absoluta de todas as provincias."

"Esse depoimento é mais do que isso porque é uma sentença, um verdadeiro julgado; é o epitaphio da monarchia !

"Assignalo esses factos porque é preciso deduzir delles consequencias actuaes e de futuro.

"Fique, pois consignado que o facto revolucionario de 15 de Novembro foi genuinamente republicano !

"Temos, pois, como consequencia immediata que esse movimento militar foi uma consequencia logica e inevitavel das idéas republicanas que esposou.

"E' isto que a historia ha de dizer, porque esta é a verdade".

Aristides Lobo, assumindo tão grande responsabilidade no seu e no nome dos seus dois queridos companheiros — Saldanha Marinho, retido em casa por grave enfermidade e Quintino Bocayuva, ausente em Minas, e que Aristides chamára immediatamente ao Rio, iniciou logo com Benjamin Constant, com quem os tres illustres militares citados em seu depoimento o puzeram em contacto, os primeiros passos para a agremiação de elementos revolucionarios.

Então Aristides escreveu a mim, seu sobrinho e seu discipulo, a carta que vou ler.

Essa carta, Senhores, foi endereçada a Exma. Sra. D. Anna Lisboa, esposa do nosso querido e saudoso José Maria Lisbôa, esse creador de jornaes dedicados á defesa de todos os interesses legitimos e de todas as aspirações generosas da Nação que elle fizéra sua e á qual queria servir com dedicação e alma desasombrada e confiante, acolhendo collaboradores de elite, que, disseminavam ensinamentos sãos, diffundido idéas alevantadas e dignas sem doestos e sem virulencia de linguagem.

Assim, Senhores, foram elles, José Maria Lisbôa e sua digna esposa, os primeiros em São Paulo que conheceram o segredo desse movimento que se iniciava no Rio e deveria repercutir nesta querida terra onde os republicanos conquistaram fóros de pujança maxima na propaganda.

Eis a carta :

CHICO JOSE'

Preciso de ter aqui e com toda urgencia o Glycerio, mas o Glycerio principalmente. No lugar delle, só pode servir o Campos Salles.

Se o Glycerio não estiver ahi, chama-o com urgencia, por telegramma de onde elle estiver.

Não communiques este meu recado a ninguem.

Recebi as tuas cartas e fico certo, do encaminhamento que estás dando á vida.

E' isso mesmo, prosegue e vê se tomas pé.

Adeus.

Saudades a Thereza e muitos beijos nos pequenos.

Do tio

ARISTIDES LOBO

Como me cumpria, no dia seguinte, 6 de Novembro, telegraphei a Francisco Glycerio pedindo que viesse a esta Cidade. O recibo do telegrapho conservo ainda em meu poder.

Feito isso procurei Campos Salles, fil-o inteirar-se do conteúdo da carta de Aristides Lobo, dizendo-lhe do chamado por mim endereçado a Francisco Glycerio e pedindo que o secundasse e se preparasse a partir no caso de impossibilidade do nosso querido Chefe e amigo.

Campos Salles promptificou-se logo a attender ao chamado e prometteu-me secundar o appello feito a Glycerio.

No dia seguinte, 7, Glycerio estava em São Paulo e reunido com Campos Salles, e Bernardino de Campos, no escriptorio destes a rua da Imperatriz, hoje 15 de Novembro, interpellaram-me se tinha algum esclarecimento explicativo do chamado de Aristides Lobo.

Respondi-lhes que nada sabia alem do que continha a carta recebida, mas presumia eu que se tratasse de tentativa de renovação de conjura que em Junho desse mesmo anno se fizera para um movimento revolucionario e que abortára, porque alguns dos chefes republicanos recusaram dar-lhe assentimento, esquivando-se ás responsabilidades que se lhes exigia.

Pareceu aos meus dignos chefes um tanto phantasiosa a minha presumpção, mas, resolvida a viagem de Glycerio, consentiram em crear um codigo para communicações deste com os seus dois correligionarios.

Esse codigo tinha por thema a incumbencia a Glycerio de entabolar um emprestimo agricola dos que fazia o então governo.

Ficou estabelecido que o banco que faria o emprestimo seria o exercito ; o penhor agricola offerecido, seria o elemento republicano de São Paulo e com elle o Regimento de Cavallaria aqui aquartellado para o qual pediamos introducção junto aos officiaes; o curador dos menores, no caso de organisação de junta revolucionaria e como presidente desta, Americo Brasiliense, e, assim por deante com detalhes e providencias urgentes.

Na noite de 7 de Novembro seguio Glycerio para o Rio, tendo antes, nesse mesmo dia, recebido eu de Aristides Lobo seguinte telegramma :

Lobo — Noite. Central.

Recebeste minha carta? O homem vem ou não?

Alfandega, 6, 11, 89.

Pela manhã de 8 de Novembro sahimos Campos Salles e eu em busca de Americo Braziliense e encontrando-o na rua da Imperatriz convidamol-o a conversar em um café. Ahi Campos Salles expondo a situação em que nos achavamos referio-lhe a indicação feita de seu nome para a organisação e presidencia da junta revolucionaria. Com surpresa nossa o antigo chefe declarou-nos que não acceitava acompanhar nossa tentativa esboçada porque desejando a Republica não a acceitava feita pelo exercito, não a comprehendia implantada pela soldadesca!

Pedio-lhe Campos Salles e pedi-lhe eu que por honra sua guardasse segredo sobre o que haviamos revelado e despedimo-nos indo ao encontro de Bernardino de Campos e Rangel Pestana aos quaes referimos o nosso desapontamento.

Campos Salles, Bernardino de Campos e Rangel Pestana já haviam chamado a esta cidade Prudente de Moraes e outros chefes do Amparo e Campinas, e tambem já haviam communicado aos membros do Directorio do Partido o que se passava.

Adolpho Gordo devia partir para o Rio de Janeiro onde tambem se achava Emilio Pestana e destes contavamos obter noticias.

Na noite de 8 de Novembro, estava eu no "Diario Popular" assistindo as festas de anniversario preparadas pelos que nelle trabalhavam com bella ornamentação das officinas e das salas de redação, quando ahi fui procurado por Medeiros e Albuquerque que, chegado do Rio fôra a minha casa e desta enviado ao "Diario".

Entregou-me o jovem litterato republicano a carta de apresentação de Aristides Lobo que vou ler:

CHICO JOSE'

Segue para ahi o Dr. Campos de Medeiros.

Vae ver a tua irmã, como te dirá, mas precisa que te ponhas ao serviço delle, pois não conhece absolutamente o terreno.

Podes ter nelle absoluta confiança pois a merece. E' literato, poeta distintissimo e republicano.

Deixaste-me sem resposta. Porque ?

Adeus.

Teu tio,

ARISTIDES LOBO

Rio de Janeiro 7 de Novembro de 1889.

Rapidamente disse-me que precisava conversar com Campos Salles e resolvida a nossa ida immediata a casa deste — não quiz eu, entretanto, sahir sem apresental-o ao nosso querido José Maria Lisbôa. Fiz a apresentação dizendo-lhe a qualidade de enviado de Aristides Lobo.

Lisbôa offerecendo a Medeiros uma taça de champagne, emocionado saudou-o com effusivas palavras secundadas por acclamações dos convivas. Agradecendo o jovem poeta quasi revelou a incumbencia que trazia pelo enthusiasmo com que falou da Republica em caminho da victoria !

Poucos instantes depois sahiamos do "Diario" em demanda da casa de Campos Salles. Ahi chegados e acolhidos com as mais carinhosas demonstrações de amizade e de curiosidade quasi febril — ouvimos de Medeiros e Albuquerque o que Aristides Lobo mandava communicar-nos.

Referia Medeiros que, como suppunhamos, era um movimento revolucionario republicano sob a responsabilidade do Directorio do Partido, contando-se entre os conspiradores Deodoro da Fonseca, Benjamim Constant, Solon, Mena Barreto Sebastião Bandeira e outros republicanos militares e civis. Detalhou ainda que Deodoro já havia chamado Floriano Peixoto a sua residencia e com este tivéra entendimento favoravel ao movimento.

Referia Medeiros o seguinte episodio : Chegando Floriano á casa de Deodoro fôra interpellado pela Senhora de seu velho camarada sobre o motivo da visita. Respondera Floriano, que percebera temores nessa interpellação, que ahi ia convidal-os para o baile dos chilenos e instava para que não faltassem a essa festa que se preparava com brilhantismo excepcional. Após alguns momentos de palestra, pedio elle

a Senhora D. Marianninha que lhes mandasse dar uma chicara de café, como era de costume servir-se excellente em casa tão hospitaleira.

Retirando-se a Senhora para attender ao pedido — Floriano interpella seu velho amigo assim : O que manda de mim, seu Manoel ? Deodoro respondeu-lhe : Estamos com um movimento preparado e contamos com você. — Floriano indaga: — Para derrubar o Ministerio ? — Não, retruca Deodoro, vamos além, eliminaremos a Monarchia, faremos a Republica. Floriano então disse-lhe : se vão até a Republica, contem commigo — amanhã darei a minha demissão. — Ao que, com vivacidade, retrucou Deodoro : Não dará a sua demissão. Precisamos de você ali para garantir-nos, para evitar quanto possivel o ensanguentamento da Patria! Não póde recusar-nos isto. E' o posto — que designamos a quem acabamos de confiar nossas cabeças. Prometteu Floriano cumprir essa determinação e após rapida troca de idéas tomaram o café que interrompendo-os lhes apresentava a Sra. D. Marianna, retirando-se Floriano.

Esse episodio, Senhores, me foi confirmado pelo glorioso Floriano Peixoto, quando em 1893 tive a fortuna de combater a seu lado e com sua honrosa confiança a revolta da esquadra chefiada por Custodio de Mello.

No dia 9 pela manhã acompanhei o embarque para o Rio, do enviado de Aristides e delle ainda ouvi que fizéra a viagem até Barra do Pirahy com Benjamim Salles Pinheiro que lhe revelara, em nome de Aristides Lobo, outras minudencias sobre a acção que rapidamente se desenrolava na Capital, sendo de prever para breves dias a revolução.

Bernardino de Campos que já se entendera com o dr. Silva Pinto, chefe republicano do Amparo, seu dilecto amigo, verificando pelas informações que nos trouxera Medeiros que urgia tomassemos providencias seguras, incumbiu seu filho Carlos de Campos, de partir para Amparo afim de ali aggremiar correligionarios e elementos combatentes para, se necessario fosse a vinda de soccorros a esta Capital no caso de empenharmos luta com os adversarios, termos um contingente aguerrido.

Bem comprehendereis, Senhores, que cada um dos que se achavam encarregados de providencias para o movimento tivesse buscado a solidariedade de seus parentes e intimos e dahi computar se então, nessa data, um numeroso e enthusiasta grupo de homens dispostos a todos os sacrificios para a victoria do movimento que dentro de poucos dias convulsionaria a Patria.

Reuniamo-nos em diversos pontos, confabulavamos nos rapidos encontros nas *ruas centraes*, e nas redações da "Provincia" e do "Diario Popular"; taes encontros e palestras se amiudaram. Era a conspiração dos despreoccupados dos perigos que corriam.

Lembra-me, Senhores, um incidente á porta do "Diario Popular" na hora em que ali se agglomeravam como sempre foi costume, e ainda hoje o é, os que aguardam a tiragem do querido orgam republicano, em que pontificava o saudoso Americo de Campos.

Ahi me achava quando *se me approximou* Antonio Martins de Miranda o illustre advogado alagoano que se fizéra uma *das maiores* reputações no fôro paulista, e em tom de gracejo de mim indagou : — Então a tua Republica vae desaparecer deante da energica campanha do Affonso Celso contra os que a propagam ? Não creio, respondi-lhe, e penso que ao contrario a luta que se trava garante-nos victoria proxima. Espere e verá que tenho razão.

Disse Martins de Miranda : Qual ! meu caro, não ha como resistir ao *esforço do governo* em quebrar de vez os pruridos batalhadores em que se empenham os republicanos. Desta vez a partida está perdida para os propagandistas que não dispõem dos grandes elementos de que o Presidente do Conselho lança mão. Si querem não perder a conquista já feita na opinião, saiam da liça.

Doeu-me o conselho e com vehemencia respondi ao meu velho amigo e patricio : — Não sahiremos da liça, e, exaltando-me, acrescentei : se dentro de 8 dias não vencermos o *governo* e não tivermos proclamada a Republica meu caro, é que não seremos mais do numero dos vivos ! Prepare-se nesse caso para o luto pelos seus amigos ! — Um olhar de José Ma-

ria Lisbôa fez-me não proseguir e o meu interlocutor por sua vez impressionado, abraçou-me pedindo que me não exaltasse.

A' 10 de Novembro recebia eu de Medeiros e Albuquerque a seguinte carta, em papel e enveloppe floridos :

Escrevo-lhe ás pressas.

Não pode hoje haver a transação: os capitalistas com que V. M. e eu contavamos parece que não valem muito Em todo o caso os descontos hão de fazer-se e muito breve. Mantenha o programma que lhe tracei.

Achei o cartão de S. Paulo para Cachoeira: vê si é possivel vendel-o a algum rapaz que venha para a côrte por qualquer preço.

Renovo os meus muitos agradecimentos a

V. M. Imperial.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

A' 10 de Novembro, á noite, Campos Salles convidou-me a ir até a estação do Norte esperar o trem do Rio para vêr se entre os passageiros encontrariamos quem nos pudesse dar informações sobre a situação naquella Cidade.

Seguimos para ali, e quando o trem chegou delle descia Pedro Penteado, que ao avistar Campos Salles para elle accorreu e abraçando-o disse-lhe precisar falar-lhe de urgencia.

Sahimos os tres e Pedro Penteado entregou a Campos Salles duas cartas de Quintino Bocayuva, uma para elle e outra para Glycerio, e uma terceira, do Capitão Menna Barretto para o seu sobrinho Alferes Gaspar Adolpho Menna Barreto Ferreira do 10.º Regimento de Cavallaria, carta que aberta deveria ser entregue em mão.

Lidas as cartas de Quintino, ficou commigo a dirigida a Glycerio e que aqui vos vou ler :

Rio, 7 de novembro de 1889.

Meu caro Glycerio.

A ti e ao Campos Salles escrevo nesta data. E' urgente e indispensavel que um de vocês ou ambos venham conferenciar comigo. O assumpto é grave e só reservada-

mente podemos tratar delle. Fica assim respondida em *parte* a tua ultima carta. Tomei o teu conselho: Trato de *preparar-me*.

Teu Q.

Foi-me confiada a incumbencia de levar a de Menna Barretto ao seu sobrinho.

Segui immediatamente em busca do destinatario e encontrando-me com o nosso correligionario cadete sargento Antonio Lacerda Guimarães nas immediações do quartel, com este penetrei nesse estabelecimento militar e por elle fui apresentado ao Alferes Menna Barretto Ferreira.

Entreguei-lhe a carta. Leu-a e virando-se para nós dous que silenciosos o observavamos disse-me: — Leve-me á presença do Dr. Campos Salles. Saberei cumprir as ordens do meu tio; e virando-se para o Sargento Lacerda: — Espera-me com o nosso Heron Keller que teremos de conversar em reserva.

Sahimos os dous ao encontro de Campos Salles e após rapida conversa em que assegurou ao chefe republicano concurso leal seu e de outros officiaes, cadetes e sargentos cujos ideaes conhecia e com os quaes acompanhava a situação do exercito diante dos actos do governo, promptificou-se a estabelecer por meu intermedio contacto entre todos com Campos Salles e os chefes Republicanos.

No dia seguinte, 11, entrava eu novamente no Quartel do 10.° Regimento e ahi conhecia os sentimentos de solidariedade que nos asseguravam o Cap. João Nepomuceno Pereira Lisbôa, os Tenentes Gustavo Borba e José Cesar Marcondes, os cadetes-sargentos Heron Keller, Lacerda, e outros cujos nomes, Senhores, me escapam a memoria mas que em minha alma se reflectem suas phisionomias energicas com a maxima admiração e muita saudade.

De todos tive noticia exacta do estado em que se achava esse corpo do exercito, que só tinha completo o effectivo de sua officialidade sob o commando do Coronel João da Silva Barbosa e que não dispunha de provisão de armas, de munições, de montadas, além do grande desfalque no numero de suas praças de pret.

Havia entretanto ali duas antigas peças de cobre, (Columbrinas) encravadas e sem serventia. Essas peças foram desencravadas e cuidadas e iniciou-se o preparo de lanternetas para municial-as.

Verifico pelo meu relogio, Senhores, que não devo entrar em detalhes, com prejuizo da minha narrativa, nos pontos principaes e documentados e pois, deixai-me proseguir sem abusar da vossa generosa attenção, na minha ordem chronologica.

No dia 12 recebia eu de Aristides Lobo o seguinte telegramma :

"Negocio continúa pendente".

Côrte, 12-11-89.

Por intermedio de Menna Barreto e Marcondes indagamos dos elementos com que poderia contar o Presidente Couto de Magalhães para atacar-nos quando em São Paulo tivessemos de fazer repercutir o movimento que esperavamos a cada instante irrompesse no Rio, e sabiamos que a Força Policial sob o commando do Cel. Affonso Henrique de Araujo Macedo, official do exercito em quem o governo depositava a maxima confiança, despunha de uns duzentos homens, se me não falha a memoria, armados a Comblain e sem avultada munição.

Os chefes republicanos deante disso fizeram acquisição de algum armamento e no dia 14 quando reunidos em grupo na redação da "Provincia" após a chegada do correio do Rio, ao ouvirmos a leitura do artigo do Quintino no "Paiz" intitulado "Do Capitolio a Rocha Tarpeia" — foi dada ordem aos presentes para prevenir os companheiros para a luta que se nos afigurava dever travar-se no dia seguinte. Tal artigo era o toque de clarim para a batalha.

Febril, anciosa, enthusiasta era a attitude dos nossos correligionarios, e essa noite foi de vigilia e de ansiedade.

Manoel Timotheo da Costa o nosso querido companheiro chegára nessa noite de 14 a São Paulo, com instrucções de Aristides Lobo, prompto a combater comnosco.

No dia 15, Senhores, apezar de grave enfermidade de um filho, sahi de minha casa á rua 7 de Abril, confronte a casa de Bernardino de Campos, e subi a ladeira de São João com o proposito de ir a rua do Carmo, ao escriptorio da "Promotora de Immigração", de que era o secretario.

Ao chegar ao Largo do Rosario encontrei Leão Velloso, o chefe de Policia da Provincia, que com a sua cordialidade a que me acostumâra perguntou-me : — Onde vai voçê tão cedo ? — Tão cedo, respondi-lhe, é a hora habitual do Secretario da Promotora de Immigração iniciar os seus trabalhos, mas esse tão cedo é extranhavel ao Chefe de Policia, inda mais quando, parece, é a hora de recolher-se a casa !

E, accrescentei — Será que se trata de caso anormal na ordem publica ? Será que os republicanos tenham-no privado de dormir ?

Com ar prazenteiro, quasi rindo, Leão Velloso, pondo-me a mão sobre o hombro exclamou : — Não, meu caro, graças ao Affonso Celso, os republicanos já desappareceram, como que são cousas do passado !

Tambem em tom de gracejo disse-lhe : — Vá dormir tranquillo. Eu me incumbirei de accordal-o no momento em que a Republica fôr proclamada !

E cada um de nós seguio o seu rumo.

Chegado ao escriptorio á rua do Carmo, após meia hora, via eu nelle penetrar Campos Salles emocionado e agitando deante de mim uma formula telegraphica. E eu li nella as palavras : "Banco assigna hoje escriptura. Glycerio".

Senhores, não direi o que foi esse momento para nós dous. Campos Salles referiu que me procurára em casa, que estivéra com Bernardino de Campos e convidou-me a sahir immediatamente.

Sahimos, surpreso eu da quietação Palacio do Governo, e seguimos pela rua da Imperatriz, quando junto a casa Garraux fomos detidos pelo Dr. Pinto de Castro, Juiz de direito de Rio Claro, que assim interpellou Campos Salles :

O que ha no Rio ? Os Bancos acabam de receber dali ordens de não abertura porque a Capital está sob a acção de um movimento revolucionario.

Respondi-lhe eu : — E' a Republica que se proclama hoje! — Afastamo-nos deixando o nosso interlocutor preso de espanto e sem poder articular mais uma palavra.

Entramos no "Diario Popular" e referimos a José Maria Lisbôa e Americo de Campos o theor do telegramma do Glycerio. Rapidamente em torno juntavam-se os redactores, Horacio de Carvalho entre elles, e todos os do pessoal da officina.

Espalhou-se a bôa nova. Seguimos para a "Provincia" onde tambem se juntaram os que anciavam por noticias ahi previstas na vespera.

Senhores — Bem podeis comprehender a emoção do velho que ha quarenta annos assistiu taes acontecimentos e hoje vem narral-os desataviadamente nesta terra perante companheiros dessa jornada, perante filhos de saudosos e abnegados lutadores que como eu viam chegado o derradeiro momento de propaganda, despreoccupados dos riscos, dos perigos que a elle podessem sobrevir.

Mas é força proseguir a minha narrativa.

Reuniram-se os Chefes Republicanos no edificio da rua de São Bento onde se estabelecera o Directorio do Partido Republicano e para ahi accorriam a todo instante os correligionarios. Novo telegramma expedido por Adolpho Gordo, da Barra do Pirahy, em eguaes termos do de Glycerio, confirmava este e fazia-nos prever que elle ao partir do Rio já deixára o movimento na rua.

Não sei se escripta por Horacio de Carvalho, ali foi affixada a seguinte lista dos que se achavam em permanencia. Eil-as Senhores, incompleta é certo, com falta de nomes de muitos dos que ali se juntavam e ali debatiam alvitres e lembravam providencias.

Da Commissão Permanente :
Manoel Lopes de Oliveira.
Manoel Ferraz de Campos Salles.
Adolpho Affonso da Silva Gôrdo.
Francisco Rangel Pestana.
João Baptista e Mello Oliveira.
Dr. Gabriel de Toledo Pisa e Almeida.

Victorino Gonçalves Carmillo.
Dr. Luiz Pereira Barretto.
Bernardino de Campos.
Alfs. Mena Barretto Ferreira.
Dr. Prudente de Moraes Barros.

Sei, porque a assisti, a resolução tomada para proclamação da Republica, no Club Republicano, por Americo de Campos, sei da escolha de Prudente, Rangel Pestana e Coronel Mursa, este por indicação de Miranda Azevedo, para constituirem o governo provisorio, sei da indicação de Campos Salles para secretario geral desse governo.

Era, entretanto, tempo de garantir a efficiencia das nossas forças e Campos Salles, acompanhado por mim, foi incumbido de ir ao 10.º Regimento. Ahi chegados fomos recebidos pelo Cel. Barbosa, Commandante, cercado de toda a officialidade.

Campos Salles exhibindo um telegramma de Quintino Bocayuva annunciando a Proclamação da Republica e consconstituição do Governo Provisorio, pedio ao Commandante e aos officiaes que prestassem o seu concurso ao movimento em São Paulo.

O Cel. Barbosa ponderando que era soldado disciplinado e cumpridor de ordens, declarou que logo que recebesse ordens para movimentar o seu corpo em favor da Republica, fal-o-ia como quem bem servia a Patria, mas que emquanto isso, não se manifestava no sentido que lhe pedia Campos Salles

Nenhuma eloquente solicitação do illustre republicano, conseguia demover o Cel. Barbosa dessa attitude, apezar da febril inquietação que transparecia das physionomias e gestos dos officiaes que o circumdavam.

Roguei então ao Coronel que me ouvisse e narrei-lhe as minhas visitas ao quartel, as adhesões francas de muitos dos seus officiaes ; descrevi-lhe o estado do Regimento sob seu commando, e pedi-lhe que consultasse ali mesmo os officiaes ; presentes sobre a deliberação solicitada por Campos Salles. Virando-se o Coronel para a consulta irromperam de todos os

officiaes manifestações de decidido apoio a revolução, sendo que de parte do capellão do Regimento, taes manifestações eram de calor e enthusiasmo commovedores.

Então o Cel. Barbosa, pronunciou o seu apoio e de seus commandados, dizendo-nos em seguida : — O que sabe esse menino do Regimento, diz que precisamos que nos mandeis homens armados para secundar-lhe a acção. Contae comnosco, acautelemo-nos contra a força sob o commando do Cel. Henrique de Araujo Macedo, força que é respeitavel pela sua capacidade de ataque.

As acclamações dos officiaes, cadetes-sargentos e algumas praças já então presentes no salão de commando, emocionaram Campos Selles e a mim o meu Chefe pediu a designação de tres officiaes para assistirem a proclamação, no Club Republicano, em nome do Regimento, e tendo sido attendido pela designação do Major José Florencio de Toledo Ribas, Capitão Gustavo Borba e Tenente Marcondes de Brito, retiramo-nos para levar aos nossos companheiros reunidos o resultado da nossa missão.

Senhores, sei de factos e actos que se passaram sem o meu testemunho nessa reunião permanente da rua de São Bento, mas a outros cabe narral-os como complemento do meu depoimento.

Não esquecerei, porem, de referir, que antes de dali sairmos para ir ao Regimento, Rangel Pestana entrava com um telegramma recebido do Rio em que se dizia que Saraiva ia organisar gabinete. Pedi ao eminente Chefe que verificasse que esse telegramma não podia infirmar a noticia posterior que já tinhamos da constituição do governo provisorio após a Proclamação da Republica.

Contou Canto e Mello, a passagem de um numeroso grupo pela rua da Imperatriz e referio-se a oração vibrante de saudação á Republica por parte de Americo de Campos e as grandes e enthusiastas acclamações á Republica, desse grupo. Eu não fui testemunha desse facto, mas tive a fortuna de ouvir Americo de Campos nessa noite de 15 de Novembro, proclamar a Republica em São Paulo e acclamar o governo proviso-

rio constituido por Prudente, Pestana e Mursa, annunciando a posse desse governo perante a Camara Municipal no dia seguinte.

Chegada a noticia de que Campos Salles fôra escolhido para Ministro da Justiça do Governo Provisorio, recebi de Prudente de Moraes e Pestana a designação de Secretario e a incumbencia de telegraphar ao Cel. Mursa que dirigia a Fabrica de Ferro, em Ipanema.

Esse telegramma foi expedido e commigo se acha o recibo do telegrapho.

No dia 16, após vigilia trabalhosa, certos de que o general Couto de Magalhães não pretendia oppor-nos resistencia, e conhecido o estado de acabrunhamento em que se achava em Palacio, isolado em um dos quartos dos fundos, de onde por vezes mandava o seu ordenança indagar se havia disturbio na Cidade, partiram Prudente de Moraes e Francisco Rangel Pestana acompanhados de multidão, de republicanos e do povo que manifestava calorosa sympathia, para a Camara Municipal.

Ahi reunidos os representantes do Municipio (*) foi empossado o Governo Provisorio, ordenando-me Prudente que de urgencia officiasse ao Commandante da Policia, communicando-lhe a posse e reclamando sua presença e da officialidade em Palacio par assistirem a necessaria transmissão do Governo.

Sahidos da Camara Municipal em direcção ao Palacio, ao chegarmos a rua da Caixa d'Agua ahi fomos avisados que a força Policial parecia disposta a vir atacar-nos.

Um grupo de atiradores, armados de carabinas de repetição, formou em linha de amparo aos membros do Governo e a marcha proseguio.

Ao chegarmos ao Portão do Jardim do Palacio, fomos advertidos que o General Couto de Magalhães sollicitava dos membros do governo provisorio, que entrassem sem o acompanhamento da multidão e dadas ordens nesse sentido, ficaram os portões guardados, sendo o da frente por Carlos Garcia e por quem tem a honra de merecer-vos attenção.

(*) Era presidente da Camara Magno Domingos Sertorio.

Minutos depois da entrada em Palacio dos membros do governo provisorio dahi sahia alguem em busca de um medico, dizendo que Rangel Pestana fora accommettido de uma vertigem.

Sei que soccorreram o nosso querido Chefe os nossos correligionarios medicos Miranda Azevedo e Carlos Meira Botelho, e vimos instantes depois descer as escadas do Palacio o General Couto de Magalhães, acompanhado por Prudente de Moraes e outros correligionarios até o portão em que nos achavamos.

Ahi, feitas respeitosas despedidas, foi Couto de Magalhães acompanhado por entre a multidão que abrira alas silenciosas e com atitude de respeito pelo vencido, até o carro que o conduzio á sua residencia particular.

Penetrei em Palacio e lavrada por mim e por ordem de Prudente de Moraes a nomeação de Bernardino de Campos para Chefe de Policia, fomos surprehendidos com a apresentação por parte do Director da Secretaria das duas formulas impressas que aqui exhibo e leio, com as emendas feitas pelo proprio punho de Prudente de Moraes.

> Nessas formulas o — "Illmo. Snr." — foi substituido pela palavra — "Cidadão" —, o "Deus Guarde a V. S." — por: "Saude e fraternidade".
>
> Onde se dizia: — "...devendo prestar o respectivo compromisso perante a competente autoridade," a emenda : — "devendo tomar o compromisso solenne perante a autoridade competente de ser fiel á causa da Republica no exercicio do cargo". —

Aberta a pasta que se achava sobre a mesa do Presidente nella encontrei o documento que vou ler, escripto a lapis pelo General Couto de Magalhães.

> a Visconde de Maracajú
> Côrte.
>
> Peço informe urgencia si revolução está triumphante.
>
> COUTO DE MAGALHÃES

Alludi ao acabrunhamento do Presidente da Provincia de que tinhamos noticias durante o dia 15.

Este documento diz bem do espirito, do estado d'alma do homem a quem fora confiada a defesa da Monarchia pelo Presidente do Conselho que pretendia anniquilar a propaganda republicana..

Não comporta analyse tal documento. Elle fica com meu depoimento para exame dos historiadores da nossa Patria.

Nesse mesmo dia á tarde, chegava a S. Paulo e era por mim recebido na Estação o Cel. Mursa, acompanhado do Tenente Coronel Pinto.

Hontem, Senhores, conversando com Hilario Pinto Magro, sobre a chegada de Medeiros na festa do "Diario" lembrou me elle que ao sahirmos em demanda da casa de Campos Salles eu lhe pedira que não desmanchasse a bella ornamentação que ahi se fizéra porque deveria servir para festa maior em breves dias. Vêde, que eramos confiantes da victoria.

Senhores. — Procurei com sacrificio de detalhes, com falhas de nomes de correligionarios dizer-vos o mais rapidamente possivel dos acontecimentos que se passaram aqui e aqui deviam por mim ser revelados como testemunho de saudades aos meus companheiros e amigos e gratidão á terra a que me acho ligado desde a minha mocidade e por cujo progresso e elevação moral busquei trabalhar collaborando com seus gloriosos filhos.

Vou ler-vos alguns nomes que me acudiram a memoria momentos antes de escrever as linhas com que pretendo terminar esta conferencia em que tenho abusado da generosa attenção de tão illustre auditorio !

Gravae em vossas memorias estes nomes, Senhores :

Campos Salles
Glycerio
Bernardino de Campos
José Maria Lisbôa
Carlos Garcia
Americo de Campos
Miranda Azevedo
Rangel Pestana

Jorge Miranda
Emilio Rangel Pestana
Pedro Paulo Bittencourt
Cerqueira Cezar
Angelo Araujo
Casimiro da Rocha
Manoel Lopes de Oliveira
Victorino Carmilo
Paulo de Souza Queiroz
Hypolito de Medeiros
Hypolito Silva
Julio Mesquita
Francisco Paulista
Cezario Motta
Julio Riedel
Carlos de Campos
Elias Fausto Pacheco Jordão
Paula Souza
Raphael de Barros
Martinico Prado
Muniz de Souza
Luiz Pisa
Paulino de Lima
Vivos :
Horacio de Carvalho
Luiz Americano
Fernando Prestes
Bueno de Andrade
Americo Martins dos Santos
Hilario P. Magro

Consenti ainda, Senhores, que vos lembre o que se deu em São Paulo logo após a proclamação da Republica, como solemne acceitação desta por parte dos liberaes e conservadores-

Prudente de Moraes, incumbio-me de procurar Augusto de Queiroz para solicitar-lhe uma conferencia em Palacio, e mandou por outro, que não me occorre quem foi, fazer egual convite a Antonio Prado.

Esses illustres chefes, liberal o primeiro e conservador o segundo, compareceram a Palacio e ambos ouviram de Prudente o desejo de que com os seus amigos dessem prova publica de acceitação do novo regimen que não combatiam e que já tinha por si o consenso de toda a Nação.

Prometteram ambos concitar os seus amigos para que tal prova se desse e, no dia seguinte, no Theatro São José, liberaes e conservadores appareceram em numero consideravel.

Antonio Prado e Augusto Queiroz em eloquentes e rapidos discursos invocaram o patriotismo dos seus correligionarios, alvitrando adhesão á Republica. Propoz Antonio Prado a formula dessa manifestação e erguendo um "Viva a Republica dos Estados Unidos do Brasil" foi isso correspondido pelos que formavam a grande assembléa, sahindo após todos em massa na direcção de Palacio para cumprimentar o Governo Provisorio.

Lembro-me que Augusto Queiroz pedio a Prudente que acceitasse como representante de seus amigos junto ao Governo o Dr. Castilhos, e Antonio Prado por sua vez indicou para egual funcção o Dr. Almeida Nogueira.

Encontrareis referencia a essa reunião do Theatro S. José no "Correio Paulistano" no dia seguinte, se me não engano.

A colonia franceza em São Paulo em cujas associações faziam os propagandistas republicanos reuniões, conferencias e festas, sempre ao som da Marselheza, colonia que era numerosa, quiz ser a primeira a saudar o Governo Provisorio.

Compareceu ella precedida de seu Consul, e este representante leu brilhante discurso de saudação, cujo original esteve em meu poder até bem pouco tempo tendo eu confiado esse documento ao deputado Marcondes Filho quando fez uma conferencia sobre São Paulo no "Centro Paulista", no Rio.

Respondeu a saudação da colonia franceza, em nome do Governo Provisorio, o dr. Francisco Rangel Pestana que pronunciou eloquente e emocionada oração.

Alludi a Benjamin de Salles Pinheiro, dizendo que com elle viajara Medeiros de Albuquerque quando em 8 de Novembro veio a São Paulo.

Vou referir-vos um acto desse nosso correligionario que o recommenda aos meus dignos ouvintes.

Iniciada a acção de Aristides Lobo, chamou este ao Rio seu amigo Benjamin Salles — residente em Ipiabas e dizendo-lhe da conspiração e do desejo de tel-o a seu lado, alludio a necessidade de enviar emissarios ás Provincias. Na conversa confessou a situação precaria do Directorio do Partido.

Benjamin Salles interrompeu-o com um gesto e sacando da algibeira o dinheiro que nella tinha contou 2 contos de reis e abrindo um caderno de cheques encheu um com a quantia de 30 contos ao portador — o que feito disse: aqui temos com que começar as despezas urgentes e como aqui fico ao seu lado até o derradeiro instante, providenciarei pelo que faltar.

Aristides Lobo agradeceu-lhe e pedio-lhe que acceitasse o encargo de Thesoureiro da revolução.

Procurando narrar-vos tudo o que se passou nos ultimos dias da monarchia em São Paulo, não quiz esconder o nosso descontentamento na entrevista que tivemos com o nosso eminente chefe Americo Brasiliense.

Pois bem Senhores fil-o ainda com um nobre intuito como ides ver.

Empossado o Governo Provisorio tivemos o grande conforto e a grande alegria de ver que o nosso querido correligionario, por quem todos nós e os adversarios tinhamos maximo respeito e maxima consideração, verificára desde lógo que a Republica não fôra um levante de quarteis e merecia-lhe collaboração immediata.

Era o desapparecimento da condemnação do preparo revolucionario com que nos affligira nessa entrevista. Era a approvação que tanto almejavamos.

Mais 10 minutos, Senhores.

Solidarios e unidos, de sentimentos e opiniões que se enfeixavam na aspiração unica do bem da Patria, sem odios, sem espirito de retaliação, vencedores — abrimos fileiras aos politicos da Monarchia, acreditamos na sinceridade com que se manifestou unanime a Nação em favor da Republica.

Nossas consciencias ficaram desde logo tranquillas porque tal manifestação exprimia julgamento de justiça da nossa

acção de revolucionarios, que interpretavamos os anceios dos nossos compatriotas.

Implantavamos a Republica com o só acto de proclamal-a.

A dictadura creada pela necessidade do momento não era uma usurpação.

A soberania recebeu a Republica com as acclamações de todo um povo que triumphava pelo desaparecimento da opressão.

Respeitou-se a liliberdade individual, a propriedade; nenhuma desegualdade se estabeleceu nos direitos dos Brazileiros, e nem dos seus hospedes.

Desde o primeiro instante o governo provisorio acceitou a collaboração que se lhe offerecia de parte dos adversarios da vespera; quiz assim que a consciencia publica accreditasse que a Republica tinha a felicidade de garantir a segurança da Patria, a liberdade e o respeito de todos.

Sob taes auspicios iniciou a vida o novo regimem; era a nova phase de confiança nos designios de uma grande nação, adormecida e oppressa.

Começava a organisação da democracia pela affirmação de todos os direitos, de todas as capacidades e intelligencias, de todas as virtudes, de todos os legitimos interesses.

Energica, franca, sem rancores a dictadura ouviu todos os appellos com a magnanimidade de consciencias justas, disciplinadas por longa propaganda de doutrina e principios que se enraisaram nas suas intelligencias e nas suas almas.

Baniu a familia Imperial, proscreveu os principios por que tinha necessidade de affastar a Monarchia, e fel-o, Senhores, com a generosidade peculiar ao povo brazileiro, com o respeito pelos vencidos.

Mas tudo isso, cousa extranha ! converteu algumas das adhesões em odio contra os homens que tal praticaram.

Começaram as investidas contra os doutrinadores, os apodos contra os que mais ardentes buscavam consubstanciar em actos os principios pregados na propaganda, e, as hostilidades foram ao ponto de proscreverem da administração os que nella occasionalmente entraram.

Aristides Lobo, o combatente aguerrido na imprensa por uma collaboração espontanea, voluntaria, sem remuneração, foi o primeiro aggredido. Buscou-se em uma phrase que escrevera e cujo sentido deturparam, a arma com que se pretendeu impopularisal-o perante a Nação.

Mas que Aristides não generalisava o qualificativo a seus compatriotas ides ver destas duas cartas. :

Rio de Janeiro 20 de 9vbro de 1899

Xico e Thereza

Ainda hoge me parece um milagre o que deixei apoz de mim.

Como, pois realmente aquelle campo de premeditada tragedia para aqual eu caminhei reunindo dentro de mim mesmo os meus ultimos momentos, pois que eu tinha como certos, transformou-se em uma victoria de infinitas alegrias ?

Entretanto a realidade ahi está em todo o seu evidente esplendor. A revolução victoriosa transforma a patria com a rapidez do relampago.

De todos os lados nos chegam as bençãos da liberdade redemida.

E' uma acclamação universal e unida.

Jamais se vio na historia do mundo cousa semelhante.

Pois bem, tu e Thereza obreiros silenciosos dessas glorias, fostes os primeiros a receber os primeiros rebates desse encantado arruido abafado do meu pensamento nesse momento heroicamente angustioso.

Sim ou não, eu devia vencer ou ser esmagado. Como me fôra agradavel ter-te a ti e a Thereza juntos do velho tio partilhando com elle as mal contidas alegrias.

Adeus.

Muitos, meus muitos beijos no Samuel e em Anna Augusta.

Abraça-te e a Thereza, o
tio e amigo

ARISTIDES LOBO

Corte 17 de Novembro de 1887.

Xico

Aqui chegado na vespera assisti ao movimento republicano.

Depois de constituido o Governo Provisorio fiquei socegado pois tive sempre grande receio do momento critico. A ordem tem sido a mais brilhante, e a tolerancia unida a energia vem mostrar que o partido republicano é todo de convicção bem assentadas.

Embora tenha de perder o meu emprego — dou-me por feliz em assistir a realisação da aspiração nacional e estou satisfeito. Fiquei alegre realmente quando antes da decisão do ex-ministerio, um official das tropas me asseverou que não éra somente contra o governo que procediam, mas contra a instituição.

Felismente assim foi e na maior calma, com a visilidade que nunca esperaria, declarou-se a republica.

Titio Aristides diz-me que por enquanto não tem tempo de escrever aos nossos e por isso escrevo-te por mim e por elle.

A satisfação é geral — A expansibilidade que o facto trouxe ao animo da população, denota e leva a evidencia o estado latente em que se achavam os principios ora victoriosos.

E' uma das paginas mais brilhante da historia da humanidade.

Dou-te os meus parabens. A Thereza e aos meninos abraça por mim e receba saudoso abraço

Do irmão amigo

CARLOS

Logo após era Demetrio Ribeiro o puro e valoroso republicano, que os seus patricios e a bancada de sua terra, mais tarde na constituinte, com os applausos de adhesos alçados á representação politica, declaravam não ter autoridade nas suas opiniões emittidas com nobreza por não dispor de um só voto do eleitorado rio-grandense !

Era *Quintino* o sacerdote doutrinario da religião do civismo e da honra, que se accusava de venda da Patria á Argentina!

Era Deodoro, o cidadão soldado que tudo fizéra pela Patria, que se fez a maior autoridade militar pelo seu heroismo, pela inquebrantada acção na defesa desta Nação que teve a fortuna de contal-o entre os seus filhos; era Deodoro já accusado estultamente de ingrato e traidor á Monarchia e ao Imperador a cuja magnanimidade se attribuia a sua carreira militar, como se fosse possivel confundir os galões e os bordados de seus uniformes, conquistados por indomita valentia, com os frisos amarellos das librés dos lacaios do Paço; era para essa alma generosa, para esse denodado cidadão brazileiro, que em 15 de Novembro proclamou a Republica, que os doestos e apodos se voltaram, até a sua morte, e que ainda hoje são proferidos e escriptos por creaturas vesgas, por individuos que não teem folha corrida, conceitos deprimentes!

Era contra Glycerio, contra Campos Salles, obreiros maximos da Republica, que se açulava o odio das multidões, e cuja esquecimento se fez pelo silencio de seus inolvidaveis serviços á Republica!

Mas não proseguirei, meus Senhores, porque é revolver em minha alma as feridas de injustiças, de doridas aggressões, que terão em dia bem proximo, eu o espero, reparação por parte de um povo que pela instrucção que se dissimina conhecerá a valia dos que por elle se sacrificaram.

E, porque fallei da instrucção do povo, permitireis Senhores que vos diga que tambem a mim, que na velhice me converti em educador da mocidade, coube cruel provação.

Publicada a primeira mensagem do Snr. Washington Luis, na presidencia da Republica, eu li com jubilo os dados estatisticos que diziam o que já se havia feito pela creação de escolas no Brazil, qual a cifra dos moços e creanças que recebiam ensino, e as despesas com esse ramo da administração publica.

Pedi pelo "Paiz" que se mandasse isso affixar nas escolas com os dados comparativos do que nos legára a Monarchia.

No dia seguinte fui aggredido e enxovalhado por velha

creatura que depois de ser monarchista, catholico fervoroso, atheu, espirita, republicano e até banqueiro enriquecido na Republica, voltára na senilidade a proclamar-se monarchista, e combatente do regimem republicano, na linguagem a mais desbragada e insultuosa contra os propagandistas. Direi o nome dessa Aspide : Felicio dos Santos.

E' possivel que ainda eu venha a soffrer iguaes injurias e ataques porque aqui proclamo com enthusiásmo e applausos, o assombroso desenvolvimento da instrucção neste glorioso Estado de São Paulo, desenvolvimento que li com a alegria e confiança no futuro da Patria, na recente mensagem do republicano Julio Prestes a quem foram entregues os destinos deste povo laborioso, que anceia pelo progresso dentro da Republica.

Mas vou terminar.

Senhores, é pelo ensino a mocidade, é pela formação de mestres que prefiram as fadigas de preparação de homens uteis á Patria, ás conquistas de popularidade pela predica de desrespeito aos homens e as instituições do Brazil, que conseguiremos recompor na nossa terra pleiades de cidadão abnegados e patriotas como os que propagaram e fizéram a Republica.

E' de vós todos que me honrais neste momento, a posse do apparelho que encaminha os povos aos seus mais nobres destinos.

Senhores, li algures o que, pondo fim a minha palestra convosco, aqui vou reproduzir :

"Em monumental estação de grande cidade para onde convergiam linhas ferreas de diversos pontos do paiz e do estrangeiro, estava parada em um dos desvios possante locomotiva que ali esperava um trem a que era destinada.

O machinista, encanecido em rude serviço, inspeccionando a valvula de segurança, regulador, tampão choque, cylindro exentrico, sector de mudança de andamento, fornalha, conductos d'agua e no pavilhão, a manivella do regulador e volante de mudança, emfim todas as peças principaes com sua almotolia em mão lubrificava as engrenagens.

Terminado esse trabalho consciente de quem conhecia o poderoso apparelho que lhe fôra confiado, de quem compre-

hendia as responsabilidades que lhe cabiam na guarda de bens e vidas que lhe eram entregues, tirou elle da algibeira o seu cachimbo e bolsa de fumo e sentando-se nos degraus da escada do pavilhão, ia accendel-o quando sentio que na plataforma alvoroçadamente se formava um grande grupo tendo a frente o Chefe da estação, demonstrando todos a maior afflicção e fallando emocionados.

Ouvio elle que chegára a noticia de que um grande comboio se desprendera em manobras da locomotiva que o conduzia e em vertiginosa carreira desenfreada percorria a estrada ameaçando em seu percurso todas as estações e que, se nada o detivesse, chegaria ali produzindo o desmoronamento do edificio e das suas circumvisinhnaças. E'ra o terror da hecatombe que transparecia das phisionomias dos circumstantes!

O velho e perito machinista, subiu ao seu pavilhão — calmo e sereno — e virando-se para os circunstantes gritou-lhes: — Tomae conta de minh a mulher e filhos! — Movimentando em seguida a sua alavanca poz em movimento a locomotiva que ao sahir da estação já ia em marcha accelerada.

Seguio elle linha em fóra, apitando por passagem livre, surprehendendo e espantando todos os que já conheciam e ameaça horrorosa do comboio vertiginoso e sinistro.

Ouvido attento, percebeu o velho machinista a approximação do comboio a cujo encontro ia, e dando contra marcha buscava accelerar a sua carreira de volta.

Em certo momento vendo que o encontro se ia dar amparou-se as columnas do pavilhão e esperou o choque que imprimiu a locomotiva velocidade maxima.

Voltou elle a tomar em mãos o seu volante e começou a regular a marcha de tal sorte que em pouco entrava na estação conduzindo calmo e sereno como composição normal o comboio que a toda a gente enchia de panico.

Transformou-se o terror em alegria e após algums instantes em torno do heroico salvador se reunia multidão em acclamações e bençans de gratidão.

Senhores!

Disse-vos nestas rapidas palavras o que póde o heroismo

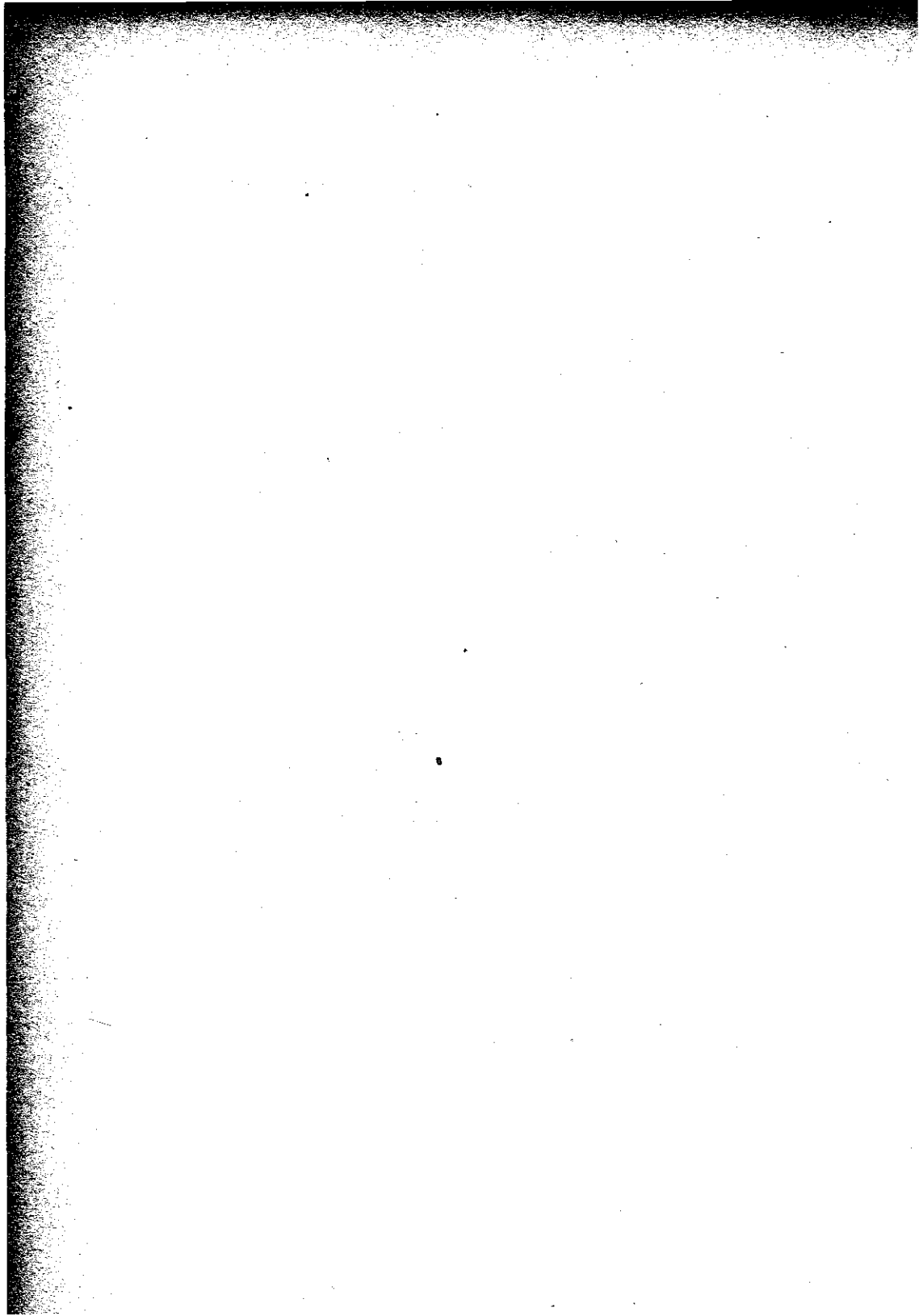
do cumprimento do dever de quem conhece a valia de um grande instrumento forte e poderoso.

Pois bem, Senhores, tendes em mãos como instrumento poderoso e forte a instrucção da mocidade que busca a verdade historica da Patria.

Conduzi-o á frente das multidões, ao encontro da hecatombe que ameaça a Nação com as paixões decarilhadas e revoltas, annunciando a guerra civil, a destruição da Republica, o anniquilamento da nacionalidade!

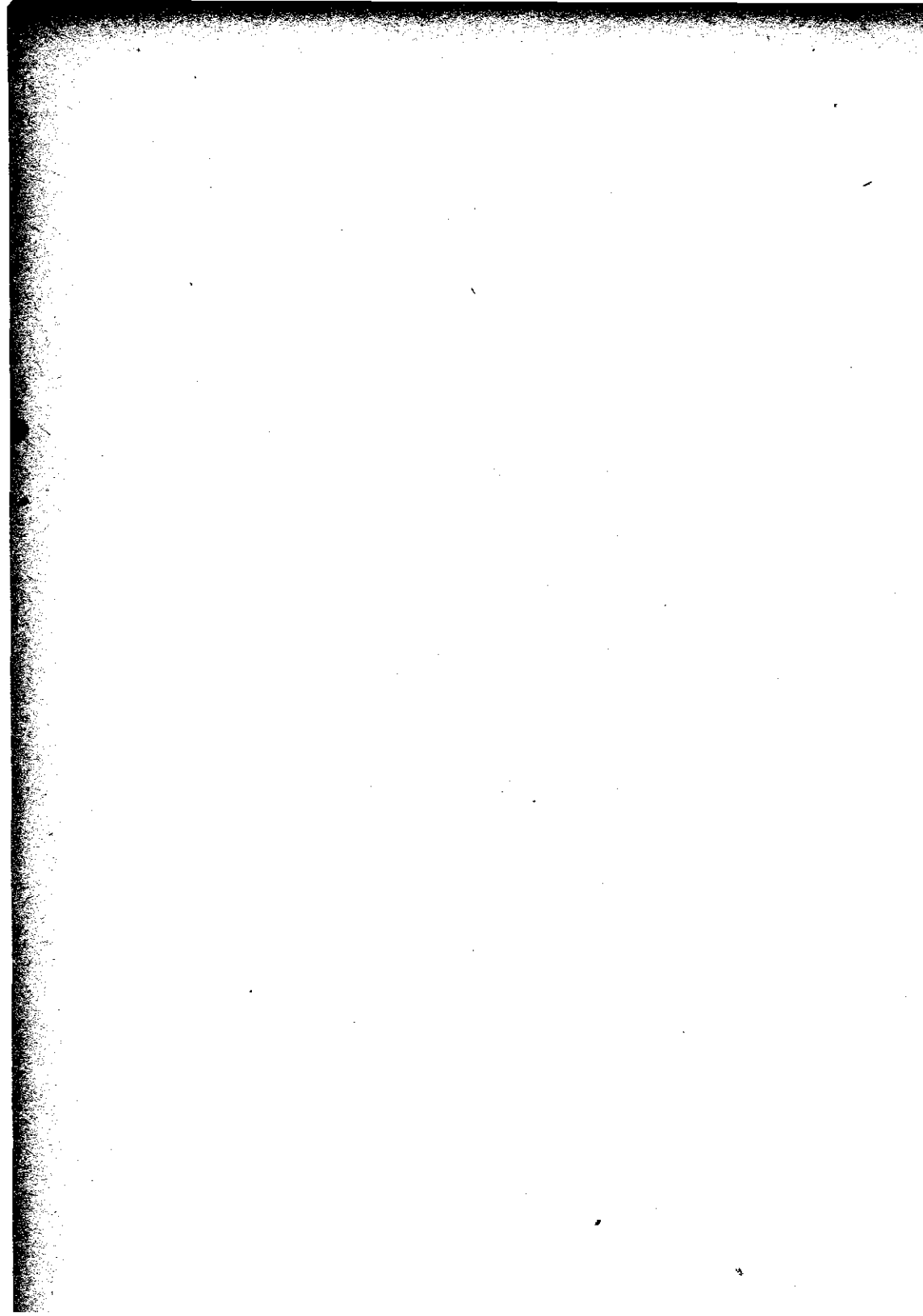
Conduzi a mocidade pela verdade historica á bemdizer os que tudo fizeram por esta Patria livre e prospera, ensinae que *os que fizeram* a Republica *sem odios e sem temores* quizeram sempre impedir o derramamento de sangue de seus irmãos, e que cumprido o dever, deixaram sem rancores e sem queixas que se os arredasse e mesmo se os invectivasse, certos e confiantes na *Justiça* de seus *concidadãos*.

Creae mestres, Senhores, pregae a harmonia entre brazileiros, ensinae a repugnancia pelos que pretendem converter em luta fraticida a paz que faz progredir a Patria na Republica!

Senhores, recebei a minha gratidão pela attenção com que ouvistes o velho que bemdiz os seus companheiros saudosos, que confia nos seus compatriotas e espera a grandeza do Brazil Republicano.

A CONNEXÃO LINGUISTICA BASCO-AMERICANA

PELO

Snr. Bertolaso Stella

(OCIO CORRESPONDENTE)

A Connexão Linguistica Basco-Americana

O Nexo Basco-Caucasico

O Basco, posição geographica e dialectos

A "mysteriosa" lingua basca, chamada tambem eskera, euskera, euskara, eskuara e vasconça, limitada a regiões montanhosas e costeiras, se nos *afigura uma ilha no meio das ondas* da latinidade, que não conseguem submergi-la.

Localizada entre o rio Ebéro e os montes Pyreneus, occupando uma area de 190 kilometros de comprimento por 60 de largura, segundo Portal, é fallada actualmente na Hespanha por mais ou menos 600.000 habitantes e cerca de ... 200.000 na França.

Na opinião do auctor acima, em sua — *La Lingua Basca*, comprehende o Basco oito dialectos como seguem :

1. — O dialecto de Labourde,
2. — O da Baixa Navarra oriental,
3. — O da Baixa Navarra occidental,
4 — O da Alta Navarra septentrional,

5. — O da Alta Navarra meridional,

6. — O do Soule,

7. — O de Guipusco,

8. — O de Biscaya.

Emquanto que Whitney em sua *Vita e lo Sviluppo del Linguaggio*, diz serem 4 os dialectos principaes, De Gregorio, em seu *Manuale di Glottologia*, diz que os dialectos do Vasconço podem-se reduzir pelo menos aos tres grupos seguintes:

1. — O Biscainho,

2. — O Solitano e o Baixo Navarro,

3. — O Guipuscoano, o Labortano e o Alto Navarro.

Candido de Figueiredo, na traducção da obra de De Gregorio sob o titulo *Manual da Sciência da Linguagem*, observa que destes dialectos, o Biscainho, o Guipuscoano e o Alto Navarro, são fallados na Hespanha e o Labortano, Soletano e o Baixo Navarro, são fallados na França.

A maravilhosa lingua basca, "indicifravel inigma para a sciencia", é o unico residuo, milagrosamente salvo até os nossos dias, do tronco Ibérico, segundo Trombetti.

O valoroso povo dos Euskaldunak, o Basco, é, pela sua lingua, no sentir de G. Sergi — *Gli Arii in Europa e in Asia*, um como residuo paleontologico que resiste ao tempo com uma firmeza incomparavel e, segundo outros, foram os Bascos que salvaram do naufragio da civilização europea o idioma eskara que se refugiára nos cimos dos Pyreneus.

O Basco é o antigo Ibéro

E' facto provado que o Basco é continuação do antigo Ibéro, não só pelo exame dos nomes proprios, desde os tempos

de Humboldt, mas tambem pela concordancia da declinação basca com a ibérica que o erudito glottologo A. Schuchardt poude reconstruir em sua obra *Die Iberische Declination*, fundando-se nas lendas das moedas. Trombetti apresenta da seguinte maneira a declinação :

Singular genitivo *-n, -m* ; dativo *-i, -e*, instrumental- *-s*, *-š*, ergativo - *k* ;

Plural nominativo **-ke*, genitivo *-ke-n*, dativo *-ke-i*, *-ke-ai*, instrumental *-ki-š*.

Na Aquitania, ao norte dos Pyreneus, nos primeiros seculos depois de Christo, fallava-se uma lingua, que pode ser considerada a phase antiga do Basco. Cerca de 200 nomes proprios de pessoas e divindades explicam-se perfeitamente com o Basco, segundo demonstração feita por Luchaire em sua *Origines Linguistiques de l'Aquitaine*.

Sob o aspecto anthropologico, diz Sergi, os Bascos pertencem ao grupo humano Ibérico e como os Ibéros, os Bascos pertencem á grande estirpe Mediterranea.

Origem do nome Ibéro e Basco

O nome *Ibēr-es* encontra-se já em Ecateo, cerca de 500 annos A. C. Os antigos identificavam os *Ibēr-es*, *(H) ibēr-i* da Hespanha com os do Caucaso. No Georgeano parece que *Ibēr* é a continuação de *Imer* (a alteração de *b* e *m* é frequente nas linguas caucasicas) e dahi o nome dos *Imerethi*. Segundo Plinio, um affluente do Cyrus, talvez o Araxes, chamava-se *Iberus*, como o rio da Hespanha. Com o nome de ibéros orientaes já Ewald comparou o de *'ēber* Eber. O verbo semitico *'br* significa "passar" e se usa com referencia a atravessar um rio

ou mar. O Hebraico *'eber* significa propriamente "região situada além de um rio ou mar". Ora o Georgeano *I-mer* significa "além" que se contrapõe a *A-mer*, que significa "aquem". No Basco temos *ibiria*, isto é, passagem, vau, e *ibia* por **ibira*. Dahi tiramos um thema **i-bir-i* e **i-bir*. Com a mesma significação encontramos *ubera* que se deriva de **u-ber*. Provavelmente *ibai* rio está em logar de **i-bar-i* = **i-ber-i*.

Crê Trombetti, em sua obra *Como si fa la critica de un libro*, 165-166, que o nome Baschi deva prender-se ao nome dos *A-baschi* ou então "Abchazi" do Caucaso. Entre os escriptores classicos temos *Vasc-on-es*, a que se prende o nome dos *A-usc-i* da Aquitania. Deve-se comparar *A-usc-i* com *E-ŭsk-* thema do nome moderno dos Bascos. Estes nomes derivam-se de **a-vask-*, **e-vask-*. Considerando-se *a* como artigo temos *a-bask-* identico ao nome dos Bascos, que são os decendentes dos antigos Ibéros.

A Connexão do Basco com outras linguas

O Basco foi considerado lingua primitiva.

Astarloa em sua obra *Apología de la lingua Vascongada* affirma ser o Basco a lingua primitiva e Cejador em *El Linguaje* diz que sendo primitivo o Basco ou Eskera delle derivam todas as outras linguas conhecidas.

Houve tempo em que se cria que todas as linguas derivassem do Hebraico. P. Luiz Thomasin (1619-1695) publicou em 1690 uma obra curiosa para ensinar o methodo de applicar as linguas "en les reduisant toutes á l'Hebreu", e o methodo diz Trombetti, foi tambem applicado ao Basco.

A lingua basca, observa Schuchardt, é talvez, a que mais

tem sido comparada com outras linguas do globo. Não foi debalde pois que Huxley sustentou ser o Basco a "desesperação dos philologos".

Vejamos com quaes linguas foi especialmente comparado.

Em 1792 o russo Christian Gottlieb von Arndt apresentou á imperatriz Catharina uma memoria em francês em que sustentava, além de outras cousas, o parentesco do Basco com o Finnico e Samoiedo. Rask esposou essas conclusões.

Lá pelo meado do seculo passado esteve em voga a "theoria finnica" que sustentava terem os finnicos occupado, antes dos Indo-europeus, grande parte da Europa e dahi o considerarem os Bascos pertencentes aos finnicos. Sustentaram em 1862 a connexão basco-fininca H. Charencey em sua obra — *La langue basque et les idiomes de l'Oural* e L. Bonapart em seu livro — *Langue basque et langues finnoises.* Verdade é que o primeiro em 1866 modificou sua opinião em seu trabalho *Recherches sur la declinaison basque.*

De Gregorio, em sua obra citada, e Hovelacque em *Linguistique* affirmam ter o Basco affinidade com o Magiaro ou Hungaro. A. H. Sayce affirma pertencer o Basco á familia ugro-altaica ou uralo-altaica.

Marr em seu trabalho *Origem Japhetica da lingua basca* em russo, como o titulo indica, faz derivar o Basco das linguas Japheticas.

O ethmologo americano Brinton prendia o Basco ao Etrusco.

Foi considerado affim tambem ao Japonês, Coreano, Aino, ao Indo-europeu, etc.

E. Scott em *The basque declination, its Kolarian Origen and Structure,* prende o Basco ao Munda.

O Basco foi comparado com as linguas indigenas da America, como ainda veremos neste trabalho.

O philosopho Leibnitz em 1710 foi o primeiro a demonstrar o parentesco entre o Basco e as linguas da Africa septentrional. Klaproth em seu trabalho *Mémoires relatives á l'Asie* e Latham em *Elements of comparative Philology* apresentam comparações entre o Copto e o Basco.

Ha, diz Sergi, quem prenda o Basco ás linguas Sybicas vivas. Chavencey notou concordancias entre o Basco e o Chellouk (Berbero). Brinton, L. Gése, em — *De quelques rapports entre les langue berbères et le basque*, 1883 e G. Gabelentz em seu livro — *Baskisah und Berberisch*, affirmam a relação entre o Basco e o Berbero.

G. Giacomino no estudo — *Delle relazione tra il Basco e l'Egizio*, 1891, mostrou a affinidade que ha entre as duas linguas.

Importantes estudos fez H. Schuchardt para mostrar a connexão entre o Basco e Khamitico com os trabalhos *Nubisch und Baskisch*, 1912 e *Baskisch und Hamitisch*, 1913.

Embora o auctor citado sustente a connexão do Basco com o Khamitico, é forçoso confessar porém que, sob o aspecto da estructura grammatical, o Basco se parece mais com as linguas Kharthweliche (Georgeano etc.) do Caucaso.

A affinidade do Basco com o Caucasico

O Basco é considerado affim ao grupo Caucasico.

Um dos primeiros a sustentar essa affinidade foi Uhlenbeck Antonio d'Abbadie na introducção da sua *Grammaire euskarienne*, 1836.

Klaproth tambem deu comparações lexicaes basco-caucasicas. Ellis, em *Peruvia scythica*, 1875, dá comparações entre os pronomes do Basco e do Georgeano. Schuchardt desde 1892 fez comparações basco-caucasicas. H Winkler tambem se occupou da relação entre o Basco e o Caucasico.

O Prof. Trombetti fez estudos seus, sem se basear em seus antecessores, como declara e chegou á conclusão de que o Basco se prende ao grupo Caucasico e é affim especialmente ao Abchazo – Circasso e ao Kharthwelico e talvez tambem ao Ceceno-Thusch.

Ha cerca de 35 annos elle se occupa do estudo do Basco. O seu primeiro trabalho sobre o assumpto foi publicado em 1902-1903 — *Delle relazione delle lingue caucasiche con la lingue camitosemitiche e con altri gruppi linguistici.* Em 1907 em *Come si fa la critica di un libro* apresentou sobre o Basco importante estudo. Em 1923 em *Elementi di Glottologia* occupou-se novamente da materia. Finalmente em 1925, resolveu definitivamente o problema da affinidade do Basco com o Caucasico, o que demonstra por meio da sua preciosa obra — *Le Origine della Lingua Basca.*

Sobre esta publicação de Trombetti, veja-se o nosso artigo na "Revista de Lingua Portugueza" n.º 43, Setembro - 1926, sob o titulo *Um livro de Alfredo Trombetti.*

Trombetti sempre considerou o Basco intermedio ao Caucasico e Khamitico, porém mais proximo daquelle do que deste, emquanto que Schuchardt admitte que o Basco seja mais affim ao Khamitico.

Quanto á connexão do Basco com o Khamitico a supposião mais obvia é a de um parentesco mais estreito entre o

Basco e o Berbero ou Iberico e Lybico. Faltam, porém, ao Berbero, suffixos primarios correspondentes aos do Basco, como - *kin ou -gin* "faciente", *-tse* ou *-tsa* dos nomes de acção, *-ra* e *-ma* idem, *-ari* e *-le* dos nomes de agentes, *-ari* dos nomes de acção. Faltam-lhe tambem suffixos secundarios: *-ko* dos diminutivos, *-eta* e *-aga* dos nomes de logar. O mesmo diz-se do *-k* do plural. Em um ponto importantissimo, o Berbero se oppõe ao Basco, isto é, na collocação das palavras, pois no primeiro a ordem é directa e no segundo é inversa. Dahi vem o uso de preposições no Berbero e de posposições no Basco, sendo que somente se pode formar uma declinação neste, que se não encontra naquelle. Para resumir, diz Trombetti que as formas dos verbos tão importantes como *ser* e *haver* são no Berbero mui diversas das do Basco.

A connexão basco-caucasica é evidente pelo seguinte: Os suffixos primarios *-korr*, *-sun*, *-ra* e *-ari*, o *-k* do ergativo com o *-ga* dos casos obliquos, o suffixo do ablativo *-i-k* = Udo *-i-χo* junctamente com *-ri-k* do participio absoluto = Cec. *-ri-g*, os suffixos compostos *-tha-n*, *-ga-n* e *-ga-s*, além de *-ki* ou *-kin* = *Karata-ki* ou *kin*. E' importante o elemento *-r-* na declinação e dahi as concordancias especiaes gen. *-ren* e dat. *-ari*. Os pronomes pessoaes *gu*, nós, e *su*, vós, têm correspondencia exacta somente no Caucasico. O mesmo diz-se dos pronomes interrogativos caracterisados por *s* ou *š*. Finalmente, as formas dos verbos auxiliares *ser* e *haver* encontram somente exacta correspondencia no Caucasico.

Que antes dos Indo-europeus houvesse uma continuidade ethnico-linguistica no Mediterraneo septentrional, do Cau-

caso aos Pyreneos, dos Ibéros orientaes aos Ibéros occidentaes, dos Abaschi aos Bascos, é tambem o que Trombetti prova com factos abundantes. Depois de demonstrar que na Italia, na região dos Alpes, se conservam nomes não indo-europeus, passa a dar alguns exemplos dos nomes formados com os suffixos *-s* (*s*) *a*, frequentes nas quatro peninsulas, como seguem :

Na Hespanha os nomes terminam em *-es* (*s*) *a*, *-is* (*s*) *a*, *-osa* e *-usa*. Temos pois *Suessa* na Hespanha, Italia e Asia Menor ; *Turissa* na Hespanha e Macedonia ; *Carissa* na Hespanha e na Galacia; *Larisa* na Italia, Grecia e Asia Menor, etc. Aos numerosissimos nomes de logar formados com o suffixo *-nd-*, na Asia Menor, correspondem na Grecia os nomes pre-hellenicos com *-nth-*, como *Corintho-s*. O mesmo suffixo na forma primitiva *-nt-* encontra-se na peninsula italica como *Surrentum*, que parece corresponder a *Surinthos* da ilha de Creta. Veja-se sobre o assumpto a interessante obra do autor citado — *Saggio di antica onomastica mediterranea.*

O Nexo Caucasico — Indo-Chinês

Em questão de affinidades linguisticas os pronomes e numeraes têm um valor importantissimo. O que levou, por exemplo, Lottner a descobrir a unidade do grupo Khamito-semitico foi a concordancia dos pronomes e dos prefixos e suffixos pronominaes usados nas conjugações. Com referencia aos numeraes os glottologos em geral são propensos a admittir ou a negar o parentesco de varias linguas segundo a concordancia ou divergencia dos seus numeraes.

O grupo Indo-chinês prende-se ao Caucasico.

Deixando de parte as comparações lexicaes, que seriam interessantes, limitamo-nos a apresentar somente alguns exemplos dos numeraes e pronomes, segundo Trombetti — Elementi di Glottologia, p. 166, 201-202, 466 :

NUMERAES

INDO-CHINÊS	CAUCASICO
1. *ākā* Ao	*aka, aky* Abchazo
ťsā, šā - tsi, ši	*tsa, sa - sis* Dido
2. *ör, rï* Chinês, *ar* Gyami	*ori* Georgeano
dzūr Ciamba	*ďzur, žur* Lazo
khi Karen	*khi-* Avaro
3. *sam, sem, sum* (*i*)	*sami, semi, sum* (*i*) Kharth.
šum	*šum* Lazo
4. *plei, phlé - pedi*	*phle, plli - pthe* Circasso
talē	*thle,* Circasso
bži, peži, šī	*phši-* Abchazo
5. *hu, wu, wa - tšu-i*	*χu, fu-, wa - šu, šu-j-*
pfü Regma	*pfu* Chinalug
6. *ruku, rūk*	*rüχü-* Buduch
rieh Aka	*rek-* Kara Kajtach
ū-rūk Chiru, *o-rūk* Kyan	*u-rig-, u-reg-* Dargua
7. *skwi-* Manyak	*škhvi-* Mingrelio
rai- Redong	*e-ri* Kürino
8. *pariek = *bariek*	*barh* Ceceno
gait Sairang	*gah-, kah-, kaj-* Dargua
9. *ku* Langrong *ūkā*	*küh-* Kürino, *ugu-* Rutul
10. *tšu, tšui - bitšu, ptši*	*tšu-, tši-,* Circasso *pšy, pši*
100. *ki, tši* - Kezh kri	*še* Circesso - Suano *a-šir*

PRONOMES PESSOAES

INDO-CHINÊS	CAUCASICO
tu *mu, mün, men* Chinês-Siamês	*mo, mun, men* gr. Avaro
nós *ťsun* acc. Tipura	*ťsun* Kürino
nós *īlī* incl. Mikir	*ili* incl. Chwarsci
nós *nēlē* excl. Mikir	*nel* Arci. *nithl* Avaro
nós *nǐši* M. Naga, *níšī* du. excl. Kan	*niž* excl. Avaro
vós *nuši, niši* Dimasa	*nuž* Av., *niša* K. Kajtach

PRONOMES INTERROGATIVOS QUE? QUEM?

INDO-CHISNÊ	CAUCASICO
Takpa *su*, n. *si*	Laka *tsu*, n. *tsi* = Churk. *si*
Dhimal *a-šu*	Udo *šu*
Ciungli *ši, ši-ba*	Avaro *ši-*, n. *ši-b*, Chürk. *ši-*
Hati G. *čya*	Chürk. *ča*
Dafla *hi*, Gyami *himē*	Kürino *hi*, *hime* qual ?

As linguas da America tambem pertencem a esta série, por exemplo o Esquimo com Groenlandês *su*– Mack. *ču*– Alaska *ča* que ? Algonquino com Blackfoot *tsa* id. Temos, diz Trombetti: Basco *so–in* quem ? = Lak *tsu* que ?, Udo *šu* id. = Tubetano *su* quem ?, linguas indo-chinesas *a–su* etc. = Groel. *su–na* Mack. *ču*-na, etc.

PRONOME DE TERCEIRA PESSOA

Notavel é a correspondencia que ha entre o Kanawari, Ciamba L. do Indo-chinês e o Avaro do Caucaso quanto ao pronome de terceira pessoa. Kanawari *do,* instr. *do–s,* gen. *do–u,* Ciamba L. *du,* erg. *dō–i,* gen. *dō–u,* plur. *do–r* (Tinan *do–re*), erg. *do–z.* Avaro: masc. *do–u* erg. *do–s,* fem. *do–i* erg. *do–thl,* plur. *do–l* erg. *do–z.*

Bastam esses exemplos para mostrar a affinidade entre os dois grupos.

O Nexo Indo-Chinês — Americano

Por meio das linguas paleo-asiaticas, como se pode vêr em nossos trabalhos — *As Linguas Indigenas da America* e *Monogenismo Linguistico*, o Indo-chinês prende-se ao grupo Americano e especialmente ás linguas da America septentrional de typo menos archaico, como mostrou Trombetti — *Elementi di Glottologia*, p. 171-172.

Apresentemos alguns exemplos da concordancia dos pronomes dos grupos Indo-chinês e Americano :

AMERICANO	INDO-CHINÊS
PRIMEIRA PESSOA	
Sg. *ī* Wappo, *i-* America meridional	*ī* Khangoi, *i-* Sema
iya Čiontal	*iya* Yachumi
ā Papabuco	*ā* Angami
kū- Činuk	*kū* Siamês
Pl. *ko-ko* Uitoto	*go-ku* du. *go-su-ku* Kiranti 10
Sg. *ta, te* Omagua, *ta-, tu-* Matl.	*tao, tau* Tableng
Pl. *i-tee* Cahita	*e-te* Lhota
Sg. *ne* Esselen	*nē* Mihir
nī Maidu, *ni* America sept.	*nī* Ao, *ni* Anal
Pl. *e-nīm* grupo Selish	*nimā* Namsangia
nis- Činuk	*niši* Moshang - Naga
SEGUNDA PESSOA	
Sg. *u* Amuzgo	*u'-* Sema
i, ü, î Klamath	*i* Lushei

ki Algonquino	*ki* Kanawari
Pl. *kina-wa* Algonquino	*kina* Milchan, *kinan* Kanawari
Sg. *na* Umpqua	*na* Dhimal, *na* Tanghkul
ni Apace	*ni* Horpa
nu Colorados, *nu* Činuk	*nu* Dimasa
Pl. *nemi* Esselen	*nema* Namsangia
Sg. *ma-* Tsimshian	*ma-* Namsangia
mu Cocimi	*mu* Kih-Lao

TERCEIRA PESSOA

Sg. *a* Cuna, *a-* Cahita	*a* Kukí
i Tarasco	*i* Vayu
u Tlingit	*u* Cepang
Sg. *i-t* Opata	*i-t* Kusunsa
Sg. *be* Peaux de lievre	*be* Lalung
Sg. *na-* Othomi	*na-* Khyeng
ama Totonaco	*ama* Kuli
Pl. *ame* Eudeve	*ame* Vayu

Seguem alguns exemplos de concordancias lexicaes dos grupos acima mencionados:

AMERICANO	INDO-CHINÊS
SOL	
ini Lule, Yagua	*ini* Mishmi C.
LUA	
hala Kiliwi	*hala* Mishmi D.
AGUA	
ku Chitimacha	*ku* Dumi
HOMEM	
tama Cocimi	*tame* Rengma
PAE	
pa Cholona, *pa*, *-paa* Mobima	*pa* Chinbok, *paa* Garo.
baba gr. Caribe	*baba* Newari

	MÃE
ma, *-maa* Mobima	*ma* Tibetano, *maa* Khambu
	CABEÇA
ko Tonto	*kō* Namsangia
	BOCCA
ā Diegueño, *a* Zapotico	*ā* Manciati
	DENTE
su Chemulus	*sū* Byangsi
	NARIZ
-nári, *-naré*, *-a-nari* gr. Caribico	*nār*, *nārr*, *ā-nārr* gr. Kuki
	ORELHA
an Atakapa	*ano* Mikir
	PE'
ke Navajo, *kié* Apace	*kē* gr. Kuki
	CASA
ki Pima	*ki* Angami, Rengsa, *kī* Arung
bai Cuicateco, Orari, *baki* Aruac	*bāhi* Kusinda
	BRANCO
pêka Karankawa	*pek* Chinês
	EM BAIXO
yō Pomo	*yō* Limbu, *yo* Spiti, *yō-a* Kanawari
	IR
ī Činuk	*ī-* Ciamba, *i-* Manciati
yā- Fox, *ya* Dakota, Hupà, Salin	*yā-*, *yāā* Thami
	BEBER
lū- Čimarico	*lū* Kachin, *lú-ng* Bodo e Garo
am Atapapa	*am* Dhimal
	MORDER
hāp Natchez	*hāp* Dioi
kupa, *kuba* Aino	*khup*, *kop*, *hob* gr. Tai
	VIR
ki-yu, *ke-you* Diegueño	*kā-yā* Chang, *ya*, *you* Khami
'iyu Esselen, *-you* A'taam	*yō* Darmiya, *yēa* Lhota, *you* Khami

CORTAR

koto- gr. Caribico, *kut-* Čimarico *kōt* Birmano

GRANDE

ba-te Pomo *bā-tē* Miri

Esses exemplos são sufficientes para provar a connexão entre os dois grupos apresentados.

Quanto á concordancia dos numeraes veja-se o importante trabalho do Prof. Trombetti — *Origine asiatica delle lingue e popolazioni americane* (Atti del XXII Congresso Internazionale degli Americanisti, Roma - 1926).

O Nexo Basco-Americano

Opiniões sobre a Connexão Basco-Americana

A lingua basca é oconsiderada, por muitos estudiosos, affim ás linguas da America.

O primeiro que chamou a attenção sobre a estructura do Basco, especialmente na conjugação, e fez referencias á sua semelhança com as linguas da America, foi João-Severino Vater.

G. Humboldt assignalou analogias entre o Basco e os dialectos americanos, especialmente os dos Delawares e Chippways em particular.

Charencey em sua obra — *Des affinités de la langue basque avec les idiomes du Nouveau Monde*, 1867, diz que as linguas da America têm muitos pontos de contacto com o Basco. O mesmo auctor, em autra sua obra citada, dá exemplos de affinidade do Basco com as linguas da Americc septentrional, particularmente com as do Canadá (grupo Algonquino).

Para mostrar até onde chega a sua affirmação, Trombetti cita o seguinte trecho : "Il semble, en un mot, que le Basque ne soit qu'un idiôme americain, modifié suivant les exigences de la civilisation".

G. D. Whitney em seu livro *La Vita e lo Svilupo del Linguaggio*, diz que o Basco constitue um exellente élo de ligação para o dominio linguistico do Novo Mundo, pois não ha no Mundo antigo, outro dialecto que tanto se pareça pela sua estructura com as linguas da America.

Portal, em seu livro citado, diz que no dialecto Kaigangues ha palavras que se parecem com o Basco. Bandrimont em sua *Storia dei Baschi Eskalduna* sustenta haver varias palavras em commum entre os diosmas da America e o Eskera. Gaffarel em suas *Relations d'Amérique avec le monde noveau* declara que a conjugação basca se parece com a conjugação dos americanos do Norte. Além de muitos outros, Winson com o seu trabalho — *Les basque et les langues americaines* sustenta a mesma hypothese.

O distincto glottologo hollandês C. C. Uhelenbeck assignalou tambem algumas notaveis coincidencias entre o Basco e as linguas da America, sem porém dahi concluir que tivesse havido uma provavel remotissima connexão historica, pois elle, como Schuchardt, prende o Basco ao Khamitico.

E' assim que um seu interessante artigo *Aglutinacion y Flexion*, "Tercer Congresso de Estudios Vascos", 1923, diz que o systema inflexional da lingua basca... approxima-se á abundancia holophrastica de alguns idiomas da America do Norte.

Finalmente Trombetti consagra um longo e excellente capitulo da obra *Origeni della Lingua Basca* á connexão basca-americana, que vae nos servir de guia neste trabalho.

Provas da Connexão Basco-Americana

1.° — Suffixos, prefixos e "incapsulação"

Em todos os grupos faz-se uso dos prefixos e suffixos e em todos é representada a fórma mais antiga da conjugação, isto é, a "prefiggente". Observa-se nella o phenomeno da "incapsulação," como:

BASCO	GEORGEANO
d-a-bil elle vae	*w-a-cer* eu escrevo
d-a-bil-tza elles vão	*w-a-çer-th* elles escrevem
LIMBU	**DAKOTA**
k-pēg tu vaes	*ya-káška* tu les
k-pēk-čē vós ides	*ya-káška-pi* vós ledes

Este phenomeno está em connexão com o "verbum plural" que é commum no Caucasico (Basco) e especialmente no grupo Americano.

2.° — Ergativo

Grande importancia tem o ergativo, que indica o sujeito activo em contraposição ao sujeito inactivo e ao objecto. Encontra-se o ergativo no Basco, Caucasico, Indo-chinês e em linguas Paleo-asiaticas como seja no Ciukcio e Esquimo. Nas linguas americanas encontra-se pelo menos em forma suppletivas dos pronomes pessoaes afixas ao verbo, como Trombetti prova em *Elementi di Glottologia*, p. 265, 285. A importancia do ergativo, diz o acutor, está no facto que fóra da zona

basco-caucasico-indo-chnês-americana elle não se encontra senão na derramação andamanes (?)-papua-australiana.

A distincção entre sujeito activo e inactivo prende-se ao do genero animado e inanimado. Temos pois notaveis oencordancias tambem nos indices do ergativo, como Basco *-k* = Mingrelio *-kl*, Lago *-k* (*h*), Circasso *-m* =, Esquimo *-m* e *-p*. Outro signal *-s* do Basco tem correspondencia no Caucaso e Indo-chinês assim como nas linguas papuas e australianas.

3.° — Pronomes

A concordancia dos pronomes "eu" e "tu" entre o Basco e o Algonquino é notavel, como se vê :

BASCO	LINGUAS ALGONQUINAS
ni eu	*ni* Lenape, *ni-* prefixo verbal
ni-k eu (erg.)	*ne-k* Iurok
ni-r- abl.	*ni-ra* Kri, *ni-l* Mikmak
hi tu	*ki* Lenape, *ki-* prefixo verbal
hi-r- abl.	*ki-ra* Kri, *ki-l* Mikmak

Damos o prospecto geral dos pronomes de primeira e segunda pessoa :

BASCO	CAUCASICO	INDO-CHINÊS	AMERICA
eu *ni*, *neu*	*nu*	*ni*, *ne*	*ni*, *ne*, *nju*
ene meu		*eni* meu	*ini*, *in-* meu, *ene* eu
nik, *niga-*	*niχa* nós	*nga* de **nigá*	*nika*, *nek*
nita			*nita*
-t, *-ta-*	*tu*	*ta-u* Tableng	*ta*
-da-	*da* dat. - instr. *do*		*da-i*, *do*
	si-, *s-* meu		*si-*, *tse-* meu
	sere		*džere* Bribri
tu *hi*, *heu*	*si*, *χ-*, *hu*	*ki*	*ki*
hik, *higa-*	*ska-*		
**hen* f.	*sin*, *šen*	*khene*, *kēn*	*kin* Algonquino
hita			*kita*
		nang	*nang* Umpqua
nós *gu*	*gu-*, cfr. Elam. *niku*		*-gu-* Esquimo
guk	—, *oχu* excl. Cec.	*gokū*, *ōk* excl. Kiranti	*oχ* Maya, *oko* Mbyá
	čku		*kiku* Chumask
		nimā Nams.	*enēm* gr. Selish
		ī-tum incl. Mikir	*i-tom* gr. Sonora
	ili incl.	*ili* incl. Mikir	
	ilo- incl. poss.		*ilo-χ-* incl. Ciachta
	nel	*neli* excl. Mikir	*nāl* obj. Modoc
vós *su*, *seu*	*su-*, *šu*, *sua*	*su*, *šū* gr. Tai	*se* Cora, *i-š* Kice
suk, *suga-*	*sga*		
sur-	*sur-*		*suri* Camc.
	num Elamitico	*nūm* Moshang Naga	*nūm* Zimshian
		neko Angami	*i-nak* Mohave

Outra interessante concordancia temos entre o Udo do Caucaso e o Esquimo :

Udo nom. *ma-no* este abl. *ma-tu-* pl. *me-tu-γo-*

Esquimo nom. *ma-na* este abl. *ma-tu-* pl. **ma-tu-ko* > *makko*

4. — Polysynthetismo

Em se tractando do verbo o que especialmente chama a attenção é o polysynthetismo. O verbo basco pode incorporar o sujeito, o objecto directo e o indicecto e o mesmo se diga com referencia ao verbo do Abchazo, por exemplo *dy–u–s–-thueit* "lui a te io do". Nas linguas indo-chinesas o verbo pode ter affixos subjectivos e objectivos. Nas linguas americanas têm-se frequentemente uma collocação de pronomes correspondente a do Basco, por exemplo Algonquino *ki–sakih–in* te amo eu. No Abchazo os verbos podem incorporar conjuncções e tambem substantivos e Schuchardt lembra a polysynthese americana, como Azteco *ni–naka–kwa* "eu carne como". Grube via tanto no Abchazo como no Basco o typo incorporante americano. Eis alguns exemplos de fórmas polysntheticas :

Basco (Guip.) *z–e–n–e–uka–z–ki–o–te–e–n*. "voi li tenevate a loro", Circasso *hu–gäz–s–thleu–te–me* se tu me tivesses supplicado, Mikir (VIII) *ē–pā–či–thu–koi–láng* "he has caused us to slanghter all", Blackfoot (IX) *ni–mat–ŭk–o–mīn–mau–ax–au* "io non li amo".

5.° — Construcção

Grande importancia tem na classificação genealogica das linguas a ordem das palavras na phrase. Em alguns grupos a ordem é fixa, em outros porém ella é mais ou menos livre. Dois são os typos 1.° regens–rectum ou determinando-determinante (a–b ou A-B), 2.° rectum–regens ou determinante-determinando (b–a ou B–A). A primeira construcção, directa, encontra-se no Semitico e no Khamitico septentrional e etc;

a segunda, inversa, encontra-se no Basco, Caucasico, Indo-chinês e na maior parte das linguas da America etc. Trombetti, que nos fornece as considerações acima, (*L'Unitá d'Ori gine del Linguaggio* p. 129-130, *Sulla Parentela della Lingua Etrusca*, p. 34) diz ser em regra o genitivo o caracteristico d-uma e outra construcção. Nas linguas em questão pois o genie tivo se prepõe.

Damos a tabella de correspondencia de algumas palavras:

BASCO	CAUCASICO	INDO-CHINÊS	AMERICA
Cabeça *buru*	*buru-χ, bur-γo-* monte	*bul*	*buru* Chocoe
	šχa Circ.	*skō*	*i-ska*, sõga
	thχvym, thχemi	*dikim, dukum*	*tku, tokó*
		pi, a-pi, a-phu	*p'a, p'e, p'ó*
	khar-ti, khor-th	*khara, kōrō*	*oõ-krá, i-kra, kuru*
Olho *i-kuṡ-i* visto	*a-khs-* vêr	*m-i-ks-i*	*kuss-i, a-χuss-i*
	thol		*toll, tulle*
Orelha *bel-arri*		*bil*	*pil*
	quri	*kurr*	
Nariz	*ner*	*nar*	*nari*
Bocca	*sob, sür*	*sop, sup*	
Lingua	*meldz, maz, mez*	*male, melye, ltše*	
		bale, barei	*bal, a-pli, a-pri*
Dente (*hor*)*-ts*	*dza, sa-s, tse*	*sa, si, so, soa*	*dza, sa, tzi, i-tzoa*
hor-ts	*kkar-ttši*	*gar, khru-ī*	*i-karé, kor, kurr*
Mão		*lāhā, lā, lwā; la-tā*	*la, law; la-tā*
	retlla	*letla*	
		bān, pān	*bana, fan*
Pé *ón, oin*	*kon-tšu*	*kon-dza, kun-z*	
	qil, γil, γel	*khel, hil*	*kele, keal*
	lak, lek, lik	*lāk, lakī, likī*	

Osso *a-surr*, (*h*) *e-surr*	*zol*	*sarū*, *hrū*	
Sangue	*šša, çī*	*azi, aši, asu;* sai	*es-, eso-* Azteco
Homem		*khlaung, klāng*	*i-thlunga, i-hlinga*
		kōn, kun	*χuni, nu-kuny*
		pā, apā, pā-čhi	*apa-č*
Mulher		*šikāw, sikau, čikō*	*squaw, čeko, t-skweu*
Cão	*χu, χua, χve, χui*	*ku, klwa, khwē, kui*	*kuyó* lobo
ho-r, o-r	*χo-r*	*uu-r, u-ri*	
	koťs, khuťsa	*koťsu, kudžu*	*kūťsi* lobo, *kūsi*
	khits, khiš	*khiťsā*	*kiťsa, kheťsa-e*
Vacca *behi, bei* (*a*)		*bik, bhū, bī, bīa*	
Urso	*sikka, sika, siko*		*sika, ťsuku-i*
Rato *sagu*	*šage* rato; *zugo, dzyγo*		*tzuk* gr. Maya
Sol *e-k* (*h*) *i*, *e-gu-*, *i-gu-*	*ke, ki-a, γi, ji-γ*-dia	*e-ke, ye-gi*	*q'i, qi* dia, *q'e* sol, dia
e-gum dia	*gini*	(*k*) *ini, uni; nyām*	*q'in* (*h*) *ini, unyá; nyã*
argi luz	*raγ, reγ, ri;i*	*år* fogo	*ari, reyá*
	b-arγ, v-arh'i	*w-ār, v-arr* fogo	*pu-ari, ba-ari, v-ari*
	m-ara	(**sā-var* sol)	*m-eri*
Lua *hilja-, hilje-, hila-*		*elā; hala, khlye*	*kilja; halla, halya*[1]
		la-zā, la-tsang; gol-sáng	*kala-ža; gol-tsei*
Estrella *i-sar*	*tsŭara, dzuari, tsaru*	*swar, sara, sorawa*	*šurua-be, šula-wi*
	iri	*sira*	*u-ire, siri*
	ur-i, ts'-ur-	*sa-hór*	*uri, z-uri*
	tsa-dara-bi pl.	*tara, phan-dara*	*se-tere, si-tla-*
Agua *i-to-i, i-to-ki* gotta		*tūi, ti*	*to, tu, toe, ti*

(1 mar)		*dūi, di*	*du, dua' di*
(2 lago)		*a-tsü, tza, e-si*	*tzü, tza, i-tsi, si*
		dzü, e-dzü, dzo	*dzu, dzo*
ur, cfr. *e-uri* chuva	*ür* 2, *ur-χu* 1	*ur* chuva. (Kotto)	
	χe; 1, 2 *χχo, χy*	*kū, kui, χu, kya*	*ko* etc.; 1, 2 *koi*
	χen, χoñ; 1 *hene*	*kan-ku*	*χene, huni; l χono*
		mak	*mak*, chuva (Wappo)
		pwāku	*paha-, waka*
Neve	*thov-li, thvi-ri*		*tauw, tow, teu*
Fogo *su, su-a*	*tsu, tsa, tse; dza*	*ā-she, tsa-mi, sa-meh; dzā*	*tsü, tsui,* etc.
	u-ts, o-ts		*u-ssi*
	ma-'se, ma-ssjo	*ma-si, ma-tsü*	
Casa *e-ce*	*ca- ce-*	*e-kiē, ki*	*ki*
baita-	*beda* estrebaria Ceceno	*bahi* Kusunda	*bata, bai, baito*
Bom *mai-te* caro		*mai*	

6.° — Numeração

O systema de numeração é vegesimal no Basco e tal em parte conservou-se no Caucasico e Indo-chinês. Em muitas linguas da America tambem encontra-se o systema vigesimal.

Eis o quadro da numeração de 1 a 10, 20 a 100 das linguas em questão, notando-se que a columna America refere-se á America septentrional, isto é, *fórmas neo-americanas* :

BASCO	CAUCASICO	INDO-CHINÊS	AMERICA
1 *bat* de **bahat*	*ba-, be-* em 100	*po; pakhat*	*pa, pau; paka*
ika em 11	*aka, aky; akr*	*aka, ekha; kri*	*ikh-t; kari*
	tsha, sag; e-šχu	*ťšik, šik*	*ska, sakwo; a-shu*
	tsa, sa, sse-; ši-s	*sa, se*	*sa, se; si-si*
	hās, hos, oss	*ǎsi*	*as, ots*
2 *bi,*	*kh-wi-, khi*	*khi; bi, pi 4*	*ubi, bui, pe, i-pi*
bir, berr	*q wer*	*prē* de **bir'e; biri* 4	*a-piri*
bida	*q weda*	*bidi* 4	*bit, beta*
biga	*khigo* de **kh-wigo*	*a-pīko* 4	*χu-bik, kŭ-wik*
		ňis, nīsi, nisū	*ňis, nīse, ňisŭh*
		ngē, ngi	*nige, nigi-*
	tko, tku		*teχá, takwe*
	šini- de **kini-*	*kini; kingha*	*tekini; χenka*
3 *hiru, here-*	*χ'lo-*	*krō* 6	*giró-k, in-geré*
	sami, semi, sum (i), šum	*sam, sem, sum (i), šum*	*tšiam, tšeme, tšum*
	hab-, χib, ššibu-	*sup-*	*tšabi, i-šib, subu*
	χ'labgo		*klap'ha-i*
		suk-, sug	*suka, sok*
	χi-, ši	*sē, sī-*	*χi-u, o-ši*
	p(h)-šo, p-šwa		*ba-tšoa, pa-hio*
4 *lau*	*phle, plli, phši-*	*pli, plei, plau;* bži	
lau-r	*pʌ-r*	*palū-re*	
		mali, malhi	*māla, meli*
	e-bqa-, boqo:; muqwa		*bagá; moakoa*
	otχo		*otiko, utχo-* 2
5 *bos-t*	*oχ-uš-th, voχ-viš-d*		*putši-ka, piš-ka; vis*
	χu, χχ'o, šu-, šuj-	*hu, tšui*	*χoó, χoé*
	χuthi		*kuto*
		parangā; pān	*parenagh; pano*
		tangā	*tanka*
6 *sei*	*zekh, sekj; a-ši*	*a-zok*	*ip-zok* 2 x 3

	u-sgra	*soke, tsugwo, so-p*	*a-suko-m, šak-pe*
	rüχü-, ruχiu; rek-	*ruku, rūk; riek*	
		krō	*klu-, klou-*
		truk, trok	*ka-tlowk, k.e-tloq*
7 *zazpi* de **saχpi*	*škhwi-,*	*skwi-, sagi* de **sakwi*	*sikwā, šakopi*
	škhwthi, šwidi	*t̆set, tset, kiet*	*sguat, tsakwus*
	eri-d	*rai-; tarēt*	*so-taret*
8	*barh*	*pariek* de ** barek*	
	gah- de **garh-*	*garīt* de ** garik*	
		tirēt	*a-tleret*
9	*khü-, ugu-*	*ku, ukā; kvi, ku-t*	*kvi-a, gu-to*
	buγu, bγu	*pökw-a* de ** bokw-a*	
		t̆sakū, tšoko, sokī	*šak, šaki-, tšaka-, šok-*
		tukhu, toko	*tukhu, tukoh, tōkw*
10 *hama-*	*khama* punhado (Lak)	*s̊am, hamūit,- kom*	*kama-tska*
	tsu-, tsi-	*t̆su, tšui*	
	pšy, pši	*btšu, ptši*	*pitši-ka, putš-k*
	a-tsra, ha-tsara	*t̆siro, serr; karyū*	*kolju-, quli-, gel-*
		tāra, tharrā	*trā*
		kyep, kipu	*keap, kepo, kipü-a*
		ā-bn de **ā-ban*	*ā-pun, ō-pan*
		khrā-s'a, khā-sok	*klā-s, ga-šuk*
20 *ho-gei, ho-goi*	*qa, qqej-, qó-go*	*go, goi, me-kko*	*a-ko*
	yal	*khali, kāl*	*kalle, kale, kala*
		khäl-kā	*kaly-k, χaly-k*
100 *e-hun*	*be-han, p-gan, p-han*	*v-an* (Hainan)	
	še, sse; o-ši, a-si	*ki, tši, tšē, sēgē*	*sisü-q* (Alento)
	a-šir	*kri, krē, krā*	
	*ba-tš, s*ky*		*pa-tški, i-suk*

waršš, varž	*brgya*	
ba-h, b-ē, ba-a	*po-ga, pu-gā, pho-gwa*	
ba-h	*pā-k, pe-k*	
be-šen-	*ts'īen, gen* 1000	
musgo		*nšag* (Guiliaco)

Conclusão

Entendem alguns como H. Charencey, Portal, E. Perrone e muitos outros, que a Atlantide, a terra desapparecida após um immenso cataclysmo, seja considerada como uma ponte entre a Europa e a Africa de um lado e a America do Sul do outro. Por esta ponte imigraram povos europeus e africanos, que pela sua lingua exerceram influencia sobre as linguas dos indigenas.

A hypothese da Atlantide é seductora, mas por emquanto não passa de lenda.

Os factos linguisticos provam que a connexão basco-americana se effetua por um trâmite bem diverso do precedente: prende o Basco ao Caucasico e este ao Indo-chinês, ao qual, se prende o grupo Americano.

Dando-se a dispersão do homem e das linguas da Asia meridional, como demonstra a Glottologia, temos a seguinte concatenação:

Basco ← Caucasico ← Indo chinês → Palo-asiatico → America septeutrional

O Basco pois se prende ás linguas da America por esse trâmite. Outra solução por emquanto não conhecemos.

BIBLIOGRAPHIA

Candido de Figueiredo, *Manual da Sciencia da Linguagem*, 1903 — Lisboa.

De Gregorio G., *Glottologia*, 1896, Milano.

Florencio Basaldua, *Contribuición al estudio de la prehistoria e historia de la nación Eskalduna.*

Giacomino C., *Sulle relazioni tra il basco e l'egizio*, Archivio Glottologico Italiano – 1895 – Torino.

Georges Lacombe, *La Langue Basque*, Les Langues du Monde – 1924 – Paris.

Jorge Bertolaso Stella, *Monogenismo Linguistico, Traços de Glottologia Geral Comparada* – 1927 – São Paulo.

Jorge Bertolaso Stella, *Um livro de Alfredo Trombetti*, Revista de Lingua Portugueza – n. 43 – setembro – 1926 – Rio de Janeiro).

Jorge Bertolaso Stella, *As Linguas Indigenas da America* (Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo – vol. XXVI – 1929).

Mendes Corrêa, *Os povos primitivos da Luzitania* – 1924 – Porto.

Perrone G., *L'Atlantide*, 1928 – Torino.

Pablo de Zamarripa y Uraga, *Gramática Vasca*, 1928.

Portal E., *La Lingua Basca* , 1926 – Milano.

Sergi G., *Gli Arii in Europa e in Asia*, 1903 – Torino.

Sergi G., *Le Prime e le Piu Antiche Civilitá*, 1926 – Torino.

Tercer Congreso de Estudios Vascos, 1923 – San Sebastián.

Trombetti A., *L'Unitá d'Oringine del Linguaggio*, 1925 – Bologna.

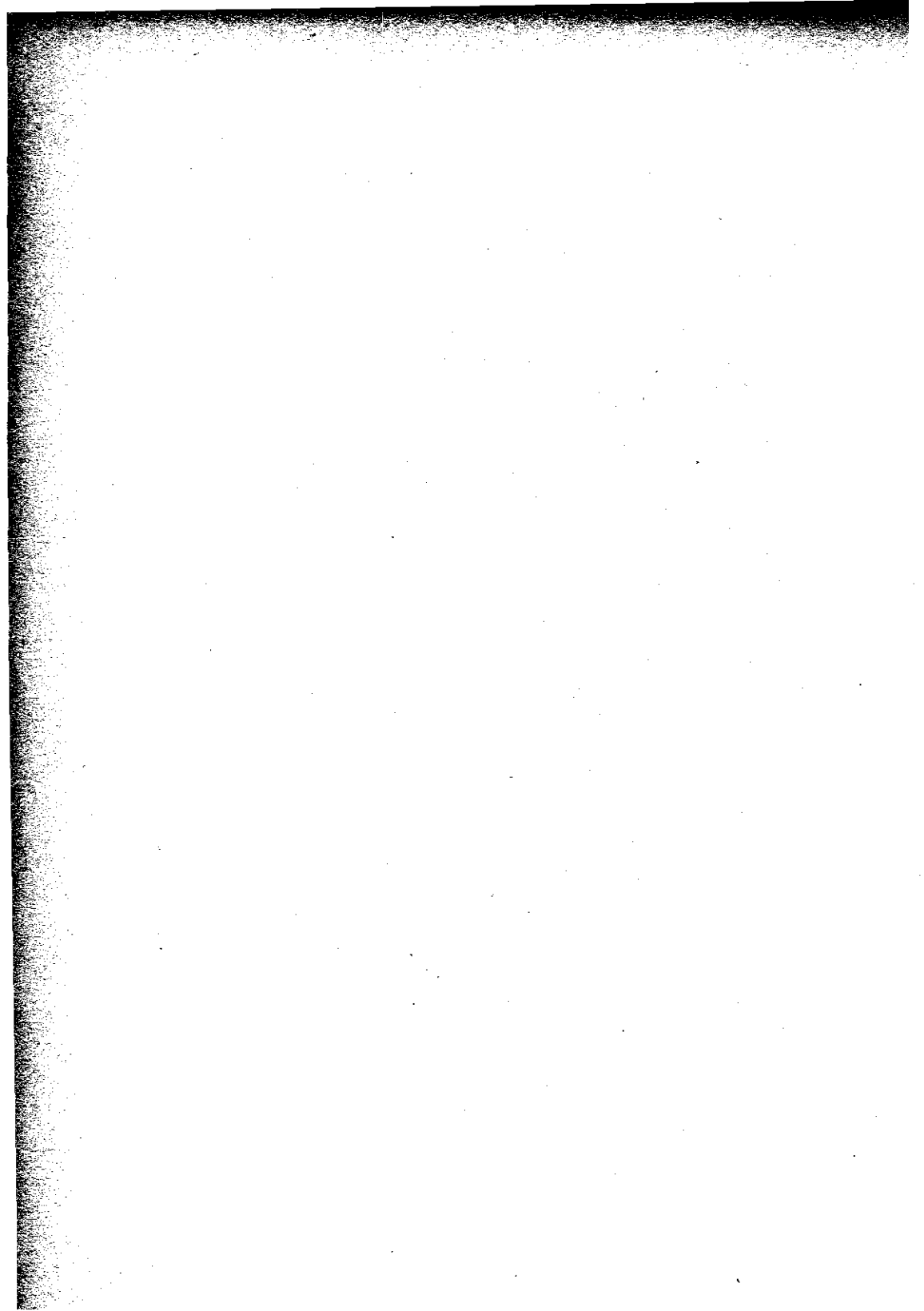
Trombetti A., *Come si fa la critica di un libro*, 1907 – Bologna.

Trombetti A., *Elementi di Glottologia* – 1922 – Bologna.

Trombetti A., *Le Origine della Lingua Basca* – 1925 – Bologna.

Trombetti A., *Saggio di Antica Onomastica Mediterranea* (Archiv za arbanasku starinu, jezik i etnologiy – 1926 – Belgrado).

Trombetti A., *Origine asiatica delle lingue e popolazioni americane* (Atti del XXII Congresso Internazional e degli Americanisti – 1926 – Roma).

Whitney G. D., *La Vita e lo Sviluppo del Linguaggio*, tra. di F. D'Ovidio – 1876 – Milano.

A LINGUA ETRUSCA

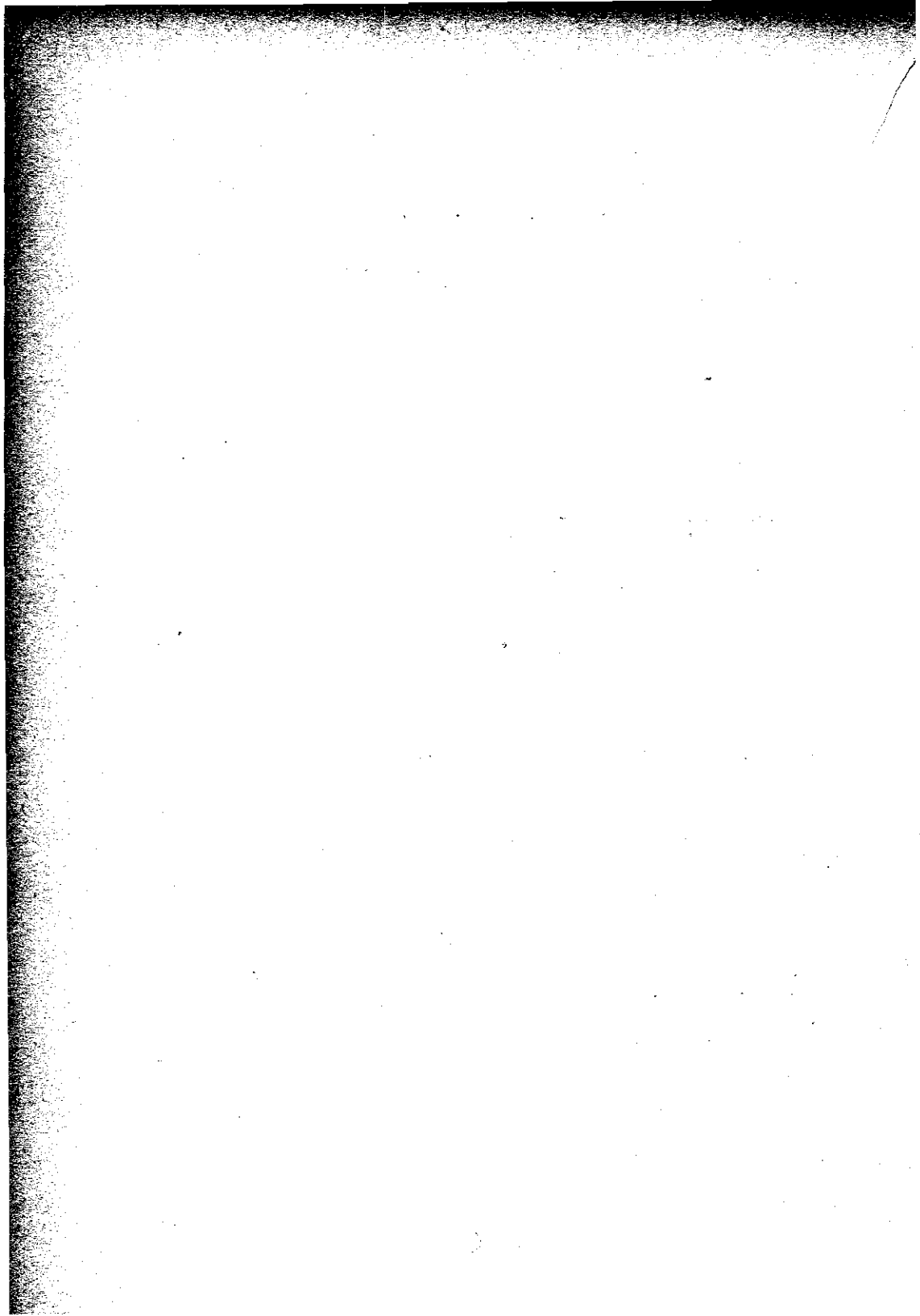
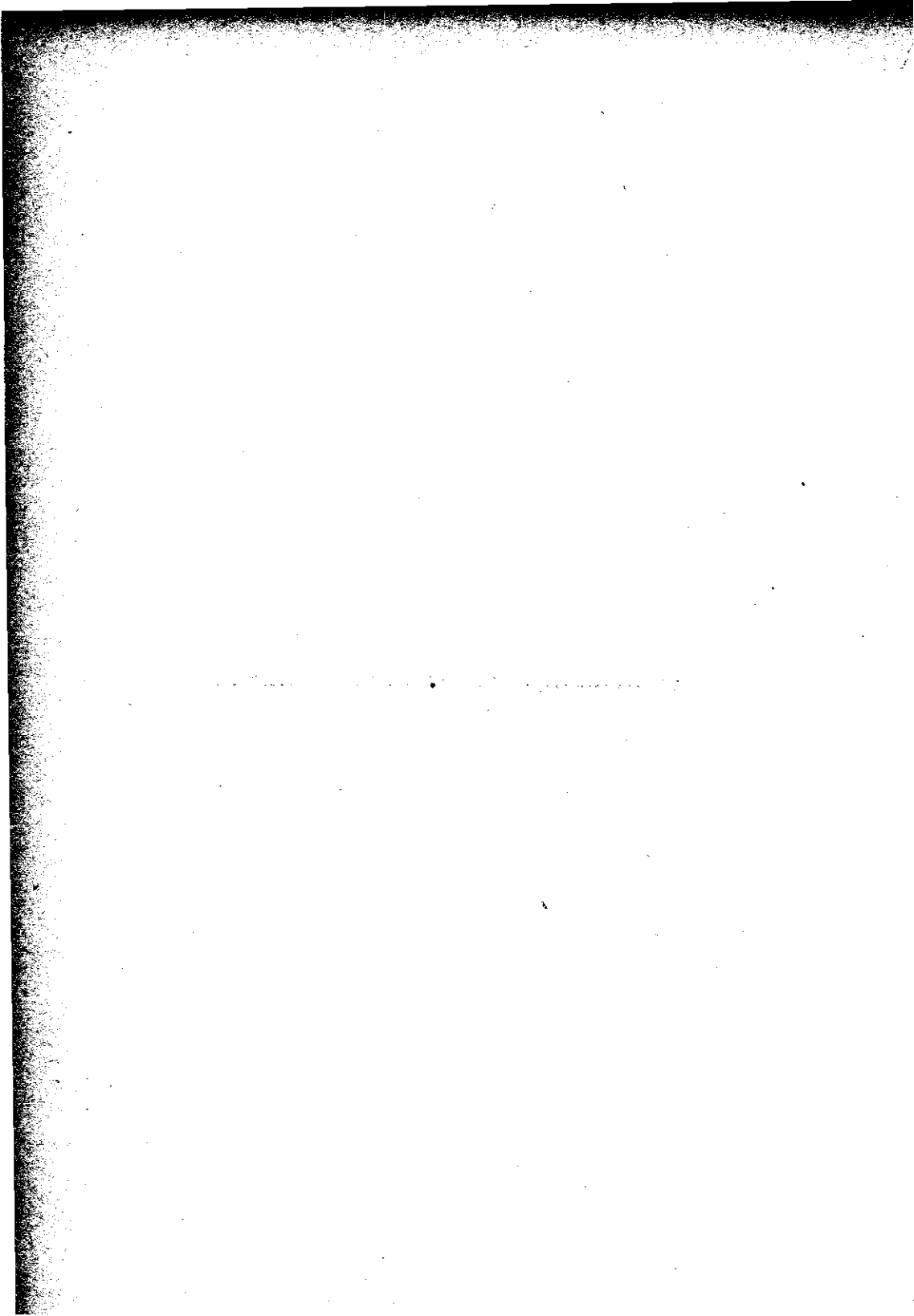
POR

Jorge Bertolaso Stella

(SOCIO DO INSTITUTO)

ABREVIATURAS:

O asterisco * collocado ao alto e á esquerda de uma palavra indica que se tracta de uma fórma theorica.

Nom. = Nominativo
Sigm. = Sigmatico
Acc. = Accusativo
Dat. = Dativo
Loc. = Eocativo
Gen. = Genitivo
Adj. = Adjectivo

A' memoria de Alfredo Trombetti

A lingua etrusca

Nihil maiorem ad antiquos populorum origines endagandas lucem praebere, quam collationes linguarum.

Leibnitz.

PREFACIO

Nosso paiz, já bastante desenvolvido na cultura de muitos ramos dos conhecimentos humanos, ainda nada tem feito infelizmente com referencia ao estudo da Glottologia Geral Comparada.

Em regra estuda-se, no Brasil, Português, pouco o Latim, Grego menos ainda, e Sanskrito, estudo indispensavel para o conhecimento da Philologia (1), apenas um ou outro auto-didacta a elle se dedica. Isso referindo-nos ao grupo Indo-europeu que é o mais conhecido. Quanto aos outros grupos linguisticos, em nosso meio, quasi nenhum estudo se faz.

Esse facto explica-se por dominar, infelizmente, a idéa de que nenhum proveito advem desses estudos aridos. Esse modo de pensar precisa ser, porém, modificado pois que os estudo das linguas, como disse Leibnitz, é importantissimo visto serem ellas o melhor espelho do espirito humano.

---

(1) JORGE BERTOLASO STELLA, *A Lingua Sanskrita*, Revista de Lingua Portuguesa, n.º 65, 1930, Rio de Janeiro.

Essa é a razão pela qual apparece este trabalho — *A Lingua Etrusca* que vem contribuir para o conhecimento de um povo cuja civilização não deve ser ignorada.

Sobre a Etruscologia e com vistas á lingua especialmente nada existe em Português. Dahi o desejo de apresentar este estudo que, embora resumido, forneça algum conhecimento referente a tão mysteriosa lingua cujo problema tem desafiado as maiores mentalidades desde muitos annos.

Já estava quasi concluido o presente trabalho quando se soube da morte de Alfredo Trombetti. Este facto impõe-me o dever de dedicar *A Lingua Etrusca* á memoria do eminente glottologo a quem sempre votei especial veneração e a cuja sombra venho estudando a sciencia a que elle dedicou sua existencia. Apresento tambem dados biographicos e photographia gentilmente enviados por um filho do extincto — Dr. Ettore Trombetti.

Como nos trabalhos precedentes, devo neste expressar meus agradecimentos á minha esposa Iracema de Barros Bertolaso pelo seu concurso na elaboração do presente.

A' Casa Editora "Irmãos Ferraz" e especialmente ao amigo Eudoro Ferraz, proprietario gerente da mesma, meus agradecimentos pela bôa vontade manifestada pela publicação da separata d' *A Lingua Etrusca.*

Se este trabalho, directa ou indirectamente vier a estimular outrem ao estudo de Glottologia, dar-me-ei por compensado do que fiz.

O exemplo de Trombetti, Assoli e outros auto-didactas, deve ser seguido por aquelles que desejam estudar e precisam faze-lo sem mestre. Seu lemma deve ser o proverbio sanskrito : "Os fracos nada principiam por medo das difficuldades; os mediocres, vencidos por ellas, deixam de proseguir, depois de terem começado; mas os que são dotados de optimas qualidades, não renunciam á obra emprehendida, embora milhares de difficuldades os contrariem."

Sorocaba, 2 de Abril de 1930.

JORGE BERTOLASO STELLA

INTRODUCÇÃO

Professor Alfredo Trombetti

Como ficou dicto no prefacio, o trabalho — *Lingua Etrusca* já estava quasi todo escripto quando chegou a dolorosa noticia do fallecimento do prof. Alfredo Trombetti.

Para testemunhar mais uma vez minha grande admiração pelo Academico da Italia, apresento alguns dados biographicos que deixei de publicar em outros trabalhos abaixo mencionados.

Quem desejar conhecer de um modo particular as obras do prof. Trombetti e sua importancia, a opinião dos sabios sobre a sua pessoa, etc., poderá consultar meus trabalhos: *Monogenismo Linguistico — Traços de Glottologia Geral Comparada* (Irmãos Ferraz - São Paulo) e *Trombetti e a Glottologia* (Revista da Lingua Portuguesa, n.º 61, 1930, Rio de Janeiro).

Os dados que apresento são extrahidos do prefacio da obra — *Nessi Genealogici fra le lingue del mondo antico* (4 volumes), trabalho este com que concorreu ao premio de 10.000 liras á Academia dos Lynces. Este trabalho não foi publicado, porém serviu de base á celebre obra do auctor — *L'Unitá d'Origine del Linguaggio.* Os originaes da referida obra em 4 volumes, acham-se em poder da familia.

No prefacio ao trabalho mencionado, como disse, o prof. Trombetti apresenta sua auto-biographia, verdadeiramente interessante, de que tiramos alguns dados principaes.

Trombetti nasceu em Bolonha no dia 6 de janeiro de 1866. Seus paes eram muito pobres e com familia numerosa soffriam grandes privações. Frequentou as classes elementares, não se recordando se até a segunda ou terceira, revelando vivo interesse pelos estudos. Sem o auxilio de professor algum applicou-se ao desenho, conseguindo fazer trabalhos de paisagens e figuras que foram julgados ser de provecto desenhista. Obteve um premio especial de desenho.

Quando cursava a segunda classe elementar occorreu um facto que teve sobre elle uma influencia decisiva e que permaneceu para toda a sua vida. Um collega mostrou-lhe uma grammatica francesa de Leitnitz. Agradou-se do livro e pediu-o emprestado para ler ligeiramente. Leu as regras de pronuncia, estudou as conjugações dos verbos, aprendeu de memoria alguns vocabulos e tentou traduzir alguns exercicios de leitura. Poucos dias depois, com grande satisfação conseguiu traduzir *les mois de l'année* e outros exercicios faceis. Desejoso de aprender a pronuncia correcta do *u* e do *eu* franceses, etc. (sons não existentes no dialecto bolonhês) dirigiu-se ao seu professor que ensinou a pronuncia correcta, admirandose de que um alumno da primeira classe elementar pudesse estudar o Francês e desse estudo tivesse aproveitado tanto !

Seus paes pauperrimos não lhe podiam fornecer meios para adquirir livros, porém quando conseguia reunir "cinque o sei soldi correvo ai banchi dei venditori di libri usati e comperavo qualche grammatica o libro de lettura a buon mercato". Certa vez encontrou uma grammatica allemã (não lembra qual o auctor, mas declara ter sido uma grammatica ideal) e comprou-a por "cinque soldi". Foi um auto-didacta. Teve poucos professores e por pouco tempo. Felizmente obtinha livros claros que o animavam a proseguir nos estudos. Estudou a grammatica allemã que adquirira e no fim de dois meses já traduzia as fabulas de Lessing. Não possuia para isso diccionario allemão, mas sabia muito bem os principaes vocabulos radicaes e era o que lhe bastava.

Um facto interessante declarou elle : nunca comprou diccionarios (pelo menos até os 37 annos), não só por seu preço elevado, como porque julgasse indispensavel conhecer de me-

moria o maior numero possivel de vocabulos, os quaes podiam ser aprendidos nos vocabularios das grammaticas.

Durante muitos annos ensinou Grego e Latim nas escolas secundarias, sem possuir diccionarios grego e latino. Escreveu uma obra em allemão sem ter-se utilizado do diccionario. Os poucos diccionarios que possuia foram-lhe offerecidos por amigos (exceptuando porém os diccionarios de linguas pouco communs).

Quando traduzia allemão dirigiu-se ao seu professor — Simonini e pediu-lhe ensinasse a pronuncia do *ch* e de outros grupos de letras. O professor porém confessou saber menos do que o alumno, tendo começado, mas abandonado o estudo dessa lingua em seguida.

Emquanto cursava as classes elementares inferiores, esforçava para aprender novas linguas e os successos obtidos animavam-n'o a proseguir nesses estudos.

Um dia encontrou uma grammatica grega de Berrini adquirindo-a por uma insignificancia. Estudava-a até depois de meia noite. Que triumpho quando conseguiu traduzir a primeira sentença grega : "*Ho hypnos thanátos adelphos*".

Ainda nas escolas elementares começou a estudar o Hebraico e o Latim ao mesmo tempo na grammatica hebraica do cardeal Bellarmino, escripta em Latim. Para poder conseguir algumas noções desta lingua atormentava sua mãe afim de o levar ao parocho de quem desejava receber explicações. O bom do sacerdote limitou-se a presentea-lo com uma grammatica latina, promettendo interessar-se pelos seus estudos. Nessa occasião, terminava o joven Trombetti, o curso da segunda classe elementar. Diz elle lembrar-se de concluir uma prova com a palavra *fim* em quatro ou cinco linguas differentes. Este facto chamou a attenção dos examinadores que o interrogaram a respeito.

Ao concluir o curso elementar inferior, seus paes foram obrigados a manda-lo aprender um officio qualquer "e ricordo, diz elle, "che feci successivamente il fattorino di barbiere, il lavorante presso un oréfice a qualque altro mestiere". Entretanto não abandonou os estudos predilectos, pelo contrario, não perdia opportunidade alguma para estudar novas linguas.

Teve noticia da existencia de frades hespanhóes no convento de S. José, proximo de Bolonha. Procurou-os e tudo fez para conseguir que lhe ensinassem elementos de Hespanhol.

Appareceu, certa vez, em Bolonha, um persa de nome Mirza Hassan Sadri que realizou uma conferencia sobre sua conversão ao Christianismo. O pequeno Trombetti assistiu-a. Ao sahir o conferencista, dirigiu-se a elle, não obstante a sua grande timidez e disse-lhe que desejava aprender a sua lingua. O persa accedeu de bôa vontade pedindo-lhe retribuisse ensinando o Italiano e ensinou a Trombetti, não só o Persa mas tambem o Turco e o Arabe.

O sacerdote mencionado não se esqueceu da promessa que fizera ao joven Trombetti de auxilia-lo em seus estudos, e, esperando que o pequeno escolhesse talvez a carreira ecclesiastica, apresentou-o ao reitor do Seminario de Bolonha, Monsenhor Manaresi, douto em Grego, Hebraico e em algumas outras linguas orientaes. Manaresi ensinou-lhe mais profundamente o Grego, o Hebraico e o Arabe. Trombetti porém declarou, com referencia á carreira ecclesiastica : "Ma di farmi prete non manifestai l'intenzione".

Em 1880, quando Trombetti contava apenas 14 annos, morreu seu pae deixando a familia na mais triste miseria. Dois irmãos menores foram recolhidos em um asylo de mendicidade e sua mãe e irmã empregaram-se como creadas em casas de familias. Emquanto sua mãe trabalhava fóra, Trombetti cuidava de um irmãozinho e estudava. Os parentes censuravam sua mãe por deixar ficar em casa "quel vagabondo di figlio" e não o empregar em algum trabalho. A pobre mãe respondia ter elle já soffrido muito por amor ao estudo e portanto que o deixassem estudar em paz, pois "il padre rimproverava al piccolo Alfredo di consumargli — per leggere — tutte le candele".

Declarou elle: "Innamoratomi dell'astronomia, io una notte mi addormentai sul solaio, appogiato al davanzale di un finestrino con in mano una carta uronografica per determinare le costellazioni. M'innamorai anche della botanica e facevo lungue escursioni per raccogliere piante e se alcuno mi avesse seguito, mi avrebbe visto piangere per la consolazio-

ne quando riuscivo a trovare qualqche pianta un pó rara, qualche nuova specie di orchis o di aphys".

Dedicou-se, além de outros estudos, ao da Geographia, porém o seu estudo predilecto foi o de linguas.

Até certo tempo, seus estudos não tinham sido regularizados. Estudava para saber, por um impulso natural, irresistivel. Não sabia o que fosse um curso regular de estudos nem conhecia os varios titulos academicos. Vivia isolado, sem companheiros e ignorava a existencia de bibliothecas publicas. Um facto porém veio tira-lo do seu isolamento e revelar o seu talento ao publico. Encontrou, certo dia, em uma livraria a *Vida de Abd-el Kader*, traduzida do Francês, encerrando o fac-simile de uma carta escripta em Arabe com a traducção ao lado. Desejoso de adquirir o fac-simile informou-se do preço que era liras 1,25 (cerca de 600 réis). Como tivesse apenas 25 "centesimi" supplicou ao livreiro lhe cedesse somente o facimile "per cinque soldi". O livreiro observou não ser possivel por prejudicar a obra, porém Trombetti insistiu de tal modo que Bignami, pois assim se chamava o livreiro, accedeu vendendo-lhe a obra toda pelo preço offerecido. Esse facto despertou o interesse do livreiro pelo rapaz levando-o a indagar quem era Trombetti e em que se occupava. A mãe do menino apenas poude dizer-lhe que seu filho estudava dia e noite. Sobre os livros usados por elle, não podia informar porque não sabia ler, porém mostrou-os ao livreiro que então verificou quaes os estudos de que se occupava. Bignami divulgou esse facto e logo depois reuniu-se uma commissão de professores que quizeram examinar o rapaz. Teve logar a reunião a 18 de abril de 1883 fazendo parte da commissão examinadora Giosué Carducci, Giov. Battista Gandino, Teodorico Landoni e Gino Rocchi. Depois do exame a commissão escreveu o seguinte, nos jornaes de Bolonha :

"Un giovine poliglotta : Il giovanetto Alfredo Trombetti, bolognese, dell'etá d'anni diciotto non compiuti, orfano di padre, estremamente povero, e che ha due fratelli minorí accolti nel ricovero di mendicitá, si é dato per naturale inclinazione allo studio delle lingue con tale sollecito profito, da

potersene sperare, nel seguito di ben regolati studi, un distinto poliglotto.

Infatti, desideroso di dare un suo modesto saggio di quanto ha saputo apprendere nelle lingue le quali chiamansi dotte, fu appositamente conchiusa un'amichevole adunanza dei qui sottoscritti la sera del 18 aprile di quest'anno 1883. Alla quale presentatosi il Trombetti e da lieta accolienza incoraggiato, lesse, interpretò e chiosò molto accuratamente quanto gli fu messo innanzi di greco, di latino (ed anche d'inglese e di tedesco) non senza addurre, ad ogni interrogazione, la ragione filosofica ed etimologica delle frasi e delle parole che domandavano particolare schiarimento.

Fu quindi stimato soverchio il proseguire nell'esame di altre lingue da lui sapute, como a dire della francese, della spagnola e della portoghese, dappoiché si guardó il profitto ottenuto nelle piu ardue come guarantigia ben sufficiente di quello che egli dee aver raccolto nelle rispettivamente agevoli ; tanto piu chi offresi a prova altresi nell ebraico e nell' arabo.

Qui si espone un fatto; e qui non si esprime né piu né meno di quel detta la coscienza nel caso certamente straordinario, lasciando stare tutte le frasi encomiabili, affinché sia libera da ogni ombra di coazione la umanitaria volontá di chiunque amasse il pregio di muovere spontaneo al soccorso di un giovane povero, studiosissimo e di sicuro riuscimento.

Bologna, 21 novembre 1883.

GIOSUE' CARDUCCI
GIOV. BATTISTA GANDINO
TEODORICO LANDONI
GINO ROCCHI.

(Stella d'Italia 10 dicembre 1883 — La Patria id. — Riprodotto dalla Nazione di Firenze ecc.)".

A Municipalidade de Bolonha resolveu então contribuir com uma pensão annual para auxilio do joven Trombetti em seus estudos.

Para fazer um curso regular prestou exames no gymnasio, sendo approvado com distincção em Italiano, Latim e

Grego. Depois de dois annos de estudos no Lyceu prestou exames novamente. Nesses dois annos de frequencia á escola, declara elle, não era assiduo as aulas, porque, não obstante ser optimo estudante, era um pessimo alumno por não poder adaptar-se aos estudos regulares, dedicando-se ás disciplinas que mais lhe agradavam.

Certa vez o director chamou-lhe a attenção porque estudava o Russo, porém Trombetti observou que tinha bôas notas em todas as disciplinas e continuou a estudar o Russo, chegando a traduzir uma novella de Lermontoff para o professor de Italiano.

Teve occasião de estudar o Magiaro por um modo interessante. Por occasião do oitavo centenario da fundação da Universidade de Bolonha assistiram ás festas commemorativas, muitos doutos de varios paizes. Estes ao regressarem á sua patria escreveram suas impressões acerca dos festejos assistidos. O Reitor da Universidade recebeu a narração de um douto magiaro e desejou saber que dizia a mesma. Não havendo quem lesse o Magiaro, levaram o opusculo a Trombetti e este confessou que, embora não conhecesse o Magiaro, não obstante desejar estuda-lo desde muito tempo, tentaria faze-lo se lhe deixassem o opusculo por uma semana. Deixaram-lhe o trabalho e elle se poz com enthuiasmo a estudar a grammatica, aprendendo de memoria grande numero de vocabulos. No fim da semana achou-se elle habilitado a traduzir muitos trechos do opusculo.

No fim do 3.º anno da Universidade, contrahiu matrimonio com Verginia Patelli.

Foi laureado em letras no dia 23 de junho de 1891, dia em que lhe nasceu a primeira filha. Sua dissertação foi approvada com distincção e louvor e intitulava-se : *Del progresse degli studi linguistici, — Cenni storico — critici,* obtendo um premio.

Foi nomeado pelo governo, professor do Gymnasio inferior de Cefalù (provincia de Palermo) onde ensinou cerca de dois meses sendo promovido para o Gymnasio superior da mesma localidade.

Residiu nessa cidade dois annos e durante esse tempo estudou o Russo profundamente. Na mesma occasião dedicou-se ao estudo das inscripções hittitas, publicando uma pequena memoria intitulada — *Il nome di Pisiri nelle iscrizioni di Jerîbas,* I - III (autographada).

De Cefalù foi transferido para Sta. Maria Capua Vetere (1893) onde permaneceu por dois annos no Gymnasio superior indo em seguida para o Lyceu. Foi depois para Monteleone Calabro, onde permaneceu durante um anno sendo transferido em seguida para Cuneo.

Desde que entrou para a Universidade de Bolonha, seus estudos até então philologico-praticos passaram a ter caracter scientifico-comparativo continuando sem interrupção por toda a sua vida.

Estudou a grammatica comparativa do Indo-europeu de Malayo-polynesico Bopp e de outros, passou ao estudo com parativo das linguas semiticas, das linguas uralo-altaicas, das linguas dravidicas, do Malayo-polynesico e das principaes linguas denominadas isoladas, etc.

Publicou um trabalho em allemão: *Indo-germanische und semitische Forschungen - Vorläufige Mitteilungen,* Bologna 1897. Esse trabalho foi por elle proprio reprovado, embora reconhecesse conter muita cousa util.

Estes dados biographicos foram extrahidos de sua autobiographia escripta quando contava 37 annos.

Os que seguem foram fornecidos pelo Dr. Ettore Trombetti, filho do prof. Trombetti.

Concorreu elle ao premio de L. 10.000 da Academia dos lynces com o seguinte trabalho — *Nessi genealogici fra le lingue del mondo antico* (4 volumes). Foram julgadores do trabalho os celebres glottologos Ascoli e Schuchardt, que o elogiaram de um modo especial. Recebeu o premio. Como consequencia foi nomeado professor ordinario da Universidade de Bolonha e a sua cathedra intitulou-se "Sciencia da Linguagem", tendo sido creada exclusivamente para elle. Como prova disso foi ella supprimida após o fallecimento do eminente glottologo.

Era extremamente modesto e evitava as honras.

Conhecia todas as linguas do globo sem que tivesse sahido da Italia a não ser em 1928 quando tomou parte no congresso dos philologos em Haya.

Recebeu do governo o premio de L. 30.000 quando publicou a celebre obra — *La Lingua Etrusca* 1928, de cujo assumpto me occupo neste trabalho.

Alem destes recebeu outros premios pelas obras importantes que publicou.

Ao ser instituida a Academia Real de Italia, Trombetti foi nomeado membro entre outros, sendo considerado o mais illustre academico.

Com enorme sacrificio conseguiu formar a sua bibliotheca vasta e que constitue um *corpus unicum*. As suas citações bibliographicas causavam pasmo e provocavam a interrogação : Mas como poude o prof. Trombetti consultar tal obra ?" A resposta dava elle : "Eu a possuo !"

Deixou grande numero de manuscriptos com material inedito e tambem prompto o IV volume dos *Saaggi di Glottologia Generale Comparata.*

O professor Trombetti, esse genio extraordinario, muito cedo desappareceu, abrindo uma lacuna no campo da Sciencia da Linguagem, que difficilmente poderá ser reparada. Falleceu em Veneza quando se banhava na praia do Lido a 5 de julho de 1929.

Rapidos são os annos de existencia neste mundo. Já o psalmista dizia em sua epocha : "Passamos os nossos annos como um conto que se conta". Ps. 90 : 9. O velho Homero, ha cerca de 3.000 annos em sua immortal Illiada, expressava-se:

"Como as folhas somos ;
Que umas o vento as leva emmurchecidas,
Outras brotam vernaes e as cria a selva ;
Tal nasce e tal acaba a gente humana".

Esta é a lei universal, e por isso, tambem disse Euripedes: "Morrem tambem os filhos dos deuses".

Entretanto, como disse Ovidio permanecem os bens do animo e da mente. Portanto digamos como Cicero : *Vita mortuorum in memoria posita est vivorum.*

PRIMEIRA PARTE

Etymologia

Importante subsidio fornece á philologia o etymo *étymo-n* das palavras, quando usado com criterio e na sua verdadeira accepção *étyma légein – dizer a verdade,* pois é a phrase de Homero, no sentir de Thurneysen (1).

Para confirmar o que dizemos vejamos o que segue :

ETRURIA

O termo *Etruria* (tambem *Hetruria* ou *Aetruria,* porém erroneamente) deriva do termo latino *Etrusci* (voz secundaria *Etrurii*) e dahi *Etruscos.*

O nome *Etruria, Etruscos,* na opinião de G. L. Martelli (2), provem de uma antiga raiz mediterranea *tr–* e *tur–*, que recebeu um *–as* posterior: *tras-*, *turas–*. Esta raiz devia ter tido em origem a significação de "os homens impetuosos fortes invenciveis" (cfs. Grego *thouros*).

P. Ducati (3), que nos serve de guia no estudo da palavra *Etruria,* diz ser ridicula a etymologia apresentada por Servio, commentador de Virgilio, na segunda metade do IV seculo (Commentario á Eneida, XI, v. 598) :

---

(1) CECI L., *Elia Lattes e L'Etruscologia,* p. 40, Roma, 1927.

(2) MARTELLI G. L., *Lingua Etrusca, Grammatica. Testi con traduzione a fronte Glassario,* p. 9, Perugia, 1920.

(1) DUCATI P., *Etruria Antica,* vol. I, p. 1, Roma, 1925; *Gli Etruschi,* p. 6, Roma, 1928.

"A Etruria é assim denominada porque o seu territorio estende-se até á margem do Tibre, quasi Grego *Eterouria*; emfim *héteros* significa outro e *hóros* limite. Roma na verdade occupava no começo somente uma margem do Tibre".

Não menos pueril, continua o distincto archeologo citado, é a etymologia que alguns querem dar á palavra *Etrusci*, dizendo ser composta de *heteroi = outros, diversos, differentes* e Grego *Oskoi = Osci*: differentes dos *Osci*, como se *Etrusci* fosse uma contracção do *Etru-osci*.

Palavra synonyma de *Etrusci*, entre os Romanos, era *Tusci*, erroneamente deduzida do Grego *apó tou thýein = do sacrificar* (Servio, id. II, v. 781).

A par de *Tusci* tem-se *Tuscia*, palavra usada especialmente no baixo imperio, em logar de *Etruria*. De *Tusci* e de *Tuscia* derivam-se *Toschi* e *Toscana*. *Tusci* corresponde ao nome dado pelos Umbros aos Etruscos.

Nas taboas iguvinas ou melhor engubinas, isto é, nas sete taboas de bronze escriptas e de conteudo sagrado, encontradas em Gubbio (*Iguvium* ou *Engubium*), em 1444, é mencionado o *turskum numen*, isto é, o *nome etrusco* na taboa I, b, 17, mais antiga ou o *tuscom nome* na taboa VI, b. 58, mais recente.

TYRRHENOS

Os Gregos chamavam aos Etruscos *Tyrsenoi* (*Tyrs-ènoi*) ou *Tyrrhenos*, dahi o nome hellenico da mar que banha as costas da Etruria.

Na opinião de Ducati (1), as fórmas secundarias, mas primitivas seriam Grego *Tyrsenoi* ou *Tyrrhanoi*, correspondente a terminação *–anoi* ou antes do neutro singular *–anón*, á terminação *–kum* do Umbro = *cum* do Latim, ter-se-ia a equivalencia da raiz grega *Tyrs* – com *Turs–* Umbro, de que, com a queda do *r* obter-se-ia o *Tus-com* (*tus-ko–*) do Umbro mais recente, o *Tus–cum* latino, embora não pareça segura tal derivação no pensar de Trombetti (2).

Finalmente de *Turs–*, Grego *Tyrs–*, com a metathese do *r* e com a prothese de um *e–* e mais ainda com a terminação *–ei* quer se deduzir *E–tru–sci*.

O prof. P. Skok diz ser licito admittir que a voz oriental *Turs–*, passada dos Gregos aos Italicos, mais precisamente aos Umbros e aos Latinos, vizinhos dos Etruscos, foi approximada ao sentimento linguistico dos Italicos que discerniam *no nome* desta nova população não indo-europea e de tudo por elles diversa qualquer cousa de "outro". Assim nasceu de *turs–co–s* > *Etrūscus*, o qual deu depois origem a *Etruria*. *Etruscus– Etruria* é pois uma compensação italica que tem a sua correspondencia ouconfirm ação no grego *Phoinikes* > (Lat. *Punicus*, *Poeni*) do Semitico *Fenchu* (1).

---

(1) DUCATI P., *Etruria Antica*, vol. I, p. 2, Roma, 1925; *Gli Etruschi*, p. 24-25, 1928, Roma.

(2) TROMBETTI A., *Sulla Parentela della Lingua Etrusca*, p. 46-47, Bologna, 1908.

RÀSENA

Dionysio de Alicarnasso, rhetorico e historiador, que viveu no tempo de Augusto (*Archeologia Romana*, I, 30) nos relata que o nome com que os Etruscos se denominavam era *Rasena* ou Grego *Rasenna* nome nacional.

Nas inscripções encontram-se frequentemente o thema *rasn-* ou *rasn-* nas fórmas *rasne, rasna, rasn-al* ou *rasn-al* etc. A fórma fundamental é *rásena*. C. Pauli explicou que *rasne* do cippo de Perugia significa "popularis" ou "publicus" da base **rasne* "populus".

Muitos nomes nacionaes não significam outra cousa senão "homens", diz Trombetti, no interessante estudo que fez da palavra *rasena* (2).

Ora o Etrusco **ras-en-* faz lembrar o Grego *á-rs-en-* Jonico *é-rs-en-* macho, Gurague *a-res-t, e-res-t* mulher. Geez *ros* "mas" 'masculus" = Avaro *ros* "vir", Lak *las*, Berbero *a-les* "vir". Hottentote *aró* masculino, Basco *ar* "vir", Jacutico *är* "vir", Turco *er, eren,* Mongolo *ere,* etc.

O Lak não possue quasi *r* inicial, sendo substituido por *l-*. Portanto *las* "vir" está por **ras*. Ora o genitivo de *las* é *las-n-al* que está em logar de **ras-n-al* = Etrusco *ras-n-al.*

---

(1) SKOK P., *Tyrrhenus - Tuscus (Toscana) ed Etruscus,* Atti del Primo Congresso Internazionale Etrusco, 1928, p. 181-182.

(2) TROMBETTI A., *Sulla Parentela della Lingua Etrusca,* p. 46, Bologna, 1908; *La Lingua Etrusca e Gli Studi Storici,* p. 17-18, Milano, 1927, DUCATI P.,*Etruria Antica,* vol. I, p. 2, Roma, 1925, *Gli Egruschi,* p, 6, 25, Roma, 1928.

Fórma affim é por certo o Lak *ars* filho (a principio "macho") que em tudo se declina como *las*, por exemplo: gen. *ars–n–al*. Tanto no Lak, lingua caucasica, quanto no Etrusco é passivel a analyse *ras–n–al*. como signal do gen. masculino temos ao lado de *ars* do Lak o Chürkila *u–rsi*, o Karata *v–asa* por **v–arsa*, etc. filho e assim tambem ao lado de Avestino *arsan–* "vir", "virilis", Grego *ársen*, *érsen*, temos o Indiano *v–rsan–* "vir", "virilis".

O prof. Trombetti declara pois poder seguramente interpretar o nome *Rásena* com "vir" ou "homem". Accrescenta elle que o elemento *ars–* é frequente nos nomes proprios etruscos e de linguas da Asia Menor e cita Schulze 127 e Kretschmer Einl. 359 : Etr. – Lat. *Ars–iu–s* = Lycio *Ars-i-s* f. Etr. — Lat. *Ars–ell–iu–s* = Grego *Ars-el-i-s*, Etr. *arz–n–i* = Psidio *Arz-a-no-s*, Etr. **arz–u* = Cilicio *Arcs-y* (*bios*) Quanto. á duplicidade *ras–* : *ars–* podem-se notar os parallelismos seguintes : Rasius : Arsius, Rasinius : Arsinius, Rasenius : Arsenius, etc.

TARQUINIO

O glottologo Trombetti, que apresenta um estudo erudito sobre este nome (1), depois de citar W. Schulze, Zur Gesch. Lat. Eigennamen, 95, diz que a fórma fundamental é o prenome *tarχ–i* gen. *tarχ–i–s*, Etr. – Lat. *Tarquius*, *Tarcius*, d'aqui

---

(1) TROMBETTI A., *Sulla Parentela della Lingua Etrusca*, p. 47–48, Bologna, 1908, *Sulla Origine delle Consonantiche Enfatiche nel Semiitico*, p. 28, Bologna, 1911, *Saggio di Antica Onomastica Mediterranea*, p. 58, *La Lingua Etrusca e Gli Studi Storici*, p. 18, Milano, 1927, DUCATTI P., *Gli Etruschi*, p. 25–26, Roma, 1928.

tarχ-u. Outras fórmas com *-n-* são *tarχ-na* e *tarc-na-l*, Etr. – Lat. *Tarcna*. Fórmas com o suffixo *-t-* são Tarquetus. Grego *Tarchetios*, etc. Com a combinação *-nt-* tem-se *tarχ-nte-s*, *tarχ-ntia-s*, *Tarcontius*, etc.

Um nome semelhante encontra-se diffundido na Asia Menor. Abundante material foi apresentado por Kretschmer, Jensen, Knudtzon e outros. Trombetti limita-se a assignalar as correspondencias mais importantes com o Etrusco, como seguem :

A fórma etrusca *tarχ-i* gen, *tarχ-i-s* tem correspondencia no Lycio *Trqq-i-z* e no Pre-Armeno *Tarχ-i-*; a fórma *tarχ-u* no frequentissimo *Tark-y-* ou *Tark-o-*, inscripções cuneiformes *tarχ-u-*. Com *-n-* temos na Asisa *Tark-o-n-* e *Tark-y-n-* inscripções cuneiformes *tarχ-u-n-*. A's fórmas etruscas com *-nt-* correspondem na Asia fórmas com *-nd-*, por exemplo : *Tark-o-nd-*, *Tarky-nd-*, inscripções cuneiformes *tarχ-u-nd-*. A esta série Jensen accrescenta o nome do pae de Abrahão: *Täraχ* de **Tarχ*. Os derivados do Etrusco *tarχ-* parecem a Trombetti participio ou nomina agentis. Fazendo abstracção do *t-*, elles concordam com os derivados do Grego *arch-*, cfr. *tarχ-i-*: *arch-*i-, *tarχ-u*: *arch-*o-, *arch-*ey-, *Tárch-un*: *arch-ōn*, *tarx-nt-* : *arch-ont-*, *Tar-é-t-* : *arc-hé-tes*, *tarχ-u-mena-*: *arch-o-méně*, *tarc-s-* : *arz-*, *ork-s-*. Dado o facto de alternarem no corpo da palavra medias aspiradas e medias não aspiradas é muito provavel que a série *arch-* se prenda á série representada por *orég-ō*, *org-yia*, Latim *rēg-o*, *rēg-*, Indiano *rādz-an-* rei etc. No valor do appellativo *Tarχ-* Trombetti continuando faz as seguintes considerações : As palavras caucasicas *talqan* Varkun e Lak, *talχkan* Akusha lem-

bram o Etrusco – Asiatico *Tarχ–*. Segundo Erckert temos Lak e Varkun *talqan*, Kaitach *talxan*, *taïxan*, Akusha e Chürk. *talxkan* e Kürino *talkhn* principe. Em Uslar–Schiefner encontra-se o Churkila *talxan* plural *talxunti* principe. Turco Orkhon *tárqan*, em Menandro Protector *tarchán*, outras linguas turcas *targa*, *tarha* etc., Burjato *darga*, *darge* principe. O significado pois de Tarquino é principe ou rei ou ainda juiz.

A região de que se estende este titulo parece ter sido a Asia Menor e o Caucaso. Segundo a tradição georgeana *Targamo–s* foi o progenitor de muitas povoações caucasicas. A obra historica georgeana *Kharthlis toχo–vreba* (Vida da Georgia), chamada Chronica de Wakhtang, mas escripta por Wakhusht, filho natural deste principe, affirma, que Thargamas "era filho de Tharch's, filho de Japhet filho de Noé". Tracta-se do biblico *Tōgarmā*, LXX *Thorgamá*, *Thrgomá* ou *Thergamá*, Jos. *Thygammēs* ou *Thorgámmēs*, segundo alguns codigos hebraicos, Ezechiel *Tōrgāmā*; Armeno *Thorgom* filho de *Tērās*.

Concordaria bem *Tarca–mo–s*, nome de um satrapa da Cilicia.

Fontes antigas da origem dos Etruscos

Documentos egypciacos do seculo XIV A. C., dizem Hugues e Pareti (1), mencionam, entre os alliados dos Lybios ou Lybienses contra Pharaó Mernephta (annos 1326–1306), os

(1) Hugues L., *Dizionario di Geografia Antica*, p. 172, Torino, 1897; Pareti L., *Le Origine Etrusche*, p. 112, Firenze, 1926.

Turschas (= *Tusci, Etrusci*), junctamente com os Sardanas (= Sardos), Schakalscha (= Siculos) e finalmente os Akainaschas (= Acheos) . Accrescentam esses documentos terem vindos esses povos do paiz do mar septentrional.

Segundo Dionysio de Alicarnasso havia entre os antigos duas opiniões quanto á origem dos Etruscos: uma sustentava serem indigenas da Italia os Etruscos, outra que elles vieram de fóra.

PRIMEIRA THEORIA

Escriptores gregos e latinos com excepção de Dionysio são unanimes em affirmar que os Etruscos, *Tyrrhenos* ou *Tusci*, partindo da Asia e especialmente da Lydia penetraram na Italia e estabeleceram-se nas margens do Arno e do Tibre, tendo tido como via o mar.

Dentre esses escriptores destaca-se o famoso trecho de Herodoto, I, 94, que apresentamos segundo Ducati (1) :

"Sotto il regno di Atys, figlio di Manes, vi fu una violenta carestia in tutta la Lidia. Ed i Lidî dapprima la sopportarono; poscia, poiché non cessava, cercarono dei remedi e ne inventarono uno dopo l'altro; furono cosi escogitati e metodi dei giuochi dei dadi, degli astragali, della palla e di tutti gli altri giuochi all'infuori di quello della dama, del quale i Lidî non si appropriano la invenzione. Nel modo seguente si comportarono adunque di fronte alla fame: un giorno non facevano che giuocare e non mangiavano, ed il giorno se-

(1) DUCATI P., *Etruria Antica*, vol. I, p. 26-27, *Gli Etruschi*, p. 7-8.

guente, interrompendo il giuoco, pensavano al cibo. Cosí trascorsero diciotto anni.

Ma poiché il male non cessava, anzi vieppiú infieriva, il re dei Lidî dicise di dividere in due parti il popolo e di trarre a sorte quali dovevano rimanere, quali invece dovevano emigrare dal paese. Della parte a cui toccava di rimanere, Atys decise di continuare ad essere il re; a quella invece che doveva andarsene prepose il figliuolo suo, di nome Tirseno. Quei Lidî, che ebbero per sorte il destino di lasciare la patria, discesero a Smirne, prepararono le navi e, collocate in esse tutte le cose necessarie alla navigazione, salparono in cerca di cibo e di terra e, dopo essere passati attraverso molti popoli, giunsero tra gli Umbri, ove fondarono cittá che abitano tuttora. E cambiarono il nome di Lidî com quello del figlio del re che li aveva guidati, poiché dal nome suo si denominarono Tirreni".

Um historiador mais moço do que Herodoto, Hellanico de Mytilene (de quem Strabão diz não merecer muita fé como historiador, X. 451) segundo o que diz Dionysio em sua *Archeologia Romana*, I, 28. Hellanico, em seu escripto genealogico intitulado *A Fonide*, narra que multidões de Pelasgos, guiados por Nanas (descendente de Pelasgo) foram expulsos da Thessalia pelos Hellenos e atravez do Adriatico abordaram á Italia, á foz do rio Spinete, no golfo Jonico, depois de haver penetrado no interior do paiz e haver fundado Cortona, deram origem ao povo etrusco.

Com a narrativa de Herodoto, diz Ducati (1), embora

(1) DUCATI P., *Etruria Antica*, vol. I, p. 27-28.

carnasso, quanto a estes problemas, já foram apresentadas no capitulo anterior.

O distincto etruscologo P. Ducati (1) apresenta quatro theorias modernas quanto á proveniencia dos Etruscos, que são as seguintes :

1.ª Os Etruscos são o producto da fusão de gentes italicas, isto é, Umbros com certo numero de Tyrrhenos ou Protoetruscos colonisadores, que vindos do oriente asiatico fallavam uma lingua aparentada com a da Asia Menor.

A colonisação devia ter-se dado gradualmente, com pequena escala e entre o fim do seculo VIII e principio do seculo VII A. C.

E' a theoria modificada, das idéas seguidas, entre outros pelo archeologo Eduardo Brizio, Basilio Modestauv, A. Turtwängler, C. Körte, G. Ghirardini, o glottologo P. Kretschmer, o historiador C. F. Lehmann — Haupt, G. Herbig, E. Curtius, A. Michhöfer, A. Fabretti, G. F. Gamurrini, G. Deni, O. Montelius.

2.ª Pertencem os Etruscos ao grande grupo Indo-europeu e não são differentes das outras populações italicas (Latinos, Umbros, etc.) com os quaes tiveram civilização commum e affinidades linguisticas. Desceram elles com os outros Italicos dos Alpes para a peninsula italiana, dando assim origem aos Etruscos do Norte no Valle do Pó e á Etruria propriamente dicta ao Sul dos Appeninos. Isso, segundo alguns (2), lá pelos

---

(1) DUCATI P., *Gli Etruschi*, p. 9-11, *Etruria Antica*, vol. I, p. 31-48.

(2) BUONAMICI G., A. NEPPI MODONA., *L'Etruria e Gli Etruschi*, p. 12.

seculos XIII–XI A. C. Foi auctor desta theoria Nicola Fréret, secretario perpetuo da Academia das Inscripções e Bellas Letras de Paris e que viveu na primeira metade do seculo XVIII. Foi ella depois desenvolvida por B. G. Niebuhr e, mais recentemente, por W. Helbig, I. Undset, L. Pigorini, S. Gsell, G. Martha e muitos outros.

3.ª Os Etruscos são considerados descendentes directos dos Terramaricolos ou "abitatori di palafitte in terreno paludoso dell'etá del bronzo nella pianura padana, e i *terramaricoli* sarebbero pervenuti in questa pianura attraverso i valichi alpini".

Os Etruscos são de estirpe e lingua differente das outras populações italicas.

Nenhum povo melhor do que o Etrusco, pondera Pareti (1), pode ser identificado com o Palafitticolo. Esta theoria é sustentada, entre outras, pelos historiadores G. De Sanctis e Luigi Pareti (2).

4.ª Constituem os Etruscos um extracto ethnico anterior ao representado pelas populações italicas, sendo que a lingua etrusca agrupa-se com as da Asia Menor, falladas por povos pertencentes á mesma estractificação.

Esta hypothese vem, como se vê, reforçar as conclusões de Dionysio de Alicarnasso.

São representantes desta theoria, entre outros, o glotto-

---

(1) PARETI L., *Conferenza: Come uno storico risolve il problema delle origine etrusche*, 1.º Convegno Nazionale Etrusco, Atti, II, p. 48–50.

(2) PARETI L. *Origine Etrusche*, p. 325–343.

logo prof. Alfredo Trombetti (1) e o paleoethnologo Ugo Antonielli.

5.ª E. Hommel (2) apresenta uma quinta theoria que, baseada nos auctores classicos, tem por fim demonstrar a proveniencia dos Etruscos da Hespanha, sendo portanto Iberos.

Embora alguns estudiosos concordem em geral com algumas theorias apresentadas, nas particularidades contudo discordam muitas vezes. Assim é que o historiador Ettore Pais e sobre tudo o archeologo Edmundo Pottier entendem que o mar Adriatico e não o Tyrrheno foi a via de que se serviam os Tyrrhenos ou gente etrusca para chegarem á Italia. Elias Lattes, o etruscologo de fama, segundo Ceci (3) faz sua esta these.

A theoria de Herodoto é seguida por um infinito numero de etruscologos, glottologos, archeologos, historiadores e anthropologos, como Ducati, G. Sergi e etc. Convem porém confessar que a theoria de Dionysio, por sua vez, vae ganhando terreno, especialmente pelos estudos que foram feitos nessa direcção pelo prof. Trombetti.

Affinidades linguisticas dos Etruscos

Tem-se procurado a affinidade da lingua etrusca com

(1) TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca e le lingue pre-indo-europee del Mediterraneo*, Studi Etruschi, I, p. 235–238. *Sulla Parentela della Lingua Etrusca*, p. 12–13, *La Lingua Etrusca*, p. V–XII, Firenze, 1928.

(2) HOMMEL E., *Le Relazioni fra gli Antichi Iberi e gli Etruschi secondo gli autori classici*, Primo Congresso Internazionale Etrusco, p. 62–63, Firenze, 1928.

(3) CECI L., *Elias Lattes e L'Etruscologia*, p. 22.

quasi todas as linguas do mundo, diz Buonamici (1). D'ahi pode se avaliar quão difficil problema offerece esse idioma mysterioso com referencia á sua connexão linguistica.

As theorias têm sido as mais variadas possiveis e sustentadas por vultos de alto saber. Vejamos, entre outras, as seguintes :

Cruel prendia a lingua etrusca ás linguas indigenas da America.

Tempo houve em que se considerava o Hebraico "mãe" de todas as linguas. Dahi Annio da Viterbo colligou o Etrusco ao Hebraico. S. Maffei e o archeologo Giovanni Battista Passeri tambem sustentaram a mesma theoria. Outros pensavam que em vez de se prender áo Hebraico devia-se connectar ao Chaldaico ou Aramaico. Recentemente S. Savini (2) considera o Etrusco como lingua semitica.

O grande etruscologo Elia Lattes, que consagrou cerca de 50 annos a esse estudo, entende ser o Etrusco lingua italica (3). Deecke, que com o seu opusculo *Corssen und die Sprache der Etrusker* quiz demolir a grande obra de Corssen de mais de mil paginas, obra esta que tinha por fim provar ser o Etrusco Italico, acabou por admittir a theoria de Corssen.

Em seu livro *Die Falisker*, 1888, Deecke fez sentir a influencia indo-européa no Etrusco, pois o Falisco, Latinos e

(1) BUONAMICI G. – A. NEPPI MODONA., *L'Etruria e gli Etruschi*, p. 45-46; PARETI L., *Le Origine Etruche*, p, 242–243.

(2) SAVINI S., *L'Etrusco come lingua semitica*, Milano, 1928.

(3) LATTES E., *Ancora poche parole per l'Etruscitá delle due inscrizioni preelleniche di Lemno*, Rivista de Filologia ed Istruzione Classica, anno XLVIII, f. 3.º, 1920, p. 381 (1).

Etruscos são representados em um mesmo plano, diz Ceci (1), como tres ramos affins do indo-europeismo italico. Tempo houve em que S. Bugge seguiu as pegadas de Deecke.

B. Nogara, que se apresenta como discipulo de E. Lattes, está propenso a admittir que o Etrusco, á semelhança do Latim e dos dialectos italicos, deve ser considerado como idioma mixto, segundo dizem Buonamici (2) e Ducati (3).

O abbade Lanzi declarou a affinidade do Etrusco com o Grego. Recentemente esta these foi ventilada por Cavallazzi (4), que pretendeu decifrar o Etrusco com o Grego. Bugge durante certo tempo seguiu esta theoria.

W. Corssen, em sua grande obra *Ueber die Sprache der Etrusker*, editada em 1874 e 1875, defendeu o caracter indo-europeu do Etrusco e sua affinidade com os dialectos italicos. Teve elle varios seguidores, entre outros Bugge, que mais tarde abandonou a hypothese. R. Ellis, em sua obra *The Armenian origen of the Etruscam*, 1861, dizia ser o Etrusco estreitamente affim ao Armeno e em 1900 S. Bogge foi da mesma opinião.

O grande glottologo G. Ascoli dizia ser o Etrusco Aryo.

G. Martha, em sua *Langue étrusque*, 1914, pretendeu ter provado que o Etrusco é affim ao Ugro-finnico (Finnico, Magiaro, etc.).

---

(1) CECI L., *Elia Lattes e L'Etruscologia*, p. 78 (2).

(2) BUONAMICI G., *Dubbi e Problemi sulla natura e laparentela dell' Etrusco*, Studi Etruschi, vol. I, p. 242, Firenze, 1927.

(3) DUCATI P. Gli Etruschi, p. 92.

(4) CAVALLAZZI A., *La Sorpresa della Epigrafia Celto-Etrusco-Pelasgica*, Milano, 1927.

O emerito etruscologo Buonamici (1) formulou a hypothese que faz pertencer o Etrusco ao tronco remotissimo que se denominou *Tracio-frigio-illyrico.*

Ha auctores que o querem prender ao Illyrico. G. Thomopulos, em 1912, quiz demonstrar que o Etrusco explica-se com o hodierno Albanês, o qual teria sido o residuo do antigo Illyrico *ou um didioma* tracio-illyrico, aparentado com linguas da Anatolia, com o tyrrheno de Lemno, com o Cretense.

C. Pauli colligou os Etruscos–Pelasgos aos Lycios, Carios e Lydios em um grande tronco linguistico "pelasgo" e em seguida F. Hommel o alargou em um tronco "alaroico" ou "pelasgo–alaroico", que comprehendia na Asia tambem os Georgeanos, Pre-armenos, Elamitas ou Susianos, Cosseos e Hetheus, e na Europa tambem os Rhetos, Liguros e Iberos, segundo nos diz Trombetti (2).

Na sua obra *Sardis,* VI, 1916, notou E. Littmann importantes analogias entre o Etrusco e o Lydio. Emquanto que o distincto archeologo F. Hrozny, em sua obra *Die Sprache der Hethiter*, 1917, observou analogias entre o Etrusco e o Hetheu.

Eduardo Frosini (3) nega a origem indo-germanica do Etrusco, a origem celtica, grego-asiatica, egypciaca, phenicia etc., e acha que os Etruscos são autocthones.

Carra de Vaux, em sua obra *La Langue étrusque*, 1911, pretende prender o Etrusco ás linguas altaicas, especialmente ao Turco.

---

(1) Buonamici L., *Dubbi e Problemi sulla natura e la parentela dell, Etrusco, Studi Etruschi,* vol. I, p. 253.

(2) Trombetti A., *Sulla Parentela della Lingua Etrusca,* p. 10–11.

(3) Frosini E., *La Stirpe, notizie generali sulli Etruschi,* 1.° convegno Nazionale Etrusco, Atti, II, p. 91.

Connectou Dempster o Etrusco ao Rheto, Osco, Umbro e Falisco. Em parte Orioli tambem seguiu esta theoria. Passiri chegou a considerar o Etrusco um dialecto do Latim.

Prendeu, Orioli, o Etrusco ao Sanskrito.

Foi o Etrusco considerado Celtico, Germanico.

Bugge, que ora seguia uma ora outra theoria, em 1883, prendeu o Etrusco ao Balto-Slavo.

Ellis, parece, considerou o Etrusco idioma basco.

Kretschmer diz ser o Etrusco proto-Indo-europeu.

O illustre latinista Ceci diz que o Etrusco não é nem Indo-europeu e nem Italico, mas anario da Asia Menor.

A theoria do indo-europeismo do Etrusco foi seguida parece, por A. Torp.

O emerito glottologo F. Ribbezzo (1) conclue, em um seu interessante estudo, dizendo que os Etruscos constituem residuo directo da população mediterranea, isto é, indo-europea.

De Breton, com seu trabalho *La langue étrusque, dialecte de l'ancien égyptien*, pretende fazer do Etrusco um dialecto da lingua egypciaca. Contesta esta theoria Valovi Berto com seu estudo *Etruria ed Egitto.*

Recentemente Sten Konow procurou demonstrar que o Etrusco possue grande numero de termos em commum com o Dravidico.

Outros como Sayce e Bréal limitam-se apenas a dizer que o Etrusco não é lingua indo-europea, dando portanto uma definição negativa.

---

(1) RIBBEZZO F., *Le Origini mediterranee dell'acccento iniziale italo-etrusco.* Rivista Indo-Greco-Italica, anno XII, f. III–IV, p. 72.

Thomsen, em seu trabalho *Remarquees sur la parenté de la langue étrusque*, 1899, prendeu o Etrusco ao grupo caucasico. Esta theoria foi seguida em parte pelo prof. Trombetti e A. Torp.

Sob o aspecto anthropologico as opiniões quanto a affinidade dos Etruscos, por sua vez, são variadissimas.

Garbiglietti, segundo nos informa Puccioni (1), entendia ser de raça caucasica o craneo etrusco por elle estudado. Na opinião de Maggeorani havia uma grande analogia entre os craneos etruscos e dos hebreus.

Nicollucci admittia que sangue semitico corria nas veias dos Etruscos, mas admittia tambem elementos aryos e turanicos.

Zannetti considerava os Etruscos affins aos Egypcios, emquanto que Colori prendia-os aos Phenicios.

Não é debalde pois que o illustre anthropologo Mochi (2) declarou que não será a anthropologia que dirá a ultima palavra sobre o problema etrusco.

Trombetti e affinidade linguistica do Etrusco

Deante das theorias expostas no capitulo anterior dir-se-á que o Etrusco seja lingua mixta ou isolada ? Não. Não ha lingua isolada, não ha lingua mixta no sentido absoluto, diz Trombetti.

---

(1) Puccioni N., *Programma di una inchiesta sul materiale osteologico per l'antropologia de gli Etruschi*, Studi Etruschi, vol. I, p. 386.

(2) Mochi A., *Del valore dei dati antropologici sur la soluzione al Problema Etrusco*, Studi Etruschi, vol. I, p. 409.

Os elementos que o Etrusco possue em commum com o Dravidico, por exemplo, possue tambem com muitas outras linguas.

Para se determinar o proximo parentesco de uma lingua é mister procurar com que grupo linguistico ella apresenta o maximo das concordancias e se apresenta concordancias especiaes não encontradas em outros grupos linguisticos.

As conclusões mais acceitas hoje no campo da etruscologia, concernente á connexão da lingua etrusca, são as do prof. Trombetti. Acompanhemo-lo pois nesse estudo por meio de suas obras.

Ha cerca de 20 annos, em 1908, dizia elle (1) que por razões *extrinsicas* (geographicas, historicas, etc.) o Etrusco podia ser confrontado directamente apenas com as linguas khamito-semiticas, caucasicas, indo-européas e uralo-altaicas. Porém um exame *intrinsico*, ainda que superficial, persuade desde logo que se deve eliminar o primeiro e ultimo prupos. Restam portanto as linguas indo-européas e caucasicas, ás quaes se devem unir as linguas extinctas da Asia Menor.

Sendo o Indo-europeu e o Caucasico colligados entre si, o parentesco do Etrusco com um destes grupos não exclue o seu parentesco com o outro. Tracta-se somente de determinar com qual dos dois a affinidade seja maior.

As conclusões de Trombetti eram as seguintes:

1.° — As concordancias que o Etrusco apresenta com o Caucasico e com o Indo-europeu são numerosas, precisas e

(1) TROMBETTI A., *Sulla Parentela della Lingua Etrusca*, p. 12-14 55-56.

superam em numero e qualidade áquellas que elle apresenta com outros grupos linguisticos.

Nos seguintes pontos o Etrusco tem affinidade com o Indo-europeu e o Caucasico:

1. Genitivos caracterizados por *s*. Tambem na Asia Menor.

2. Locativos em *-θi*, *-ti*. Tambem no Lycio.

3. Locativos em *-e*, *-ai*.

4. Locativos em *-ni*.

5. Suffixos nominaes. Tambem na Asia Menor.

6. Elementos *-n-* e *-s-* no verbo. Ajunctam-se os partecipios em *-as*.

7. Preteritos em *-ce*.

2.º — O Etrusco, posto que affim ao Indo-europeu e ao Caucasico, não entra nem em um grupo, nem no outro: elle pertence, junctamente com as linguas da Asia Menor, a um *grupo intermedio* entre o Indo-europeu e o Caucasico.

3.º — Tal grupo intermedio approxima-se mais do Indo-europeu do que do Caucasico.

a) — O Etrusco approxima-se mais do Caucasico nos seguintes pontos:

1. Plural em *-r*.

2. Nenhuma fórma especial para o accusativo (?).

3. Genitivos caracterizados por *l*.

4. Genitivus genitivi com as combinações *s-l* e *l-s*.

5. Dativo caracterizado por *s*.

6. O caso em *-e-ri*, comprehendida a funcção do infinito e gerundio.

7. Contraste do presente em *-a* e do passado em *-e*.

8. Numeraes.

b) — O Etrusco approxima-se mais do Indo-europeu nos seguintes pontos:

1. Genitivo cfr. o Lycio (?).

2. Neutros pluraes em *-a*. Porém são dados duvidosos.

3. Nominativos em *-s*. Tambem na Asia Menor.

4. Locativos em *-u*. São dados duvidosos. A concordancia é imperfeita.

5. Suffixos pessoaes no verbo. Tambem no Lycio.

6. Fórmas verbaes em *-u*.

7. Imperativos com *-θ* ou em *-th*, cfr. o Brahui *-th*.

Em seu primeiro trabalho, 1908, o prof. Trombetti julgava, o Etrusco mais affim ao Caucasico do que ao Indo-europeu' mas em 1912 (1) considerando a estructura do Lycio, inclinou-se a approximar mais as linguas da Asia Menor e o Etrusco ao Indo-europeu.

Em seus ultimos trabalhos (2) diz o seguinte:

O Etrusco pertence a um grupo de linguas extinctas, sendo intermedio entre o Caucasico e o Indo-europeu, porém mais proximo a este. A tal grupo pertencem tambem as linguas pre-hellenicas da Grecia e do Egeu (Lemnos, Creta, etc.), a maior parte dos antigos idiomas da Asia Menor (isto é, as inguas da Lycia, Lydia, Caria, etc.), comprehendido o Hetheu. Com estas linguas o Etrusco tem parentesco de primeiro grau,

(1) TROMBETTI A., *Ancora Sulla Parentela della Lingua Etrusca*, Bologna, 1912,

(2) TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca e le lingue preindo-europe edel-Mediterraneo*, Studi Etruschi, I, p. 213; *La Lingua Etrusca*, Firenze, 1927.

de segundo com as linguas indo-européas e de terceiro grau com as linguas caucasicas (Georgeano, etc.).

Sob o aspecto historico e geographico podemos distinguir na Asia anterior e na Europa meridional ou então da zona que vae do Caucaso aos Pyreneus, tres grandes estractificações linguisticas:

1) *Basco-caucasico* ou *Ibero-caucasico*. Esta é a camada mais antiga que perdura nas duas regiões extremas, emquanto que no restante permanecem somente traços ;

2) *Etrusco-asianico* e *Pre-indo-europeu*. As linguas deste grupo se sobrepuzeram ás precedentes, occasionando a sua extincção na larga zona mediana em que ellas se podiam espalhar (Italia, Peninsula balkanica e Egeu, Asia Menor).

3) *Indo-europeu*. Esta é a camada mais recente, de proveniencia septentrional, que se sobrepoz ás duas precedentes, occasionando a extincção total do segundo.

Se a questão etrusca é uma questão de linguistica e não de arte, no sentir de G. Cultrera (1), o prof. Trombetti deu a este problema a sua solução, pelo menos a melhor até hoje apresentada.

Sabe-se como Trombetti poz-se á frente desta empresa gigantesca. Alguns de seus collegas fizeram-lhe sentir que somente a elle, com seus conhecimentos linguisticos illimitados, seria facil poder prestar grandes serviços ao magno problema da etruscologia, decifrando uma lingua, que tem desafiado as mentes mais cultas atravez de annos. Trombetti poz o

(1) CULTRERA G., *Arte Italica e limiti della questione etrusca*, Studi Etruschi, I, p. 71.

coração á obra e em trez meses escreveu o trabalho, que é um monumento, *La Lingua Etrusca* (1) ,trazendo luzes sobre o assumpto até então desconhecidas e por isso mereceu da parte do governo italiano o premio de L. 30.000.

A morte veiu rebata-lo no momento em que a sciencia mais precisava do seu concurso. Seu proposito era de trabalhar e trabalhar mais ainda nesta direcção. O Dr. Ettore Trombetti, filho do Prof. Trombetti, assim se expressa, em dados biographicos do Pae, que me enviou : "Sua cura particolare era attualmente quella di proseguire negli studi per il deciframento della lingua Etrusca "fatto sicuro oramai", come Egli soliva dire".

As inscripções etruscas

O povo etrusco, a par de outros de edades remotas, teve uma desenvolvida cultura. As luctas constantes porém com povos vizinhos e as invasões vieram por termo a essa civilização que desappareceu em parte sob as lages dos tumulos.

De tempo a tempo entretanto a picareta do paciente archeologo vae exhumando das entranhas da terra os seus vestigios e offerecendo aos estudiosos em seus epitaphios "enigma tormentoso".

De tantas obras historicas, diz Del Croix (2), que nos fallavam deste povo, possuimos apenas alguns fragmentos; de todas as cidades por elle fundadas restam somente pedras

---

(1) TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca. Grammatica, Testi con commento saggi di traduzione interlineare Lessico.* Firenze, 1928.

(2) DEL CROIX C., *Discorso,* I.° Convegno Nazionale Etrusco, Atti, II, p. 10.

esparças; apenas seus tumulos foram encontrados intactos com seus thesouros de arte.

Agora porém "fallem os tumulos quando a historia é muda", segundo reza o proverbio toscano.

Os Etruscos costumavam escrever sobre estatuas, metaes, espelhos, utensilios varios e ao redor de figuras pintadas nas paredes dos tumulos. A lingua deste povo nos é conservada em cerca de 9.000 inscripções, sendo que as mais antigas remontam ao seculo VII A. C., e, na opinião do archeologo Miani, á epocha anterior a essa.

O prof. B. Nogara (1), director do Museu Etrusco do Vaticano, diz serem de sepulcros e monumentos 80 por cento mais ou menos das 9.000 inscripções e 20 por cento de "instrumentum". Porem 9 decimos das palavras que se têm nestas inscripções são nomes proprios de pessoas ou divindades, sendo que somente cerca de 1.500 inscripções contêm algumas palavras que não são nomes proprios.

Quanto ás inscripções funerarias muitissimas são breves, contendo nome da pessoa fallecida, parentesco, indicação dos annos e o cargo publico que desempenhou o finado (2).

Não são pequenas as difficuldades quanto á decifração das inscripções etruscas. Trata-se pois da interpretação de textos quasi sem auxilio exterior e além disso, de textos pouco amplos e de caracter uniforme. Algumas palavras encontram-se uma só vez, outras poucas vezes.

---

(1) NOGARA B., *Osservazioni intorno all'etrusco e alle sue piu probabile affinitá con altre lingue*, 1.º Convegno Nazionale Etrusco, Atti, II, p. 56.

(2) DUCATI P., *Gli Etruschi*, p. 73.

Os textos mais longos foram enfrentados, pode se dizer, somente pelo etruscologo A. Torpe isso ha mais de 20 annos.

O primeiro que publicou inscripções etruscas pela imprensa foi Justus Lepsius.

A primeira collecção das inscripções etruscas foi feita em 1867 por Ariodante Fabretti no seu *Corpus Inscriptionum Italicarum*, Turim, que foi ampliado por meio de tres *Supplementos* em 1872, 1874 e 1878, e com um *Appendice*, publicado em 1880 por Gamurrini. Todos estes textos foram revistos ou examinados por C. Pauli, auxiliado por O. A. Danielson e reunidos com outro novo material em um *Corpus Inscriptionum Etruscarum*, sendo que o primeiro volume (Lipsia, 1893–1902) refere-se á Etruria do Norte com cerca de 5.000 inscripções, no sentir de Buonamici (1). A publicação do segundo volume, com a morte do etruscologo C. Pauli, foi emprehendida por Danielson em collaboração com A. Torp, G. Herbig e B. Nogara. Deste volume sahiram tres fasciculos: o primeiro em 1907, que comprehende Orvieto e Bolsena, o segundo em 1912, que contem inscripções de Falisco e Capenate (n. 8001–8.600), mais tarde o terceiro fasciculo que se refere a Populonia, Vulci e Malhano. Finalmente sahiu um *Supplemento* com as inscripções das Faixas de Agram (1919–1921).

Para poder-se usar com proveito o primeiro volume, observa Ducati (2), é necessario ter presente a obra *Corregioni, Giunte, Postille al C. I. E.*, Florença, 1904, de Elia Lattes, trabalho este, diz Ceci (3), que honra sobremaneira seu auctor,

(1) BUONAMICI G. – A. NEPPI MODONA., *L'Etruria,e Gli Etruschi*, p. 37.
(2) DUCATI P. *Etruria Antica*, Vol. I, p. 61.
(3) CECI L., *Elias Lattes e l'Etruscologia*, p. 9.

pois ninguem conheceu melhor do que elle a paleographia etrusca e as inscripções.

Importante serviço, com referencia á decifração das inscripções, vem prestando á etruscologia o prof. G. Buonamici presidente da secção de epigraphia do "Comitato Permanente per l'Etruria" nos vols. I, II, III dos *Studi Etruschi*.

O prof. Trombetti, em seu precioso trabalho *La Lingua Etrusca* (1), faz um estudo sobre as mais importantes inscripções, fornecendo a decifração de 72 palavras e a etymologia de 60 termos conhecidos. Traz, por esse modo, um grande progresso relativo á decifração das mysteriosas inscripções, tendo-se servido para isso dos methodos combinatorio e etymologico.

Deante do exposto exagerado se nos afigura o conceito do illustre professor das linguas classicas e epigraphia italica na Universidade de Roma, L. Ceci (2), quando disse que a pesquisa scientifica etrusca morreu na Allemanha com Deecke, Pauli, Skutsch e Herbig; na Noruega com A. Torp e na Italia com Elia Lattes.

Vejamos em seguida as inscripções mais antigas e mais importantes.

1. Texto da Mumia. O texto unico em seu genero e mais longo, que até aqui nos chegou das inscripções etruscas, é o denominado da mumia. Antes de 1880 foi encontrada em Alexandria no Egypto uma mumia de mulher, da epocha grego-romana, envolta em 12 faixas de linho, que constituem um *liber linteus*.

---

(1) TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca. Grammatica. Testi con commento. Saggi di Traduzione Lessico*, p. 65–192, Firenze, 1928.

(2) CECI L., *Elia Lattes e L'Etruscologia*, p. 155.

Consta este texto de 1.500 palavras, que eliminando as repetições, se reduz a 500. Foi editado pelo egyptologo J. Krall em 1892, nas Memorias da Academia de Vienna (1). Gustavo Herbig publicou um novo fragmento em 1911. Este texto foi transportado para o Museu de Agram. Elia Lattes, Trombetti e outros se occuparam delle.

2. O texto de Capua. Esta inscripção foi encontrada em 1899 em Santa Maria de Capua e contem 300 palavras. E' um texto archaico, talvez do seculo VI ou V A. C. Possue elle grande valor. Está no Museu de Berlim. Foi publicado em 1900 por Bücheler no *Rheinnisches Museum*. A. Torp em 1905 occupou-se das primeiras 29 linhas. Sob o aspecto hermeneutico foram notadas por E. Lattes (2) varias coincidencias com o texto da Mumia e com o Bronze de Piacença.

3. O Cippo de Perugia. Este texto foi encontrado em 1822 em Perugia. Contem 120 palavras. Seu conteudo é funerario e se relaciona ás familias "Afuna" e "Velthina". E uma inscripção de data recente. O primeiro que tentou illustrar esta inscripção foi Giovanni Battista Vermiglioli em 1824.)Veja-se sobre isso o importante estudo do glottologo e etruscolo Francisco Ribezzo — *Lingua ed Epigrafia* (3).

4. A Lamina de Malhano. Esta inscripção foi encontrada em 1882 em Malhano, provincia de Grosseto. Pensa-se que

---

(1) KRALL J., *Die etruskischen Mummienbiendes d. Agramer National-Museum* (Denkschrisften der Ak. der Wiss, Wien, 1892).

(2) BUONAMICI A. – A. NEPPI MODONA., *L'Etruria e Gli Etruschi*, p. 39.

(3) RIBEZZO F., *Lingua ed Epigrafia. Testi etruschi* C I E 5237 e .. 4538 (*Piombo di Magliano e Cippo di Perugia*) *rianalizzati e spiegati* (Rivista Indo-Greco-Italica, anno XIII (1929; fasc. I e II.), p. 59–104. Napoli.

fosse ella do seculo VI A. C. Foi editada por Milani em 1893 nos *Monumenti della Reale Accademia dei Licei*, II. Contem 66 palavras e é de caracter sagrado, talvez ritual, na opinião de Ducati (1). Veja-se ainda Ribezzo no trabalho citado

5. A Lamina de Voltera. Foi este texto encontrado em Voltera. Contem cerca de 80 palavras e é do seculo III A. C.

6. A Lamina Plumblea. Esta lamina foi encontrada em um tumulo no Monte Pitti, proximo de Campilho Maritima. E' ella do seculo III. A. C. e contem cerca de 50 palavras. Foi editada por Gamurrini em 1895 nas *Notizie degli Scavi*. E' ella de caracter funerario.

7. O Sarcophago de Tarquinia. E' uma inscripção do seculo III ou II A. C. Contem cerca de 60 palavras. Foi editada por Gamurrini no *Appendice* ao *Corpus* de Fabretti, n. 799. Esta inscripção é o epitaphio de um membro da familia "Pulena", contendo os meritos e feitos do illustre morto, segundo Ducati (2).

8. O Templum de Piacença. E' um figado de bronze que Deecke julga representar a de um bezerro. Foi encontrado em Settima, no territorio de Piacença em 1878. A melhor edição desta inscripção é a de G. Körte no *Bolletino dell'Istituto Archeologico Germanico de Roma*, 1905. Pertence elle aos ultimos tempos da civilização etrusca. Ha nesta inscripção gravados 47 nomes de divindades.

9. A Columna da Gruta do Typhon de Tarquinia. E' uma inscripção do seculo II A. C. Foi descoberta em 1833.

(1) DUCATI P., *Gli Etruschi*, p. 75.

(2) DUCATI P., *Etruria Antica*, vol. I, p. 64.

Contem cerca de 33 palavras, que se referem á familia "Punepu", a quem pertence o tumulo.

10. O Hypogêu e inscripção de S. Manno. Foi chamada "a rainha das inscripções etruscas" por Maffei tal é a sua importancia. E' uma inscripção esculpida no tumulo de S. Manno, proximo de Perugia. E' ella dos ultimos tempos da civilização etrusca. Contem 28 palavras e se refere á familia "Precu", a quem pertenceu o hypogêu. Um estudo de grande valor fez sobre esta inscripção o emerito etruscologo Gulio Buonamici (1) recentemente.

11. A Inscripção de Lemno. Dois jovens archeologos franceses. Cousin e Durrbach, em 1885, encontraram proximo de Kaminia, na ilha de Lemno, uma estela de pedra, que contem duas inscripções em lingua não grega e em caracteres archaicos. A estela é anterior á conquista hellenica de Lemno, que se deu em 500 A. C. Grande é a importancia destas inscripções, diz Trombetti (2), pois estão redigidas em uma lingua, que dentre as conhecidas, é a que mais se approxima do Etrusco. O historiador Pareti no emtanto, contra quasi a opinião unanime dos etruscologos de fama, nega o parentesco lemnio-etrusco para affirmar o parentesco lemnio-traco-frigio, tendo dado assim margem a longa discussão com E. Lattes (4)

---

(1) BUONAMICI L., *L'Ipogeo e l'Iscrizione Etrusca di S. Manno presso Perugia,* Studi Etruschi, vol. II, p. 343–402.

(2) TROMBETTI A.,*La Lingua Etrusca e Gli Studi Storici,* p. 3–14.

(3) PARETI L., *Rev. Filologia Classica,* 1.º–3.º.

(1) LATTES E., *Ancora poche parole per l'etruscicitá delle due iscrizioni prelleniche di Lemno,* Revista de Filologia e d'Istruzione Classica, anno, XLVIII, fasc. 3.º.

e Trombetti (1), que negam a theoria de Pareti.Sobre isso expoz tambem sua idéa C. Battisti (2).

As outras inscripções etruscas são mais breves do que as mencionadas acima.

Resta-nos agora dizer algo sobre as mais antigas inscripções.

As inscripções mais antigas, segundo Ducati (3), são do seculo VII A. C. e poucas são ellas. Vejamos pois :

1–3. Tres pequenos vasos de prata do tumulo Regolini-Galassi de Cerveteri com inscripções brevissimas. Dois delles contem as palavras "Mi Larthia" e o outro contem a palavra "Larthia".

4. Um vaso argilloso de Cerreteri. A inscripção conta 75 letras, que foram subdivididas em 16 palavras.

5. Um vasinho de argilla vermelho-escuro com tres inscripções, tendo 46 palavras.

6. Um vaso argilloso do tamanho do Duce Vetulonia, contendo 46 letras.

7. A estela de Aule Pheluske, contendo, parece, 10 palavras.

8. Um vaso artificial denegrido de Barbarano de Sutri com 74 letras, sendo ellas escriptas da esquerda para a direita.

9. Uma taça de barro vermelho de Barbarano de Sutri, contendo as palavras "mi atiia".

10. Uma fivella de ouro de proveniencia ignorada, que se encontra no museu do Louvre de Paris. Estão nella gravadas duas inscripções.

---

(1) Trombetti A., *La Lingua Etrusca e Gli Studi Storici*, p. 3–14.
(2) Battisti C., *Lingua e Epigrafia*, Studi Etruschi, II, p. 710–712.
(3) Ducati P., *Etruria Antica*, vol. I, p. 66–67.

11. Uma "setuletta" de prata dourada de Chiusi, contendo a inscripção "Plicasna".

Sobre este numeroso material epigraphico é pois que se funda a lingua etrusca.

Methodo de decifração das inscripções etruscas

Qualquer pessoa conhecedora dos alphabetos grego-latinos, pode ler com facilidade inscripções etruscas. O problema que ellas apresentam diz respeito á sua decifração.

Na opinião de Maffei, as primeiras tentativas para a decifração do Etrusco foram feitas no seculo XIV. E' possivel, segundo diz Buonamici (1), que por essa epocha se procurassem explicar as glosas ou as vozes etruscas conservadas nos classicos.

O que é verdade é que desde os tempos de Annio de Viterbo, que publicou 17 *Livros de Antiguidades*, em Roma em 1498, foram-se succedendo innumeras tentativas para decifrar o Etrusco, principalmente pelo methodo chamado etymologico e depois pelo methodo combinatorio.

Varias tentativas têm sido feitas nesse sentido e muitas dellas fracassaram como, por exemplo, no caso de Corssen, para não mencionar alguns outros. A proposito ha um interessante apanhado historico feito por Trombetti (2) em um de seus trabalhos.

Embora o methodo combinatorio seja preferivel ao ety-

---

(1) BUONAMICI G., – A. NEPPI MODONA., *L'Etruria e Gli Etruschi*, pg. 45.

(2) TROMBETTI A., *Sulla Parentela della Lingua Etrusca*, p. 6–14.

mologico, preciso é confessar, segundo diz Buonamici (1), que seus resultados têm sido quasi infructiferos. Estes methodos até agora foram insufficientes para nos fornecer a chave da decifração do mencionado idioma, apresentando-nos elle por isso duas principaes categorias de pesquisas verificadas nestes ultimos annos, sendo uma de *caracter puramente philologico* e outras *philologico-hermeneuticas.*

Os dois methodos mais usados para decifração do Etrusco são: o etymologico e o combinatorio.

1.º — Methodo etymologico. Este methodo consiste em interpretar o Etrusco mediante confrontos com outras linguas que se saiba serem proximamente affins. Este methodo cahiu em descredito, segundo diz Trombetti (2), só por ter sido mal applicado, pois o Etrusco tem sido confrontado com linguas com as quaes não tem parentesco directo (3).

O ultimo representante do methodo etymologico é G. Martha com sua obra *La Langue Etrusque*, 1914.

2.º — Methodo combinatorio. Este methodo consiste na formula ou canon apresentado pelos fundadores da etruscologia scientifica, W. Deecke e C. Pauli: *interpretar o Etrusco por meio do Etrusco* sem se fundar em possiveis ou reaes affinidades com outras linguas conhecidas.

Este methodo pouco resultado deu, conforme diz Trombetti. Já Skutsch reconhecia que "apezar dos novos mate-

---

(1) BUONAMICI G. – A. NEPPI MODONA., *L'Etruria e Gli Etruschi*, p. 51.

(2) TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca*, p. VIII-IX.

(3) Veja-se o capitulo: *Affinidades linguisticas do Etrusco,* neste trabalho.

riaes, as possibilidades combinatorias, pelo menos as mais faceis, estão exgottadas" e que "com material hodierno difficilmente poder-se-á obter outros resultados seguros com o methodo das combinações" que "nem sempre é facil e frequentemente não nos dá senão uma segurança relativa". Trombetti, que apresenta a citação acima, diz ser preciso procurar outro auxilio e portanto devem ser usados ambos os methodos, tanto mais que um serve de confronto ao outro.

Quando começa o uso dos methodos, combinatorio e etymologico, não é sempre facil dizer. Em muitos casos Trombetti teve a impressão da contemporaneidade. Quando se trata de descobrir uma verdade, não existindo caminho traçado, methodo bom é o que conduz ao alvo. O methodo é a sciencia.

Trombetti usando os methodos combinatorio e etymologico, dando tambem grande attenção ás fórmas grammaticaes e ao estudo da formação das palavras, chegou a resultados verdadeiramente extraordinarios na decifração das inscripções etruscas. Infelizmente foi elle arrebatado pela morte, deixando no campo da etruscologia um claro que talvez ninguem preencha. Deixa porém caminho aberto á solução do "problema tormentoso" (1), pois desde que tomou sobre si essa tarefa, deixou de ter razão a phrase muitas vezes repetida: *Etrusca sunt non leguntur.*

Alphabeto etrusco

Larga discussão tem se levantado em torno da origem do alphabeto etrusco.

---

(1) Jorge Bertolaso Stella., *Trombetti e a Glottologia,* Revista De Lingua Portugueza, n.º 61, 1930, Rio de Janeiro.

Este alphabeto não tem apresentado difficuldade de leitura porque em suas linhas geraes elle não se afasta do alphabeto grego, no dizer de Nogara (1), e, dentre os alphabetos, o seu logar, segundo a classificação de Kirchhoff, deveria ser no do grupo occidental.

Karo o julga de proveniencia oriental, porém Körte acha que se originou da colonia eolico-calcidica de Cuma, contra a opinião de Gamurrini, que o julgava dorico. A. Grenier, contra a opinião do prof. Pareti, diz ser um alphabeto grego archaico transportado directamente do Egeu. O distincto etruscologo Neppi-Modona (2), secretario geral do "Comitato Permanente per l'Etruria", achando-se bastante inclinado a acceitar a opinião de Grenier, pensa que o alphabeto etrusco havia passado do oriente hellenico á Etruria directamente sem o trâmite nem dos calcidicos de Cuma italica nem das colonias doricas terentinas, no momento da primeira separação em alphabetos locaes orientaes e occidentaes. Dahi, na opinião do auctor, a razão de este typo de alphabeto poder ser chamado *proto-etrusco.*

Com referencia á theoria da "origem calcidica-cumana" Neppi-Modona acha que tal derivação não está provada no estado actual dos nossos conhecimentos epigraphicos. Buonamici (3), que faz a apreciação do excellente trabalho do auc-

(1) NOGARA B., *Conferenza; Osservazioni intorno all'etrusco e alle sue piu probabile affinitá con altre lingue.* 1.º Convegno Nazionale Etrusco, Firenze, 1926, Atti II.

(2) NEPPI MODONA A., *Il nuovo monumento epigrafico proto-etrusco del Museo Metropolitano di New York e la questione della provenienza dell' alfabeto in Etruria,* Rendiconti della Accademia Nazionale dei Linci, vol. II, pasc. 11.º-12.º, 1926, Roma.

(3) BUONAMICI G., *Studi Etruschi,* II, 715-716.

tor acima, porém, diz que com o excluir elle a derivação "calcidica-cumana" não se deprehende como necessaria a hypothese da importação *directa do Oriente.*

Outros ainda querem que o alphabeto etrusco se derive do lydio, segundo citação de Buonamici (1), emquanto que Savini (2) entende não ser elle muito diverso do alphabeto proto-semitico. B. Nogara (3) inclina-se a crer que o alphabeto etrusco tivesse uma origem sua propria, distincta da dos alphabetos gregos, que se costumavam classificar entre os calcidicos e os ionicos. Vejamos o que diz Ducati (4) especialmente no que se refere a apresentação do alphabeto etrusco.

Para o estudo do alphabeto etrusco archaico existem tres monumentos epigraphicos de alphabetos phenicio-gregos de grande valor: o alphabeto de Marsiliana de Albenha, o de Veio e o de Cerveteri. Todos elles são do seculo VII. A. C., porém o mais antigo delles é o de Marsiliana. O alphabeto de Marsiliana de Albenha é o mais importante delles. Foi publicado e illustrado pelo douto prof. A. Minto; presidente do "Comitato Permanente per l'Etruria" e que o denominou com muita propriedade o alphabeto *princeps.* E' graphado da direita para a esquerda. Foi tido este alphabeto como de typo calcidico, porém segundo os estudos de Grenier deve

---

(1) BUONAMICI G., *Dubbi e Problemi sulla natura e la parentella dell' Etrusco. Studi Etruschi,* I, 241.

(2) SAVINI S., *L'Etrusco come lingua semitica,* 51.

(3) NOGARA B., *Conferenza: Osservazioni in torno all'etrusco e alle sua piu probabile affinitá com altre lingue,* 1.º Convegno Nazionale Etrusco, Firenze, 1926, Atti II, 52.

(4) DUCATI P., *Etruria Antica,* I, 67-71.

ser reconhecido como um alphabeto vetustissimo etrusco de derivação grega.

O alphabeto de Marsiliana, diz ainda Ducati, representa o alphabeto grego em uso no Egeu nos tempos da emigração tyrrhena, antes da separação entre alphabetos gregos orientaes e occidentaes. A taboazinha em que se acha graphado foi encontrada no Circolo dos Avari no sepulcro de Marsiliana de Albenha e está actualmente no Museu archeologico de Florença.

O alphabeto de Veio está graphado em um vaso negro, que foi encontrado em Tormello e que se acha no Museu Nacional de Villa Julia em Roma.

Finalmente o alphabeto de Cerveteri está tambem graphado em um vaso negro e se acha no Museu Etrusco Gregoriano em Roma.

Como já foi dicto, estes dois alphabetos são do seculo VII A. C., porém posteriores ao de Marseliana, pois este é da primeira metade do seculo VII A. C.

De epocha mais recente são os alphabetos que se detêm na letra *o* e o breve syllabario graphado e pintado de vermelho na parede de um tumulo no quarto de Colle, proximo de Siena.

Eis os alphabetos de Marsiliana, Formello e Cerveteri :

ALFABETI ETRUSCHI			
MARSILIANA	FORMELLO	CERVETERI	
A	A	A	1
ᗺ	B	B	2
ᒣ	<	C	3
◁	D	D	4
Ǝ	F	E	5
ꟻ	E	F	6
I	I	I	7
日	日	日	8
⊗	⊗	⊗	9
|	|	|	10
ꓘ	K	K	11
⅃	L	L	12
ꟽ	M	....	13
И	N	M	14
⊞	⊞	⊞	15
O	⊙	⊙	16
ᒣ	P	P	17
M	M	ꟽ	18
Q	Q	....	19
ꟼ	P	P	20
ϟ	Σ	Σ	21
T	T	T	22
Y	Y	Y	23
X	X	X	24
Φ	Φ	P	25
Ψ	Ψ	Ψ	26

As letras do alphabeto são 26, sendo 22 de origem phenicia e 4 de invenção grega. Para se por a escripta de origem grega em harmonia com a phonetica etrusca, necessariamente houve no alphabeto etrusco suppressões e modificações. Assim é que a letra *o* perdeu-se e as medias *g*, *d*, *b* desappareceram.

O alphabeto etrusco lá pelo seculo V A. C. concretizou-se nos seguintes sons:

Vogaes: *a*, *i*, *e*, *u*.

Consoantes: *c*, *ch*, *h*, *t*, *th*, *s*, *ś*, *z*, *p*, *ph*, *f*, *v*, *l*, *r*, *m*, *n*.

Havia para *s* (affim a *ś*) duas fórmas M e ⋚ ou ⋝.

Para *o f* existe o signal 8 ou 8, que apparece nas inscripções archaicas, como na do "talo" de ***Aule Phelucke*** (fim do seculo VII A. C.) com a fórma 8. A origem deste signal é obscura, mas é digno de nota o seu apparecimento em inscripções lydicas.

Acha o prof. Pareti que quanto ao signal descoberto nas escavações de Sardes e que corresponde pela fórma ao que é usado pelos Etruscos para o som de *f*, não se pode demonstrar que nas inscripções hydicas tivesse tal valor (1).

O prof. Buonamici (2) depois de algumas considerações sobre o signal 8, que se encontra nos alphabetos etruscos e lydico, diz ser mais razoavel suppor-se que em ambos os alphabetos este signal deriva-se de uma fonte commum e se diffundiu pela Asia Menor e pela Italia para as relações commerciaes e culturaes mantidas sempre entre os povos da região mediterranea.

---

(1) PARETI L., *Conferenza: Come un storico risolve il problema della origine etrusca*, 1.º Convegno Nazionale Etrusco, Atti II, 40.

(2) BUONAMICI G., *Dubbi e Problemi sulla natura e la parentela dell' Etrusco, Studi Etruschi*, I, 240-241.

Larga discussão traz o prof. Nogara sobre este signal em sua conferencia (1).

A leitura das inscripções não apresenta difficuldade de especie alguma, como já foi dicto, pois quem conhece os alphabetos grego-latinos, em geral pode faze-la, na opinião de Buonamici (2).

A escriptura etrusca procede quasi sempre da direita para a esquerda á semelhança de outras antigas inscripções italicas.

Os Etruscos adoptaram o systema dos Romanos, que escreviam da esquerda para a direita, e no dizer de Fabretti, entre o antigo e o novo methodo, houve um periodo de hesitação e inconstancia.

Além da escripta chamada *espiral*, conforme a inscripção de Barbarano de Sutri, segundo Lattes, possue o Etrusco uma particularidade notavel na sua escripta denominada *bustrophedon*, que apparece na inscripção de Sta. Maria de Capua, já citada.

Os caracteres de grande antiguidade foram indicados por Elia Lattes, que no dizer de Ceci (3), foi quem lançou os fundamentos da philologia etrusca. Esses caracteres são os seguintes:

1.° O *th* com a cruz no meio do circulo — ⊕ ou ⊗ —, emquanto que nas inscripções mais recentes tem-se ⊙ ou simplesmente O;

2.° O *k* e o *q* como signaes de guttural, o ultimo só adiante de *u* como em *uhelequ*, com *uh* = f ;

(1) NOGARA B., *Conferenza: Osservazioni intorno all'etrusco e alle sue piu probabili affinitá con altre lingue*, 1.° Convegno Naz. Etrusco, Atti, II, 52-54.

(2) BUONAMICI G., *Etruria e Gli Etruschi*, 42.

(3) CECI L., *Elia Lattes e l'Etruscologia*, 18.

3.º A pontuação de tres pontinhos e tambem quatro;

4.º A direcção bustrophedon da escriptura, especialmente tortuosa, como na grande inscripção de Sta. Maria de Capua.

Epigraphia etrusca

A sciencia epigraphica é indispensavel para o conhecimento da lingua etrusca.

O prof. Buonamici (1), presidente da secção de epigraphia do "Commitato Permanente per L'Etruria", diz que o primeiro passo para a decifração do Etrusco é determinar com a maior approximação possivel a edade da epigraphe. Ha monumentos que, pelos seus caracteres archeologicos, pelo logar onde se acham e ainda pelos objectos com os quaes foram encontrados, mostram a que epocha pertencem. Taes são por exemplo o "cippo orvietano" de *larθ cupures*, a estela de Vetulonia de *x feluskes* etc. Outros porém são fragmentos isolados e de ignorada proveniencia e difficilmente se torna a determinação da edade pela simples inspecção da escriptura. Neste caso é preciso agir somente com o criterio intrinsico, epigraphico ou linguistico.

Ha quem tenha estudado o Etrusco baseando-se em um certo numero de inscripções de determinados periodos e parece terem admittido ser o Etrusco uma lingua que constitue *um todo*, dando a entender que tenha sido sempre do typo

---

(1) BUONAMICI G., *Criteri di Coordinamento nelle ricerche epigraphiche* Atti del Primo Congresso Internazionale Etrusco, 1928; *Rivista di Epigrafia Etrusca*, Studi Etruschi, vol. I, 1927, p. 506, II, 585, III, 497–513. Veja-se tambem Pallottino M., *Saggio di commento a iscrizioni etruschi minori*, Vol. III, Studi Etruschi, 1929, Firenze, p. 532-554.

que apparece no grupo dos monumentos tomados em consideração.

O Etruscos, como em regra todas as linguas, sendo que umas mais do que outras, tem evoluido atravez dos seculos. Com effeito, confrontando-se as mais antigas inscripções dos seculos VII–VI A. C. com as de epocha mais recente, percebe-se grande abundancia de vogaes nas primeiras, a superioridade e o exagero de consoantes nas ultimas. Lattes, considerado o verdadeiro restaurador da epigraphia etrusca, já havia dicto que o Etrusco em todos os tempos era riquissimo em vogaes. Na antiquissima epigraphe de Barbarano de Sutri ha 74 letras das quaes 40 são vogaes. Na inscripção da taça do tumulo de Duce de Vetulonia ha 46 letras sendo 22 vogaes. Na famosa inscripção da estela de Vetulonia em 60 signaes distinguem-se 26 vogaes e 34 consoantes. Se tomarmos porém epigraphes mais recentes, como por exemplo o cippo de Perugia, vemos que as consoantes superam as vogaes.

A pesquisa epigraphica é a condição essencial para re-*construir* a historia e evolução do Etrusco. Este criterio foi preconisado por Lanzi que julgava não se poder lançar base segura ás pesquisas philologicas, sem a certesa da verdadeira fórma de cada palavra em particular. Seguindo esse methodo determinou com precisão o significado do signal M, que até então lia-se erradamente como se fosse *m*, reconhecendo ser *uma sibilante*. Lepsius, por sua vez, demonstrou que o signal =|=, lido até sua epocha como *x*, era um *zeta*.

Tão importante é portanto a epigraphia, que em relação á hermeneutica etrusca está como a mathematica para a physica e a astronomia.

Se a epigraphia necessita de subsidio de outras sciencias, por sua vez ella se acha apta para retribuir auxiliando-as na solução de problemas que sem o seu concurso não poderão ser resolvidos :

Em conclusão citamos o que diz Buonamici : "La ricerca glottologica, poi sempre parlando dell'etrusco, é cosi legata all'ermeneutica che sarebbe opera vana dedicarsi alla prima prescindendo dalla seconda. Né mi si accusi di voler con questo ridurre la scienza dell'etrusco alla epigrafia: almeno per ora questa riduzione — dato che volessi insisterci — non si potrebbe tanto facilmente con buone ragioni condannare. Ma io non insisto, e mi limito a ripetere che l'epigrafia é il primo passo da muovere per chiunque voglia comprendere l' *a b c* della lingua etrusca".

Dialectos da lingua etrusca

Na opinião de Martelli (1), os dialectos da lingua etrusca podem ser divididos em tres grupos :

1.º Dialectos em que domina o elemento mediterraneo. A este grupo pertence o dialecto lemnico ;

2.º Dialectos em que o elemento mediterraneo é inferior ao italico. A este grupo pertence o dialecto da Mumia, chamado pelo auctor acima "cumano" ;

3.º Dialectos em que o elemento italico domina. A este pertencem os dialectos etruscos da Italia que são distinctos pelo tempo e pelo logar, sendo as mais importantes: o dialecto "perugino" (ou perugeo) quasi italico, ao qual se une o "orietano"; e o de S. Maria de Capua, que possue muitos

---

(1) Martelli G. L. *Lingua Etrusca, Grammatica. Testi con traduzione a fronte. Glossario*, p. 18–19. Perugia, 1920.

tir de Ducati (1). L. Ceci (2) porém declara que o Etrusco não distinguia o genero masculino e feminino, mas somente o genero animado (masculino-feminino) e o genero inanimado (neutro), como acontece com as linguas da Asia Menor, o Lycio e o Hetheu.

Trombetti (3) entretanto diz não se ter descoberto até agora traços seguros do neutro no Etrusco.

Do genero dos nomes etruscos, occupou-se a distincta etruscologa Eva Fiesel (4) em um seu trabalho muito elogiado, porém escripto com tendencias a negar o genero no Etrusco (5).

Masculino. Os nomes masculinos possuem terminações tanto em consoante como em vogal. Terminam em consoante, entre outros, os seguintes exemplos : *clan* filho, *tiv* mês, *avil* anno. Os nomes masculinos em Etrusco terminam em vogal da maneira seguinte, segundo Ducate (6) :

1. Nomes em *e*. São frequentissimos e correspondem á terminação em *–os*, *-es*, *–eus* do Grego e á germinação em *–us* do Latim.

2. Os nomes em *a*, que correspondem aos nomes latinos em *a*.

3. Os nomes em *i*, por exemplo *Senti*.

---

(1) DUCATI P., *Gli Etruschi*, p. 87.

(2) CECI L., *Elia Lattes e L'Etruscologia*, p. 113–114.

(3) TROMBETTI A., *Sulla Parentela della Lingua Etrusca*, p. 17.

(4) FIEZEL E., *Das grammatische Geschlecht im Etruskischen*, 1922, Gottingen.

(5) TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca*, p. 8, *Saggio di Onomastica Mediterranea*, p. 103–104.

(6) DUCATI P., *Etruria Antica*, vol. I, p. 81–82.

4. Os nomes em *u*.

Feminino. As terminações do feminino em Etrusco são os suffixos *-a*, *-i* e *-i-a* (ou *ia* que é uma combinação de *-i* e *-a*). A combinação *ai* transforma-se frequentemente em *ei* (isto é, *äi*).

Vejamos alguns exemplos, segundo Ducati (1):

Masculino em *a* : *barcana*, feminino *barcana-ia*, *Velcha* feminino *Velcha-i*, *Afuna*, feminino *Afune-i*.

Masculino em *e* : *Vele*, feminino *Vel-ia*, *Lerce*, feminino *Larc-i* e *Larice-ia*.

Masculino em *i* : *Senti*, feminino *Senti-a*.

Masculino em *u* : *Larthu*, feminino *Larthu-ia*, *Petru*, feminino *Petru-i*, *Petru-ia*.

Masculino em consoante : *Larth*, feminino *Larth-i*, *Larth-ia*, *Arnth*, feminino *Arnth-ia*.

Ha nomes femininos em *-u* sem o seu equivalente masculino (2).

O numero

O plural dos nomes etruscos termina em *r* ou em *-ar*, *-er*, (*-ir ?*) e *-ur*.

Taylor reconheceu em *clen-ar* o plural de *clan* filho.

Demonstrou A. Torp, claramente, a existencia dos pluraes em *-r*, exemplos : *tiv-r-* meses de *tiv*, *tiu* lua, *clen-ar* de *clan*, *clen-* filho.

Verdadeiro signal de plural é *-a-* na fórma *clen-ar-a-si*.

O elemento *-a* do plural, segundo Trombetti (3) encon-

---

(1) DUCATI P., *Etruria Antica*, vol. I, p. 82-83.
(2) DUCATI P., *Gli Etruschi*, p. 87.
(3) TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca*, p. 12-13.

tra-se em outras palavras etruscas e corresponde ao plural neutro em *-a*, *-ā* do Indo-europeu (1). Este auctor (2) diz considar como provavel a existencia de verdadeiros pluraes etruscos em *-s* e os que admittem ser o Etrusco uma lingua indo-européa, estão promptos a acceita-lo.

Quanto ao dual não foram descobertos traços seguros ainda (3). Verdade é que A. Torp pergunta se *uni* não será dual de *una*.

Os casos

Um suffixo *-s* ou *-ś* do nominativo singular masculino encontra-se nos nomes gentilicos, como *aleθna-s*, *vipinana-s* e em nomes de divindades, como por exemplo *seθlan-s* Epheso, *turm-s*, *turm-ś* Hermes.

Este suffixo *-s* ou *-ś*, diz Trombetti (4), corresponde ao suffixo *-s* do nominativo singular indo-europeu.

O nominativo-accusativo ou antes o thema do masculino termina frequentemente em *-e*, por exemplo, *aule*, *marce*, que correspondem aos nominativos masculinos *Marce*, *Aule* do Latim (5).

Na inscripção de Lemno, diz o auctor citado (6), o signal do nominativo é *-z* e usa-se para nomes proprios, por exemplo, *holaie-z* e com os appellativos *mara-z*.

---

(1) TROMBETTI A., *Ancora Sulle Parentela della Lingua Etrusca*, p. 5, 1912.

(2) TROMOETTI A., *La Lingua Etrusca e le lingue preindoeuropee del Mediterraneo*, Studi Etruschi, vol. I, p. 226.

(3) TROMBETTI A., *Sulla Parentella della Lingua Etrusca*, p. 20-1908.

(4) TROMBETTI A., *Ancora Sulla Parentela della Lingua Etrusca*, p. 5.

(5) TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca e le lingue preindoeuropee del Mediterraneo*, Studi Etruschi, vol. I, p. 228.

(6) TROMBETTI A., *Sulla Parentela della Lingua Etrusca*, p. 20; *Lingua Etrusca*, p. 14.

O suffixo do nominativo plural, na opinião de Ducati (1), é *–ar* ou *–r*, por exemplo *clenar* os filhos.

ACCUSATIVO

Antigas fórmas de accusativo em *–n* são conservadas nos pronomes demonstrativos como *ce–n, ec–n* e *t–n*.

Um antigo accusativo da inscripção de Capua pode ser *puiia–n* (2). Ha em fórmas adverbiaes tambem *–m* ao lado de *–n*, como *matą–m* e *mat–n, celuc–n* e *celucu–m*.

DOTIVO–LOCATIVO

O signal do locativo é *–i*, dahi com themas em vogal têm-se *–e* de *–ai* (ou de *–a–i*), *–ei, –ui*. Provavelmente é tambem um locativo θ*i–i* do monosyllabo θ*i* emquanto que no polysyllabos *–ii* se contraem em *–i*, segundo Trombetti (3).

Os themas em consoante têm fórma em *–e*, por exemplo, *cepen, cepen–e, hilar, hilar–e*.

O suffixo do dativo plural, segundo Ducati (4), é *–si*, por exemplo, *clenar–asi* aos filhos.

LOCATIVO EM *–t* (*i*) e –θ(*i*)

O uso das fórmas ampliadas do locativo *–t*(*i*) e –θ(*i*)' cfr. –θ*i* e *–ti* do Grego, é muito frequente no Etrusco, por exemplo, *rene–*θ*i, tule–ti, cave–*θ, *municle–t* etc.

Os locativos em *–u* propostos por Pauli (5) são duvidosos.

---

(1) DUCATI P., *Gli Etruschi*, p. 88.

(2) TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca*, p. 14.

(3) TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca*, p. 15.

(4) DUCATI P., *Gli Etruschi*, p. 88.

(5) TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca*, p. 22.

GENITIVO

Genitivo em –s.

O genitivo no singular e plural é formado frequentemente mediante –*s* ou –*ś*, que se accrescenta directamente aos themas em vogal, por exemplo, *θana–s* f., *punepu–ś.*

Com themas em consoantes o suffixo é frequentemente –*u–s* e raramente –*i–s*, como *lar–u–s* e *lar–i–s* (1).

Fórmas adjectivas derivam dos genitivos em –*s* com o accrescimo de –*a*, por exemplo, *tutn–ś, tutna–s–a, aule–ś, aule–s–a.*

Genitivo em –l.

Frequente é o genitivo –*l*, que quasi sempre se apresenta na fórma –*a–l* (ou –*al*), como *arnθ–a–l, arnθ–al* e *arnθa–l.* Em composição apparece tambem na fórma –*a–li* e –*la.*

Encontra-se a fórma adjectival –*la* parallela a –*sa*, como nas linguas caucasicas.

Combinações de s *e* l.

Em Etrusco possuimos as combinações binarias –*s–la* e –*li–sa* e as ternarias *s–li–sa* e *li–sa–la.*

De –*s–l*, segundo Trombetti (4) deriva-se –*s–l–a*, fórma adjectival, como de –*s* deriva –*s–a* e assim em linguas caucasicas de –*l* deriva –*l–a.*

Genitivo em –a ?

Em inscripções antigas existem nove fórmas em –*aia* e duas em *eia*, que foram tidas como de genitivo com omissão

(1) TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca e le lingue preindoeuropee de Mediterraneo,* Studi Etruschi, vol. I, p. 228.

(2) TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca,* p, 20.

de *-l* real ou apenas graphica. Tal omissão deve ser excluida por completo, no parecer de Trombetti (1).

Cortsen acha que o suffixo *-i-a* deve ter tido pelo menos em origem significação adjectival como cada um dos elementos que o compõe.

O caso em -a-ri.

Ha fórmas nominaes em *-e-ri* com a significação provavelmente de "dativus commodi", por exemplo, *caperi* de *cape*, *flereri* de *fler*, etc.

Por muito tempo essas fórmas, quanto á sua origem, permaneceram obscuras, porém agora provavelmente ellas se explicam com o Indo-europeu *upéri* > Sanskrito *upári*, etc.

PARADIGMA DA DECLINAÇÃO NOMINAL

Paradigmas completos da declinação nominal ainda não existem. Especialmente raras são as fórmas do plural. As principaes fórmas do singular são as que seguem da tabella dada por Trombetti (2).:

	-a	*-e*	*-i*	*-u*	*cons.*
nom. -acc.	*θaura*	*Seθre*	*lautni*	*θucu*	*cepen*
nom. sigm.	*Velχa-s*	*XnrΧle-s*	*Slepari-s*	*Turmu-s*	*Seθlan-s*
dat. -loc.	*θaure*		*ſasei*	*θui* pron.	*cepen-e*
loc.	*cela-ti*	*hamphe-θi*	*ſavi-ti*	*laχu-θ*	*Spel-θi*
loc.	*cilθeve-ti*				*spelan-e-θi*
gen.	*θana-s*	*Seθre-s*	*huθi-s*	*Velθuru-s*	*clen-s, tin-s*
gen.			*ſasei-s*	*sarsnau-s*	
gen. dat.	(*clenara-si* pl.)	*Tite-si*	*Veneli-si*	*Velθuru-si*	*clen-si, tin-si*
gen. adj.	*Tutna-sa*	*Aule-sa*	*Marcni-sa*	*Velθuru-sa*	*Ucr-sa*
gen. adj.	*Titia-l*	(*eme-l ?*)	*pui-l*	(*cemu-l*)	*Larθ-l*

(1) TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca*, p. 20.
(2) TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca*, p. 22.

Pronomes e declinação pronominal

PRONOMES E ADVERBIOS DEMONSTRATIVOS

A lingua etrusca é rica em pronomes e adverbios demonstrativos.

O quadro dos themas dos pronomes e adverbios demonstrativos em *ca* e *ta*, dado por Trombetti (1), é o seguinte :

1. nom.	*ca*	*e–ca*	*ta*	*e-t*, *e-θ*, *ei-θ*	*i–ta*
2. acc.	*ce–n*, *c–n*	*e–c–n*	*t–n*		
3. gen.	*c–ś*	*e–c–ś*	*te–i–ś*		*i–ta–s*
4. dat.–loc.	*ce–i*, *ca–i–*	*te–i*, *θe–i*			
5. loc.	*ca–ti–*	*ta–ti*			
6. nom., gen.	*ca–l*	**ta–l*		*e–θ–l*	
7. loc.	*ca–l–ti*, *c–l–θi*	*e–c–l–θi*			

Ao lado de *ca* parece dever-se admittir tambem *cu* com fórmas *–cu–n* e *cu–s*.

O parallelismo dado por Torp entre o demonstrativo *–a* e o relativo *–i* é o seguinte :

demonstrativo	*a–*	*an*	*an–c*	*an–an–c*
relativo	*i–*	*in*	*in–c*	*in–in–c*

PRONOMES RELATIVOS E INTERROGATIVOS

O thema do pronome relativo é *i–*, *i–n*, que em origem era um pronome demonstrativo. De *i–* deriva-se *i–pa*, contendo portanto as combinações *–pa*. O *i–* lembra o indo-europeu *yo–*.

Segundo Vetter *i–pa–s* é usado como interrogativo.

---

(1) TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca*, p. 23.

PRONOMES PESSOAES

O pronome "eu" encontra-se na fórma *ikam* na inscripção de Narce, segundo opinião de Vetter. Em Sanskrito este pronome é *ahám* e em Grego é *egōn*.

Na opinião de Trombetti (1) é certo ser o pronome "eu" *eme*, que apparece duas vezes na taça de Vetulonia.

Como pronome de segunda pessoa temos θ*u*–χ "tu" = Gotico θ*u*–*k* "te", Dorico *tyge*, Hetheu *to*–*g* "te".

O pronome reflexivo é representado pelas fórmas *sve*–*c*, *sve*–*m* e *sve*–*le*–*ri*.

E' provavel que sejam tambem fórmas de pronomes pessoaes *vei*–*s*– e *va*–*si*.

ADVERBIOS E CONJUNCÇÕES

A terminação caracteristica dos adverbios é –*m*, por exemplo, *e*–*t*–*na*–*m*, *pu*–*t*–*na*–*m*, etc.

O –*m* pode ás vezes mudar-se em –*n*, como *mata*–*n*, *celeu*–*c*–*n*.

Ha adverbios que têm a caracteristica *p*, por exemplo: *per* Cap.: Latim *per*, Grego *pér*, Lycio *per*, *pera*–*s* Cippo: Grego *pera*, *péra*–*n*, Sanskrito *párā*, *para*–*s*, Hetheu *parā*, etc.

Pertence tambem á série a particula –*pa* de *i*–*pa*. Este *pa* é a fórma primitiva.

O etruscologo Elia Lattes em 1911, diz Ceci (2), descobriu a conjuncção copulativa enclitica –*c* (ou χ), que corres-

(2) Trombetti A., *La Lingua Etrusca*, p. 27.

(1) Ceci L., *Elia Lattes e L'Etruscologia*, p. 62.

ponde á latina *-que,* por exemplo, *lautni-c puiá-c,* como Latim *dies-que, noctes-que.*

Diz Ribezzo (1) que o *c* copulativo e enclitico (etrusco *i-χ, i-c, ic-ei* etc) compara-se com indo-europeu $-k^{u}e$, grego -τε, latino *-que,* antigo indiano *-ca* etc.

Outra conjuncção copulativa inclitica é *-m,* depois da consoante *-um.* Tem ella uma significação ligieiramente adversativa como *autem* em Latim e δε em Grego e é usada especialmente para unir proposições em vez de termos de proposições.

A particula *i-n* parece ser alguma vez usada como preposição.

Ha indicio ainda para se pensar que *ni* represente a negativa. Concordaria dest'arte com *ne* do Indo-europeu, *ni* do Lydio, *ne* do Lycio.

O verbo

Ao nosso verbo "ser" com funcção de ligação corresponde o etrusco *ama,* enclitico *ma,* fórma ampliada *ma-n.*

DESINENCIAS VOCALICAS

As desinencias vocalicas do verbo em Etrusco são *-a* para o presente e *-e* para o passado.

Ao distincto etruscologo A. Torp deve-se eta feliz descoberta.

Eis alguns exemplos do contraste entre o presente em *-a* e o passado em *-e* :

(1) RIBEZZO FR., *I testi etruschi* C I E 5237 e 4538 (*Piombo di Magliano e Cippo de Perugia*) *rianalizzati e spiegati,* Rivista Indo-Greco-Italica, anno XIII (1929) fasc. I e II, Napoli.

mena	*ama*	*scuna*	*satena*	*tura*	*tula*
mene	*ame*	*scune*	*satene*	*ture*	*tule*

O *–e* deriva-se de *–ai*, exemplo *amai* = *ame*.

As fórmas verbaes em *–i*, diz Ducati (1), são da segunda pessoa singular do indicativo ou do imperativo.

As fórmas verbaes em *–u* são frequentes. Correspondem exactamente ás fórmas participiaes do Indo-europeu.

As fórmas em *–u* são tambem usadas não só para a terceira pessoa, mas tambem para a primeira do singular.

PERFEITO EM *-CE*

Frequente é a fórma do perfeito em *–ce*.

Ha varios typos dessa fórma, na opinião de Trombetti (2), que são :

1.º O suffixo *–ce* juncta-se ao participio em *–u*, como *lupu–ce* "mortuus est".

2.º O suffixo *-ce* juncta-se ás fórmas ampliadas com o elemento *–n*, como *turu–n–ce* "dedit".

3.º O suffixo *–ce* juncta-se á raiz simples, não ampliada, exemplo : *am–ce* "fecit", *te–ce* "possuit", *are–ce* "fecit", etc.

FO'RMAS COM ELEMENTO *N*

As fórmas caracterizadas por *n* são frequentes quer sejam com *–n* simples em imperativos, como *farθa–n*, quer em *–na*, como *farθa–na*, em *–ne*, como *sate–ne*, em *–ni*, exemplo *mulve–ni* e finalmente em *–nu*, exemplo, *ceri–nu*.

---

(1) Ducati P., *Gli Etruschi*, p. 89.

(2) Trombetti A., *La Lingua Etrusca*, p. 34.

FO'RMAS COM ELEMENTO θ

São imperativas as fórmas com o elemento θ (*the*), exemplo : *trin*–θ, *nun*–θ.

Este –θ (–*the*) prende-se ao Indo-europeu –*dhi*, por exemplo : Sanskrito *çru–dhi*, Grego *kly–thi*.

FO'RMAS DO AORISTO COM *S*

Um certo numero de fórmas com o caracteristico *s* terminam em –*sa*, como *acnana–sa*, em –*se*, como *apera–se* e raramente em –*si*, como *far-si*.

Um certo numero de fórmas com o caracteristico Segundo Trombetti (1) o caracteristico *s* é o do aoristo indo-europeu.

FO'RMAS COM –*RI* E O PASSIVO

As fórmas em –*ri*, como *acas–ri*, *sac–ri*, *picas–ri* etc., são de medio passivo impessoal e correspondem ás do Hetheu em –*ri* e ás do Latim em –*r*.

Deve-se excluir a hypothese de Torp que considera *n* como caracteristico do passivo etrusco.

PREVERBOS

Diz Trombetti (2) que nas linguas indo-europeas, asianicas e caucasicas os verbos frequentemente são compostos de preposições e portanto é de esperar que o mesmo se encontre no Etrusco.

---

(1) TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca*, p. 35.

(2) TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca*, p. 36.

Talvez sejam prefixos vocalicos os de *a-cas, e-scuna, i-lucu, u-tu-se*.

O preverbo *pi-* encontra-se em *pi-cas, pi-cas-ri*, em *pi-si-ce* e o preverbo *pri-* encontra-se em *pri-θis*.

Quanto ao "augmento" não ha traços seguros.

Admitte-se um redobramento do typo *ko-skgl-mátia* em *χu-scuv-se*.

DESINENCIAS PESSOAES

Quasi todas as fórmas verbaes das inscripções etruscas são da terceira pessoa do singular e isto é natural, no dizer de Ducati, dada a essencia das inscripções em si mesmas.

Trombetti reconheceu exemplos da primeira e segunda pessoas do singular.

Uma fórma da primeira pessoa é θAP-I-CU-N.

Fórmas de segunda pessoa em *-i* existem, como θ*u*χ (*thuch*) "tu", θ*u*χ *husili* e θ*u*χ (*thuch*) *la*θ*i*.

De segunda pessoa é certamente *ilucu-i*.

A segunda pessoa singular do imperativo é igual á raiz ou ao thema verbal, por exemplo, *ar, tr-i-n* ou então possue o suffixo -θ. A terceira pessoa do mesmo termina em *-u* ou em *-tu*.

CONSTRUCÇÃO

Grande importancia tem na classificação genealogica das linguas a ordem das palavras na phrase.

Em alguns grupos a ordem é fixa, em outros porém é mais ou menos livre. São dois os typos de construcção :

1.° determinando - determinante ou regens-rectum (*a-b*).

2.° determinante - determinando ou rectum-regens (*b-a*).

A primeira construcção, *directa*, encontra-se no Semitico e no Khamitico septentrional. A segunda, *inversa*, encontra-se no Khamitico meridional, no Uralo-alatico, no Dravidico, no Etrusco, etc.

Trombetti, (1) que nos fornece as considerações acima, diz ser, em regra, o genitivo o caracteristico de uma e outra construcções.

No Etrusco o genitivo em geral é preposto ao nome de que depende, porém quando é posposto toma um caracter adjectival ou de apposição.

Na collocação do verbo, observa Ducati (2), não ha estabilidade de norma, pois tem-se *avils... lupu* e tambem *lupu... avils.*

Numeraes

Eis o quadro geral da numeração que nos é fornecida por Trombetti (3):

Numeraes cardinaes	Adverbios	Dezenas
maχ		
zal	*esl-z (i)*	*za-θrum*
θ*u*	θ*un-z*	
*hu*θ, *hut*	*hu*θ*-z*	
ci	*ci-zi, ci-z*	*ci-al*χ*-, ce-al*χ*-, -ce-l*χ*-*
śa		*śe-al*χ*-*, Lemn. *śi-al*χ*-*
semph-		*semph- al*χ*-*

---

(1) TROMBETTI A., *Sulla Parentela della Lingua Etrusca* p. 34.

(2) DUCATI P., *Gli Etruschi*, p. 90-91.

(3) TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca* p. 38, *Sulla Parentela della Lingua Etrusca*, p. 35-46.

cezp-	*cezp-z*	*cezp- alχ-*
—		*muv- alχ-*
nurph-	*nurph-zi* (*ou nurθ-zi*)	

Já se conhecem quasi todos os numeraes etruscos, mas não é facil determinar seu valor preciso.

Quanto a isso as opiniões divergem. Skutsch, por exemplo, diz ser *maχ* = 1, outros suppõe que 1 seja θu. L. Ceci diz (1) ter sido uma observação de E. Lattes o que fixou definitivamente o valor de *ci* = 5, emquanto que Trombetti apresenta para o valor de 5 θu. Torp e Cortsen apresentam *ma* (= *5*.

Os numeraes são apresentados da madeira seguinte:

1 *maχ* (grego)	6 *huθ*
2 *zal*	7 *semph-*
3 *ci*	8 *cezp-*
4 *sa*	9 *muv-*, *me-*
5 θu	10 θ*rum*, *za-*θ*rum*

O numeral 1 *maχ* pode ser comparado com Indo-europeu : Armeno *m-i*, *m-io-*. Grego, f *m-ia*, etc.

O *zal* tambem pode ser comparado com o Indo-europeu *ali-*, *ali-o-* outro (Latim *ali-s*, *ali-quis*, *ali-ter* e *ali-o-*). O *z* vale *ts*. Explica-se portanto *z-a* com o Lesbico *z-a* = *di-a* "em dois, separadamente", cfr. *di-s* duza vezes etc.

O *ci* pode-se comparar com o valor de 3 da fórma *tri-* do Indo-europeu.

---

(1) CECI L., *Elia Lattes e L'Etruscologia*, p. 61 *Atti dèl I.o Congresso Etrusco*, p. 218, Firenze, 1928.

O *semph-* é confrontado com o *sep-to-m* do Indo-europeu.

O distincto glottologo prof. Ribezzo (1) entretanto apresenta os numeraes da maneira seguinte :

maχ = *1*
θu = *2*
(*zal* = *3*)
huθ = *4*
ci = *5*

śa = *6*
cezp = *7*
semph = *8*
muva = *9*
malχ ou *mealχ* = *10*

---

(1) RIBEZZO F., *I tesit etruschi* C I E 5237 (*Piombo de Magliano e Cipo de Perugia*) *rianalizzai e spiegatti*, Rivista Indo-Greco-Italica, anno XIII (1929), fasc. I e II. Napoli; Rivista Indo-Greco-Italica, anno XII (1928), fasc. III-IV, p. 111-114, Napoli; Studi Etruschi, vol. III, p. 512, 1929, Firenze.

Bibliographia

Atti del Primo Congresso Internazionale Etrusco, 1928, Firenze.

Atti del Primo Convegno Nazionale Etrusco, 1926, Firenze.

Autran C., *L'Etrusque*, Les Langues du Monde, 1924, Paris.

Antonielli U., *Due Gravi Problemi paletnologici: L'Etá enea in Etruria — Incenerazione ed inumazione nell'Italia Centrale*, Studi Etruschi, vol, I, 1927, Firenze.

Bonacelli B., *La Natura e gli Etruschi*, Studi Etruschi, vol. II, 1928, Firenze.

Buonamici G., — A. Neppi - Modona., *L'Etruria e Gli Etruschi*, 1926, Firenze.

Buonamici G., *Dubbi e problemi sulla natura e sulla parentela dell'etrusco*, Studi Etruschi, vol. I, 1927, Firenze.

Buonamici G., *Revista di Epigrafia Etrusca*, Studi Etruschi, vol. I, 1927, II, 1928, III, 1929, Firenze.

Buonamici G., *L'ipogeo e l'escrizione etrusca di S. Manno presso Perugia*, Studi Etruschi, vol. II, 1928, Firenze.

Buonamici G., *Criteri di coordinamento nelle ricerche Epigrafiche*, Atti del Primo Congresso Internazionale Etrusco, 1929, Firenze.

Battisti C., *Lingua ed Epigrafia*, Studi Etruschi, vol. II, 1928, Firenze.

Bosh Gimpera P., *Le relazioni mediterranee postmicence ed il problema etrusco*, Studi Etruschi, vol. III, 1929, Firenze.

BOTTIGLIONI G., *Elementi prelateni nella toponomastica corsa con particolare riguardo all'etrusco*, Studi Etruschi, vo.. III, 1929, Firenze.

BISSING F. W. VON., *Sui Turasha-u delle Iscrizioni Egiziane*, Atti del Primo Congresso Internazionale Etrusco, 1929, Firenze.

CECI L., *Elia Lattes e L'Etruscologia, Commenorazione*, Rendiconti della Reale Accademia Nazionale dei Lincei, vol. III, fasc. 1-2, 1927, Roma.

CECI L., *Roma e gli Etruschi*, I. *Il fascio littorio*, Rendiconti della Reale Accademia dei Lincei, vol. II, fasc. 11.°, 12.°, 1926, Roma.

CECI L., *Inscriptio Tiburtina Antiquissima*, Rendiconti della Reale Accademia dei Lencei, vol. II, fasc. 11.° 12.°, 1926, Roma.

CULTRERA G., *Arte Italica e limiti della questione etrusca*, Estudi Etruschi, vol. I, 1927, Firenze.

CIACERI E., *Influssi della civiltá italiota (Magna Grecia) sull' Etruria nel secolo VI* A. *C.*, Studi Etruschi, vol. III, 1929, Firenze.

I.° Convegno Nazionale Etrusco, 1926, Firenze.

CAVALLAZZI A., *La Sorpresa della Epigrafia Celto-Etrusco-Pelasgica*, 1927, Milano.

DUCATI P., *Gli Etruschi*, 1928, Roma.

DUCATI P., Etruria Antica, vol. I, II, 1925, Roma.

DUCATI P., *Problemi di arte e di civiltá etrusca*, 1.° Convegno Nazionale Etrusco, Atti, II, 1926, Firenze.

DEVOTO G., *Tendenze fenetiche etrusche attraverso gli imprestiti del Grece*, Studi Etruschi, vol. I, 1927, Firenze.

DEVOTO G., *L'Etrusco come intermediario di parole greche in latino*, Studi Etruschi, vol. II, 1928, Firenze.

DEVOTO G., *La fase Villanoviana dal punto di vista linguistico*, Studi Etruschi, vol. III, 1929, Firenze.

DEVOTO G., *Rapporti onomastici etrusco-italici*, Studi Etruschi, vol. III, 1929, Firenze.

Della Seta A., Erodoto e Ellanico sull'origine degli Etruschi, Rendiconti della Reale Accademia dei Gencei, vol. XXVIII, fasc. 1.°-3.°, 1929, Roma.

Fiesel E., *Das Grammatische Geschlecht im Etruskischen*, 1922, Gottingen.

Goldmann E., *Ricerche Etrusche*, Studi Etruschi, vol. II, 1928, Firenze.

Hugues L., *Dizionario di Geografia Antica*, 1897, Torino.

Hresny B., *Etruskisch und die Hethitischen Sprachen*, Atti dél Primo Congresso Internazionale Etrusco, 1929, Firenze.

Hommel E., *Le Relazioni fra gli antichi Iberi e gli Etruschi secondo gli autori Classici*, Atti del Primo Congresso Internazionale Etrusco, 1929, Firenze.

Jorge Bertolaso Stella., *Monogenismo Linguistico – Traços de Glottologia Geral Comparada*, 1927, S. Paulo.

Jorge Bertolaso Stella., *Os Problemas da Lingua Etrusca*, Revista de Lingua Portuguesa, n. 52, março, 1928, Rio de Janeiro.

Jorge Bertolaso Stella., *A Lingua Etrusca*, Estado de S. Paulo, 16-9-1929.

Lattes E., *Vicende Fonetiche dell'alfabeto Etrusco*, Memorie del Reale Istituto Lombardo di Scienze e Lettere, vol. XXI, fasc. VII, 1907, Milano.

Lattes E., *Saggio di traduzione delle bende etrusche di Agram*, Rendiconti della Reale Accademia dei Lincei, vol. XXVIII, fasc. 1.°-3.°, 1919, Roma.

Lattes E., *Ancora poche parole per l'etruscicitá delle due escrizione preelleniche di Lemno*, Rivista di Filologia e di Istruzione Classica, anno XLVIII, fasc. 3.°, 1920, Torino.

Martelli G. L., *Lingua Etrusca, Grammatica, Testi con traduzione a fronte. Glossario*, 1920, Perugia.

Martelli G. L., *La Lingua Etrusca e La Sua Soluzione*, 1926, Perugia.

MOCHI A., *Del valore dei Dati Antropologici per la Soluzione del problema etrusco,* Studi Etruschi, vol. I, 1927, Firenze.

MOCHI A., *L'esplorazione paletnologica dell'Etrusco,* Studi Etruschi, vol. I, 1927, Firenze.

MACCHIORO V., *Divagazioni etrusche a proposito di un libro recenti,* Rivista Indo-Greca-Italica, anno IX, (1925), fasc. III-IV, Napoli.

NOGARA B., *Osservazioni intorno all'Etrusco e alle sue piû probabili affinitá con altre lingue,* 1.° Convegno Internazionale Etrusco, vol. II, Atti, 1926, Firenze.

Notizie degli Scavi di Antichitá, communicate alla Reale Accademia Nazionale dei Lincei, fasc. 1.°, 2.°, 3.°, 4.°, 5.°, 6.°, 7.°, 8.°, 10.°, 11.°, 12.°, 1920, Milano.

NEPPI-MODONA A., *Il nuovo monumento epigrafico protoetrusco del Museo Metropolitano di New-York e la questione della provenienza dell'alfabeto in Etruria,* Rendiconti della Reale Accademia dei Lincei, vol. II, fasc. 11.°, 12.°, 1926, Roma.

NEPPI-MODONA A., *Il Rilievo votivo attico della collezione Antinori,* Atene e Roma, anno IX, n. 1, Gennaio-Marzo, 1928, Firenzi.

PALLOTTINO -M., *Saggio di commento a iscrizioni etrusche,* Studi Etruschi, vol. III, 1919, Firenze.

PARETI L., *Le Origine Etrusche. Le leggende e idati della Scienza,* 1926, Firenze.

PARETTI L., *Come uno storico risolve il problema delle origine etrusche,* 1.° Convegno Nazionale Etrusco, Atti, vol. II, 1926, Firenze.

PARETI L., *Revisioni Storiche e Paletnologiche II. La Lingua etrusca e gli Studi storici,* Atene e Roma anno IX, n.° 1, Gennaio-Marzo, 1928, Firenze.

PARETI L., *Ancora sulle presente affinitá linguistiche fra l'etrusco ed il lemnio,* Rivista di Filologia e di Istruzione Classica; anno XLVIII, fasc. 1.°, Gennaio, 1920, Torino.

PETTAZZONI R., *Elementi extra-italici nella divinazione etrusca*, Studi Etruschi, vol. I, 1927, Firenze.

RIBEZZO F., *Le Origine mediterranee dell'accento iniziale italo-etrusco*, Rivista Indo-Greco-Italica, anno XII, (1928), fasc. III-IV, Napoli.

RIBEZZO F., *Metodi e metodo per interpretare l'etrusco*, Rivista Indo-Greco-Italica, anno XII (1928), fasc. I-II, Napoli.

RIBEZZO F., *I testi etruschi* C I E 5237 e 4538 (*Piombo di Mogliano e Cippo di Perugia*) *rianalizzati e spiegati*, Rivista Indo-Greco-Italica, anno XIII (1929), fasc; I-II, Napoli.

RIBEZZO F., *Le Origine etrusche nella toponomastica: fatti, fonti e metodi*, Studi Etruschi, vol. I, 1927, Firenze.

SAVINI S., *L'Etrusco como lingua Semitica*, 1928, Milano.

SERGI G., *Le Prime e Piu Antiche Civitlá*, 1926, Torino.

SAYCE A. H., *The Decipherment of the Lydian Language*, The American Journal of Philology, vol. XLVI, 1.°, 1925, Baltimore.

SKOK P., *Tyrrhenus-Tuscus* (*Toscana*) *ed Etruscus*, Atti del Primo Congresso Internazionale Etrusco, 1929, Firenze.

STUDI ETRUSCHI, vol. I (1927), II (1928), III (1929), Firenze.

TARAMELLI A., *Sardi ed Etruschi*, Studi Etruschi, vol. III, 1929, Firenze.

TERRACINI B. A., *Rapporti fonologici italo-etruschi*, Studi Etruschi, vol. III, 1929, Firenze.

TROMBETTI A., *Elementi di Glottologia*, 1922, Bologna.

TROMBETTI A., *Sulla Parentela della Lingua Etrusca*, 1908, Bologna.

TROMBETTI A., *Ancora Sulla Parentela della Lingua Etrusca*, 1912, Bologna.

TROMBETTI A., *Le Origine della Lingua Basca*, 1925, Bologna.

TROMBETTI A., *Gli Etruschi e la loro lingua*, 1926, Milano.

TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca e gli Studi Storici*, 1927, Milano.

TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca e le lingue pre-indo-europee del Mediterraneo*, Studi Etruschi, vol. I, 1927, Firenze.

TROMBETTI A., *Saggio di Antica Onomastica Mediterranea*, Archiv za arbanasku starinu jezik e etnologyu, 1926, Belgrado.

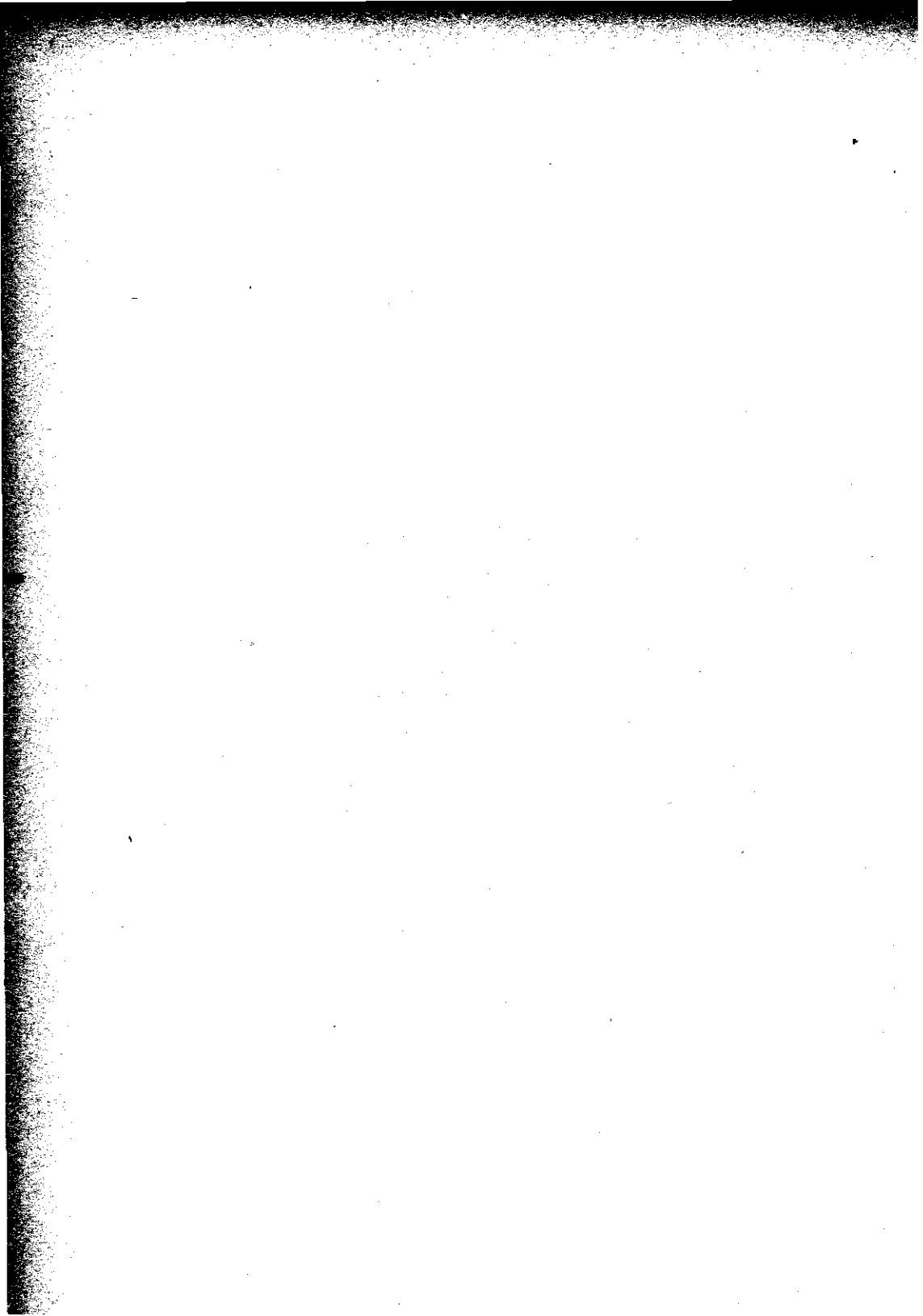
TROMBETTI A., *La Lingua Etrusca Grammatica, Testi con commente, Saggi di traduzione intrelineare Lessico*, 1928, Firenze.

TROMBETTI A., *Per l'interpretazione dei testi etruschi*, Atti del Primo Congresso Internazionale Etrusco, 1929, Firenze.

TROMBETTI A., *La Posizione Linguistica dell'Etrusco*, Atti del Primo Congresso Internazionale Etrusco, 1929, Firenze.

A CIDADE ENCANTADA DO SINCORA'

Coronel Pedro Dias de Campos

(SOCIO HONORARIO)

A cidade encantada do Sincorá

BATIDAS PARA A DESCOBERTA DA CIDADE ENCANTADA

Ha pouco, uma folha sertaneja de uma das localidades das margens do São Francisco, na Bahia, agitou novamente o caso da lendaria cidade morta, avistada pelos bandos que se internaram em 1743 pelo serão nordestino, á procura das famosas e não menos lendarias minas de prata do filho de Soledade, o dono da mais extensa sesmaria do Brasil Central.

Periodicamente encontramos referencias sobre assumptos interessantes, e que cahiram no dominio do mysterio e da lenda. O thesouro da "Ilha da Trindade", a passagem subterranea da bahia de Guanabara, o Thesouro de Cavendish, a cidade encantada, e outras, têm attrahido, através dos seculos, a curiosidade dos sabios, dos escriptores e do povo credulo que amplia as lendas, emprestando-lhes novos e impressionantes coloridos. Assim, a cidade encantada de Sincorá, tem sido objecto de largas discussões e de acuradas pesquisas scientificas. Ainda agora, segundo noticia o "O Sertanejo", está em via de organização uma caravana que, por sport, vae tentar localizar a povoação do Sincorá.

Uma decada inteira (1836-46) empregou o activo sacerdote e professor, conego Benigno José de Carvalho e Cunha, na descoberta da cidade encantada, primeiramente de motu-proprio, e depois, por incumbencia do Instituto Historico. Esse pesquisador foi subvencionado pelo governo da provincia da Bahia, até dar por finda a sua tarefa de indagação.

Anteriormente a este sacerdote, occuparam-se tambem da descoberta da cidade morta, o dr. Remigio Pereira de Andrade, o desenbargador Mascarenhas e o sr. Antonio José da Cunha, que bateram todo o sertão, ouvindo as referencias que se faziam sobre a povoação mysteriosa, que todos avistavam, mas que ninguem attingia.

Serviu de base para a orientação das pesquisas, uma "Relação de Aventureiros", datada de 1753, publicada, muito mais tarde, na "Revista do Instituto".

Os destemerosos pesquisadores que nesse anno deram por terminadas as buscas que realizavam, para a descoberta das minas de prata de Melchior Dias Moreya, — as quaes passaram para a historia com o nome de seu filho, Roberio Dias, estiveram na cidade tétrica, percorreram suas ruas e praças, examinaram as suas ruinas, verificaram a topographia do local trazendo depois copiosas e interessantes informações, fixadas em um folheto manuscripto de varias paginas.

O conego Benigno, nas suas explorações, embora não tivesse alcançado o sitio da povoação abandonada, pôde, comtudo, determinar a sua situação, entre os rios Paraguassu', e Una, no valle da serra do Sincorá, a alguns dias de jornada da cidade de Valença. Não longe dessa cidade, devem encontrar-se as minas de prata.

Essas longas pesquisas, essas afanosas jornadas através das selvas brutas, revestem-se quasi de um véo de legenda, tendo mesmo sido synthetisadas em um soneto que transcrevemos abaixo, da lavra do illustrado belletrista e historiographo, dr. Plinio Marques da Silva Ayrosa, como prova do muito de poesia que encerra, o distante sertão que abrigou, talvez, os palacios e as gentes do Sincorá.

Sincorá

Em longinquos rincões que a selva bruta encobre,
Onde retine o sol e a rocha faz-se em lava,
Dizem, viveu um povo heroico e cor de cobre,
Raça forte e tenaz, raça de gente brava...

Templos de altos frontões no eterno estylo nobre
Que a alma aguerrida sente e em pedras grava,
Esse povo construiu, para que, nelles dobre,
Pelos annos em fora, o bronze que dobrava.

Por isso, nos montões de pedras de átro aspecto,
Nos porticos reaes de traves desjuntadas,
Esse povo inda vibra e vive ressurrecto...

Não morre quem construiu por Christo ou por Allah!...
Hão de sempre viver, cidades encantadas
Da Assyria, do Hindostão, da Persia ou sincora.

Historia das minas de prata

Passemos á historia para elucidar a lenda e o mysterio desse rincão bahiano.

A baixella de prata fina que enchia todas as prateleiras da "varanda" da rica vivenda do opulento descendente de Catharina Alvares e de Caramuru, e o serviço de sua esplendida capella, todo de prata finissima e ricamente lavrada pelos melhores ourives reinóes, fizeram correr celere a noticia de que Melchior Dias Moreya, pae de Roberio Dias, era possuidor das mais abundantes minas de prata da colonia e, quiçá, do mundo. Todas essas minas deviam estar dentro do latifundo que obtivera do governador.

Melchior, que até então escondera ciosamente, de todos, até de seus parentes mais proximos, a existencia de minas em suas terras, resolvera passar-se á Castella e, em Marid, revelar ao monarcha iberico, Felippe II, o local das jazidas, si fosse titulado Marquez das Minas.

A esse tempo, — 1591, — já se achava provido do cargo de governador geral do Brasil, d. Francisco de Sousa, que na Corte ultimava os preparativos para a demorada viagem ao paiz do Sol e do Ouro. A elle e não ao pae de Roberio, é que foi conferido o alto titulo que ambicionava o possuidor das minas.

O avô de Moribeca teve de contentar-se com o cargo subalterno e simples de administrador.

Acompanhando a d. Francisco de Sousa, vinha Melchior Dias desolado pelo fracasso de suas altas pretenções, e pelo descaso e sarcasmo com que fora recebido na corte hespanhola. Embora tivesse sido cumulado de fagueiras promessas, não se conformava Melchior com a resolução regia de conferir a outro, o fulgente titulo que em sonhos tanto afagára. Dahi a sua firme resolução de despistar o bando de exploradores que seria organisado pelo governador e guiado pelo proprio dono das minas através do agreste e aspero sertão bahiano, até o local das jazidas de prata.

Assim aconteceu. Por isso não logrou o governador geral do Brasil, d. Francisco de Sousa, nem a sua comitiva, encontrar traços das famosas minas. O pae de Roberio Dias foi encarcerado pelo despeitado reinól, e falleceu em sua fazenda, logo após ter sido posto em liberdade, sem revelar o seu segredo.

Posteriormente ao desapparecimento do Moribeca bahiano, o ambicioso governador enviou bandos de descobridores a todos os sectores sertanejos, em busca das occultas minas de prata.

Baldadas foram, porém, as rudes jornadas dos perseverantes descobridores através do extenso sertão. Palmilharam inutilmente planicies, serras, rios e vallados até o anno de 1743. Data dessa época a partida de uma bandeira official, a maior e a melhor apparelhada de quantas haviam sido organizadas. Visava o mesmo alvo de sempre: a descoberta das Minas de Prata, que o necessitado rei hespanhol tanto desejava.

Essa expedição attingiu e percorreu, após heroicos esforços, os chapadões e os divisores da grande cordilheira, indo até o braço do Sincorá e até a serra do Grão Mogól.

Atravessando a Capitania de Minas Geraes, diversos grupos de descobridores foram lançados na direcção do Nascente, em busca das lendarias minas de Melchior Dias. Todas esses bandos si não toparam com as lages de prata que procuravam, encontraram todavia, em varios sitios das serranias e nos leitos dos rios, productivos filões de ouro e cascalhos diamantiferos, assim como colheram blócos enormes de finos christaes de rocha.

A bandeira expedida em 1743, da séde do governo geral, — destinada a levar mais longe a exploração — ao cabo de muitos annos de penosas e infructiferas pesquisas, fraccionou-se ao attingir o rio Paraguassu, nas proximidades do Sincorá, em pequenos grupos que se irradiaram dentro do limite e tempo traçados pelo chefe. A fracção mais importante, guiada pelo proprio chefe da bandeira, ao transpor a serra do Sincorá, acampou na vertente sul, ponto de reunião dos exploradores.

Corria a estação das chuvas e dos vendavaes do anno de 1752, quando o ultimo bando juntou-se aos demais, no ponto preestabelecido.

Levantando o pouso, reiniciou a bandeira a marcha afim de alcançar o valle proximo, onde procuraria uma vereda na montanha, que a conduzisse em direcção ao sul. Ao cahir da tarde, avistaram um braço de cordilheira "etherea e que servia de trono ao vento mesmo ás estrellas". O fulgor que de longe admiravam, notadamente quando o sol incidia nas facetas dos crystaes de que era revestida a cordilheira, attrahia a vista de todos que o contemplavam.

Do ponto em que se achavam, gosaram os pesquisadores um maravilhoso espectaculo, commum nessa região, qual a das aguas das chuvas que começaram a cahir abundantemente, precipitando-se em catadupas dos elevados rochedos, dando o aspecto de uma avalanche de neve que scintilava

"ferida pelos ultimos raios do sol". Alli acamparam afim de passar a noite. Pela madrugada havia o tempo serenado, mostrando um céo risonho e limpido. Resolveram então investigar aquelles montes escalvados, procurando meios de transpor a crista rochosa de serrania. A's Ave-Maria, armaram de novo o acampamento, para o descanço da fatigante jornada.

Era o ultimo pouso da bandeira no caminho das descobertas. No dia seguinte começariam os aprestos para o regresso, que poria ponto final na prolongada peregrinação, através de regiões inhospitas, insadas de obstaculos e perigos imminentes.

VISÃO DA CIDADE ENCANTADA

Installado o acampamento, sahiram alguns homens para fazer lenha e caçar nas restingas proximas. Um preto da comitiva, avistando um veado branco, perseguiu-o até uma passagem estreita da serra pedregosa. Procurando orientar-se afim de voltar ao pouso verificou achar-se em um caminho cortado entre duas serras, parecendo ser essa passagem artificial e não obra da natureza, em razão das pedras soltas no seu leito, como antigo calçamento arruinado pelo tempo. Trazida essa noticia ao bando, partiram todos os da comitiva e galgaram, com difficuldade, o cimo do monte, revestido de christaes facetados de admiravel transparencia. Desse ponto elevado descortinaram vasta extensão, que a limpidez do céo, irizada pelo crepusculo, após a tormenta, permittia aos observadores.

Em determinada direcção, avistaram um "campo razo", e no centro um amontoado de ruinas que presumiram, fosse de algumas das populosas cidades do paiz, que elles iriam identificar em seguida.

Iniciaram então a descida, fazendo avançar exploradores, afim de assignalarem as veredas que conduziam á cidade, já visivel e pouco distante do ponto em que se achavam.

Chegados a meia encosta, em posição favoravel, armaram o pouso afim de aguardarem o regresso dos exploradores. Dois dias decorridos, voltaram elles com a noticia de que entreviram uma cidade morta, que lhes parecera inteiramente abandonada, pois apesar do canto de gallos, que, julgaram ouvir, induzindo-os ao engano de ser um local habitado, não lobrigaram seres humanos.

Por prudencia não penetraram na supposta cidade, ficando estacionados nas immediações, afim de melhor observarem o que havia em suas ruinas.

Um aborigene destemeroso destacou-se da comitiva, penetrou na localidade para ver e relatar ao chefe o que havia de real na mysteriosa povoação. Não descobriu pessoa alguma e voltou assombrado do mais que vira no seu interior.

Toda a bandeira abalou-se, curiosa, para o logar da entrada da cidade encantada. Levando o selvicola como guia, pelos primeiros albores, armas carregadas e promptas, arrojaram-se os pesquisadores pelas ruas da cidade morta. Entrando pela via principal, passaram por tres arcos de grande altura, sendo o do centro muito mais alto do que os outros. Nesse arco divisaram os exploradores inscripções que não puderam ler, em razão da altura onde foram gravadas.

Passaram sob os arcos, entraram por uma extensa rua da mesma largura dos tres arcos, ladeadas de casas de sobrados, com as frentes construidas de pedras lavradas, já ennegrecidas pelo tempo. Algumas ostentavam terraços amplos em vez de telhados.

Diz a "Relação" que os exploradores percorreram, "com bastante pavor, algumas casas", todas nuas de moveis e tapeçarias, com a vista dos quaes talvez fosse possivel, identificar a natureza dos antigos habitantes. As casas eram escuras recebendo alguma luz por estreitas frestas. Sendo abobadas, reboava o éco das vozes em tal diapazão, que chegava a aterrorizar as proprias pessoas que as emittiam. Visitaram depois uma praça, em cujo centro estava erecta uma alta columna de pedra preta. Encimava-a uma estatua de tamanho regular, com a mão esquerda do flanco, e com o braço direito

extendido, apontando com o indez o Polo Norte. Nos angulos da praça, agulhas romanas, já partidas, "como feridas de alguns raios".

Ao lado direito um vasto edificio, provavel residencia de algum chefe ou senhor da terra. Entrando no salão da frente desse predio senhorial receberam os exploradores uma revoada de morcegos em pleno rosto e em tal numero, que foram forçados a abandonal-o sem o examinar detidamente. Na rua, em plena luz, puderam detalhar melhor a estructura do edificio, o qual tinha sobre o portico uma figura de meio relevo, despida da cintura para cima, e coroada de louro, esculpida na mesma pedra. Representava um jovem imberbe, com uma banda atravessada e um "fraldelim pela cintura". Por baixo da figura, em um escudo distinguiam-se, gastos pelo tempo, alguns caracteres talhados.

A' esquerda da mesma praça, outro grande edificio, em completa ruina, que fora talvez um templo catholico, a julgar pelos restos do grandioso frontespicio ainda em pé, e de algumas pedras da antiga nave. Occupava a ruina vasta área e, nos pannos de muros poupados pelo tempo, viam-se ainda obras primorosas, taes como figuras e retratos imbutidos na parede e "cruzes de varios feitios", córvos e outras cousas esculpturadas. Seguindo para deante, depararam com uma avultada parte do casario em ruinas e soterrada "em grandes e medonhas aberturas da terra", sem que se notasse vegetação alguma. Por toda a adjacencia, porém, montões de pedras toscas e lavradas, desprendidas dos edificios destruidos, faziam acreditar se tratasse talvez de um terremoto de terriveis consequencias, que fizera ruir as construcções.

Defronte da praça das agulhas, diz a "Relação", corria, rapido, e caudaloso rio, largo e profundo, com margens agradaveis á vista. Teria de argura 11 ou 12 braças; pouco sinuoso. As suas margens eram desprovidas de arvoredos e de detrictos provenientes das enxurradas, Sondada a profundidade do rio, em varios pontos, encontraram 15 e 16 braças. O mais eram campos viçosos e floridos.

Pelas campinas extensas, lagoas cobertas de espessos arrozaes, de onde esvoaçavam numerosos bandos de patos, caçados a mão pelos exploradores.

Seguiram rio abaixo até um logar encachoeirado, de onde as aguas se espraiavam em larga extensão. Ilhas e peninsulas verdejantes, emprestavam ás paizagens encanto indizivel. Nesses logares, era grande a quantidade de caça de toda a especie de que se fartaram os exploradores. A leste da cachoeira notavam-se varios barrocaes insondaveis, tendo na superficie veios de prata semi-explorados.

Uma das furnas encontradas, era coberta de uma enorme lage com figuras esculpidas, assim como o portico de um templo contiguo. Pouco distante da cidade morta havia um vasto edificio, com o aspecto de casa de campo, que se attingia por uma escada de pedra, de varias cores. Logo um portico escancarado. A primeira peça que se visitava era uma grande sala quadrangular, com accesso para quinze outras menores. Era ella sustida por uma serie de columnas cortadas em um só blóco de pedra. Nos capitéis, como ornamentos, caracteres indecifraveis.

Depois desta admiração, diz a "Relação" entrámos pelas margens do rio a fazer experiencias de descobrir ouro, e sem trabalho achámos boa pinta na superficie da terra, promettendo-nos muita grandeza, assim de ouro como de prata: admirámos o ser deixada esta povoação dos que a habitavam, não tendo achado a nossa exacta diligencia por estes sertões que nos conte desta deploravel maravilha, de quem fosse esta povoação, e mostrando bem as suas ruinas figura e grandeza teria, e como seria populosa e opulenta nos seculos em que floresceu povoada, estando hoje habitada de andorinhas, morcegos, ratos e raposas, que cevados na muita criação de gallinhas e patos, se fazem maiores que um cão perdigueiro".

"Os ratos têm as pernas tão curtas que saltam como pulgas, e não andam, nem correm como os do povoado".

Quando visitavam as casas do antigo povoado, um explorador da comitiva, João Antonio, achou uma moeda de

ouro, tendo no verso "a imagem ou figura de um moço posto de joelhos e no reverso um arco, uma coroa e uma setta, de cujo genero não duvidamos se achem muitas na dita povoação ou cidade desolada, porque se foi subversão por algum terremoto, não daria tempo o repente a porem recato e precioso: mas é necessario um braço muito forte e poderoso para revolver aquelle entulho calçado de tantos annos, como mostra".

Ahi está o que até hoje se sabe da cidade phantasma, ainda existente, como ha pouco affirmou o periodico a que nos referimos. Dia a dia cresce, na imaginação do povo, a lenda desse rincão abandonado, cheio de duendes, proprios da crendice da gente do sertão.

O sertanista Antonio Joaquim transpondo o braço do rio Sincorá em 1840, visitou a catadupa percorendo ainda larga faixa de terras na direcção do Norte. Elle assevera que a cidade esta encoberta por mattas. Não se atreveu elle atravessal-a, na occasião em que a avistou da cocheira do braço do Sincorá, por motivos que occultou. Estava atturdido pelo estrondo da agua que cae de grande altura, despejada por varias bocas, formando em baixo penisulas de rasa vegetação.

Observou tambem que na margem oriental existiam "muitas e mui profundas minas, algumas abertas em penho que formam abobadas, debaixo da qual se caminha ao principio em plano, e depois rematam em furna insondavel".

Essas preciosas informações, colhidas pelo explorador conego Benigno da Cunha, coincidem, flagrantemente, com os informes da "Relação" dos aventureiros de 1753.

Os naturalista allemães, Martins e Spix, que nesse anno percorreram aquellas regiões, assignalaram em varios pontos vestigios vulcanicos e alluviões, produzidos pelos desmoronamentos de serras, em razão de cataclysmas, que tudo resolveram, fazendo rolar porções de rochas possivelmente incandescentes. Essas materias foram depois arrastadas para o sopé, levadas pelas grandes enxurradas provindas dos divisores.

Quiçá, um desses terremotos teria attingido a cidade do valle do Sincorá, arruinando-a e afugentando os seus habitantes?

A esses scientistas teutonicos, o explorador Gustavo Adolpho de Menezes, em sua "Memoria Descriptiva" attribue o arranjo da fabula da cidade abandonada, descripta na "Relação" e publicada pela Revista do Instituto.

LENDAS E CONTOS

Nos dias que correm, ouvem-se, ainda, narradas pelos bahianos, que ouviram dos velhos habitantes das povoações que pontilham a região comprehendida entre Valença e Sincorá historias da cidade encantada, que se amontoa em ruinas, detraz da serra deste nome.

As lendas dos duendes, que nas noites procellosas se mostraram voejando, como enormes flocos de neve, sobre a cidade morta, e bailam nas catadupas do braço do Sincorá, são contadas pelas credulas velhinhas daquelles sitios, apavorando as crianças, para as quaes são destinadas.

Os estrondos apavorantes que partem das furnas da serra, servem tambem para o entretecimento de contos, nos quaes são vistas linguas de fogo, sahindo, rubras, das bocas escancaradas do rochedo, chegando mesmo alguns narradores a affirmar que, de envolta com as labaredas, saltam diabinhos chifrudos, empunhando lanças de pontas incandescentes. Não ha nada disso: porque os ruidos são produzidos pelas aguas do rio que penetrando nas furnas da rocha, expelle o ar pelas aberturas exteriores. Podiam-se acreditar até, levados por essas narrativas, tratar-se de furnas igneas.

Ha os que não se atrevem approximar-se da cidade morta, acreditando na existencia de dragões terriveis, que guardam com ciume, a entrada da povoação e tragam todos os incautos que della se acercam.

E' por isso, affirmam, que os exploradores que se aventuraram até junto das ruinas abandonadas, não mais voltaram.

Assim aconteceu tambem, segundo dizem, a um sacerdote que andava em desobrigas por aquellas paragens e que, desejoso de desvendar o mysterio que envolve ainda aquelle ponto tenebroso, se arriscou até os murros da cidade, situada segundo os informes do conego Benigno, ao sul da terra do Sincorá e á margem esquerda do braço do rio do mesmo nome.

Occultos nos recessos dos interminos sertões deste immenso, deste grande Brasil, temos ainda, na vastidão do seu territorio, dispersos nos latifundios inexplorados, pontos a identificar, localidades mysteriosas a desvendar, roteiros e thesouros a descobrir.

A serra dos Martyrios e das Esmeraldas, as minas de prata, a cidade morta e aqui, muito perto de nós, as lendarias serras do Botucavaru, e do Itapitanguy, estão a desafiar a intrepidez dos exploradores, a cobiça dos argentarios e a curiosidade dos civilizados sertanistas.

PATENTES, PROVISÕES E SESMARIAS

Concedidas nos Annos de 1721 a 1820

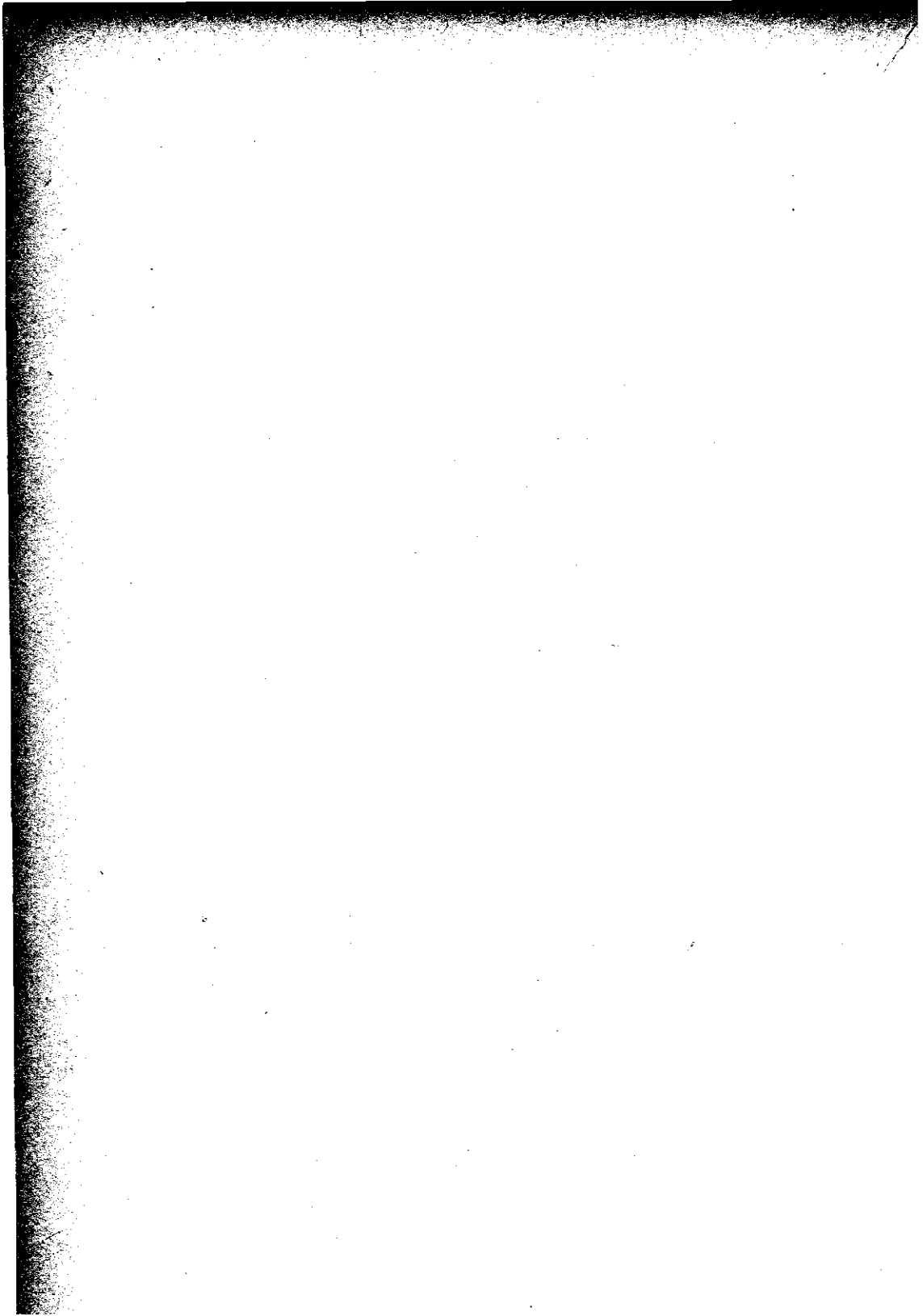
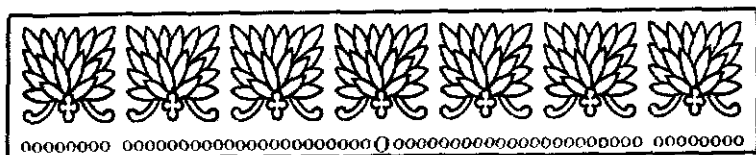
LOCALISADAS NOS MUNICIPIOS DE:

Parnahyba — São Roque — Araçariguama — Sorocaba — Itapetininga — Itapeva (hoje Faxina) — Apiahy e Capão Bonito.

ESTADO: SÃO PAULO

ORGANISADO POR

João Baptista de Campos Aguirra

(SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO)

Patentes, provisões e sesmarias

Publicando este trabalho, presto homenagem aos primeiros colonisadores, de ha 100 annos, do nosso Estado, e facilito não só ás Camaras Municipaes a organização dos seus archivos e documentos antigos, como tambem proporciono aos estudiosos uma fonte de informações, segura e abundante, para estudo dos typos e das epocas.

As patentes, como determinara D. Balthazar da Silveira no regimento das ordenanças de 24 de Setembro de 1713, eram conferidas "aos principaes homens das terras, e de melhor consciencia e mais ricos" ; e cada villa tinha um sargento-mór e um ajudante, aquelle proposto pela Camara Municipal, que indicava tres cidadãos dos quaes o governo escolhia o mais capaz (Reg. da Cam. de S. Paulo, vol. 4, p. 111).

As provisões de guarda-mór assignalam a epoca da mineração. Eram elles encarregados da cobrança do quinto e de fiscalizar a faiscação dos rios para que não houvesse descaminho de ouro.

As sesmarias eram concedidas por motivos varios ; e essas concessões foram indevidamente feitas, *a principio*, por prepostos do capitão-mór dos donatarios, prepostos esses que não tinham attribuição legal para tal fim. Constituia motivo para concessão de sesmaria o facto, v. g. de se achar o pretendente de posse de terras e querer legitimar essa posse com a carta de sesmaria ; ou ter familia numerosa e não possuir terras de cultura; ou possuir escravos e necessitar de terras para

cultivar; ou porque as que possuia eram terras já cançadas; ou precisar de matto para lenha e fabrica de potassa, chegando mesmo um pretendente a allegar que desejava fazer criação... de escravos!

Sobre o mesmo tracto de terras frequentemente se encontram duas e até tres concessões de sesmaria, em diversas epocas e com nomes differentes. A carta de sesmaria era o melhor titulo da epoca, além disso, era mais facil recorrer a novo pedido de concessão do que aos deficientes archivos daquelle tempo.

A abertura da estrada de Goyaz deu causa á concessão de sesmarias a todas as pessoas que concorreram para esse emprehendimento, tocando por sesmaria ao cap. Bartholomeu Paes de Abreu, dirigente dos trabalhos da estrada, as passagens dos rios Atibaia, Jaguary, Mogy, Sapucahy e Grande. A abertura da estrada de Guaratinguetá ao Rio de Janeiro, por provisão, de 29 de Junho de 1726, de Rodrigo Cesar de Menezes, deu logar á concessão, ao cap-mór de Guaratinguetá, Antonio Fialho, de sesmarias, ao longo dessa estrada, de 1732 a 1739. E em 1778, por ordem do governador Martin Lopes Lobo de Saldanha, foi determinado se abrisse nova estrada de rodagem para o Rio de Janeiro, passando por Lorena, sendo essa determinação executada pelo cap-mór Manuel da Silva Reis, e logo concedidas sesmarias, de 1778 a 1783, ao longo da nova estrada. Esta, nas ultimas concessões, era denominada "Estrada das Boiadas".

De Jacarehy a Caraguatatuba foi aberta uma estrada de rodagem pelo cap. Lourenço Bicudo de Brito, de Jacarehy, datando de 12 de Abril de 1786 a concessão dessa sesmaria.

As datas das patentes, provisões e sesmarias são muito importantes, porque esses actos eram lavrados nos pousos, villas, etc., podendo-se deante delles authenticar com acerto a estadia do governador no local.

Logares onde os governadores assignaram as concessões e provisões

São Paulo	12– 4–1722	Sorocaba	14– 5–1728
Itu	12– 7–1726	Guaratinguetá	28– 8–1728
Cuyabá	5– 2–1728	Santos	14– 9–1728
Sorocaba	9– 5–1738	São Paulo	16– 7–1729
Santos	3–10–1738	São Paulo	20– 8–1732
São Paulo	23– 6–1724	São Paulo	6– 8–1733
São Paulo	20– 2–1725	Itu	9– 8–1733
Santos	28– 2–1725	Itu	20– 8–1733
Santos	10– 3–1725	Araritaguaba	28– 8–1732
São Paulo	22– 3–1725	São Paulo	3– 9–1733
Santos	12– 3–1725	São Paulo	19– 1–1734
São Paulo	10– 4–1725	São Paulo	18– 1–1734
Araçariguama	9– 7–1726	São Paulo	12–10–1734
Itu	12– 7–1726	Santos	28–10–1734
Araritaguaba	16– 7–1726	Santos	11–11–1734
Cuyaba B. Jesus	23–11–1726	São Paulo	20–11–1734
São Paulo	26– 8–1728	São Paulo	27– 5–1735
Sorocaba	18– 5–1728	Santos	1– 6–1735
Sitio Pirapora	20– 5–1728	Santos	11–10–1736
M. Pirapora	30– 5–1728	São Paulo	18–10–1736
N. S. Conceição	30– 5–1728	São Paulo	29–10–1736
S. Capivary	28– 6–1728	Meia Ponte	26– 1–1737
N. S. P. Sorocaba	4– 7–1728	Meia Ponte	17– 2–1737
Itu	6– 7–1728	Trayras	5– 5–1737
São Paulo	24– 7–1728	Trayras	9– 9–1737
Taubaté	20– 8–1728	Santos	30– 3–1738
Santos	23–12–1728	São Paulo	18– 2–1738
São Paulo	23– 8–1727	Sant'Anna	10– 7–1739
São Paulo	13– 1–1728	Villa Boa	7–10–1739

São Paulo 17- 2-1939
São Paulo 17- 2-1739
São Paulo 3- 3-1739
Guaratinguetá 10- 4-1739
A. Meia Ponte 17- 6-1739
Arº N.S. Sant'Anna 10- 7-1739
Arº N.S. Sant'Anna 11- 7-1739
Sant'Anna (Goyaz) 11- 7-1739
Sant'Anna (Goyaz) 20- 7-1739
Villa Boa (Goyaz) 27- 7-1739
Villa Boa (Goyaz) 8- 8-1739
Sant'Anna (Goyaz) 23- 7-1739
Villa Boa 16- 8-1739
Villa Boa (Goyaz) 18- 8-1739
Trayras (Goyaz) 2- 6-1739
Trayras (Goyaz) 3- 4-1740
Remedios (Goyaz) 31- 8-1740
São Felix (Goyaz) 16- 9-1740
Trayras (Goyaz) 22- 9-1740
Trayras (Goyaz) 29- 9-1740
Crixas (Goyaz) 8-10-1740
Villa Boa (Goyaz) 26 10-1740
Villa Boa (Goyaz) 22- 1-1741
Meia Ponte 27- 1-1741
Trayras (Goyaz) 8- 2-1741
Trayras (Goyaz) 2- 4-1741
Remedios (Goyaz) 8- 4-1741
Remedios (Goyaz) 4- 8-1741
Natividade (Goyaz) 30- 8-1741
Pillar (Goyaz) 4-10-1741
Villa Boa (Goyaz) 17-10-1741
Villa Boa (Goyaz) 30-12-1743

O livro 8, de 8-9-1738 a 21-3-1762 é todo datado de Santos.

P A R N A H Y B A

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Sesmaria Capella (Parnahyba)	Agostinho Pereira da Silva	30- 9-1750
Pat. de Cap. da 1.ª Cia. de Orden. de Parnahyba	" Rodrigues de Almeida	28- 9-1814
" " " de Parnahyba	Aleixo Francisco Maciel	20-10-1743
Sesmaria Suininduva (Parnahyba)	Amaro Leite Moreira	3- 8-1728
Prov. de Guarda Mór do Vutucavarú em Parnahyba	Anacleto Souza Coutinho	13- 2-1786
Pat. de Alfrs. de Aux. da Cia. de Orden. Parnahyba (Japy)	André Medeiros Costa	17- 7-1766
" " Cap. Mór da Aldeia de Baruery	Angelo Almeida (Indio)	10- 5-1757
Prov. de Tabellião de Parnahyba	" Souza Caldeira	7- 2-1726
Sesmaria Capoava Parnahyba e Jundiahy (Confirmação)	Anna Leoniza de Abelho Fortes	16- 3-1803
Pat. de Alfrs. de Orden. de Parnahyba	Antonio Baptista	14- 6-1800
Prov. de Tabellião da Villa de Parnahyba	" Barrocas de Fonseca	27- 1-1732
" " " de Parnahyba	" " " "	10-10-1732
Pat. de Cap. Mór da Aldeia de Baruery	" Cardoso	22- 8-1766
" " Sarg. Mór de Parnahyba	" Francisco de Andrade	21- 8-1760

P A R N A H Y B A

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Pat. de Alfrs. de Orden. de Parnahyba	Antonio Joaquim da Rocha Penteado	18-12-1797
" " " " " Villa de Parnahyba	" José Barbosa	4- 5-1812
" " " " " Agregado da Villa de Parnahyba	" " Fonseca	20- 8-1788
" " " " " de Parnahyba	" " Rodrigues	23- 9-1786
" " " " " " "	" " "	27-10-1790
" " " " " da Villa de Parnahyba	" " Silveira	6- 5-1807
" " Cap. da 3.ª Cia. de Orden. de Parnahyba	" Manto Rodrigues	29-11-1810
" " Ajud. de Orden. de Parnahyba	" Moraes Cunha	17- 2-1804
" " " " " " "	" " "	20- 5-1805
" " Tte. da Cia. de Tropas de Parnahyba	" Manoel da Rocha	28-12-1774
" de Alfrs. de Auxiliar de Parnahyba	" " " "	18- 6-1766
" de Alfrs. de Orden. de Bairro do Japy em Parnahyba	" " Rodrigues	2- 1-1789
" " Cap. de Orden. do Bairro do Japy em Parnahyba	" " "	29- 1-1801
" de Cap. de Orden. do Bairro de Japy em Parnahyba	" " "	10- 7-1807

P A R N A H Y B A

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Pat. de Cap. da 3ª Cia. de Orden. de Parnahyba	Antonio Manoel Rodrigues	29-11-1810
" " Alfrs. de Orden. de Parnahyba	" Pedroso da Cunha	29- 8-1796
" " " " Infant. de Parnahyba	" Rodrigues Fão	23- 4-1796
" " Ajud. de Orden. de Parnahyba	Bartholomeu Alves da Silva	8- 7-1744
Sesmaria Juquery Mirim (Parnahyba)	Bartholomeu Bueno Pedroso	28- 3-1745
Pat. de Cap. Môr de Parnahyba	" Rocha Franco	24- 9-1785
" " Alfrs. de Orden. do Bairro do Japy em Parnahyba	Belchior da Rocha Penteado	7- 3-1781
" " " " " " " " " " "	Bento Antonio de Athayde	29- 8-1796
" " Tte. de Cavallaria de Parnahyba	" Corrêa Leme	4- 1-1791
" " " " Infanteria de Paranahyba	" Pires Ribeiro	22- 5-1733
" " Alfrs. de Infanteria de Parnahyba	" Rodrigues de Faria	23- 9-1779
" " Cap. Auxiliar a pé de Parnahyba	Bernardo Bicudo Chassin	8- 6-1766
Sesmaria Parnahyba	Bernardo Bicudo Chassin	26- 6-1766
Pat. de Escriv. Guarda Môr N.S. Prazeres Bôa Vista	Caetano Antonio	1-12-1791

PARNAHYBA

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Sesmaria Aguassahy Ribeiro	Diogo Silveira Paes	29- 9-1736
Sesmaria Parnahyba	Diogo Silveira Paes	12-10-1739
Pat. de Cap. Môr da Aldêa de São João	Domingos Cardoso (Indio)	15- 7-1747
Prov. de Guarda Môr da Parnahyba	" Goes Maciel	29-12-1780
Pat. de Cap. de orden. de Parnahyba	" Oliveira Castro	18- 4-1803
" " " " " " Ivoturuna em Conceição	Estevam Furquim Pedroso	30- 4-1733
" " " " " " Conceição em Ivoturuna (Parnahy.)	" " "	18- 3-1739
Prov. de Tabellião de Parnahyba	Ezequiel de Aguiar e Mendonça	11- 9-1724
" " " " "	" " " " "	22- 3-1725
Pat. de Alfrs. de Cavallaria de Parnahyba	Felisberto Joaquim de Oliveira	2- 6-1795
Prov. de Escrivão de Orphãos de Parnahyba	Felix Ferreira Netto	23-11-1780
Pat. de Alfrs. de Orden. de Parnahyba	Francisco Antonio de Andrade	13-10-1788

P A R N A H Y B A

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes		Datas
Pat. de Sarg. Môr de Orden. de Parnahyba	Francisco	Antonio de Andrade	28– 2–1795
Confirmação de Pat. Sarg. Môr de Parnahyba	"	" " "	9– 3–1799
Pat. de Sarg. Môr de Parnahyba	"	Ferreira Antonio	2– 9–1747
" " Alfrs. de 1.ª Cia. de Orden. de Parnahyba	"	José Carvalho Faro	20–10–1812
" " " " Orden. de Parnahyba	"	Martins da Cruz	7– 8–1790
" " " " " " "	"	" " "	9–10–1801
" " Cap. de Orden. de Parnahyba	"	" " "	5– 7–1810
" " Alfrs. de Infanteria de Parnahyba	"	Manoel Baruel	31– 5–1797
" " Sarg. Môr de Parnahyba	"	Nunes de Siqueira	10– 1–1781
Prov. de Esc. de Guarda Môr das Minas Stª. Cruz e Parnahyba	"	Pedroso	5–11–1740
" " Tabellião da Villa de Parnahyba	"	" de Moraes	25– 8–1727
" " Escrivão Orphãos de Parnahyba	"	Xavier de Assumpção	27– 9–1754

P A R N A H Y B A

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Prov. de Escrivão Orphãos de Parnahyba	Francisco Xavier de Assumpção	10- 4-1755
" " Tabellião de Paranahyba	" " " "	7- 8-1769
Pat. de Alfrs. de Orden. da Villa de Parnahyba	" " " "	20- 3-1772
" " Tte. Auxiliar de Parnahyba	Gaspar Godoy e Almeida	18- 6-1766
" " Alfrs. de Orden. de Parnahyba	Geraldo Leite Garcia	8- 5-1793
" " Sarg. Môr de Parnahyba	Gregorio Pereira Pinto	9- 9-1748
" " Cap. Môr de Parnahyba	Guilherme Antonio de Athayde	11-12-1743
" " Alfrs. da Cia. de Auxiliar de Parnahyba	" Cubas	30- 4-1733
Prov. de Procurador de Causas de Parnahyba	Ignacio da Costa	10-10-1731
Pat. de Cap. de Parnahyba	" José da Silva	10- 9-1767
" " Alfrs. da Cia. de Parnahyba	" Rodrigues Fão	23-12-1788
" " Cap. Môr da Aldeia de São João	" Silva	4- 4-1743
Sesmaria Guaxindiva (Parnahyba)	Izabel de Almeida	13-10-1786
Pat. de Alfrs. da Cia. de Parnahyba	Jeronymo Rocha Oliveira	13- 2-1744

P A R N A H Y B A

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Prov. de Tabellião de Parnahyba	João da Costa Silva	20- 2-1755
" " " e Escrivão da Camera de Parnahyba	" " " "	20- 1-1756
" " " " " " " " "	" " " "	16- 5-1756
" " " de Paranahyba	" " " "	2- 9-1767
Pat. de Tte. de Infanteria de Parnahyba	" " " "	15- 4-1775
" " Cap. de Infanteria de Parnahyba	" " " "	17-12-1788
" " Confirmação Posto Cap. de Parnahyba	" " " "	19-11-1792
Prov. de Piloto de Demarcações de Sesmarias de Parnahyba	" de Deus Martins Claro	16- 1-1812
" " Guarda Môr do Ribeirão de Jundiahyquara (Parn.)	" Dias de Carvalho	8- 2-1788
Pat. de Tte. da Cia. de Parnahyba	" Francisco de Andrade	17-12-1788
" " Guarda Môr de Juquery Guassu em Parnahyba	" " " Vasconcellos	14- 3-1786
Prov. de Alcaide e Carcereiro da Villa de Parnahyba	" Garcia	4- 9-1730
Pat. de Alfrs. de Orden. de Parnahyba	" Gonçalves Seixas	31- 7-1766
" " Cap. de Orden. da Villa de Parnahyba	" " "	29- 8-1788

P A R N A H Y B A

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
'rov. de Tabellião de Parnahyba	José Francisco de Paiva	18-10-1754
" " Escrivão de Orphãos de Parnahyba	" " " "	11-10-1755
" " " " " " "	" " " "	9- 3-1756
" " " " " " "	" " " "	18- 7-1756
" " Tabellião de Parnahyba	" " " "	31- 7-1756
" " " e Escrivão de Orphãos de Parnahyba	" " " "	28- 6-1757
" " " de Parnahyba	" " " "	22- 1-1757
" " Escrivão de Orphãos de Parnahyba	" " " "	17- 7-1766
" " " " " " "	" " " "	27-10-1767
" " " " " " "	" " " "	20-10-1768
at. de Alfrs. de Orden. de Parnahyba	" Joaquim de Andrade	6- 3-1795
" " " da 2.ª Cia. da Orden. de Parnahyba	" " " "	16-1-1811
rov. de Tabellião de Parnahyba	" Luiz Pereira Braga	19- 4-1782
at. de Cap. de Infanteria de Pirapora em Parnahyba	" Macedo de Castro	30- 4-1732

PARNAHYBA

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Pat. de Alfrs. de Infanteria de Parnahyba	José Maria Moura Leite	7– 5–1792
" " " Agregado. Cia. de Orden. de Parnahyba	" Martins da Cruz	17– 7–1788
" " Cap. de Orden. de Parnahyba	" " " "	15– 3–1792
" " " " 1.ª Cia. de Orden. de Parnahyba	" " " "	14– 1–1804
Prov. de Tabellião de Parnahyba	" Mauricio da Silva	5– 9–1770
Pat. de Tte. Auxiliar da Cia. de Parnahyba	" " " "	11–12–1775
Prov. de Escrivão de Orphãos de Parnahyba	" " " "	26– 4–1782
Pat. de Alfrs. de Orden. da Cia. de B.º Jundiovira	" Medeiros Souza	3– 7–1776
" " Cap. do Bairro de Japy (Parnahyba)	" " "	10– 2–1781
" " Sarg. Môr Reformado de Parnahyba	" " "	3– 8–1799
" " Ajud. de Orden. da Villa de Parnahyba	" Moraes Cunha	1– 2–1804
" " " " " " " " "	" " "	20– 5–1805
" " Cap. de Orden. de Parnahyba	" " "	23–12–1805

PARNAHYBA

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Pat. de Cel de Parnahyba	José Moreira da Silva	23- 2-1732
Prov. de Juiz de Demarcações Terras de Parnahyba	" Manoel Bueno	9- 3-1816
Pat. de Alfrs. da 4.ª Cia. de Orden. de Parnahyba	" " Corrêa	31- 8-1812
" Real de Alfrs. da 3.ª Cia. de Orden. de Parnahyba	" " "	11- 5-1814
" Alfrs. de Cavallaria de Orden. da Villa de Parnahyba	" " "	22- 2-1819
" Tte. da Cia. Auxiliar de Parnahyba	" Oliveira Dorta	30- 4-1733
" Alfrs. de Caval. de Orden. de Parnahyba	" Pedroso Navarro	10- 7-1776
" Tte. de Cavallaria de Parnahyba	" " "	28- 7-1790
Prov. de Tabellião de Parnahyba	" Ribeiro do Prado	25- 6-1749
" " " " "	" " " "	26-12-1749
" " " " "	" " " "	1- 7-1750
" " " " "	" " de Siqueira	28- 8-1733
" " " " "	" " " "	10- 3-1734
" " " " "	" " " "	5-10-1734

PARNAHYBA

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Prov. de Tabellião de Parnahyba	José Ribeiro de Siqueira	2- 4-1735
" " " " "	" " " "	12-10-1735
" " Escrivão Camara e Orphãos de Parnahyba	" " " "	22- 4-1736
" " Tabellião de Parnahyba	" " " "	22-10-1736
" " " " "	" " " "	4- 3-1739
" " " " "	" " " "	23- 7-1739
" " " " "	" " " "	20- 6-1740
" " " " "	" " " "	3- 9-1742
" " " " "	" " " "	27- 9-1747
" " " " "	" " " "	12- 7-1748
Pat. de Alfrs. Aux. a pé de Parnahyba	" Rocha Leite	18- 6-1766
" " Tte. Auxiliar de Parnahyba	" " "	10- 4-1771
" " Cap. da Cia. de Parnahyba	" " "	30-12-1774

P A R N A H Y B A

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Pat. de Cap. de Orden. da Villa de Parnahyba	José Rosa	18- 2-1819
" " " " " Bairro do Japy em Parnahyba	" de Souza Nunes	24- 3-1766
Sesmaria Guaxindiva (Parnahyba)	José de Souza Nunes (Cap)	13-10-1769
Sesmaria Parnahyba (Itaquy)	José Vaz de Carvalho	12- 7-1786
Pat. de Cap. Aux. da Villa de Parnahyba	Lourenço Cardoso de Mello	4-11-1765
" " Alfrs. de Orden. de Parnahyba	Luiz Mendes de Almeida	9- 1-1812
Sesmaria Parnahyba	Matheus de Camargo	12-10-1739
Sesmaria Aguassahy Ribeiro (Parnahyba)	Matheus de Camargo	29- 9-1736
Pat. de Tte. Cel de Parnahyba e Jundiahy	Matheus de Cubas Mendonça	21- 1-1733
" " Alfrs. de Orden. de Parnahyba	Miguel Joaquim de Cubas	3-10-1794
Prov. de Guarda Môr de Monte Serrate em Parnahyba	Manoel Alves Alvim	28- 9-1781
" " Tabellião de Parnahyba	" Bezerra Cavalcanti	19- 8-1729
" " " " "	" " "	2- 3-1730
" " " " "	" " "	28- 9-1730

P A R N A H Y B A

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Prov. de Tabellião de Parnahyba	Manoel Bezerra Cavalcanti	22- 4-1731
" " Escrivão das Eexecuções de Parnahyba	" Bicudo de Brito	3- 9-1742
Pat. de Alfrs. de Orden. de Parnahyba	" Cruz Corrêa da Silva	18-11-1790
" " Cap. de Orden. de Parnahyba	" " " " "	30-12-1794
" " " Môr de Parnahyba	" " " " "	12-11-1802
" " " " " "	" " " " "	14- 1-1804
Prov. de Tabellião de Parnahyba	" Joaquim Jardim	7- 8-1805
" " Escrivão de Orphãos de Parnahyba	" " Toledo	20- 4-1757
Pat. de Ajud. de Orden. de Parnahyba	" Oliveira Camargo	2-11-1775
Prov. de Guarda Môr das vertentes Parnahyba desde Fortaleza	" Ribeiro Pinheiro	4- 5-1792
Pat. de Tte. da Cia. de Infanteria de Parnahyba	" Rodrigues Fão	22- 5-1733
" " Ajud. de Orden. de Parnahyba	" " "	12- 7-1791
Prov. de Juiz de Demarcações de Sesmarias de Parnahyba	" " "	6- 3-1812

PARNAHYBA

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Pat. de Furriel Aux. da Cia. de Villa e Parnahyba	Manoel Rodrigues Moraes Dantas	13-11-1766
" " Cap. Môr de Parnahyba	Pantaleão Pedroso da Silva	12- 7-1749
Sesmaria Juquery Mirim (Parnahyba)	Paschoal Fernandes Sampaio	10- 7-1783
Confirmação de Sesmaria de Juquery Merim	Paschoal Fernandes Sampaio	18- 8-1785
Prov. de Tabellião de Parnahyba	Polycarpo de Abreu Nogueira	13- 5-1743
" " " " "	" " " "	3-11-1743
" " " " "	" " " "	28- 4-1744
" " " " "	" " " "	16-11-1744
" " " " "	" " " "	14- 6-1745
" " " " "	" " " "	7-12-1745
" " " " "	" " " "	3- 1-1746
" " " " "	" " " "	10- 6-1746
" " " " "	" " " "	3-11-1746
" " " " "	" " " "	20- 7-1747

P A R N A H Y B A

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Pat. de Tte. Aux. de Parnahyba	Polycarpo Joaquim de Oliveira	10- 6-1766
" " Cap. da Cia. de Parnahyba	" " " "	28-12-1774
Sesmaria Jundiavira e Santa Quiteria (Conf rmação)	Polycarpo Joaquim de Oliveira (Tte. Cel)	15-11-1806
Pat. de Cel. de Orden. da Villa de Parnahyba	Pedro Dias Paes	9- 7-1726
" " Cap. do Matto de Parnahyba	Salvador de Siqueira Gil	17- 1-1749
Prov. de Guarda Môr de Santa Cruz e Parnahyba	Simão Bueno da Silva	29-10-1740
Pat. de Cap. de Orden. da Villa de Parnahyba	Simão Francisco Serra	28- 3-1733
" " Sarg. Môr de Parnahyba e Jundiahy	" " "	1- 4-1739
" " " " " Orden. de Parnahyba	Theobaldo Fonseca e Souza	24-11-1795
" " Alfrs. de Infanteria Auxiliar de Parnahyba	Vicente Ferreira de Carvalho	4- 5-1776
" " " da 4.ª Cia. de Parnahyba	" " da Silva	31- 3-1806
" " Cap. de Orden. de Parnahyba	" " " "	28- 4-1807
" " " 1.ª Cia. de Orden. de Parnahyba	" " " "	29-12-1810

SÃO ROQUE

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Pat. de Alfrs. de Orden. da Freguezia São Roque	Antonio da Cunha Rapozo Leme	24– 3–1781
Sesmaria Estiva (São Roque)	Antonio da Cunha Rapozo Leme (Afrs.)	5–11–1782
Pat. de Alfrs. de Orden. de São Roque	” Joaquim de Camargo Pires	25– 8–1797
” ” Cap. 2.º Cia. de Orden. da Freguezia de São Roque	” ” ” ” ”	8– 8–1809
” ” Alfrs. da Freguezia de São Roque	” Cerqueira Cezar	4– 6–1788
” ” ” de Orden. de São Roque	Floriano Camargo Penteado	6– 7–1791
” ” Cap. da Cia. da Freguezia de São Roque	Francisco Nunes de Siqueira	27–11–1777
” ” Alfrs. de Orden. de São Roque	” Olyntho de Arruda	17– 4–1819
” ” Alfrs. de Orden. de São Roque	Ignacio de Loyolla Pedroso	18– 5–1795
” ” ” ” ” ” ” ”	João Antonio de Moraes	7–11–1796
Sesmaria Setuba (São Roque)	João Ribeiro Fernandes	2– 7–1783

SÃO ROQUE

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Pat. de Alfrs. de Orden. de São Roque	Joaquim José do Amaral	10- 1-1793
" " " " " " " "	" Moraes Leme	7-11-1796
" " " da 2.ª Cia de Orden. da Fregu. de São Roque	" José de Moraes	26- 1-1810
" " " de Orden. de São Roque	" Oliveira Moraes	8- 2-1793
" " " " " " 1.ª Cia. de São Roque	" José da Rosa	12- 7-1809
" " Alfrs. 3.ª Cia. Orden. da Freg. de S. Roque	José Francisco da Rosa	20-11-1822
" " Alfrs. de Orden. de São Roque	" Manoel Alves Bueno	21-10-1791
Sesmaria Setuba (São Roque)	José Ribeiro	2- 7-1783
Pat. de Real Alfrs. de Orden. da Freguezia de São Roque	Luiz Mendes de Almeida	31-10-1821
Prov. de Guarda Môr de São Roque	Matheus da Silva Bueno	12-12-1781
Pat. de Alfrs. de Orden. de São Roque	Manoel Antonio dos Santos	10- 9-1792
" " " em São Roque	" Corrêa de Lemos Leite	16- 4-1779
" " Cap. de Orden. de São Roque	" " " " "	7- 2-1781
" " " " " " " "	" Francisco de Rosa	17- 4-1804

SÃO ROQUE — ARAÇARIGUAMA

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Pat. de Cap. de 1.ª Cia. de Orden. da Freguezia de São Roque	Manoel Francisco de Rosa	27- 2-1809
" " " " Orden. de São Roque	" " " " Passos	8- 6-1799
" " " " " " " "	" " " " "	7- 4-1788
" " Alfrs. de Cia. em São Roque	" " " " "	3-10-1785
Prov. de Guarda Môr da Freg. de São Roque	" Souza Rocha	8- 4-1786
Pat. de Alfrs. de Orden. de São Roque	Salvador Rocha de Camargo	24- 4-1792
" " Cap. de Orden. de São Roque	Vicente de Moraes Camargo	3- 6-1791
" " " " " " " "	" " " "	1- 3-1804
" " " da 2.ª Cia. de Orden. de São Roque	" " " "	27- 3-1809

A R A Ç A R I G U A M A

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Prov. de Capellão da Faz. de Araçariguama	Agostinho de São José Frei	13- 4-1768
Pat. de Cap. de Ordenança de Araçariaguama	Antonio José do Amaral	23- 6-1766
Prov. de Capellão da Fazenda de Araçariguama	" Santa Thereza Xavier (Frei)	30- 7-1774

A R A Ç A R I G U A M A

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Sesmaria Araçariaguama (Parnahyba)	Bernardo Biculdo Chassin (Cap.)	8- 3-1782
Pat. de Alfrs. de Orden. de Araçariguama	Domingos de Oliveira Castro	17- 6-1795
Pat. de Cap. do Bairro de Araçariguama	Fernando Paes de Barros	22- 6-1726
" " " de Orden. de Parnahyba e Araçariguama	Francisco Gonçalves de Oliveira	18-11-1732
" " " Môr de Araçariguama	" " " "	22- 6-1726
" " " Orden. de Araçariguama	" José Bernardes	2- 6-1795
" " Alfrs. de Orden. de Araçariguama	" " Mello Bernardes	2- 1-1793
" " Sarg. Môr de Araçariguama	" Taques Rondon	1- 7-1726
" " Alfrs. de Orden. de Araçariguama	Ignacio de Moraes	26-10-1774
" " Sarg. Môr de Araçariguama	João Leite Penteado	12- 9-1725
" " Tte da Cia. em Araçariguama	José Ferreira da Silva	26- 2-1735
" " " Aux. de Araçariguama	" " " "	15- 3-1739
" " Cap. de Orden. de Araçariguama	" Gomes de Oliveira	2- 2-1740
" " Alfrs. de Orden. de Araçariguama	" " " "	15- 3-1739

ARAÇARIGUAMA — SOROCABA

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Pat. de Afrs. da Cia. em Araçariguama	José Gomes de Oliveira	26- 2-1735
" " " de Orden. de Araçariguama	Melchior de Araujo	5- 7-1796
" " " " " " "	Manoel de Oliveira Garcia	4- 7-1767
" " Cap. de Orden. de Araçariguama e São Roque	" " " "	28- 9-1774
Prov. de Guarda Môr da Freguezia de Araçariguama	Pedro Ortiz de Camargo	6- 4-1786

S O R O C A B A

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Pat. de Alfrs. de Orden. Pirajuvu Sorocaba	Agostinho José de Camargo	6- 6-1792
Sesmaria Guarehy Rio Sorocaba	Alexandre Paes Proença	7- 8-1766
Pat. de Alfrs. de Orden. de Sorocaba	" Pessôa da Silva	23- 4-1793
" " Ajud. de Orden. de Sorocaba	" " " " Botelho Lacerda	2- 9-1799
" " Cap. de 2.ª Cia. de Orden. de Sorocaba	" " " " " "	5- 2-1801
" " " " Infanteria de Sorocaba	" " " " " "	29- 1-1806
Sesmaria Sorocaba	Amador Moreira Leme e 37 Moradores	21-11-1783

S O R O C A B A

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Pat. de Sarg. Môr de Orden. de Sorocaba	André de Barros Rego	25- 4-1778
" " Alfrs. de Cia. em Sorocaba	Amaro Domingues Paes	18- 4-1733
Prov. de Guarda Môr do Rio Pirapora em Sorocaba	Americo Antonio Ayres de Aguirra	31- 3-1786
Pat. de Cap. de Infant. de Sorocaba v/guerra Payaguazes	Appolinario de Oliveira	13- 8-1733
" " Alfrs. de Ord. de Sorocaba	Antonio Almeida Leite Penteado	7- 6-1795
" " Ajud. de Orden. de Sorocaba	" " " "	9-10-1801
" " Tte. de Caval. de Sorocaba	" Alves Ferráz	2- 9-1795
" " Alfrs. de Caval. de Sorocaba	" " " de Castro	8- 2-1794
" " Tte. de Cia. em Sorocaba	" Anhaia	18- 4-1733
" " Ajud. de Orden. de Sorocaba	" Bernardo Azevedo	19- 1-1807
Prov. de Juiz Demarcações Sesmarias de Sorocaba	" " "	7- 1-1812
Pat. de Alfrs. de Cavallaria Aux. de Sorocaba	" Bicudo de Almeida	2-12-1776
" " Tte. de Cavallaria Aux. de Sorocaba	" " " "	11- 4-1786
" " Alfrs. de Infant. de Sorocaba	" " " " Falcão	11- 8-1795

SOROCABA

Patentes, Provisões e Sesmarias	Nomes	Datas
Sesmaria Sorocaba (Pederneira)	Antonio Bicudo de Barros	19- 1-1765
Pat. de Sarg. da Cia. de Sorocaba	" Bueno Feyo	27- 3-1743
" " Cap. de Dragões de Sorocaba	" Caetano Ferrão	18- 8-1791
" " Confirmação de Cap. de Sorocaba	" " "	29- 4-1793
" " " " Posto Cap. Aux.º de Sorocaba	" " "	..- 9-1796
Prov. de Juiz de Demarcações t. Itu e Sorocaba	" " Alvares de Castro (Dr.)	3-11-1781
Pat. de Alfrs. Infant. de Sorocaba	" Cardoso Nogueira	15- 7-1807
" " Tte. da 5.ª Cia. Infant. de Sorocaba	" " "	1-12-1809
" " Alfrs. Cia. de Sorocaba que vai Guerra Payaguazes	" Collaço Pedroso	12- 8-1733
" " " " " " " " " "	" Cubas	12- 8-1733
" " Sarg. Cia. Sorocaba que vai Guerra Payaguazes	" Domingos Gallera	13- 8-1733
" " Furriel Aux. de Sorocaba	" Ferráz	4-12-1771
" " Tte. de Infant. Aux. de Sorocaba	" Francisco de Aguiar	13-10-1776
" " Cap. de Infant. de Villa de Sorocaba	" " " "	9- 9-1777